

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

PROCURANDO BEM TODO MUNDO TEM PEREBA: práticas e recursos de cura a partir da cultura material na Porto Alegre do século XIX (1815-1898).

ZELI TERESINHA COMPANYY

PORTO ALEGRE - RS

Março de 2011

ZELI TERESINHA COMPANY

PROCURANDO BEM TODO MUNDO TEM PEREBA: práticas e recursos de cura a partir da cultura material na Porto Alegre do século XIX (1815-1898).

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História na Área de Concentração das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Redação final da Tese de Doutorado
defendida e aprovada em 28/03/2011.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert

PORTO ALEGRE - RS

Março de 2011

ZELI TERESINHA COMPANY

PROCURANDO BEM TODO MUNDO TEM PEREBA: práticas e recursos de cura a partir da cultura material na Porto Alegre do século XIX (1815-1898).

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert (Orientador)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Prof. Dr. Arno Alvarez Kern

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Prof. Dra. Regina Célia Lima Xavier

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Prof. Dra. Beatriz Valladão Thiesen

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Dra. Denise Ognibeni

FUNDAÇÃO RÁDIO E TELEVISÃO EDUCATIVA

*Para Mãe,
uma fortaleza, uma grande mulher!*

*Para minhas irmãs,
nós que somos tão parecidas,
e tão diferentes,
mas que unidas, somos invencíveis!*

*Para Silvia,
que como sempre, me ensina,
minha eterna e amada mestra!*

*E pra quem me faz sorrir.
Eu que sou uma criatura risonha!*

Agradecimentos

São tantas as pessoas que me ajudaram neste processo que fica difícil apontar todas elas em uma simples folha de papel, mas aí vai.

Agradeço ao CnPQ, pela bolsa que, durante esses quatro anos, me deu o suporte necessário para conseguir concluir esta pesquisa.

Ao meu Orientador, Dr. Klaus Hilbert, pela paciência, pela ajuda e pela orientação. Foram ótimos seis anos de trabalho.

A todos os professores da PUCRS, com os quais tive oportunidade de assistir as suas aulas e pelas conversas sobre as questões teóricas e metodológicas, próprias de uma pesquisa. Em especial, um agradecimento aos professores Arno Kern, Maria Lucia Kern e Maria Cristina dos Santos.

Um agradecimento especial para a secretária do Pós-Graduação de História, a Carlinha, pela ajuda, pela atenção e pela paciência que trata a todos os alunos, que se veriam completamente perdidos sem ela.

Às minhas irmãs, que são minha força, minha base, o meu refúgio. Sem elas não conseguiria estar aqui.

A Silvia, querida, que já por nove anos tem estado sempre do meu lado, me encorajando, me animando. E sempre que eu pensava em desistir, pensava, o que Silvia diria. Obrigada Silva. Te adoro.

A minhas caras amigas, que a maioria está agora longe, um grande obrigada por todos esses longos anos de parceria. Obrigada gurias: Clarisse, Adri, Carol, Vander. Aos guris também muito obrigada: João, Rodrigo, Gersinho e Leo.

Ao pessoal do NuPARq: Avelino, Carol, James, Leonardo, Luisa, Marcelo, Marcus e Mariane. E também a Pedro, Mauricio e Marilise. Um especial obrigado ao Marcelo e ao Avelino pela ajuda nos arquivos da Santa Casa, pela ajuda na análise do material arqueológico e pela amizade.

A Carine, minha grande amiga. Eu, que estou tão afastada, mas que ainda adoro você. Obrigada por tudo.

Ao Ricardo, que me ajudou nas pesquisas, me ajudou a pensar nos capítulos e estrutura da tese e por todos os anos de amizade.

A Regina Xavier pela ajuda, pela orientação e pelo carinho. Uma querida e ótima professora.

A Fernanda Tocchetto pela ajuda, pela paciência e pela orientação. E pelas muitas horas em conversas sobre o potencial do material arqueológico, especialmente o relacionado às práticas de cura e cuidados pessoais.

A arqueóloga Beatriz Thiesen por suas colocações e sugestões na qualificação, pela disponibilização de livros sobre medicina e pelas conversas quanto às questões arqueológicas.

E pra todas as outras pessoas que me ajudaram de alguma forma, essa ajuda não foi esquecida. Obrigada.

Resumo

Esta tese discute a cultura material relacionada às artes de curar. Procura demonstrar de que forma ela contribui para as discussões a respeito da história da medicina, entre os anos 1815-1898. A partir do contexto histórico do Rio Grande do Sul e Porto Alegre, procura inserir essa cultura material no cotidiano da cidade de forma a captar seus diferentes significados, respeitando as peculiaridades e seus limites de alcance. A cultura material desta pesquisa é proveniente de cinco sítios arqueológicos históricos: Santa Casa de Misericórdia e Centro Histórico-Cultural Santa Casa (RS-JA-29), Casa da Riachuelo (RS-JA-17), Paço Municipal (RS-JA-20); Mercado Público Central (RS-JA-05) e Solar da Travessa Paraíso (RS-JA-03).

Palavras chave: arqueologia histórica; cultura material; medicina

Abstract

This dissertation discuss the material culture related to the cure's arts. Try to show how it contribute to the discussions about medicine history, between 1815-1898. Since the historic contexto of Rio Grande do Sul and Porto Alegre, try to insert this material culture in the ordinary life of the city letting capture its different meanings, respecting its peculiar and limits range. Material Culture of this research is from five historic archaeological sites: Santa Casa de Misericórdia e Centro Histórico-Cultural Santa Casa (RS-JA-29), Casa da Riachuelo (RS-JA-17), Paço Municipal (RS-JA-20); Mercado Público Central (RS-JA-05) e Solar da Travessa Paraíso (RS-JA-03).

Key words: historical archaeology; material culture; medicine.

Lista de Abreviaturas

AHRGS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

AMAISCOMPA – Atas da Mesa Administrativa da Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

CEDOP-Santa Casa – Centro de Documentação e Pesquisa da Santa Casa de Misericórdia.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

IHGRS – Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul.

ISCOMPA – Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

RPISCOMPA – Relatórios da Provedoria da Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Sumário

Introdução	17
Capítulo 1 – <i>Lixo de uns... Ouro de outros...</i> A cultura material e seus significados. Os sítios arqueológicos de Porto Alegre, século XIX, desta pesquisa.	30
Capítulo 2 – <i>Entre tantas outras histórias...</i> Contexto histórico do Rio Grande do Sul e Porto Alegre e as transformações da medicina e práticas de cura e cuidados com o corpo	70
2.1. Disputas e contexto histórico no Rio Grande de São Pedro	77
2.2. Conformação da economia riograndense	82
2.3. Aspectos arquiteturais e os espaços urbanos	86
2.4. Sítios Arqueológicos e Cultura Material.	95
2.4.1. A Santa Casa de Misericórdia	96
2.4.2. O Mercado Público de Porto Alegre	111
Capítulo 3 – <i>Medicar, sangrar, retalhar...</i> Embates entre a medicina denominada oficial e tantas outras que faziam parte das artes de curar	122
3.1. A questão do consumo de medicamentos	123
3.2. Tratamentos oferecidos x planos elaborados	130
3.3. Antigos e novos hábitos: a cultura material e sua relação com a medicina	136
3.3.1. Sítios históricos de lixeiras domésticas: Solar da Travessa Paraíso (RS-JA-03) e Casa Riachuelo (RS-JA-17)	140
3.3.2. Sítios históricos de lixeiras coletivas: Mercado Público e Paço Municipal	146
3.3.3. Sítio histórico de lixeira hospitalar: Centro Histórico-Cultural Santa Casa	149
Capítulo 4 – <i>Para debelar o atraso colonial...</i> Preocupações com a higiene e as novas práticas desenvolvidas para melhorar a salubridade das cidades	210
4.1. Sobre deposição de lixo	211
4.1.1. Teorizando a respeito do lixo e práticas relacionadas	217
4.2. Contexto histórico, comércio e materiais arqueológicos	221
4.3. Os sítios arqueológicos e artefatos	229
4.3.1. Sítio Solar da Travessa Paraíso (RS-JA-03)	230
4.3.2. Sítio Casa Riachuelo (RS-JA-17)	234
4.3.3. Sítio Mercado Público (RS-JA-05)	239
4.3.4. Sítio Paço Municipal (RS-JA-20)	242
4.3.5. Sítio Centro Histórico-Cultural Santa Casa (RS-JA-29)	245
4.3.6. Algumas reflexões quanto à formação das lixeiras coletivas	248
Considerações Finais	251
Fontes Primárias	
Referências Bibliográficas	259
Anexos	268

Índice de Imagens

Imagem 1 - Planta das edificações processo nº 366 de 1906 APPMPA	44
Imagem 2 - Nomenclatura das áreas escavadas no sítio RS-JA-29.	44
Imagem 3 - Nomenclatura e configuração das quadriculas.	45
Imagem 4 – Distribuição do material arqueológico na quadricula E10.	47
Imagem 5 – Quantidade de material vítreo correspondente a cor.	48
Imagem 6 – Fachada do prédio da Santa Casa por volta de 1850/1860.	53
Imagem 7 - Fachada em ruínas do sobrado na rua Riachuelo.	55
Imagem 8 – Detalhe da Planta de Porto Alegre de L. P. Dias, 1839, com a localização do sítio arqueológico Casa da Riachuelo.	56
Imagem 9 - Perfil do Sítio Casa da Riachuelo, com parte da área de escavação.	57
Imagem 10 – Solar da Travessa Paraíso.	60
Imagem 11 - Planta da área de intervenção arqueológica, campanha 2001, Sítio Solar da Travessa Paraíso.	62
Imagem 12 – Mercado Público Municipal, croqui das áreas escavadas em cinza.	65
Imagem 13 – Planta baixa da Cadeia – mostrando locais das intervenções.	68
Imagem 14 – Mapa de Porto Alegre do final século XVIII – Desenho Professor Tupi Caldas, a partir de mapa do Capitão Alexandre José Montanha, de 1772.	73
Imagem 15 – Imagem do Irmão Joaquim Francisco do Livramento – praça central do Pavilhão Centenário da Santa Casa de Misericórdia.	74
Imagem 16 – Reprodução do prédio da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, início do século XIX.	76

Imagem 17 – Mapa com as modificações na fronteira a partir do Tratado de Madri e Santo Ildefonso.	80
Imagem 18 – Aspectos da arquitetura colonial presentes nas casas do século XIX em Porto Alegre.	88
Imagem 19 – Teatro São Pedro em 1888.	91
Imagem 20 – Antiga Assembléia Provincial.	92
Imagem 21 – Foto do Mercado Público em 1890.	93
Imagem 22 – Litografia de 1864, de F. Wenderman.	94
Imagem 23 – Prédio da Santa Casa no início do século XIX.	98
Imagem 24 – Uma das enfermarias das mulheres, de 1926.	100
Imagem 25 – Uma das enfermarias dos homens, de 1926.	100
Imagem 26 – Planta atribuída à década de 1840.	103
Imagem 27 – Planta de 1833 – detalhe para prédio da Santa Casa.	106
Imagem 28 – Planta de 1839 – detalhe do prédio da Santa Casa.	107
Imagem 29 – Planta de 1844 – detalhe prédio da Santa Casa.	108
Imagem 30 – Planta de 1868 – detalhe do prédio da Santa Casa.	109
Imagem 31 – Planta de 1872 – detalhe do prédio da Santa Casa.	110
Imagem 32 – Planta de 1881 – detalhe prédio da Santa Casa.	111
Imagem 33 – Planta de 1888 – detalhe prédio da Santa Casa.	112
Imagem 34 – Planta de 1896 – detalhe prédio da Santa Casa.	113
Imagem 35 – Área demarcada através de setores onde podem ser vistos as áreas de maior potencial arqueológico.	115
Imagem 36 – Planta de 1833 – destaque área Mercado e Paço.	116

Imagem 37 – Planta de 1839 – destaque área Mercado e Paço.	116
Imagem 38 – Planta de 1844 – destaque área Mercado e Paço.	117
Imagem 39 – Planta 1853 – destaque área Mercado e Paço.	118
Imagem 40 – Planta 1868 – destaque área Mercado e Paço.	118
Imagem 41 – Planta 1872 – destaque área Mercado e Paço.	119
Imagem 42 – Planta 1877 – destaque área Mercado e Paço.	119
Imagem 43 – Planta 1881 – destaque área Mercado e Paço.	119
Imagem 44 – Planta 1888 – destaque área Mercado e Paço.	120
Imagem 45 – Planta 1896 – destaque área Mercado e Paço.	120
Imagem 46 – Evolução da construção do prédio da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.	121
Imagem 47 – Aspecto da cidade em 1856, com o prédio da Santa Casa ao fundo.	128
Imagem 48 – Pacientes no Pátio Central do Pavilhão Centenário.	134
Imagem 49 – Aspecto da Rua Sete de Setembro, no final do século XIX.	135
Imagem 50 – Coleção denominada <i>Cotidiano</i> , do fotógrafo Lunara – 1900.	137
Imagem 51 – Frasco medicinal <i>Agua de Florida</i> , Sítio RS-JA-29.	138
Imagem 52 – Garrafa com o produto <i>Agua de Florida</i> , com a marca original e a menção da fábrica no Peru.	139
Imagem 53 – Frasco do ELIXIR DE NOGUEIRA.	140
Imagens 54 e 55 – Mais 2 fragmentos do medicamento Elixir de Nogueira, sendo que o primeiro é do Solar da Travessa Paraíso e o segundo da Casa Riachuelo.	141
Imagem 56 – Vidro de medicamento com inscrição “PEDRO GARBAZZA”, do sítio RS-JA-03.	142
Imagens 57 e 58 – Medicamento com inscrição “FARMACIA DO INDIO” e outros três recipientes sem rótulo. Do sítio RS-JA-03.	142 e 143
Imagens 59 e 60 – Bases de vidros de medicamento, sem marca, um verde água e dois verdes esmeralda. Casa Riachuelo.	144 e 145

- Imagens 61 e 62 – Bases de frascos de medicamentos, todas do Paço Municipal. As cilíndricas têm inscrição na base “15”. 146 e 147
- Imagens 63 e 64 – Garrafa inteira sem marca; diversos fragmentos de garrafa elipsoidal sem marca – Paço Municipal. 147 e 148
- Imagens 65 e 66 – Base + corpo de garrafa retangular, com inscrição “VICTO RESTORA”, verde água; e base + corpo, sem marca, transparente. Paço Municipal. 148 e 149
- Imagens 67 e 68 – Garrafas inteiras, coloração transparente, de medicamento. Mercado Público. 149
- Imagem 69 – Quadrícula E10 – durante as escavações, com mais ou menos um metro de profundidade, com material arqueológico aparecendo. 151
- Imagem 70 – Final das escavações da E10 – Com o arqueólogo responsável pela escavação ainda dentro do buraco da lixeira. 151
- Imagens 71 e 72 – Ossos de galinha e gado. 153
- Imagem 73 – Croqui das quadrículas E10 e E11. A parte a direita é a quadrícula E10, com o respectivo buraco de lixo que foi totalmente escavado. 154
- Imagens 74 e 75 – Rolhas de cortiça queimadas e restos de uma colher. 155
- Imagem 76 – Potes de faiança fina. O do meio pode ser de cosmético ou outro tipo de creme, mas os outros devem estar associados à farmácia do hospital. 156
- Imagem 77 – Restos de pote de cerâmica vidrada. 157
- Imagem 78 e 79 – Potes em opalina azul, bege e azul claro. 157 e 158
- Imagem 80 e 81 – Diferentes tamanhos de vidros cilíndricos. E também vidros em formas octogonais. 158
- Imagem 82 – Vidros âmbar e transparente retorcidos por causa da queima. 159
- Imagem 83 – Garrafa azul cobalto. 159
- Imagem 84 – Vários tamanhos e cores de garrafas pequenas, de doses únicas. 160

Imagem 85 e 86 – Prato raso <i>transfer printing</i> , padrão <i>willow</i> , o de cima com o corte proposital é o encontrado na amostra da Santa Casa. O prato de baixo é um exemplar de um site de antiguidades.	161
Imagem 87 – Sátira do estado sanitário da cidade do Rio de Janeiro (a moça no chão) em relação às outras capitais fronteiriças, tendo a representação de Buenos Aires e Montevideu, as duas moças bem vestidas e limpas.	213
Imagem 88 – Lugares onde poderiam ser feito o despejo de lixo em Porto Alegre, a partir de Código de Posturas. Cap. 50, em 1838.	216
Imagem 89 – Distribuição de atividades da cidade, a partir da planta de 1896.	227
Imagens 90 e 91 – Urinóis de faiança fina branca.	231
Imagem 92 – Escarradeira de <i>ironstone</i> .	232
Imagem 93 – Pote de faiança branca.	232
Imagens 94 e 95 – Fragmentos do perfume da marca HOUBIGANT, de Paris.	233
Imagens 96, 97 e 98 – Base e frasco do talco Fougere Royal; vidro de Eau de Toilette.	233
Imagem 99 – Anúncio de Houbigant.	234
Imagem 100 e 101 – Urinóis carimbado e pintado a mão livre.	235
Imagem 102 e 103 – Potes em <i>ironstone</i> .	236
Imagem 104 e 105 – Potes de Creme para barbear.	236
Imagens 106 e 107 – Bacia carimbada e um pote de faiança fina.	236
Imagem 108 e 109 – Perfume LUBIN, de Paris.	237
Imagem 110 e 111 – Tampas que podem ser de vidros de perfume.	237
Imagens 112 e 113 – Perfume Lubin.	238
Imagem 114 – Anúncio dos perfumes Lubin.	238
Imagens 115 e 116 – Urinóis pintados a mão livre.	239
Imagens 117 e 118 – Bacias, uma em <i>transfer printing</i> e a outra pintada a mão livre.	240
Imagens 119 e 120 – Potes em <i>ironstone</i> .	240

Imagem 121 – Saboneteira em <i>ironstone</i> .	240
Imagens 122 e 123 – Frascos pequenos que podem ser medicinais.	241
Imagem 124 – Frasco perfume, com a parte de trás em destaque.	242
Imagens 125 e 126 – Mesmo urinol, lados diferentes. Decoração interna e externa.	243
Imagens 127 e 128 – 2 lados da mesma bacia em <i>transfer printing</i> .	243
Imagens 129 e 130 – Lados de dentro e fora da mesma bacia.	243
Imagens 131 e 132 – Urinóis diferentes: um carimbado policrômico e 1 pintado a mão livre policrômico.	244
Imagens 133 e 134 – 2 urinóis: um pintado a mão livre e carimbado e um só pintado a mão livre.	244
Imagens 135 e 136 – 2 potes diferentes: 1 em <i>ironstone</i> e outro em faiança fina.	244
Imagens 137 e 138 – Recipientes de perfumes.	245
Imagens 139 e 140 – Perfumes Essense Mysterieuse e Houbigant.	246
Imagem 141 e 142 – Dentifícios do Dr. Pierre.	247
Imagem 143 – Propaganda do Dr. Pierre nos edifícios Hausmann, em Paris.	247
Imagem 144 – Escova de dente em osso.	248
Imagem 145 e 146 – Escarradeiras de Ágata.	248

Introdução



Introdução

Assim, o Mundo de Tinta lhe ensinara a observar com mais clareza o seu próprio mundo, e lhe lembrava de algo que Mo dissera havia muito tempo: “Você também não acha que de tempos em tempos deveríamos ler histórias nas quais tudo fosse muito diferente do nosso mundo? Nada nos ensina melhor a questionar-nos por que as árvores são verdes e não vermelhas ou por que temos cinco e não seis dedos”.

Cornelia Funke, *Morte de tinta (Tintentod)*.

O objetivo desta tese é analisar, a partir da cultura material, as práticas e recursos de cura em Porto Alegre no século XIX. A seleção do material arqueológico ocorreu através da percepção de que essas relações entre doença e saúde davam-se nos mais diversos ambientes¹. O que procurei observar é de como estas ações se estabeleceram em diferenciados espaços, onde a população desta cidade poderia ser alcançada, ou seja, em suas residências, nos espaços coletivos e em uma importante instituição de saúde, a Santa Casa de Misericórdia, a partir da análise das coisas que foram por elas utilizadas e descartadas. E tentar perceber de que forma esses objetos deixados poderiam informar sobre os modos como as artes de curar estavam presentes em seu cotidiano, oferecendo assim uma contribuição diferente para a discussão sobre o assunto que não fosse aquela apresentada pelos historiadores da história da medicina.

Entre os sítios arqueológicos históricos escavados, optei por escolher alguns que obedecessem a esse critério e que representassem tanto lixeiras coletivas quanto domésticas. Em Porto Alegre a existência de um sítio arqueológico que aponta para a utilização de uma lixeira hospitalar garante mais um sítio escolhido e também sua distinção perante as demais cidades do estado.

¹ A escolha do título da tese (frase da música *Ciranda da Bailarina*, de Chico Buarque) deve-se a esse entendimento de que, além dos espaços diferenciados, a doença atingia toda a população não importando sexo, idade, condição social ou econômica. O que acaba diferenciado era o modo como cada um escolhia para enfrentar esses diversos males.

A princípio, escolhi os sítios conforme o período temporal a que eles pertenciam. A partir da minha pesquisa de mestrado sobre a teoria dos humores e o consumo de medicamentos populares nos anos da virada do século XIX e primeiras décadas do XX (1898-1928), me intrigava a forma como essas relações com doença, cura, misticismo, crenças e diferenciações sociais e profissionais se encaixavam num período de tão longa duração. A pesquisa durante o processo de mestrado me levou a conhecer um mundo relacionado com a história da medicina que eu desconhecia e que foi aprofundado e ampliado durante a pesquisa de doutorado.

Parecia-me, a princípio, irracional que pessoas em pleno século XXI ainda acreditassem que um remédio, como por exemplo, de nome *A Saúde da Mulher* realmente funcionasse (e que ainda continuava sendo vendido nas farmácias mais conhecidas). Ou ainda, outros tantos com gosto horríveis e aparência pior ainda, que me lembravam terríveis tempos de criança em que eu era obrigada a tomar os mais indesejáveis remédios, bem como alguns que eu gostava, e que tinham álcool na fórmula e eu nem sabia². E as pessoas tomavam isso todos os dias e, muitas vezes, sem estarem realmente doentes.

Assim, me parecia extremamente necessário, nem que fosse para inquietar minha curiosidade, que eu fosse atrás de entender “as raízes” dessas práticas, ao menos ao que se refere ao século XIX. Durante o processo de pesquisa de mestrado investiguei inúmeras coisas que acabei não citando, mas que me permitiram formular um projeto para um futuro doutorado. Eu me inquietava bastante com o fato de haver tão pouco material relacionado às artes de curar, cuidados com o corpo e higiene nos sítios históricos de Porto Alegre.

Qual não foi minha surpresa, quando estava me encaminhando para escrever a dissertação, no final de 2005, quando o arqueólogo Alberto Tavares de Oliveira me

² Lembro da história que eu conto e que causa sempre tremor às pessoas, de quando eu era pequena e ia ao dentista. Eu detestava dentista (e ainda hoje sinto certa dificuldade de aturar certos aparelhinhos), mas ficava sempre mais feliz quando saía do consultório do dentista e ganhava minha bolinha mágica. O dentista, depois do tratamento colocava uma bolinha cinza na minha mão e mandava que eu a fechasse e só abrisse quando saísse do consultório. Eu sempre obedecia e sempre me surpreendia que a bolinha nunca estivesse na minha mão quando eu a abria de novo, fora do consultório. E eu nunca entendia o que acontecia. Achava que tinha perdido e procurava apertar bem a mão para que isso não acontecesse de novo, mas não adiantava. Há poucos anos antes da pesquisa da dissertação descobri que a bolinha mágica era uma bolinha de mercúrio. E fiquei sabendo porque ela realmente sumia. Ela entrava na minha sanguínea e, vejam só, ainda posso ter seqüelas com esse tipo de contato.

convidou para conhecer o material que ele havia escavado no sítio histórico das futuras instalações do Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Fiquei maravilhada. Conversei com a arqueóloga Fernanda Tocchetto sobre a possibilidade de ampliar o leque de pesquisa pro doutorado e incluir outros sítios históricos. Ela havia me avisado que existia pouco material relacionado ao tema, mas que me ajudaria a escolher alguns sítios. No ano de 2006, depois de defendida a dissertação e durante as escavações da Praça da Alfândega (sítio arqueológico histórico situado no centro de Porto Alegre, entre a Rua da Praia e a Sete de Setembro), fui procurar a arqueóloga Fernanda Tocchetto de novo, e também conversei com o arqueólogo Alberto Tavares de Oliveira novamente, e acabei escolhendo os sítios com os quais gostaria de trabalhar.

Conforme havia mencionado anteriormente, escolhi os sítios de acordo com o período temporal a que se referiam e, de preferência, sítios que já haviam sido escavados e cujo material já estava lavado e numerado³, ao menos.

Portanto, os sítios arqueológicos de Porto Alegre selecionados para essa pesquisa foram os seguintes: Santa Casa de Misericórdia e Centro Histórico-Cultural Santa Casa (RS-JA-29), Casa da Riachuelo (RS-JA-17), Paço Municipal (RS-JA-20) e Mercado Público Central (RS-JA-05), todos localizados no centro; e ainda o Solar da Travessa Paraíso (RS-JA-03), que se encontra no bairro Menino Deus.

Os vestígios arqueológicos do Centro Histórico-Cultural e o da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre propiciam a análise de uma cultura material relacionada com a temática aqui pesquisada. O primeiro acervo arqueológico é resultante de um antigo lugar onde poderia ter-se localizado uma lixeira do hospital durante o século XIX. Já o segundo se resume ao próprio prédio centenário do hospital, cuja construção se inicia por volta de 1803, cujas primeiras enfermarias já estavam funcionando em 1815, sendo finalizado na segunda metade do século XIX.

Os sítios arqueológicos da Casa Riachuelo e Solar da Travessa Paraíso são os representantes das práticas que podiam se encontrar no interior das casas de alguns

³ Após a escavação e acondicionamento do material arqueológico, a primeira fase da análise consiste em lavagem e numeração. A lavagem deve respeitar alguns requisitos conforme o tipo de material a ser analisado. E a numeração é a catalogação do material conforme o local de escavação e os critérios que cada arqueólogo escolhe de modo que melhor demarque seu lugar de origem.

moradores. Os vestígios evidenciados nestes sítios são provenientes de lixeiras domésticas encontradas nos fundos destas antigas residências, referente à primeira e à segunda metade do século XIX, respectivamente. Existia, durante a pesquisa, uma idéia de analisar as próprias estruturas dessas casas como sítios arqueológicos⁴, tentando entender, a partir de suas divisões internas, como se desenrolava o cotidiano das pessoas que ali residiam em relação às práticas de cura e doença, bem como cuidados com o corpo. No entanto, no final dessa pesquisa, constatei que se tornava inviável essa parte da pesquisa devido ao histórico desses sítios arqueológicos (que serão apresentados a seguir).

O quinto e sexto sítios (Mercado Público Central e Paço Municipal) encontram-se em áreas contíguas, nas atuais Praça Parobé e Praça Montevideu, e referem-se às evidências arqueológicas encontradas lixeiras coletivas da cidade.

O período temporal desta pesquisa foi delimitado a partir da primeira leitura das fontes materiais e documentais, ou seja, entre os anos de 1815 – data da primeira referência quanto a existência de uma enfermaria funcionando no prédio da Santa Casa – até 1898, quando houve a criação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e a total adesão da Santa Casa de Misericórdia à medicina científica, bem como a afirmação e legitimação da primazia das artes de curar para as mãos dos curadores oficiais. Isso se explica porque a intenção dessa pesquisa é entender dentro de uma lógica de longa duração e num espaço mais amplo possível, tanto geográfico, quanto ao que se refere ao entendimento da medicina como resultado de práticas não circunscritas a um determinado grupo profissional: no caso aqui, médicos ou farmacêuticos.

Assim, à primeira vista, pode parecer que o trabalho gira em torno do sítio da Santa Casa, o que não é verdade. O período temporal ficou mais circunscrito ao sítio RS-JA-29, devido ao seu alcance temporal, que pode ser documentado e, sendo um sítio que ainda existe, possui um período com o qual se relaciona bem mais extenso do que os demais. Os sítios RS-JA-05 (Mercado Público) e RS-JA-17 (Casa Riachuelo), possuem períodos

⁴ Essa idéia surgiu a partir da leitura do trabalho de Tese de Doutorado da historiadora Nikelen Witter, *Males e epidemias: sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*, de 2007, quando ela aponta que, a princípio, que a casa era o lugar primordial de cura, relegando para os hospitais os casos em que as pessoas não tivessem ninguém por si, alguma pessoa que pudesse acorrer no caso de doenças e que pudessem assisti-lo. (Ver principalmente o capítulo o Capítulo 2, para essa questão).

médios de ocupação mais relacionados à primeira metade do século XIX, segundo os gráficos apresentados pelos pesquisadores que trabalharam eles primeiramente: a Casa Riachuelo apresentou um período mais intenso de ocupação entre os anos 1828 a 1875, quanto à louça (faiança fina, faiança, porcelana, *ironstone* e grés) e ao vidro analisados (data média de 1850-1870); e o sítio Mercado Público obteve uma data média de 1840 e 1870 quanto ao material relacionado às bebidas alcoólicas.

Essa questão do período temporal ainda é bastante controversa, sendo que a utilização do gráfico de South⁵ ainda uma ferramenta bastante útil. O problema da utilização deste suporte acaba fazendo com os pesquisadores confiem demais nos dados produzidos e não questionem como muitas vezes eles são conflitantes. Por exemplo, o caso do sítio arqueológico da Casa Riachuelo possui datas um tanto diferentes: 1828-1875 para a louça e 1840-1870 para as garrafas de bebida alcoólica. Os arqueólogos Fernanda B. Tocchetto e Paulo Alexandre G. Santos, em suas respectivas pesquisas⁶, ambos demonstraram que o intervalo de tempo parecia bastante diferente entre as datas apresentadas pela louça e pelo vidro. Nos dois casos, a utilização do gráfico de South os levou a estabelecimentos de datas médias dentro dos próprios dados obtidos pelo método de datação utilizado. Sendo que Tocchetto, estabeleceu um outro período de 1840/50 a 1870, devido a grande incidência de louças que representavam esse período temporal em relação às outras que eram referentes aos períodos anteriores ou posteriores, que Paulo Santos considerou importante destacar devido ao fato de ter utilizado para sua pesquisa este sítio. É evidente, como o autor mesmo destaca, que o consumo de objetos confeccionados com vidro terá um incremento maior a partir da segunda metade do

⁵ Essa ferramenta constitui-se em gráficos de barras cujos dados são marcados a partir de datas iniciais e terminais relacionadas aos períodos de produção de artefatos cerâmicos, que são demarcados por linhas horizontais “e, as duas barras verticais, vão apontar o intervalo no qual pode ter ocorrido maior intensidade de ocupação do sítio. A barra da esquerda deve passar pelo, no mínimo, metade das linhas horizontais; a da direita deve ser colocada na data referente ao início da produção mais recente” (TOCCHETTO, 2004: 19-20). Esse recurso foi criado para o estabelecimento de datas médias de ocupação de sítios arqueológicos históricos, exclusivamente para a análise de materiais cerâmicos. Posteriormente, começou também a ser utilizado para a análise de outros tipos de materiais, principalmente materiais vítreos. Para maiores informações ver artigo de Tania Andrade Lima, Aplicação da fórmula South a sítios históricos do século XIX, in **Dédalo**, 27:83-97, 1989.

⁶ O trabalho referido à Fernanda Tocchetto diz respeito a sua Tese de Doutorado: *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*, defendida em 2004 e a de Paulo Santos, sua Dissertação de Mestrado, *Contentores de bebidas alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre oitocentista*, defendida em 2005.

século XIX e, sendo assim, a categoria louça fica com datas muito anteriores e chama a atenção para esse ser um problema muito recorrente.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, com relação à delimitação do período de ocupação do sítio Solar Lopo Gonçalves, Symansky (1998a) acrescentou dez anos à data terminal no gráfico de barras da louça, tendo em conta a existência de um intervalo de tempo maior entre o início da produção da peça e o seu descarte como refugo.

De acordo com esta orientação, a barra da direita do gráfico deve avançar pelo menos dez anos, chegando a 1885 como limite mínimo para a data terminal de ocupação mais intensa do sítio. De acordo com a proposta deste intervalo de tempo, o gráfico de barras correspondente aos fragmentos de vidro relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas indica um período de 1840 a 1870 (SANTOS, 2005:25).

Não quero com isto desmerecer nem criticar o trabalho de outros arqueólogos, mesmo porque estes dois trabalhos citados foram referenciais importantes para esta pesquisa. O problema é que a utilização do gráfico de barras para mim foi bastante difícil porque a grande maioria dos produtos com os quais eu trabalhei (caso dos medicamentos) tinham períodos temporais extremamente longos e a grande maioria são de produtos ainda comercializados, mesmo que eles tenham tido suas fórmulas modificadas e muitos dos ingredientes utilizados tenham sido suprimidos (caso do álcool em como base de alguns). A estratégia que eu acabei por optar foi considerar os períodos temporais dos sítios de forma mais ampla possível, considerando mais seus possíveis períodos iniciais e finais.

A intenção deste trabalho é demonstrar de que forma esse conjunto de informações, extraídas da análise dessa cultura material juntamente com a pesquisa das fontes documentais, observando seus limites de explicação, pode contribuir para a discussão sobre as artes de curar, tão amplamente já sendo feita, há mais de uma década, pela historiografia.

A proposta, deste modo, é ressaltar como a cultura material pode ajudar com outros olhares e interpretações que não são possíveis de se apreender somente a partir dos trabalhos de historiadores. A idéia não é desconsiderar as pesquisas efetuadas nessa área de conhecimento, mas apontar de que maneira a arqueologia histórica pode oferecer novos subsídios para o debate em torno da questão relacionada às práticas e a disponibilidade dos recursos de cura na Porto Alegre do século XIX.

Para tanto, procurei analisar a bibliografia disponível, tanto quanto possível, e selecionar algumas que pudessem responder aos questionamentos presentes durante o processo de pesquisa.

Seguindo essas indicações, escolhi determinados trabalhos dos historiadores dentro da temática pesquisada (história da medicina, artes de curar, entre outras), que se destacassem e que poderiam dar-me o suporte necessário para o entendimento da cultura material destes sítios arqueológicos escolhidos. Entre os historiadores consultados, cito os seguintes: Tania Salgado Pimenta, Gabriela Sampaio, Nikellen Witter, Regina Xavier, Sydnei Chalhoub, Flavio Edler, Vera Marques, entre outros.

Foram também selecionados outros autores que também propiciassem, através de suas pesquisas, o entendimento das questões relacionadas ao contexto histórico do Rio Grande do Sul e Porto Alegre, como por exemplo, Fabio Kuhn, Helen Osorio, Sergio da Costa Franco, Günter Weimer, etc.

Os poucos trabalhos de arqueólogos produzidos dentro dessa temática, restringem-se a relatórios de pesquisa, a outros períodos temporais (caso da minha dissertação de mestrado) ou que pouco aprofundavam a questão das artes de curar, bem como dos seus agentes envolvidos, (já que suas propostas se inseriam em analisar a cultura material dentro de um contexto mais amplo, a partir de práticas exercidas em espaços domiciliares e com propostas diferenciadas), de uma forma mais abrangente⁷.

⁷ Ver trabalhos: LIMA, Tania Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, Vol. II (3): 44-96, nov. 1995-fev. 1996; SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998; SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. *Bebidas, Panacéias, Garrafas e Copos: A amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves*. Porto Alegre, Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), 1998; SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. *Comportamento de Consumo, hábitos alimentares e cuidados com o corpo no século XIX: o sítio histórico Solar Lopo Gonçalves*. *Relatório de Atividades*

Os trabalhos de Luis Claudio Symanski, embora não explorem muito a questão das artes de curar e hábitos ligados a higiene, de modo que abarque mais elementos de explicação, me deram um bom ponto de partida para entender e estender a análise buscando novos significados para a cultura material com a qual estava trabalhando. Ele foi o primeiro arqueólogo que apontou a possibilidade de se discutir esses pressupostos na interpretação da cultura material do Rio Grande do Sul.

A pesquisa de doutorado da arqueóloga Fernanda Tocchetto também foi preponderante para a pesquisa realizada, devido ao fato de discutir como se deram as práticas de deposição de lixo nos sítios de lixeiras domésticas e coletivas, questões relacionadas com preceitos de higiene incorporados ou não pela população, que estavam em vigência.

Alguns artigos da arqueóloga Tania Andrade Lima, também auxiliaram na pesquisa aqui apresentada. Um artigo que trata do consumo de medicamentos populares a partir da percepção da Teoria dos Humores como fator desencadeador de hábitos, na cidade do Rio de Janeiro, foi um dos trabalhos consultados. Outros artigos foram também consultados, especialmente cito dois publicados na Revista *Dédalo*, sobre práticas em espaços domésticos, da mesma cidade; e outro de conteúdo mais teórico e analítico, que apresenta a utilização de uma ferramenta bastante utilizada pelos arqueólogos históricos: o gráfico de South.

Outros arqueólogos que foram utilizados para a discussão dos questionamentos da pesquisa são Beatriz Thiesen, Paulo A. G. dos Santos, Alberto T. Oliveira e Daniel Schavelzon.

Além da bibliografia utilizada, acho interessante citar os principais documentos pesquisados. No intuito de me aproximar do cotidiano do primeiro hospital da cidade, a Santa Casa, julguei relevante pesquisar a maior parte dos documentos que pudessem me mostrar como era estar dentro desse espaço. Queria saber como as questões relacionadas ao atendimento aos enfermos eram pensadas, e se eram pensadas; quais

Semestral. Porto Alegre, FAPERGS, 1998; TOCHETTO, Fernanda Bordin. *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004 e COMPANY, Zeli Teresinha. *Os Salvadores das garras da morte: medicamentos populares, medicina humoral em Bom Jesus/RS (1898-1927)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

eram os principais assuntos tratados nas reuniões da Mesa Administrativa; de que forma e em quanto tempo o prédio centenário havia sido construído; e se havia algum resquício de informação que me ajudasse a analisar os significados presentes na cultura material.

Para tanto, comecei a análise da documentação pelas Atas da Mesa Administrativa da Santa Casa. Esse tipo de documento, manuscrito, relata uma variedade de informações. É possível perceber, por exemplo, de que forma a questão econômica é importante para o funcionamento do hospital, devido a quantidade de vezes que aparecem solicitações de ajuda de custo ao governo, tanto provincial, quanto a Corte; devido a quantidade de loterias que foram feitas para manutenção e para custeio dos gastos; da forma como foram sendo constituídos os diferentes tipos de patrimônio: dos expostos, do cemitério, da Capela, etc.

Outro fator importante nesse tipo de fonte, que encontrei, foi a percepção do quanto a cultura material analisada, e que interessava especialmente, aparecia nesse tipo de documento. Embora não tenha encontrado muitas referências específicas da amostra analisada, foi possível vislumbrar rastros de uma cultura material inexistente, ou que ainda pode se encontrar nos “arquivos do subsolo”. Os dados apreendidos por essa documentação foram comparados e confrontados com outro tipo de documento impresso do arquivo da Santa Casa: os Relatórios da Provedoria. Enquanto as Atas da Mesa Administrativa foram pesquisadas entre os anos de 1814 (data da primeira ata) até dezembro de 1854, o período concernente à pesquisa dos relatórios foi o intervalo entre os anos 1855 (primeiro Relatório da Provedoria) a 1898 (data estabelecida para fim da pesquisa).

Os dados relacionados a esse tipo de documentação restringem o tipo de informações e aparece de forma mais ordenada. Conforme o adentrar do século XIX, vão se tornando mais elaborados esses relatórios e mais elementos aparecem. Nos anos 1890, por exemplo, é comum encontrar diversas listas quantitativas a respeito da mortalidade, dos tipos de cirurgia efetuados, dos materiais comprados e que faziam parte dos estoques, dos alimentos que eram utilizados nas dietas dos pacientes e funcionários, bem como as especificações da segmentação e divisão interna do hospital (que foi primordial para as discussões do segundo capítulo). A pesquisa desse tipo de arquivo foi

bem menos demorada, por ser um documento anual e impresso, comparado com a das Atas Administrativas, que são quase diárias e manuscritas (que tomaram quase um ano).

Outros documentos encontrados na Santa Casa fazem parte dessa pesquisa. Por serem bem poucos foram pesquisados na íntegra: os documentos relacionados à Botica. São somente três livros e quase todos os livros não são completos (ou porque não foram preenchidos, ou porque era esse o procedimento, não foi possível apurar). Um fator crucial quanto a documentação da Santa Casa é a quase inexistência de muitos documentos que são arrolados nas Atas Administrativas, por exemplo, e que não mais existem, devido a processos dos mais diversos de deterioração ou por perda.

Junto aos documentos da Santa Casa, ainda pesquisei alguns documentos no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (fundo Assuntos Religiosos e o que pude encontrar sobre a Alfândega) e Moyses Vellinho (Atas da Câmara). As Atas da Câmara seguiram quase os mesmos tipos de informações levantadas nas Atas da Santa Casa, devido ao caráter do documento. Porém, nesse caso, a pesquisa foi facilitada pela existência de catálogos de assuntos das Atas da Câmara, nos quais destaquei os assuntos que me interessavam, com suas respectivas datas, e a pesquisa ficou muito mais rápida. O período pesquisado desse tipo de documento foi entre os anos de 1825 a 1855, mais ou menos o mesmo período das Atas da Santa Casa.

Definição dos capítulos a serem desenvolvidos

Conforme já apontado anteriormente, a proposta desta tese é a de analisar através da cultura material encontrada em alguns sítios arqueológicos de Porto Alegre do século XIX os aspectos que associados às diferentes práticas e recursos de cura que estavam disponíveis para a população desta cidade.

Para isso, por meio do que já foi levantado da análise da cultura material e da pesquisa documental, cheguei a conclusão de que seria necessário, para abarcar essa discussão, a produção de quatro capítulos distintos e que ao mesmo tempo possuem aspectos entrelaçáveis.

No primeiro capítulo, procurei deixar de forma clara qual foi a linha teórica a que eu procurei discutir todo o trabalho desta tese. Citando três autores que mais havia me dado subsídios para pensar a complexidade do contexto em que estava inserido o material arqueológico que eu havia analisado. Os autores citados não são os únicos que compartilham dessa mesma corrente teórica de discussão da cultura material tentando apreender seus diferentes significados, porém foram os que de forma mais simplificada conseguiram passar as informações de como deveria proceder nesse processo. Depois de localizada e explicitada a corrente teórica a que estava baseada toda a pesquisa deste trabalho, numa segunda parte deste capítulo, apresento os sítios arqueológicos que fazem parte deste trabalho, tentando colocar de maneira o mais sucinta possível de que forma eles foram escavados e quais eram suas peculiaridades quanto a cultura material que continham e o contexto histórico em que se inseriam.

O segundo capítulo que tratou da questão das transformações e modificações em relação à história da medicina que pudesse ser percebida a partir da análise da cultura material. Nesse sentido achei importante entender dentro de que contexto histórico o Rio Grande do Sul estava inserido, que tipo de ocorrências facilitou ou dificultou a introdução da cultura material nesse espaço, tão diferenciado em relação ao restante do Brasil. A questão da história de Porto Alegre também é importante de perceber, não tendo sido ela a cidade mais importante em todo período de história do Rio Grande do Sul, em que período e porque razões ela se tornou capital do estado foram pontos decisivos para a apreensão da conjuntura em que estava inserida a cultura material analisada. E também como a dinâmica da história da medicina aparece diferenciada ou segue os padrões encontrados no restante do país, bem como no resto do mundo.

O terceiro capítulo estendeu essa discussão e tentaria compreender de que forma as mais variadas formas de artes de curar aparece na amostra arqueológica que foi escavada nos sítios selecionada para essa pesquisa. De que forma as diferenças entre a medicina alopática e a homeopática aparecem no material arqueológico. E as outras formas de cura, aparecem ou simplesmente ficam apenas rastros de sua existência? A forma como estão inseridas essas discussões a respeito das formas de tratamento também foi importante para entender o cotidiano do hospital da Santa Casa e de que maneira ele se aliou ou se afastou da medicina denominada oficial, já que Porto Alegre

sempre procurou manter-se pelas regras que regiam a sociedade, na medida em que seus próprios Provedores faziam parte do governo central e se inseriam na camada dominante do poder político e econômico. A Santa Casa sempre foi um recinto da medicina oficial ou, como grande parte da população, se aliou as mais diversas formas de artes de curar?

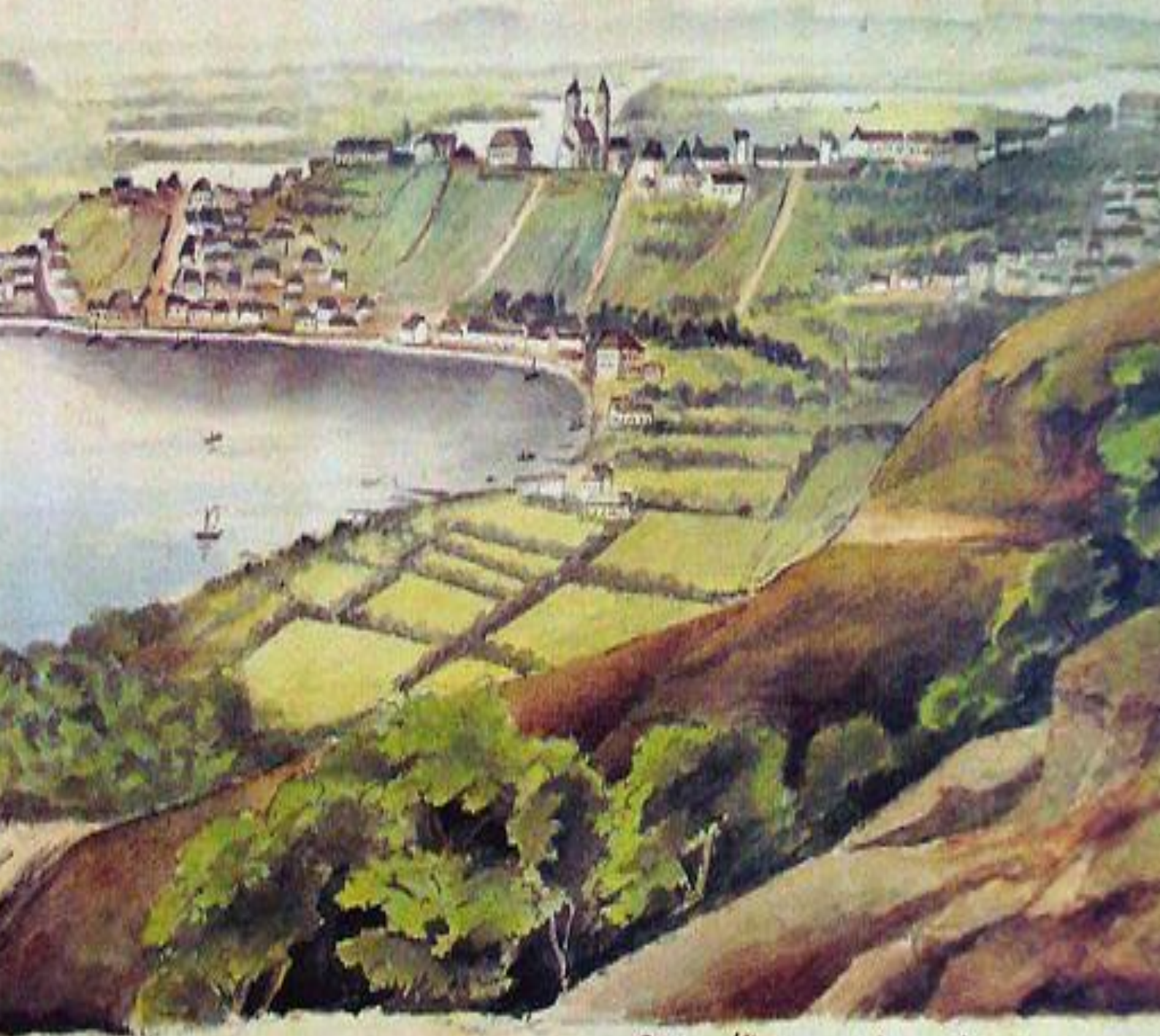
No quarto e último capítulo, eu tento ir um pouco além desses preceitos discutidos nos dois capítulos anteriores e analiso um pouco a formação dos dois sítios de lixeiras coletivas, principalmente. A intenção desse capítulo foi discutir a questão de como as idéias de sanitárias, de higiene e de cuidados com o corpo aparecem nessa cultura material analisada. De que forma seguiram padrões encontrados no mundo todo ou se diferenciaram. A cidade de Porto Alegre procurou ou não se configurar em uma realidade que era defendida na Corte do Rio de Janeiro, ou se mostrou mais afeita a seguir um padrão presente em muitas cidades do estado: o pertencimento a outro tipo de realidade, que era a inserção no espaço platino.

Assim, o intuito dessa tese foi discutir as formas como o material arqueológico se difere do que pode ser analisado a partir da documentação escrita.

Capítulo 1

Lixo de uns... Ouro de outros...

A cultura material e seus significados. Os sítios arqueológicos de Porto Alegre, século XIX, desta pesquisa.



Porto Alegre von der Südseite um 1820

Capítulo 1

Apesar de estar desfrutando o ar da noite, Holly podia sentir o cheiro de poluição. O Povo da Lama destruíra tudo com que fazia contato. Claro que eles não viviam mais na lama. Não neste país, pelo menos. Ah, não. Grandes residências elegantes com cômodos para tudo – cômodos para dormir, cômodos para comer, até um cômodo para fazer as necessidades! Dentro de casa! Holly estremeceu. Imagine fazer as necessidades dentro de casa. Coisa nojenta. A única coisa boa em fazer as necessidades eram os minerais que voltavam à terra, mas o Povo da Lama tinha conseguido estragar até isso, tratando a... coisa... com garrafas de produtos químicos azuis. Se alguém tivesse lhe dito há cem anos que os humanos estariam tirando as substâncias férteis dos fertilizantes, ela mandaria que eles fizessem uns furos na cabeça, para entrar ar.

Eoin Colfer, *Artemis Fowl. O menino prodígio do crime.* (Artemis Fowl)

O arqueólogo James Deetz afirma que a maior tarefa dos arqueólogos, tanto históricos como não, é tentar, através dos trabalhos empreendidos por eles, recuperar os significados deixados nas coisas que as pessoas do passado deixaram para trás. E, segundo ele, a cultura material pode ser a fonte mais objetiva que temos para a recuperação do passado. Ao menos, é a mais imediata. Quando o arqueólogo remove a terra que cobre os artefatos misturados no buraco de lixo, ele é a primeira pessoa que vai confrontar o passado daqueles objetos desde que eles foram colocados naquele lugar (DEETZ, 1996).

Deetz argumenta que os historiadores distinguem entre fontes primárias e secundárias. As fontes primárias trariam aquelas informações como contas, registros, provas materiais e todos aqueles documentos que são produzidos diretamente por aquelas pessoas que nós estamos estudando. As fontes secundárias seriam em essência

de segunda mão, um passo removido pelas pessoas mais imediatas. Mesmo uma fonte primária tendo sido escrita por um indivíduo deveria refletir os interesses daquela pessoa, suas idéias e atitudes. Assim, por exemplo, tal fonte é secundária em algum grau, na inversa proporção de sua objetividade. “Total objectivity is not to be expected in human judgement, and the best we can do is recognize and account for those subjective biases we carry with us” (IDEM:259).

Assim, ele continua apontando que é muito importante que nós devemos relembrar todas as coisas que ficaram no passado, mesmo que elas pareçam ser pequenas e insignificantes e que são acumuladas num tempo de vida para que a nossa essência seja capturada. Nós devemos lembrar as “pequenas coisas esquecidas” e devemos usá-las de novos e imaginativos modos que uma diferente apreciação possa oferecer e para que o passado possa ser atingido. O documento escrito tem seu próprio e imprescindível lugar, mas também deve existir um tempo que devemos deixar de lado todos esses diários, registro de corte e inventários e escutar essa outra voz (IDEM).

A cultura material sendo essa fonte diferencial tem muito a contribuir na discussão da temática relacionada às artes de curar. Uma contribuição diferente que não busca desvalorizar a pesquisa feita pela historiografia da história da medicina, mas mostrar outro viés, outro olhar; com seus inúmeros significados.

Dentro desse mesmo entendimento são os argumentos apresentados pelo arqueólogo Ian Hodder. Em seu trabalho, *Reading the Past*, (Hodder, 2008) ele discute as afirmações, apresentadas nos trabalhos do arqueólogo Michael Schiffer, onde defende que as transformações culturais afetam o relacionamento entre a cultura material e o comportamento das pessoas que as produziram e utilizaram. Hodder, por sua vez, coloca que esse tipo de entendimento acaba mostrando como muitos pesquisadores tendem a generalizar os processos envolvendo o homem, o espaço e a cultura material proveniente das suas práticas. Ao contrário disso, ele demonstra a partir de pesquisas realizadas, que a cultura material não era um reflexo direto do comportamento humano, mas uma transformação daquele comportamento (HODDER, 2008).

Nesse sentido, ele prossegue dizendo que a cultura material não apenas existe. Ela é feita com determinado propósito, nem sempre consciente. E, portanto, nunca é um

mero reflexo da sociedade – ela cria a sociedade através dos atos dos agentes sociais. O modo no qual a cultura material age nas pessoas é social; a ação pode somente existir conforme uma característica social de crenças, conceitos e disposições. A cultura material e seus significados associados são partes das estratégias sociais. Os agentes simplesmente não predeterminam os papéis, eles agem sobre suas produções. Eles usam uma miríade de significados, incluindo simbolismos presentes na cultura material, que criam novos papéis, para redefinir a existência de uns e negar a de outros (IDEM).

Assim, as práticas dependem parcialmente de conceitos e estes são aprendidos através da experiência no mundo, no qual eles são trazidos e vividos em tradições culturais de longa duração. Portanto, parte do objetivo da arqueologia deve ser identificar se essas continuidades de longa duração existem e como elas são transformadas e mudadas. Em suma, temos como principais desafios da arqueologia o reconhecimento da importância do significado cultural, a ação dos agentes e o processo e contexto histórico. Este reconhecimento gera efeitos em três áreas principais no debate arqueológico: 1) o relacionamento entre a cultura material e a sociedade (como a arqueologia está relacionada com as pessoas); 2) as causas da mudança (tanto sociais, econômicas e culturais); e 3) a forma como os arqueólogos interpretam o passado (IDEM).

Na primeira área, conforme Hodder, tem-se reconhecido que o relacionamento entre o comportamento e a cultura material é a dificuldade principal a ser resolvida pela arqueologia. O problema aqui reside no fato de que este relacionamento é apenas percebido somente parcialmente entre a cultura material e as pessoas. Assim, a arqueologia processual⁸ contribui explicando que o comportamento influencia a cultura material, fazendo da cultura material um produto passivo e um subproduto da ação

⁸ A corrente processualista, na arqueologia, surgiu em meados da década de 1960, que criticava o modo como eram feitas as pesquisas anteriormente, de viés evolucionista e histórico culturalista. Essa corrente, que no Brasil somente seria adotada quase 20 anos após seu surgimento mundial, primava por uma visão sistêmica da cultura, buscando leis gerais de comportamento. O trabalho de campo se tornou um passo primordial, sendo uma atividade planejada, com projetos bem definidos e que procuravam responder os problemas de pesquisa sobre o passado. O registro dos locais de escavação era feito de forma sistemática, dando-se grande importância ao contexto onde o material era encontrado (COPÉ e ROSA, 2008). Assim, conforme Trigger, a principal preocupação era tentar reconstruir uma impressão visual da vida no passado, sendo obrigatória a coleta de todos dados que se encontravam no registro arqueológico (TRIGGER, 2004). A corrente posterior, na qual se vincula o arqueólogo Ian Hodder, também se preocupava com a análise do contexto, mas diferentemente da corrente processualista, esse contexto é procurado como uma forma de entrelaçamento entre as coisas, os lugares e as pessoas. A busca pelos significados depende do contexto ser bem definido e quanto mais semelhanças e diferenças forem levadas em conta, mais ricamente essa cultura material deixará transparecer suas especificidades (COPÉ e ROSA, 2008).

humana: comportamento \longrightarrow cultura material. No entanto, ele aponta que trabalhos mais recentes têm demonstrado que a cultura material também exerce ação sobre a sociedade, resultando num relacionamento bilateral, onde uma influencia e age sobre a outra, e ambas recebem influências dos agentes, da cultura e do contexto histórico: comportamento \longleftrightarrow cultura material⁹.

A segunda área é a das causas das mudanças sociais. Novamente, existem as simplificações que apresentam as causas afetando diretamente as mudanças (por exemplo, as mudanças tecnológicas que levam ao crescimento populacional): teríamos causa \longrightarrow efeito. No entanto, o que deveríamos considerar é a substituição dessa relação por: causa \longleftrightarrow efeito, onde tanto a causa como o efeito recebem e exercem ação sobre a outra; e, por extensão, as recebem dos agentes, da cultura e do contexto histórico¹⁰.

A terceira e última área é a que relaciona os fatos ou dados à teoria. A explicação mais generalizante apontaria para a questão do fato influenciar e direcionar a teoria: assim fato \longrightarrow teoria. Recentemente, pesquisas demonstraram que existe a alternativa da coleta de dados é feita a partir de uma determinada teoria. Na realidade, a melhor forma de aplicação seria considerar que tanto o fato confronta a teoria, e vice-versa, mas que também ambas mudam-se em relação uma a outra. Portanto, Hodder assegura que o dado ou fato está intrinsecamente envolvido com o mundo real e com as nossas teorias a respeito dele. As teorias aplicadas em relação ao passado dependem muito mais do nosso próprio contexto cultural e social, fazendo que o binômio dado/fato teoria \longleftrightarrow seja concebido e manipulado de acordo com os contextos culturais e históricos.

Portanto, é a partir desse entendimento que devemos entender que uma análise de dados tanto de cultura material, mas também documentais (para o caso da arqueologia

⁹ Assim, Hodder afirma que, por exemplo, “nós precisamos supor que as pessoas comiam, ou descartavam os resíduos de animais que eles comiam, nos sítios (em vez de comer e descartar fora do sítio, jogando os ossos nos rios onde eles não sobreviveriam arqueologicamente, ou queimando os ossos até virarem cinzas). Qualquer que seja o que formos discutir sobre o comportamento humano no passado, é necessário que os significados culturais sejam assumidos” (HODDER, 2008: 15).

¹⁰ Hodder explica como exemplo: “Então a erosão da terra pode ser uma *causa* com o *efeito* de que as pessoas abandonam suas vilas e se dispersam. Mas o fato da erosão da terra não é ela mesma que determina qualquer resposta particular porque existem muitos modos de lidar com isto ou evitar ou prevenir uma erosão de terra. Como a erosão da terra ou seus efeitos são percebidos, e como as possíveis respostas são avaliadas, dependem de como a erosão da terra é percebida nas estratégias sociais individuais em determinados contextos histórico-culturais” (HODDER, 2008: 16).

histórica), depende tanto das nossas concepções individuais como arqueólogos, influenciadas pelo modo como nós vemos e discutimos as questões às nossas problemáticas de pesquisa.

Outro autor que compartilha esses mesmos pressupostos é o arqueólogo, etnólogo e folclorista norte-americano, Henry Glassie. Ele define os limites que a cultura material possui para a análise do cotidiano das pessoas de determinados lugares no passado. Em primeiro lugar, ele caracteriza que o termo cultura material, para ele, é um termo estranho devido ao fato dessa cultura, ou dessa amplitude do termo, ser fundamentalmente imaterial. Segundo ele, “a cultura material é a cultura feita material”, ou seja, ela está disposta de certo modo e deve ser entendida a partir do fato de que ela começa com as coisas, mas não termina nelas. O estudo da cultura material se utiliza dos objetos como forma de aproximação do pensamento e das ações humanas (GLASSIE, 1999).

Assim, para o autor, o termo arte seria mais apropriado, pois está totalmente impregnado dos significados que as pessoas quiseram transmitir a partir de seu próprio trabalho¹¹. A arte simboliza a auto-transferência das pessoas ligadas àquelas coisas. Então essas mesmas coisas acabam por apresentar o seu lado mais humano, a partir do fato de que nós as vemos mais como sujeitos do que como objetos (IDEM).

A arte corporifica e instantaneamente exhibe identidades pessoais e coletivas, propósitos estéticos e instrumentais, aspirações mundanas e espirituais. Em torno da arte – a mais humana das coisas – a cultura material se junta, misturando natureza e vontade, e mais além da cultura material espalha-se o meramente imaterial, o não-humano (GLASSIE, 1999:42)¹²

¹¹ “Things are works of art when the act is committed, devoted, when people transfer themselves so completely into their works that they stand as accomplishments of human possibility” (Glassie, 1999:41).

¹² “Art embodies, and insistently exhibits, personal and collective identities, aesthetic and instrumental purposes, mundane and spiritual aspirations. Around art – the most human of things – material culture gathers, blending nature and will, and beyond material culture spreads the merely material, the unhuman” (Glassie, 1999:42).

Portanto, quando buscamos o não-humano nas coisas, ou na cultura material, deve-se procurar entender o sentido das diversas ações impregnadas naquele objeto e passar a lê-lo como uma continuação da ação humana e de seus significados.

Então, quando eu procurei analisar os vidros de remédios, de perfume, os potes de creme, as escarradeiras, os urinóis, as escovas de dente, bem como as salas onde funcionaram as primeiras enfermarias do hospital, tentei ver através dessas coisas o que simbolizava estar naquele lugar, estar com aquelas coisas, naquele período, para aquelas pessoas que as usaram e que estavam em contato com aquela cultura material. A busca pela bibliografia e a pesquisa nas fontes documentais serviriam para que a aproximação destes inúmeros significados impregnados nessas coisas, se desse de forma mais clara para mim.

Para Glassie a cultura material aparece como um texto que precisa ser lido à procura de seus significados. O autor ressalta que a dupla “texto e contexto” podem servir para ordenar a ação humana, já que os objetos são conjuntos de partes e partes de um conjunto. Segundo o autor, se o objeto for lido dessa forma, ele pode ser dividido em suas partes e entendido como uma composição. Ele afirma que esses objetos podem ser descritos a partir desse desmembramento e montagem, onde as relações de padrão são observadas (GLASSIE, 1999).

Portanto, os contextos, que são mais culturais que materiais, devem ser contemplados em busca de seus significados. O texto possui limites, mas não significados. Assim, é no contexto que procuramos as informações que nos levam a entender os significados dos artefatos (IDEM).

Glassie divide os contextos em três classes: criação, comunicação e consumo. A primeira classe, criação, já encerra em si toda uma complexidade de significados. Tomando como exemplo um tapete confeccionado por uma artesã turca, o autor acompanha todo o processo de criação desse objeto como forma de demonstrar qual é a percepção que o arqueólogo deve ter em relação aos significados do artefato (IDEM).

Primeiramente analisa o design, que simplesmente aparece na mente da artesã, quando seus pensamentos se tornam materiais e se juntam em associações que se

mesclam no momento da criação. Então existe toda uma carga contextual, que acompanha a artesã nessa ocasião e que aparecerão no objeto confeccionado (IDEM).

Para o autor, o ato de criação volta-se para o passado e para o futuro. Assim, para mim, para entender os significados de alguns recipientes de medicamentos, era preciso também contextualizar toda uma carga de agentes envolvidos com esses objetos. Então, olhar um vidro de remédio torna-se olhar para um artesão que fez a garrafa, impregnada de seu contexto. Quando essa garrafa passa a ter um líquido ou pó ou creme, torna-se outro artefato que carrega não só o contexto do artesão da garrafa, mas a do boticário que formulou o medicamento.

Portanto, o objeto não se encerra no que é material e no que restou no registro arqueológico, que por sua vez forma outro artefato, mas também o que havia dentro do objeto possuirá também um significado especial, tanto para quem produziu o remédio, como para o qual foi utilizado e em que determinada circunstância (IDEM).

A segunda classe apresentada pelo arqueólogo é a da comunicação. Em determinados contextos, criação e comunicação coincidem, pois revelam de antemão seus significados. Então o tapete feito pela artesã, vai para uma mesquita, onde a representa, bem como sua família, seus gostos, suas habilidades. Mesmo que a artesã seja esquecida, o tapete vai ficar e simbolizar seu contexto específico. Glassie aponta o comércio como o contexto maior de comunicação (IDEM).

Embora eu conceba a garrafa comercializada e comprada, dos Estados Unidos, pela Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre¹³, como um objeto, ainda assim, nesse trajeto de sua origem ao seu fim, eu percebo diversos contextos atrelados, bem como significados. Então para a Santa Casa comprar uma garrafa de vidro com seu nome impresso poderia ser mais apropriado do que comprar uma mesma garrafa de um produtor local. Assumir essa característica implica em procurar ver que o produto vindo de fora possui um significado talvez muito mais voltado para o âmbito científico, do que comprar uma garrafa de uma produção mais artesanal.

E essa mesma garrafa, que possivelmente era utilizada para os produtos que saíam do hospital, vai ser levada para a casa de um determinado paciente e vai levar com

¹³ Ver garrafinhas com inscrição do nome do hospital no catálogo, após o terceiro capítulo.

ela um contexto próprio atrelado à sua produção, com mais o contexto do boticário da Santa Casa e possivelmente vai assumir ainda mais um significado quando estiver servindo para medicar um doente.

Glassie chama a atenção para que os contextos de comunicação façam parte de uma série onde o consumidor seria o que menos será conhecido e o mais difícil de ser alcançado.

Na comunicação, o objeto vai do seu criador ao seu consumidor. O consumo, como a criação, contém contextos nos quais os significados do artefato se consolidam e se expandem. A comunicação e o consumo sempre se misturam e no consumo a seqüência de contextos continua, dentre os quais o significado do criador é substituído pelos significados do consumidor (GLASSIE, 1999:57)¹⁴.

Portanto, o significado para Glassie é a soma das relações entre coisas e pessoas, tendo sua origem em qualquer momento da história do objeto. Para o autor, é na criação que eles iniciam. E é a partir disso que sua complexidade vai se dar em mais quantas associações puderem ser feitas, girando em torno da criação, comunicação e consumo (IDEM).

Então, se eu analisar uma garrafa de vidro de remédio do ponto de vista onde sua origem se fixe no momento de seu salvamento na escavação arqueológica, eu terei um objeto com um determinado significado. Quanto mais eu retroceder no tempo e procurar entender seus outros significados, mais complexo vai ficar seu entendimento para mim e mais informações ele vai gerar.

Quanto aos contextos, o autor afirma que podem ser muitos e que podem mudar muito. Há o contexto da assimilação, que é quando tiramos o artefato de seu contexto e o colocamos num museu ou depósito, onde seu significado muda (IDEM).

¹⁴ "In communication, the object goes from its creator to its consumer. Consumption, like creation, collects in which the meanings of the artifact consolidate and expand. Communication and consumption always mesh, and in consumption the sequence of contexts continue within which the meanings of the creator are eclipsed by the meanings of the consumer" (GLASSIE, 1999:57).

Durante a pesquisa e a análise do material foi possível observar que a amostra arqueológica era um tanto diferenciada entre si. Entre os cinco sítios analisados o registro arqueológico revelou uma diversidade de formas e características formando assim um perfil diferente para cada sítio. Esses perfis muito embora não fossem totalmente diferentes apresentaram especificidades em cada um deles. O material associado a lixeira hospitalar ressalta uma característica de conter muitos recipientes de medicamentos de origem estrangeira, enquanto que nos outros sítios os produtos nacionais apareciam em maior quantidade.

É preciso ressaltar que a quantidade de material relacionado a produtos farmacêuticos no sítio RS-JA-29 é muito superior em quantidade em comparação com a amostra dos outros sítios pesquisados. No entanto, é preciso demarcar que essas especificidades podem marcar significados diferentes, que apontam para usos e apreensões diferentes quanto aos produtos que eram comercializados.

Essa relação dos significados com os contextos históricos nunca pode ser deixada de lado, visto que está intrinsecamente relacionada com os significados que cada conjunto material apresenta. Em exemplo, posso citar o que aconteceu com o material do sítio da Santa Casa encontrado na lixeira hospital em comparação com o material que faz parte do acervo do museu da mesma instituição. Não só a coloração predominante é diferente, mas também as formas, a produção, bem como a utilização. Esses atributos diferenciais influenciam na análise dos significados da cultura material.

A partir do momento que eu procurar associar esses vidros do museu com os do registro arqueológico, eles podem assumir outros significados e contribuir com novas informações. O fato da cor do vidro ter mudado pode sugerir a possibilidade da influência da incidência de luz na composição do remédio que se encontra em seu interior. Assim, os recipientes do museu seriam de posterior utilização com relação ao da amostra arqueológica, que poderiam ter sido descartados em determinado momento por não possuírem a característica de coloração adequada.

No contexto conceitual, os significados culturais são os que prevalecem. Eles podem informar mais a respeito das pessoas que o fizeram e que colocaram eles em uso. Glassie diz que esse contexto também pode ser chamado de abstrato. Nesse momento

faço alusão, novamente, ao contexto atrelado à figura do boticário e a do produtor, bem como os significados atrelados a esses agentes.

Se eu procurar ler uma mesma garrafa de vidro a partir dos significados de sua produção, vão me importar as marcas que aparecem nestas garrafas e o modo como foram produzidas. Se eu fixar-me nessas informações os significados advindos serão os do contexto de seu artesão. Porém, se eu procurar entender essa garrafa a partir do conteúdo que uma vez teve, poderei fazer associações quanto ao contexto cultural do boticário que produziu um determinado medicamento e talvez me aproximar de suas preocupações quanto aos seus anseios como profissional dentro do hospital, a valorização de seu trabalho, etc.

O último contexto apresentado é o contexto físico que pode ser denominado de comportamental, devido ao fato de terem corpos em movimento. Pode ser alcunhado também de particularista, já que cada um é único em seu significado (IDEM).

Nesse momento, o autor faz importantes discussões que podem remeter ao papel do arqueólogo como pesquisador e quais os significados que ele pretende absorver a partir da análise da cultura material. Glassie afirma que fora do contexto conceitual, todo objeto fica em um contexto físico, visível entre outros objetos. Em conjunto com esses outros objetos eles podem ajudar na interpretação do momento que o objeto entra na mente e quando ganha um significado determinado a partir dessa associação.

Então, para ele, a associação é a chave do trabalho do arqueólogo. E é a partir das nossas necessidades como pesquisadores que assimilamos ou não as complexidades dos seus significados, visto que também estamos atrelados a uma cultura própria, ou contexto (IDEM).

Deste modo, se eu procurar nessas garrafas de vidro ou mesmo nas salas onde funcionavam as antigas enfermarias ou as residências estudadas, os seus processos de criação, os significados poderão ser de um tipo mais técnico. No entanto, se eu procurar fazer mais associações e entender não apenas seu processo de produção ou criação posso estender minhas informações a fim de apreender outros significados.

Então, nas salas onde funciona atualmente o Auditório Gerdau, eu posso me fixar em entender como foi o processo de construção do prédio¹⁵. Mas se eu procurar ver essas salas como um artefato onde procure ver as antigas acomodações das enfermarias da Santa Casa, posso perceber mais significados, a partir dessa associação feita.

Para finalizar essa parte da sua proposta de discussão sobre os significados da cultura material, Henry Glassie aponta para a seguinte seqüência de contextos que melhor contam a história dos artefatos: a criação, que engloba concentração, aprendizado, ensino, cooperação, tecnologia, forma, memória e esperança; a comunicação, que insere a colaboração, doação e comércio; e, por fim, o consumo, que atrela a si o uso, a preservação e a assimilação (IDEM).

Se colocando como etnólogo, ele analisa as diversidades de contextos e afirma que, apesar do etnólogo poder ver a criação e o uso enquanto o historiador não, ambos focalizarão no não visto para criarem suas explicações, tentando reconstruir os contextos conceituais de duas formas. A primeira seria a do contexto formal, onde o objeto é colocado como uma opção de conjunto de transformação das possibilidades existentes na mente do criador. Já o segundo, seria o contexto da memória, onde as informações serão divididas e organizadas em categorias de dados, que podem ser: biográficas, sociais, econômicas, políticas, religiosas e geográficas.

Assim, o objetivo seria o de procurar uma conexão dessas propriedades formais com dados culturais e ver como essa associação nos explica o que artefato apresenta (IDEM).

Em um momento vemos as coisas por elas mesmas, então as vemos em conexão, e então associadas em sua solidão com suas conectividades, daí chegarmos aos sistemas artefactuais. Se compararmos os sistemas espacialmente, nós temos a etnologia. Se os compararmos temporalmente, teremos a história. Se colocarmos a etnologia e a história juntas derrotaremos a fragmentária academia, e

¹⁵ Das paredes destas salas foram retirados todos os resquícios do antigo reboco e foram preservados o estado original da construção, que podem ser observados pela adição de uma resina.

retornaremos ao estudo da humanidade a nível de seus começos como o velho Heródoto (GLASSIE, 1999:67)¹⁶.

Finalizo minha exposição, aceitando essa conclamação do autor. Procuo mostrar a minha forma de apresentar essa tese como uma contribuição feita em relação ao entendimento de como foram por mim percebidas na cidade de Porto Alegre, no século XIX, as práticas e os recursos de cura existentes. O cotidiano dessa população, que embora estivesse acostumada com os inúmeros reveses que a atingia na forma de doenças epidêmicas ou endêmicas, é o meio pelo qual tentarei apreender os significados que a cultura material pode revelar.

Mesmo que a cultura material tenha seus limites, os trabalhos da arqueologia histórica sempre procuraram agregar as informações que são percebidas a partir dela com as que se pode coletar a partir das fontes documentais.

Assim, nesse capítulo procurei mostrar a partir dos três autores citados que foi a busca pelos diferentes e variados significados presentes na cultura material o objetivo central dessa pesquisa. Procurei associar esses significados com o contexto histórico a que se atrelava a cultura material analisada. Essa cultura material tão diversa apresentou em suas especificidades uma amplitude de significados, que foram procurados e analisados conforme foram as perguntas feitas, a partir da minha forma de interpretação.

A seguir, apresento os sítios arqueológicos pesquisados ressaltando suas características particulares quanto à sua cultura material e seus significados.

Os sítios arqueológicos históricos e sua cultura material

¹⁶ “Once we seen things for themselves, then seen them in connection, and then looped their aloneness with their connectivity, we have come to artifactual systems. Comparing systems spatially, we have ethnology. Comparing them temporally, we have history. Put ethnology and history together and you defeat the fractious academy, returning the study of humankind to the level of its beginnings in old Herodotus” (GLASSIE, 1999:67).

Centro Histórico Cultural da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

As escavações arqueológicas empreendidas no sítio arqueológico histórico Centro Histórico-Cultural Santa Casa aconteceram entre outubro de 2005 e primeiros meses de 2006¹⁷. A pesquisa visava o salvamento arqueológico da cultura material que seria impactada pela construção do Centro Histórico, e que poderia estar associada às oito edificações geminadas (e respectivos pátios) de um pavimento, com porão alto, construídas no início do século XX¹⁸. Estas casas são as últimas construções remanescentes de 80 prédios que a Santa Casa alugava, sendo uma de suas fontes de renda¹⁹.

Esta intervenção foi efetuada também devido à potencialidade arqueológica da área, pois existia a possibilidade de serem encontrados restos de antigas fortificações que marcavam a fronteira da cidade no Período Farroupilha, além da possível evidência de um cemitério²⁰. Com o decorrer da pesquisa²¹ houve o registro do sítio RS-JA-29 Santa Casa.

¹⁷ Sob coordenação geral do arqueólogo Alberto Tavares Duarte de Oliveira e empreendidas por 20 oficinas que, por sua vez, estavam sob coordenação do arqueólogo João Felipe Garcia da Costa. Em etapa posterior ao término da oficina, o sítio continuou a ser escavado por Alberto T. D. Oliveira e por remanescentes da oficina, bem como por um estagiário da Santa Casa de Misericórdia. Para maiores informações ver Relatório Técnico elaborado pelo arqueólogo responsável (OLIVEIRA, 2006:3-7).

¹⁸ Localizadas na Avenida Independência, totalizando uma área de 2500 m².

¹⁹ “A finalidade dessas residências era auxiliar no financiamento da instituição a partir do aluguel. O aluguel de casas era um expediente utilizado para incremento das finanças desde a primeira metade do século XIX, chegando em 1915 a 85 prédios para locação” (OLIVEIRA, 2006:8).

²⁰ “Sobre os enterramentos realizados na Santa Casa, até 1826 eram sepultados apenas os condenados a morte, a partir deste ano começam a ocorrer enterros de pessoas da irmandade e de outros. Contudo em 1829 este cemitério já se encontrava lotado criando-se assim outra área para sepulturas (. . .). O primeiro local de enterramentos possivelmente era próximo da Capela dos Passos” (IDEM).

²¹ “Esta pesquisa está vinculada ao projeto “Pesquisa Arqueológica e Valorização do Patrimônio Material Pré-histórico e Histórico do Município de Porto Alegre, RS” inserido no “Programa de Arqueologia Urbana do Município de Porto Alegre, RS”, ambos desenvolvidos pelo Museu Joaquim José Felizardo, órgão da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. O trabalho se vincula ao Museu, pois este é a instituição autorizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), através da portaria no 155 de 29/06/2004, para realizar pesquisas arqueológicas no Município. Sendo assim este trabalho tem a supervisão de sua responsável técnica perante o IPHAN, já que o citado museu possui o endosso institucional e a guarda do material arqueológico junto a esse órgão” (OLIVEIRA, 2006:4).

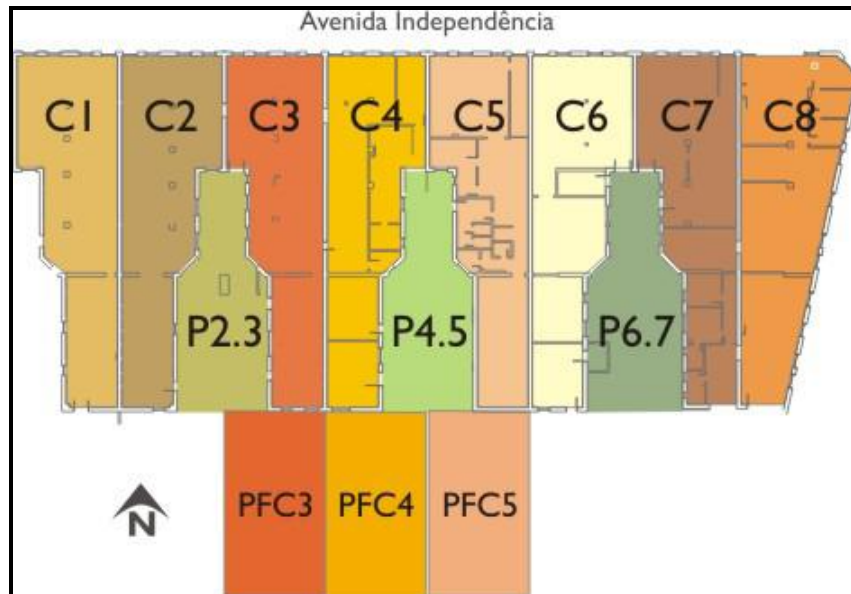


Imagem 1 - Planta das edificações processo nº 366 de 1906 APPMPA (Oliveira, 2006:12)²².

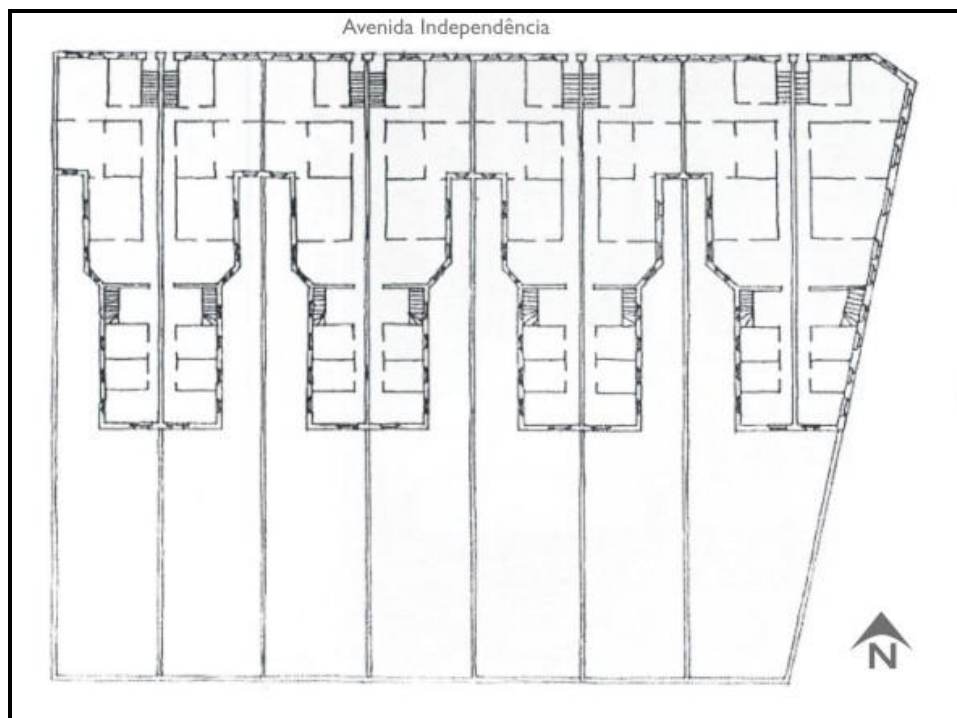


Imagem 2 - Nomenclatura das áreas escavadas no sítio RS-JA-29. (Oliveira, 2006:14).

²² Apud BITTENCOURT, Dóris Maria Machado de. *Casas residenciais em Porto Alegre em fins do século XIX e início do século XX*. São Paulo FAU-USP, 1996 (tese de doutorado).

O material escavado encontra-se atualmente em espaço utilizado pela Santa Casa de Misericórdia, permanecendo ali até a conclusão da construção dos novos prédios do Centro Histórico, atualmente em processo de finalização.

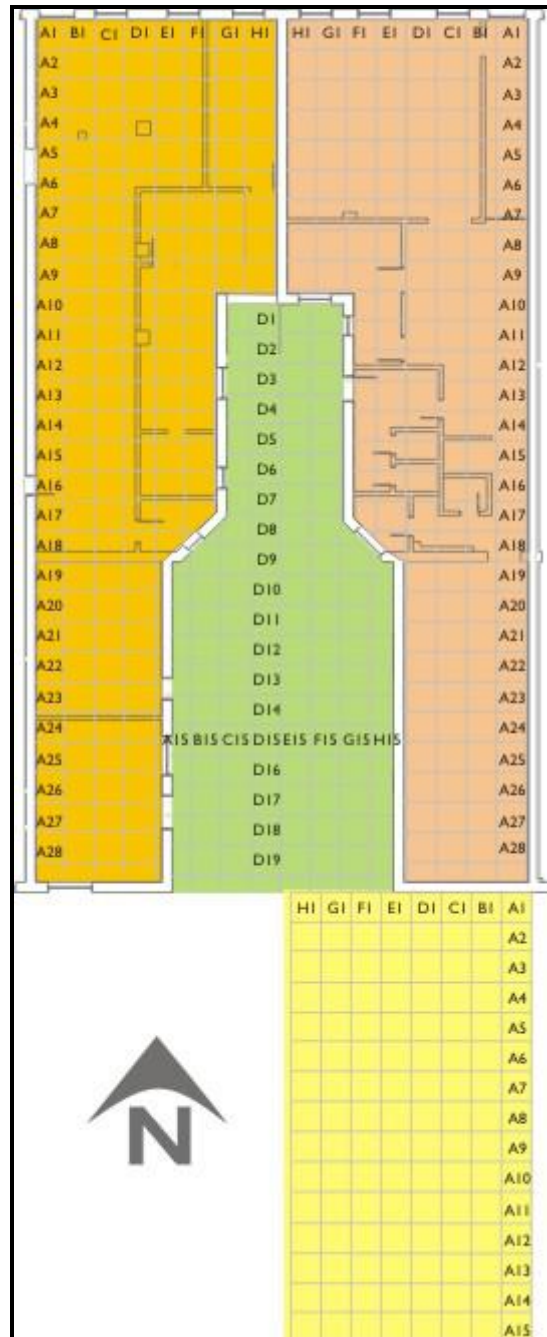


Imagem 3 - Nomenclatura e configuração das quadriculas (OLIVEIRA, 2006:15).

A análise deste material foi empreendida por mim, com a ajuda de alguns estagiários voluntários, bem como a ajuda de um funcionário e uma estagiária paga da Santa Casa. A análise começou em outubro de 2006 e encerrou-se em dezembro de 2008. Este material é bastante diverso, sendo a maioria de material vítreo (com diferentes formas²³), mas também aparecendo outro tipo de material: na categoria louça²⁴ (faiança, faiança fina, ironstone e porcelana), grês, cerâmica simples e vidrada, metal e ossos (possivelmente de restos de alimentação).

O primeiro material analisado foi o pertencente à quadrícula denominada E10²⁵ pertencente à Casa 4. Esta quadrícula acabou configurando-se, no final das escavações, como uma lixeira utilizada pela Santa Casa antes do início da construção das estruturas geminadas (entre 1906 e 1907).

Para esse material arqueológico foi empreendida uma análise de tipo quantitativa e outra qualitativa. A primeira se restringe a análise a partir de uma ficha que constem os seguintes dados: nº de catálogo, quadrícula, camada, nível, tipo de material, cor, parte componente e outras características que podem auxiliar na interpretação geral deste material, como os processos de deterioração do material, além de informações a respeito de técnicas de fabricação e decoração (COMPANY, 2009).

Nesta primeira parte da análise computei um total de 13.535 fragmentos entre todos os tipos de materiais encontrados, sendo que a grande maioria, em torno de 94%, é de material vítreo, correspondente a recipientes de medicamentos. Esta quadrícula gerou 17 nºs de catálogos (entre 29.61 a 29.77²⁶) sendo que os vestígios arqueológicos foram encontrados até 2 metros de profundidade.

²³ Muitos exemplares de garrafas inteiras.

²⁴ Para maiores informações sobre estes determinados tipos de materiais ver os trabalhos de Symanski, 1998 e a Tese de Doutorado de TOCCHETTO, 2004.

²⁵ As quadrículas receberam denominações utilizando uma combinação alfanumérica (OLIVEIRA, 206:14).

²⁶ O número inicial, antes do ponto refere-se ao número de cadastro do sítio arqueológico, enquanto o outro número diz respeito a localização onde estava este material. Os primeiros números foram dados ao material que foi coletado em um sistema de coleta por nível artificial, isto é, foi delimitada pela data da coleta e por uma profundidade de 10 cm para cada número, isso correspondendo até o número de catálogo 29.72. O material coletado a partir do número 29.73 até o número 29.76 foi denominado como correspondente a uma grande camada de lixeira, que se encontrava abaixo dos 60 cm de profundidade.

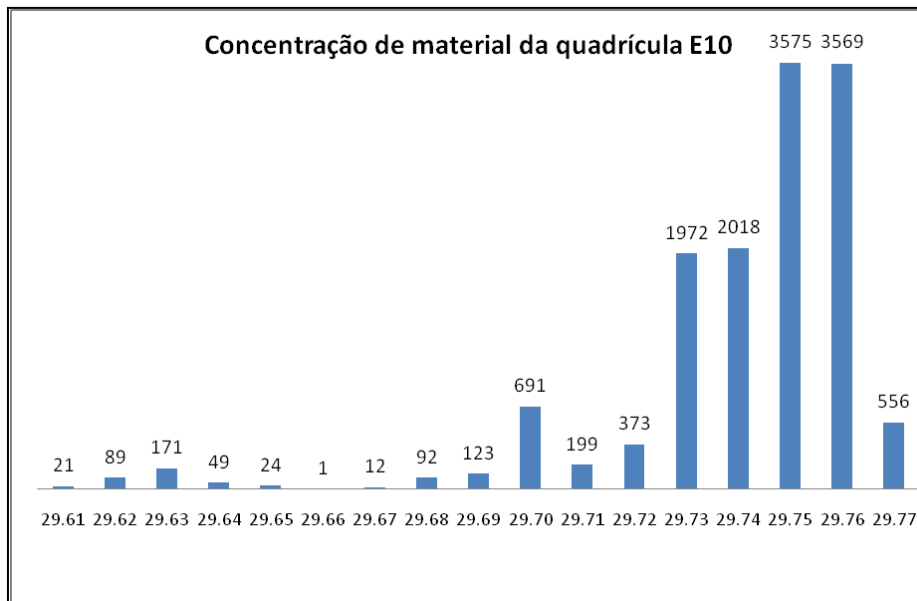


Imagem 4 – Distribuição do material arqueológico na quadrícula E10. (COMPANY, 2009).

Além disso, pode observar que a concentração (82%) do material arqueológico estava entre as quadrículas 29.73 até 29.76, que indicam uma profundidade abaixo de 60 cm²⁷, sendo que o último número (29.77) corresponde à limpeza das paredes da quadrícula.

Quanto à cor do material vítreo observei que 78% se caracterizavam pela denominada transparente. As outras cores que aparecem em quantidades significativas são as dos diversos tons de verde, principalmente o verde oliva, configurando 12% da amostra e as dos tons de âmbar e azul, com 4 e 6% respectivamente (IDEM). A observação do atributo cor é interessante para que se possa estabelecer uma correspondência cronológica a partir da observação atribuída ao arqueólogo Alberto T. de Oliveira, pois aponta para a confirmação deste material pertencer ao final do século XIX.

A coloração do vidro ainda é pouco confiável para o estabelecimento real de uma cronologia precisa, pois diversos são os fatores que podem influenciar na composição da massa vítrea em relação à cor deste material: como por exemplo, o calor do forno, o tempo em que a peça é reaquecida, a quantidade de óxido de ferro utilizada, além do fato do acréscimo de alguns tipos de colorantes e descolorantes (SANTOS, 2005).

²⁷ Composto 1.972 fragmentos no número 29.73, 2.018 no 29.74, 3.575 no 29.75 e 3.569 no 29.76.

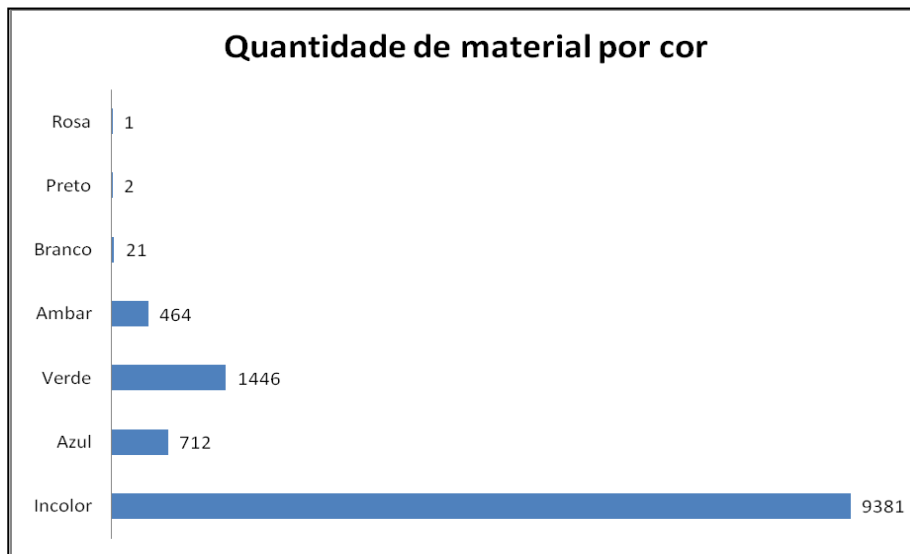


Imagem 5 – Quantidade de material vítreo correspondente a cor. Fonte: Company, 2009.

Conforme se pode verificar em bibliografia especializada, até meados do século XIX, tanto na Europa quanto Estados Unidos, os agentes descolorantes eram pouco utilizados na produção de garrafas de vidro, devido o acréscimo do preço resultante desse incremento. Porém, a partir da segunda metade do século XIX, a preocupação com a coloração do vidro passou a influenciar na produção de recipientes feitos desse material, que eram utilizados principalmente para a indústria alimentícia, em virtude da transparência do vasilhame estar associada a preceitos de higiene. Portanto, entre 1888 e 1915, passa-se cada vez mais a inserir o manganês como agente descolorante, o que facilita na atribuição mais precisa de uma cronologia deste material (SANTOS, 2005).

A segunda parte da análise foi empreendida nos anos posteriores à quantitativa e diz respeito aos outros dados a respeito da coleção: nome dos produtos, função (a que tipo de doenças ou males estava associado), nome dos fabricantes e história a eles relacionado e uma possível datação. Todos esses dados foram utilizados para a confecção de uma espécie de catálogo, onde selecionei as marcas que me pareceram mais relevantes (o catálogo está incluso no segundo capítulo).

No total, as marcas chegaram a compor em torno de 40 nomes diferentes, sendo que alguns tipos determinados de medicamentos apresentaram maior quantidade de peças. Grande parte deles era de origem estrangeira, principalmente franceses e

alemães. Outros medicamentos que foram evidenciados em significativa quantidade foram os fabricados na cidade do Rio de Janeiro, bem como recipientes de vidro com a inscrição do nome da Santa Casa de Misericórdia impressa, cuja fabricação era procedente dos Estados Unidos.

Não obstante apareçam remédios de origem estrangeira, é considerável a quantidade de recipientes sem inscrição alguma e que podem ter sido utilizados dentro da botica do hospital, provenientes de doações ou que foram comprados. Outro fator é o tamanho destes vasilhames, de diversos tipos, muitos com o volume impresso na base da garrafa e outros que podem ter correspondido a dosagens únicas²⁸.

Ainda um último fator bastante interessante dentro do tipo de material vítreo, é a quantidade razoável de fragmentos que fazem parte de garrafas de bebidas alcoólicas dentro da amostra.

Quanto ao restante do material, pertencente às outras categorias de materiais, (associadas ou não a algumas atividades que aconteciam no interior do hospital, em relação aos cuidados com os pacientes) foi verificada a incidência do material de faiança fina correspondente a pratos, pires, tijelas, xícaras e outros recipientes. Ainda neste tipo de material arqueológico vale chamar a atenção para algumas bordas encontradas, de louça branca, de antigos urinóis. A análise desse tipo de bordas ficou bastante difícil, pois as bordas que foram analisadas (as da amostra da E10) não eram bastante significativas para a identificação de urinóis, escarradeiras e outros tipos de categorias materiais que pudessem identificar utensílios de uso no hospital.

Quanto à ocorrência de outros tipos de materiais foram analisados 216 fragmentos de grês, sendo que predominam as de coloração bege (89), seguida pelas policrômicas (34) – nas combinações mostarda e bege, mostarda e marrom e cinza e bege. Entre a faiança fina foram coletados 306 fragmentos, predominando os de coloração branca, com 214 fragmentos²⁹. Na decoração o esmalte³⁰, quando se pode identificá-lo, o que teve

²⁸ Entre os vasilhames encontrados, foram analisadas um total de 78 garrafas com inscrição de volume na base: 26 com 150 ml, 9 de 100 ml, 22 de 200 ml, 13 de 300 ml e 8 de 120 ml (COMPANY, 2009).

²⁹ Foram analisados 24 fragmentos de borda, 28 de borda e corpo, 114 de corpo, 14 de base, 20 de base e corpo e 6 borda/corpo/base.

³⁰ O esmalte na análise do atributo louça é extremamente importante, pois pode identificar o material a um período temporal bem mais preciso. Em 1759, Josiah Wedgwood, no intuito de aperfeiçoar a produção de

maior número de fragmentos foi o *whiteware*, com 22 fragmentos e o *pearlware* ficou com 15. O número de fragmentos com identificação de técnica decorativa³¹ *transfer printing* foi 24, sendo divididos entre os padrões *willow* e borrão azul. Os pintados a mão livre foram um total de 12, com metade em estilo *peasant*. Entre esses fragmentos houve a ocorrência de 7 fragmentos identificados como *creamware*, mas isso pode ter ocorrido devido a grande alteração que houve no material de louça, por causa da queima de material. Esse atributo do esmalte é importante, pois pode identificar o material arqueológico com um período bem anterior ao que ele realmente representa.

O arqueólogo Luis Claudio Symanski aponta, porém, que a primeira metade do século XIX foi o auge do consumo das louças *pearlware*. A louça *whiteware*, só havia sido introduzida por volta de 1820, mantendo seu domínio até os dias de hoje (SYMANSKI, 1998).

A estas informações ainda é preciso anexar alguns fatos relacionados ao contexto do sítio, como por exemplo, o fato dos funcionários terem que residir dentro do hospital e a relação que podem ter com as doações que a Santa Casa recebia de alguns pacientes que haviam se tratado ou não no hospital. Pode-se ainda inferir um possível uso destes recipientes aos componentes da Mesa Administrativa. Quanto a esta última informação,

faiança fina, acabou criando uma louça de corpo creme com esmalte de coloração esverdeada, causada pela aplicação de óxido de chumbo. A esse esmalte foi dado o nome de *creamware*. No início do século XIX, por volta de 1810, essa louça foi bastante popular, até começar a ser superada pela louça que utilizava o esmalte *pearlware*. Esse esmalte teve seu início na produção 20 anos depois pelo próprio Wedgwood. Em 1815, a louça *creamware* já quase não existia no mercado para venda, mesmo que sua produção tenha sido mantida e direcionada para a confecção de produtos de higiene pessoal, como bacias e urinóis. A coloração que identifica o esmalte *pearlware* é um tom levemente azulado, pelo acréscimo de cobalto. Essa característica do esmalte pode ser verificada durante a análise na verificação dos seus pontos de acúmulo, principalmente em bordas e base. Essa produção também começou a ser deixada de lado, por volta de 1830 a 1840, quando outro tipo de esmalte passa a ser utilizado: o *whiteware* (TOCCHETTO e outros, 2001).

³¹ As principais técnicas decorativas apresentam como variações a cor, o tipo de decoração utilizado, o modelo, cena, motivo, variante e estilo que apresenta. Dentro de cada técnica devem ser analisados todos os pormenores, devido ao período temporal muito reduzido ou amplo em que eles são produzidos. De maneira geral, existem as louças com sua superfície modificada ou não modificada. Dentro do primeiro tipo estão as pintadas à mão (padrões *Shell Edged*, decoração de frutas ou outros motivos, com acréscimo de pintura nos detalhes) e as não pintadas (padrão Trigoal e *Royal Rim*). No segundo tipo, estão as que são pintadas à mão: pintada à mão livre (com estilos *Peasant* e *Sprig*), as banhadas (faixa azul e faixa simples), as carimbadas, as salpicadas ou *Spatter* (*True spatterware* e *Design spatter*), as esponjadas ou *Sponge* e as pintadas em faixas e/ou frisos. Além das pintadas à mão livre está a técnica decorativa denominada *Transfer printing*, que apresenta os seguintes motivos: *Chinoserie* (padrão *Willow*), pastoral, vistas exóticas, floral (*Sheet Floral* e *Floral Central*), clássico e romântico. E ainda nas técnicas decorativas está o Borrão, com os motivos: *Chinoserie*, paisagem romântica, *Chinoserie* floral e motivo floral central. E por fim, ainda podem ser encontradas louças sem nenhum tipo de decoração, as chamadas louças brancas, que podem ser encontradas em todos tipos de utensílios (Idem).

vale ressaltar para o aparecimento de tipo de louça com técnicas decorativas não muito populares e de valor aquisitivo elevado para a maioria da população: caso, por exemplo, da técnica decorativa *transfer printing*, na categoria borrão, padrão Willow, bem como os motivos pintados à mão livre, de estilo *peasant*³² (IDEM).

A cultura material associada a este sítio é particularmente importante devido sua inserção no tema de pesquisa. Durante o processo histórico ocorreram diversas mudanças em relação aos métodos adotados pelos médicos e os diferentes agentes curadores. Houve inúmeras invenções, tanto as que se inseriam em preceitos apoiados em novas teorias, bem como os correspondentes aos novos instrumentos que seriam utilizados em cirurgias, que possibilitariam avanços em relação à cura dos diversos males que atacavam a população.

Sendo a Santa Casa de Misericórdia a primeira e, durante muito tempo, a mais importante instituição de cura em Porto Alegre, entende-se que o material resgatado nas escavações empreendidas em 2005 e 2006 foi um aporte necessário para a execução dessa proposta.

Sítio Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Embora tenha sua pedra fundamental desde 1803 foi somente a partir de 1815, segundo Sergio da Costa Franco, que o hospital da Santa Casa de Misericórdia tem indícios do início de sua construção. Sua primeira eleição da Mesa Administrativa foi em 1814, quando foram escolhidos seus membros pela Câmara Municipal, tendo como

³² “O valor das faianças finas variava, segundo Miller (1980), em função da complexidade da técnica de aplicação da decoração. (...). Baseado, portanto, no atributo decoração, Miller verificou que essas louças podiam ser divididas nos seguintes grupos, referentes a níveis distintos de preços:

Primeiro ou mais baixo nível: as louças brancas sem decoração.

Segundo nível: louças decoradas de forma simples, que exigia pouca perícia, tais como *shell edged*, *spongeware* e *banded ware*.

Terceiro nível: louças pintadas a mão com motivos como flores, folhas, paisagens chinesas estilizadas e padrões geométricos.

Quarto nível: as louças decoradas pela técnica de decoração conhecida por *transfer printing*” (SYMANSKI, 1998:168).

Provedor o então Governador e Capitão-general, Marquês do Alegrete, para Vice-Provedor, o Tenente-general Joaquim Xavier Curado e para escrivão-secretário, o Brigadeiro Miguel Lino de Moraes (FRANCO, 2003).

Conforme pesquisado nos livros das Atas da Mesa Administrativa, a preocupação com a construção do prédio do hospital da Santa Casa de Misericórdia foi sempre constante desde o início das sessões, conforme fossem sendo angariados os recursos que eram necessários para a execução da obra. Muito embora a abertura das primeiras enfermarias tenha se dado em 1826, em 1820 Saint-Hilaire já chamava a atenção para a construção do prédio do hospital ser de grandes proporções (SAINT-HILAIRE, 2002).

Fora da cidade, sobre um dos pontos mais elevados da colina, onde ela se acha construída, iniciou-se a construção de um hospital, cujas proporções são tão grandes, que provavelmente não seja terminado tão cedo; mas a sua posição foi escolhida com rara felicidade, porque é bem arejado, bastante afastado da cidade, para evitar contágios; ao mesmo tempo, muito próximo para que os doentes fiquem ao alcance do socorro de qualquer espécie; se escolheram ao lado noroeste da península para aí construir a cidade, foi porque os navios só por este lado podem ancorar (SAINT-HILAIRE, 2002: 45).

A arqueóloga Beatriz Thiesen afirma que a arquitetura é a forma mais evidente dentro da organização espacial na paisagem urbana. Segundo ela, é a partir das estruturas arquitetônicas que se podem observar de maneira mais precisa, os modos como uma determinada sociedade organiza sua interferência no meio e representa suas categorias (THIESEN, 1999).

Citando Sanders, Thiesen aponta para estes elementos o conceito de artefatos, sendo estes os mais valiosos disponíveis para os historiadores culturais e para os arqueólogos, representando um fundamental atributo. Assim, “a arquitetura é mais apta a

reter o seu contexto original de uso e, comparada a outros objetos, o meio construído é o último afetado pelos distúrbios do processo de formação do sítio (IDEM:82³³).

Portanto, estudar os resquícios arquitetônicos onde se localizavam as antigas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia tem imenso valor interpretativo para a análise dos elementos que constituíam os recursos de cura da cidade de Porto Alegre.

A proposta desta tese foi a de analisar estes vestígios como forma de aproximação das primeiras atividades que estavam circunscritas no interior do hospital e onde ocorreram as mais antigas manifestações de cura dentro do espaço hospitalar da Santa Casa de Misericórdia.



Imagem 6 – Fachada do prédio da Santa Casa por volta de 1850/1860. Fonte: FRANCO, 2003. Acervo Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul.

³³ Apud SANDERS, Donald. Behavioral conventions and archaeology: methods for the analysis of ancient architecture. In KENT, Susan (Ed.). *Domestic Architecture and the Use of Space: an Interdisciplinary Cross-cultural Study*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990. 43-72.

O complexo arquitetônico, chamado Pavilhão Centenário, a que me refiro é o que abrange as salas que se encontram ao redor da Praça Central onde hoje se encontram as salas utilizadas pelo CEDOP (Centro de Documentação e Pesquisa), a sala que ocupa a Biblioteca, o Museu, a Provedoria e outras dependências ligadas à administração atual do hospital.

Mesmo que não tenha conseguido plantas originais do século XIX nos arquivos do hospital, que já haviam sido extraviadas, fui atrás de outro tipo documento que pudesse me dar essas coordenadas de como foi construído o hospital. Uma dessas informações, para complementar as conseguidas nas Atas da Mesa Administrativa e dos Relatórios da Provedoria, foram as plantas disponíveis de Porto Alegre e as que aparecessem o prédio da Santa Casa. Como desde o primeiro instante, esse foi um projeto que a cidade ansiava muito, ele foi bastante documentado. A partir da definição das plantas, fui ver se obtinha outros tipos de imagens que mostrassem o prédio do hospital. No final consegui um total de nove plantas: 1833, 1837, 1839, 1844, 1868, 1872, 1881, 1888 e 1896. Dentre os outros tipos de imagens, obtive um conjunto de imagens que fazem parte do acervo do Centro Histórico-Cultural Santa Casa³⁴. Dentre essas imagens constam fotos de alguns momentos importantes, como os de um livro com a comemoração do centenário do hospital, em 1926, que contém fotos do interior do hospital e algumas áreas externas (total de 17 fotos). Outras fotos e litografias foram as que se encontram no livro dos 200 anos da Santa Casa, também muitas eram do acervo da Santa Casa e as que não eram eu as consegui também lá com os funcionários do arquivo (em torno de 15 imagens).

Em posse deste material pude elaborar uma planta, a partir de outra (uma das duas que consegui no arquivo da Santa Casa) de 1951³⁵, onde identifiquei por cores diferentes o processo de construção a partir das datas e dados que eu consegui levantar nos documentos e imagens. Essa planta se encontra no final do primeiro capítulo, onde tento historiar esse processo de construção.

³⁴ Embora não esteja com seu prédio totalmente pronto, já tem algumas salas onde já funcionam algumas atividades. Por enquanto, nem todos os documentos se encontram lá, porque nem todos os armários estão prontos e aguardam verbas para a continuação da obra e a total mudança dos dados históricos para o novo prédio.

³⁵ Essa planta está em papel vegetal, bastante danificada. E temendo piorar sua situação resolvi não escanear. Fotografei a parte antiga que estava no canto esquerdo e em menor proporção, mas com escala e enviei para uma empresa de design gráfico para a produção de outra planta.

Sítio Casa da Riachuelo

Atualmente situado na Rua Riachuelo nº 661, o sítio arqueológico RS-JA-17 era no século XIX (então Rua da Ponte) uma casa de porão alto ou assobradada. Estava localizado sobre um lote urbano de 4,5 m de largura por 41 m de profundidade, em terreno com aclave direcionado à rua Duque de Caxias, onde foi identificado um depósito de refugio doméstico (TOCCHETTO, 2004:29).



Imagem 7 - Fachada em ruínas do sobrado na rua Riachuelo. Sítio Casa da Riachuelo. Fotografia: CCS/PMPA (TOCCHETTO, 2004).

Conforme aponta Tocchetto, em planta de 1839, já existia no local uma edificação. No entanto, ela continua, nas fontes documentais não foi possível averiguar informações sobre seus ocupantes. O primeiro pagamento de imposto que pode ser comprovado é de 1893 (ano em que começa a ser cobrado o imposto predial na cidade), em nome de

Joaquim Pereira Martins, comerciante português. No inventário de sua segunda esposa, de 1911, aparece referência a “uma casa assobradada com 3 aberturas na frente ao Norte à rua Riachuelo nº 133 inclusive dependências, benfeitorias e o respectivo terreno (...) medindo na frente 4,43 mts” no valor de 4.500\$00025 (TOCCHETTO, 2004:29-30)³⁶.

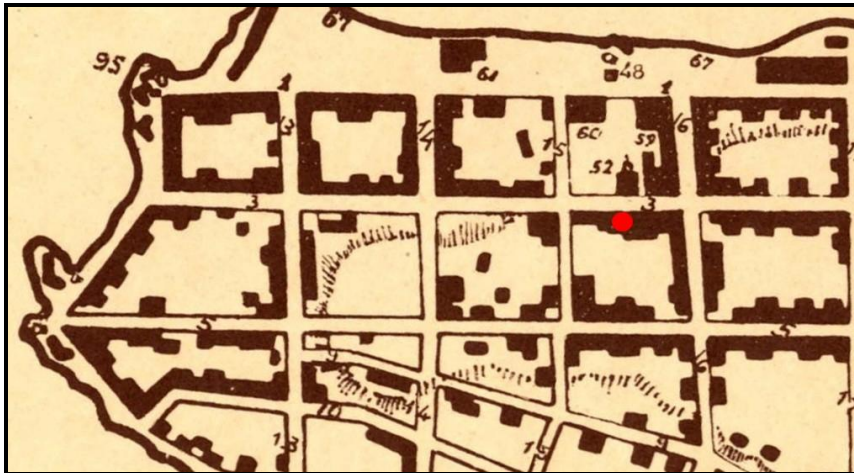


Imagem 8 – Detalhe da Planta de Porto Alegre de L. P. Dias, 1839, com a localização do sítio arqueológico Casa da Riachuelo. Fonte: TOCCHETTO, 2006.

Quanto à escavação, em março de 1999, foi efetuado um poço-teste que evidenciou uma lixeira doméstica com grande material arqueológico relacionado ao século XIX³⁷. Em vista da futura destruição do sítio, onde no local iria ser construído um edifício, entre agosto e outubro do mesmo ano foi iniciada a escavação do pátio da antiga casa (em ruínas) buscando “uma amostra significativa da lixeira e demais testemunhos que ali poderiam existir”.

³⁶ *Apud* 1o Cartório, Juízo de Orphãos, No 2588, M-130, E-02, 1911 (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul). Para maiores informações a respeito da ocupação deste sítio, ver TOCCHETTO, 2006:29-58.

³⁷ Coordenadas por TOCCHETTO e realizadas por ela pelo estagiário do Museu JJF Diogo Menezes Costa e por estudantes da PUCRS e UFRGS, através dos Termos de Cooperação Técnica firmados com a PMPA/SMC (TOCCHETTO, 2004:38).

A metodologia da escavação foi definida a partir da delimitação da área de escavação no antigo pátio, situado no segundo terraço. “Foi implantada uma malha com doze quadrículas de 1m² no local do depósito de lixo identificado - compreendendo o poço-teste -, e outra, na forma de uma trincheira (T1), com quatro quadrículas de 1m por 0,50m, localizada na área de acesso da casa ao pátio, através de uma escada (entre um corredor com piso de concreto e vestígios de uma construção a oeste do terreno)” (TOCCHETTO, 2004:37-38).

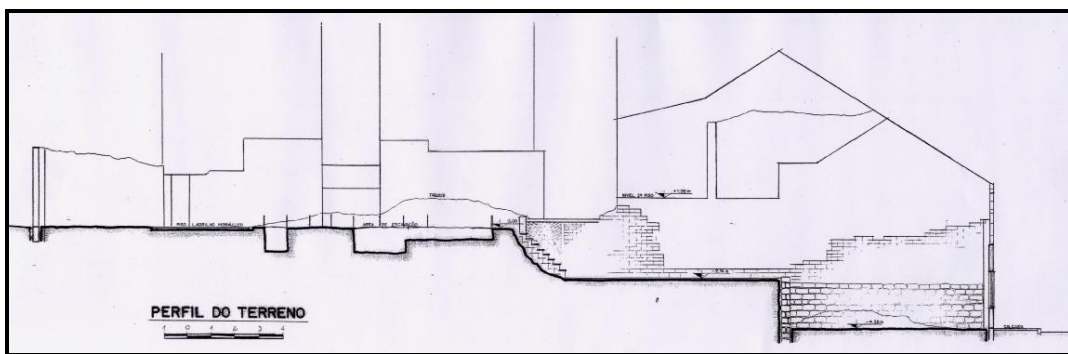


Imagem 9 - Perfil do Sítio Casa da Riachuelo, com parte da área de escavação.

Desenho: EPAHC/SMC (TOCCHETTO, 2006:32).

O material escavado neste sítio totalizou 4.629 fragmentos ou peças. Dentre estes se encontram 2.460 fragmentos pertencentes à categoria cerâmica (excetuando a relacionada à construção, com 48 fragmentos); 1.003 fragmentos eram de fragmentos vítreos e 408 de metais. Além destes apareceram os concernentes ao material osteodonto e conchífero, com 647 fragmentos³⁸ (TOCCHETTO, 2004:42).

Do material cerâmico, Fernanda Tocchetto identificou 10 peças de louça (pasta – faiança fina) cuja categoria forma/função indicaram pertencer a práticas relacionadas com a higiene e saúde, como urinóis, bacias ou potes de creme de barbear.

³⁸ A autora indica para futuras análises que este material compõe-se por 145 fragmentos de ossos de gado; 97 de galinha; 15 de porco; 10 de veado; 7 de peixe e 3 de pato (TOCCHETTO, 2004:43).

No material vítreo, a autora percebeu a ocorrência de 17 frascos medicinais, 1 de frasco de perfumaria ou garrafa de água, 1 de frasco medicinal ou perfumaria e 5 de frasco medicinal ou de água mineral/soda (garrafa cilíndrica azul cobalto); que totalizaram 43 fragmentos. Nesta amostra aparecem outros tipos de fragmentos que poderiam ou não caracterizar algum tipo de recipiente de medicamentos³⁹, mas somente com análise posterior poderia confirmar (IDEM).

Entre a categoria metal não apareceu nenhum vestígio que pudesse indicar algum tipo de recipiente relacionado à saúde ou de cuidados com o corpo, como escarradeiras.

A primeira investida por mim em relação a este material foi tentar re-analisar este material novamente, mas em função da falta de tempo, eu acabei olhando todo o material e separando somente os fragmentos que pudessem me dar indícios de alguns objetos que se relacionavam com as questões ligadas às artes de curar e higiene.

Assim, foi levantado um total de 44 fragmentos de louça e 54 fragmentos de vidro que tinham indícios do material que eu estava procurando. Foram considerados todos os fragmentos para análise os que tinham indicação de serem fragmentos de urinóis, escarradeiras, potes de creme, bacias (que podiam ser as utilizadas em quartos) e vidros de remédio e perfume. A partir dessa amostra separada de fragmentos eu as analisei e cheguei a um total mínimo de peças e demais características relacionadas a estes tipos de utensílios.

Quanto ao período de ocupação mais intensa deste sítio, Tocchetto aponta para os anos entre 1828 e 1875, obtido através de um gráfico de barras, criado por South⁴⁰ (TOCCHETTO, 2004:51)⁴¹. Embora o gráfico confeccionado a partir dos dados levantados pela análise do material vítreo tenha inferido uma data posterior, de 1850 a 1870,

³⁹ 6 peças de recipientes com função não identificada, com 317 fragmentos; 2 peças de garrafa pequena ou frasco, com 91 fragmentos, entre outros (TOCCHETTO, 2004:48)..

⁴⁰ “As datas iniciais e terminais de produção dos artefatos cerâmicos e vítreos são indicadas por linhas horizontais e, as duas barras verticais, vão apontar o intervalo no qual pode ter ocorrido maior intensidade de ocupação do sítio. A barra da esquerda deve passar pelo, no mínimo, metade das linhas horizontais; a da direita deve ser colocada na data referente ao início da produção mais recente” (TOCCHETTO, 2004:20).

⁴¹ No entanto, ela argumenta que maiores desdobramentos interpretativos poderiam ser levantados na discussão quanto a sua posição na estratigrafia, bem como a presença e ausência de determinadas pastas e decorações do conjunto cerâmico Para maiores esclarecimentos ver seus apontamentos quanto a esta questão (TOCCHETTO, 2004:5158).

indicando para este período um maior consumo da cultura material associada a este tipo de material, existem outros dados que podem ser diagnosticados através da louça que poderiam recuar este período. Para efeito de futuras análises, considere as primeiras datas levantadas, ou seja, a de princípios do século XIX, inserindo este sítio como componente deste período mais recuado, contrastando com as datas posteriores (final do século XIX) do sítio da Santa Casa.

Mesmo que as datas médias de ocupação sejam controversas procurei ver o sítio na sua totalidade e considerar sempre todo o seu período de ocupação a partir dos vestígios levantados na documentação. Infelizmente, foi impossível ir atrás de mais informações nos documentos pesquisados para serem acrescentadas ou discutidas com as que já tinham sido levantadas antes pelos pesquisadores que já haviam trabalhado com estes sítios.

O Solar da Travessa Paraíso

O sítio RS-JA-03 localiza-se na Travessa Paraíso nº 71, no bairro Menino Deus, no declive do Morro Santa Tereza em direção ao Guaíba. Atualmente abriga o Centro de Educação Patrimonial e Ambiental da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Na área dos fundos do Solar foi situado um local de deposição de lixo doméstico relacionado ao século XIX, sofrendo intervenções arqueológicas visando o tema de pesquisa da tese de doutorado da arqueóloga Fernanda Tocchetto.

De acordo com Tocchetto, através de pesquisas efetuadas em documentação primária, foi possível constatar que a ocupação da propriedade remonta a 1809, quando a “Chácara no lugar do Christal, subúrbios dessa Vila” foi adquirida por Francisco Prestes de Paula Barreto e sua esposa do sargento-mor Manoel José Pires da Silveira. Em 1820 foi vendida novamente havia uma ‘casa de vivenda, coberta de telha’. Seus novos proprietários construíram “uma casa de sobrado coberta de telhas e mais benfeitorias”. O valor de 1:200\$000 (um conto e duzentos mil réis) – se manteve, bem como seus limites (TOCCHETTO, 2004:59-60).

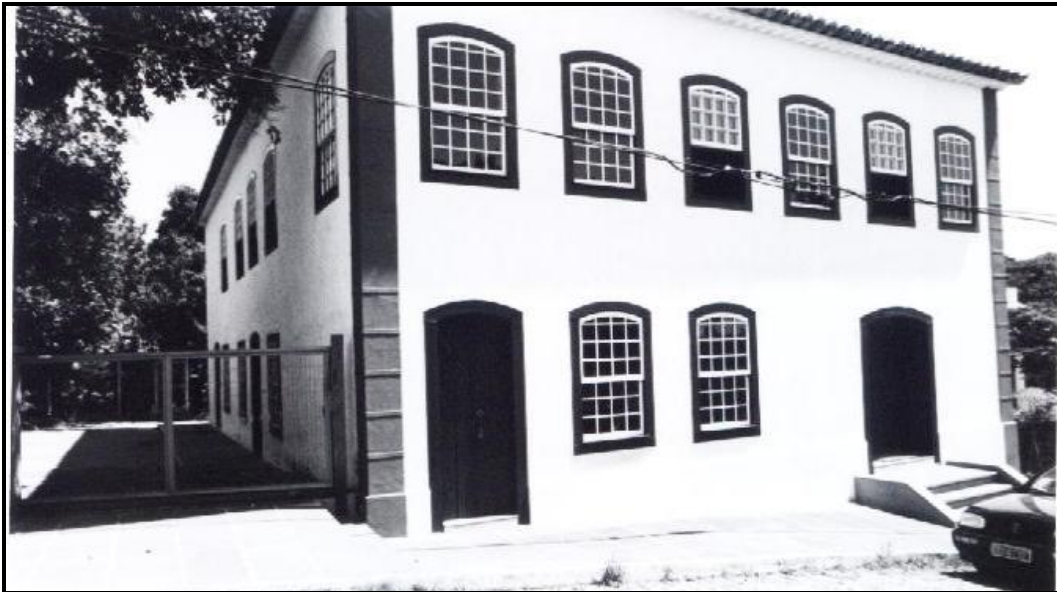


Imagem 10 – Solar da Travessa Paraíso. Fotografia: CCS/PMPA (TOCCHETTO, 2004).

Entre este período foi vendida mais uma vez, por pagamento de dívidas do general Onofre Pires da Silveira Canto (que lá residiu entre 1829 e 1844)⁴² para o médico homeopata português Dyonísio Oliveira Silveiro⁴³, em 1854. A casa nesta ocasião estava em mau estado, sugerindo um período de abandono da propriedade.

Segundo Tocchetto, o doutor Dyonísio residiu na rua Voluntários da Pátria, então Caminho Novo, conforme consta em documentação pesquisada, utilizando o Solar como área de lazer e produção (TOCCHETTO, 2004:60-61). A autora prossegue na discussão

⁴² Entre 1844 e 1854, a casa foi residência do vereador Francisco Pinto de Souza e sua esposa, tendo, neste período, sido vendida parte total da propriedade (TOCCHETTO, 2004: 60).

⁴³ Dyonísio Oliveira Silveiro, nascido em 1802 em Portugal, foi um dos primeiros médicos homeopatas no Rio Grande do Sul. Frequentou a Universidade de Coimbra durante quatro anos, não conseguiu diplomar-se em Medicina, sendo impossibilitado de trabalhar como médico em Porto Alegre, em 1833, quando apresentou seus títulos à comissão da Câmara Municipal que avaliava os diplomas de Medicina, Cirurgia e Farmácia (TOCCHETTO, 2004: 60, *apud* Franco, Sergio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992, p. 395). Posteriormente, segundo a autora, teria regulamentado sua situação, pois apareceria associado ao combate de epidemias de cólera morbo, em 1847 e entre 1855 e 1856 (TOCCHETTO, 2004: 60, *apud* GALHARDO, José Emygolio Rodrigues. "História da Homeopatia no Brasil". *Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Homeopathia*. Instituto Hahnemanniano do Brasil, Rio de Janeiro, 1928, p. 860-1).

das possibilidades de ocupação da propriedade e aventa a possibilidade da casa ter servido de moradia, por um dos filhos da viúva do doutor Dyonísio, entre 1888 e 1903 (TOCCHETTO, 2004:62). No entanto, ela adverte

Esta cronologia de proprietários do Solar da Travessa Paraíso, no entanto, é mais complexa. Ela não indica, por exemplo, exatamente que grupos domiciliares (dentro do grupo familiar) ocupavam a propriedade em períodos determinados de tempo, facilitando a sua relação com o material arqueológico recuperado nas escavações (TOCCHETTO, 2004:63).

Com a utilização do gráfico de South, Tocchetto chegou a um período de maior intensidade de ocupação entre 1840 e 1899, levantado através dos atributos associados ao material cerâmico e vítreo. Ela argumenta que neste período de tempo pelo menos três famílias poderiam ter utilizado esta propriedade: a de Onofre P. da S. Canto, até 1844; a de Dyonísio O. Silveiro, entre 1854 até 1871 (ano de sua morte); e uma terceira família, a de seu filho Affonso O. Silveiro, entre 1886 e 1903 (TOCCHETTO, 2004:63)⁴⁴. Quanto ao trabalho de campo arqueológico, foram efetuadas entre novembro de 2001 e janeiro de 2002 o levantamento do potencial arqueológico, a identificação e as escavações em local onde tivesse maior probabilidade de encontrar material oitocentista⁴⁵. Segundo Tocchetto, este trabalho visava auxiliar na implementação de um projeto de aproveitamento do pátio do Solar, com finalidade de educação ambiental e patrimonial, identificando os vestígios arqueológicos e liberando a área para projetos paisagísticos (TOCCHETTO, 2004:73-74).

⁴⁴ TOCCHETTO continua suas argumentações em relação às prováveis ocupações da casa, tanto como área de lazer e produção (caso das duas primeiras famílias – confirmadas com aquisição de residências na área central da cidade), quanto de residência (caso da terceira família). Para maiores detalhes sobre a ocupação, ver TOCCHETTO, 2004:63-72).

⁴⁵ Coordenadas por TOCCHETTO e realizadas por ela e pelo bolsista de iniciação científica da FAPERGS Paulo Alexandre da Graça Santos, pelo colaborador Diogo Menezes Costa e pelo afinando do Museu Joaquim José Felizardo, Rodrigo Bragio Bonaldo (TOCCHETTO, 2004:73)..



Imagem 11 - Planta da área de intervenção arqueológica, campanha 2001, Sítio Solar da Travessa Paraíso. Edição: Paulo Alexandre da Graça Santos (TOCCHETTO, 2004:73).

Outras intervenções arqueológicas já haviam sido efetuadas entre 1994 e 1998, devido às obras de restauração do prédio pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre e um projeto de investigação científica (IDEM).

Após definida a área a ser escavada, foi demarcada uma malha de 49 quadro de 4m por 4 m (16 m²), totalizando uma área de 740 m², onde seriam efetuadas coletas de superfície sistemática, sondagens em quadrículas de 50 cm por 50 cm e tradagens (IDEM:76).

Quanto ao material arqueológico, que foi evidenciado através das prospecções e escavações na área, atingiu um total de 8.392 fragmentos ou peças. Destes 2.636 pertencem à categoria cerâmica (excetuando a construtiva, com 109 fragmentos), 2.739 à

categoria vítrea e 1.113 de metálica. O material ósseo e conchífero apresentou um total de 1.683 fragmentos ou peças, que não foram analisados (IDEM:86).

No material cerâmico (pasta faiança fina), Tocchetto identificou 8 peças, sendo de urinóis e de bacias (IDEM:91). Além destas, foi evidenciada uma escarradeira de pasta ironstone (IDEM:90). Já nos fragmentos de vidro, foram diagnosticadas 11 frascos medicinais, compondo 20 fragmentos; 9 peças de frascos medicinal ou perfumaria, com 37 fragmentos; e 1 peça de frasco de perfumaria, com 2 fragmentos, totalizando 21 peças e 59 fragmentos (IDEM:93). No material metálico houve a incidência de uma colher de remédio (IDEM:94).

Em relação ao período de maior intensidade da ocupação, Tocchetto utilizando o gráfico de barras de South aponta, através da análise dos atributos relacionados à louça, um período de 1840 a 1899, sendo que entre 1844 e 1854 a chácara pode ter ficado sem uso (IDEM:95).

No material vítreo, a análise da mais intensa ocupação gira em torno do período de 1860 a 1899 (IDEM:99). Tendo em vista estes dados, considerarei este sítio como representante da segunda metade do século XIX, diferenciando-o do Sítio Casa da Riachuelo, ambos residências.

Da mesma forma como havia procedido com a outra casa, o sítio Casa Riachuelo, também separei todo o material já analisado anteriormente, por Tocchetto e Santos, com a finalidade de levantar o maior número de utensílios relacionados com o tema da minha pesquisa. Minha esperança em relação a este sítio era grande, já que se tratava de uma casa de um homeopata. Foram selecionados 68 fragmentos de vidro e 72 de louça.

Para complementar esta análise faz-se necessário analisar para a cidade de Porto Alegre, ainda mais dois sítios arqueológicos que não seja nem de residência nem hospitalar. Para isso considere relevante incluir nesta análise o Sítio Mercado Público e o Sítio Paço Municipal, que se constitui um exemplo de lixeira coletiva, que poderia ou não apresentar realidades diferenciadas quanto à cultura material relacionada aos cuidados com a saúde, higiene e cuidados com o corpo.

Sítio Mercado Público Central

O sítio arqueológico histórico RS-JA-05 encontra-se atualmente localizado no largo Glênio Peres, na área central de Porto Alegre. Esta edificação, tombada em 1979, sofreu intervenções arqueológicas quando houve sua reforma e reestruturação em 1994 (SANTOS, 2005:44).⁴⁶

Sua construção ocorreu concomitantemente com outras dentro de um processo de expansão urbana em meados do século XIX. Os trabalhos para sua construção começaram em 1864, na então Praia do Paraíso, após o término do aterro, iniciado em 1845 (IDEM). A obra foi inaugurada em 1870, mesma data da demolição do antigo mercado da cidade (cujas construções se deu 1842 e 1844) (IDEM: 44-45).

A pesquisa arqueológica na área empreendida atingiu no total 4.705 m², sendo que as sondagens mais profundas atingiram 3,30 m de profundidade (IDEM).

Quanto ao material arqueológico resgatado, verificou-se tratar-se de refugo relacionados às práticas de descarte de lixo nas margens do Guaíba e Praia do Paraíso, sendo poucas peças relacionadas ao aterro realizado no novo mercado, em 1871 (IDEM:45).

Os vestígios recuperados durante todas as fases da implementação da obra de restauro e reestruturação do Mercado Público totalizaram 9.681 peças ou fragmentos (SANTOS, 2005:46 e TOCCHETTO, 2001:16). Dentre o material relacionado à categoria cerâmica, houve uma grande quantidade de faiança fina, com 2.186 fragmentos; a faiança, com 19; a porcelana com 4; a louça de Macau, com 11; e a de ironstone, com 56 (IDEM).

Além do material cerâmico encontram-se na amostra resgatada do Mercado Público outros tipos de materiais, como vidro, metal, osso, couro, material construtivo, etc.

⁴⁶ Durante as primeiras fases da obra de restauração e reestruturação do Mercado Público, as escavações arqueológicas ocorreram sob coordenação da arqueóloga Fernanda B. Tocchetto, em 1994. Outras etapas da obra que envolveram também pesquisa arqueológica, entre abril e julho de 1996, foram coordenados pela arqueóloga Beatriz S. Landa (SANTOS, 2005:44).

Dentre o material vítreo a maior parte se relaciona às garrafas de bebidas alcoólicas, tendo no total deste tipo de material, 512 peças (SANTOS, 2005:46)⁴⁷.

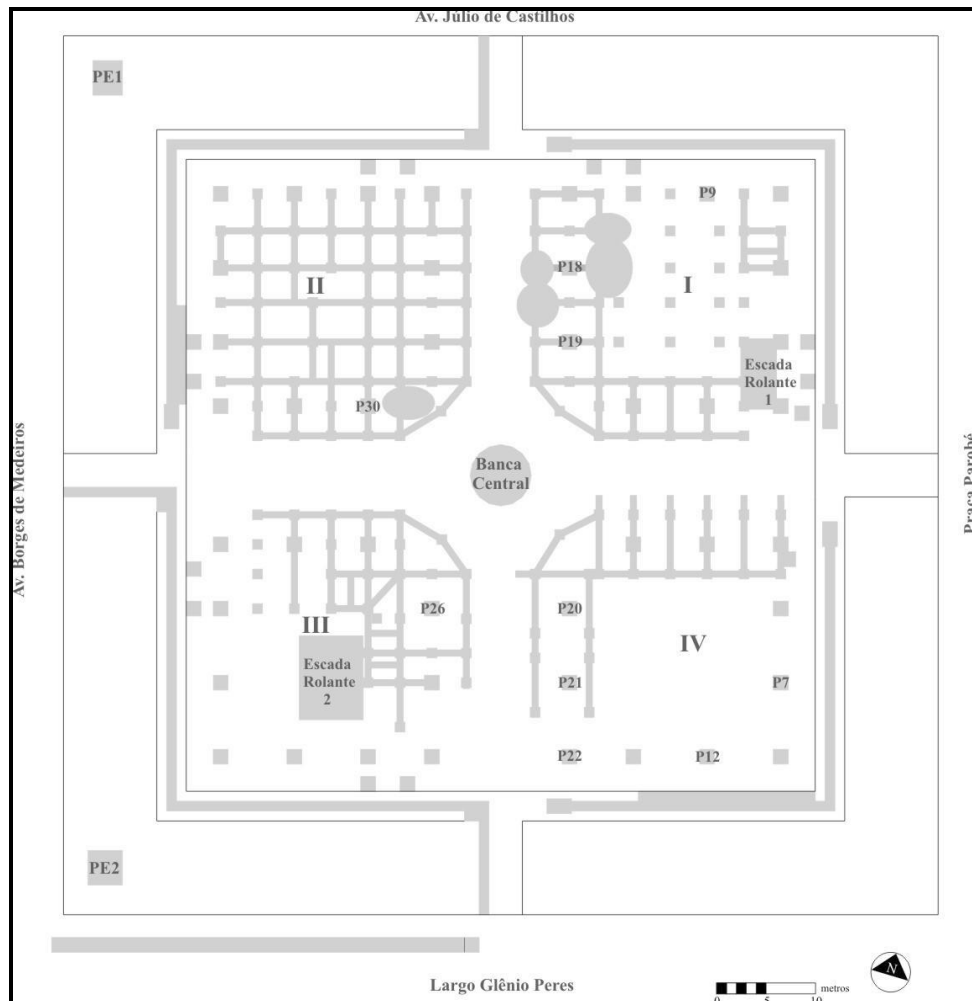


Imagem 12 – Mercado Público Municipal, croqui das áreas escavadas em cinza. (Oliveira, 2005:102)

Quanto ao período estimado para este sítio, Tocchetto considera, de forma geral, datas até meados do século XIX, a partir da análise empreendida na louça recuperada, confirmando assim a hipótese deste refugio ter sido descartado antes ou durante o aterramento da área (TOCCHETTO, 2001:16). Apareceram também materiais relacionados à década de 40 do século XX, na camada formada neste período, quando houve a elevação do piso no pátio interno do prédio (IDEM).

⁴⁷ Como este sítio não está compreendido na pesquisa realizada por TOCCHETTO, cujas análises dos sítios anteriores foi consultada, ainda não é possível estimar a quantidade total de vidros encontradas neste sítio. Existe a probabilidade de um número considerável de vestígios vítreos relacionados aos cuidados com o corpo, a saúde e a higiene estarem presentes na amostra resgatada do Sítio Mercado Público, já que só nas fases coordenadas por Landa, computaram 831 fragmentos (Landa, 1996:93).

Este sítio é muito importante para essa pesquisa por ser um dos lugares onde era permitido o descarte de lixo. O próprio processo de formação do sítio como área de lixeira é relevante se considerarmos o contexto histórico da então cidade de Porto Alegre, no século XIX, onde a questão do lixo sempre motivou controvérsias e grandes discussões. Sendo um lugar de ampla circulação, o refugio encontrado neste tipo de sítio pode envolver outros tipos de práticas.

O processo de análise do material relacionado a este sítio foi quase o mesmo processo feito nos outros sítios de lixeiras domésticas: verificação do material, separação de fragmentos que fossem de utensílios ligados à medicina e higiene e, por fim, a análise final. O total de fragmentos dessa amostra foram 204 de louça e 86 fragmentos de vidro.

Além desta análise, eu procurei analisar também a formação desse depósito arqueológico, destacando os lugares onde apareceram estes materiais e tentando observar pelas plantas a disponibilidade de espaços que eram destinados ao lixo e quanto à cidade crescia na área onde se localizava esse sítio. Do mesmo modo como foi feito com o Sítio Santa Casa, eu analisei todas as plantas de Porto Alegre onde tinham referências ao local do Mercado Público Municipal, tanto o atual e sítio arqueológico, quanto o antigo que ficava bem contíguo a este. Essas análises estão presentes no capítulo 1.

Sítio Paço Municipal

Também localizado na área central de Porto Alegre, entre as atuais ruas Sete de Setembro e Siqueira Campos e entre a Avenida Borges de Medeiros e rua Uruguai. O local onde atualmente se encontra o antigo prédio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e, em virtude de um projeto de restauração desta construção, foi feito um acompanhamento de obras entre os meses de setembro de 2001 e julho de 2002. Essas intervenções foram feitas nas áreas do subsolo e ao redor do prédio (SANTOS, 2005).

Como este projeto não previa a ação de arqueólogos no local, o trabalho arqueológico foi bastante dificultado, resultando de mais um acompanhamento de obras do que escavações propriamente ditas. O mesmo ocorreu durante os processos realizados nos sítios Mercado Público Municipal e Praça Rui Barbosa (IDEM).

Conforme afirma o arqueólogo Paulo Santos, a metodologia utilizada neste sítio foi a coleta sistemática de todos os materiais que pudessem ser recuperados, bem como a documentação de todos os vestígios estratigráficos que fossem possíveis. O registro do material coletado seguiu um nível sincrônico e diacrônico (IDEM).

Esse local já havia sofrido outras ações intervencionistas, por exemplo, quando foi construído o antigo prédio e sede da Intendência Municipal de Porto Alegre, entre os anos de 1898 e 1901. Anterior a isso, o primeiro aterro deste local já havia sido feito por volta de 1850 em função da construção de um cais com duas docas ao lado, num projeto de 1847. A antiga Doca das Frutas, no local onde atualmente se encontra a Praça Parobé, foi finalizada em 1852. Em 1864, foi feita a segunda doca e iniciada a construção do novo prédio do Mercado Público, conformando assim uma área com múltiplas possibilidades de estudos arqueológicos (IDEM).

As informações, obtidas por intermédio das pesquisas arqueológicas e históricas, apontam para a formação de um sítio multicomponencial, que contém três ocupações diferenciadas no mesmo espaço. A primeira ocupação corresponde à utilização das margens do Guaíba para descarte do lixo urbano por parte da população. A segunda diz respeito à construção da doca em meados da década de 1860, e a última relacionada à edificação do Paço Municipal (IDEM: 58).

Conforme o relatório de campo foi numa área de 1.355,48 m², compreendendo as áreas do porão (drenagem do piso, escavação de canais de drenagem, colocação de caixa coletora de água e instalação do elevador e caixa d'água) e entorno do prédio (construção de canaletas para drenagem). A profundidade média atingida nas intervenções era de 55 cm, a partir do nível de terra já rebaixado, e com largura de 85 cm. A estratigrafia evidenciou 4 camadas: 1) piso e contra-piso, entre 8 e 16 cm de espessura;

2) solo marrom e arenoso (de aterro) com incidência de saibro e material arqueológico; 3) solo marrom escuro (também de aterro) com material arqueológico; e 4) solo preto acinzentado com material arqueológico correspondente ao antigo nível da praia (nas salas onde foi implantada uma caixa d'água, construção de caixas coletoras e no buraco para instalação do elevador). A partir destes dados, a inferência direta foi de que houveram duas camadas de ocupação em diferentes momentos: uma que poderia ser da construção da antiga doca, a partir da evidência tijolos dispostos horizontalmente (Relatório de campo do Paço Municipal – MJJF/SMC).

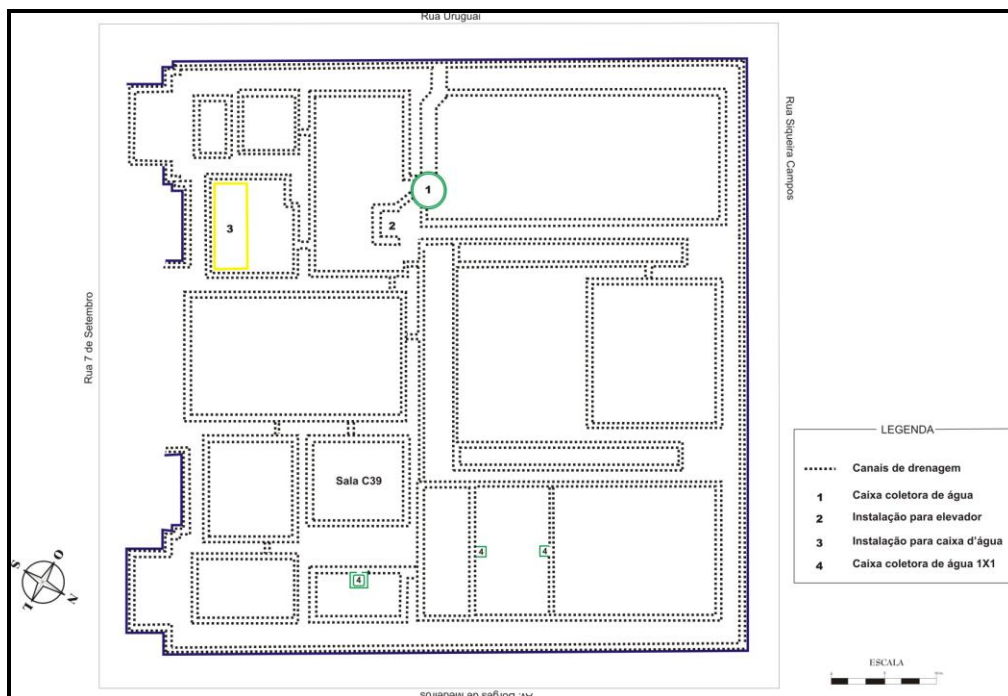


Imagem 13 – Planta baixa da Cadeia – mostrando locais das intervenções - Relatório de campo do Paço Municipal – MJJF/SMC, 2002).

O total de fragmentos coletados foi de 3.885 fragmentos ou objetos, sendo que a maioria foi de material relacionada a classe cerâmica (faiança, faiança fina, *ironstone*, grês, cerâmica e porcelana), com 2.782 peças e para o material vítreo, o montante foi de 850. O período de descarte, segundo Paulo Santos, é de 1840 a 1890, para o material vítreo. Já o material de louça, não havia sido contemplado em pesquisa anterior, mas

sabe-se que o local passou por aterros para a construção das docas e posteriormente, deve ter sofrido mais algumas modificações. Segundo Santos, a data média do material se concentra na segunda metade do século XIX, para a categoria vidro. E embora estivessem em área bastante próxima ao sítio arqueológico RS-JA-05, havia um período de 10 anos separando o início das construções feitas posteriormente (SANTOS, 2005).

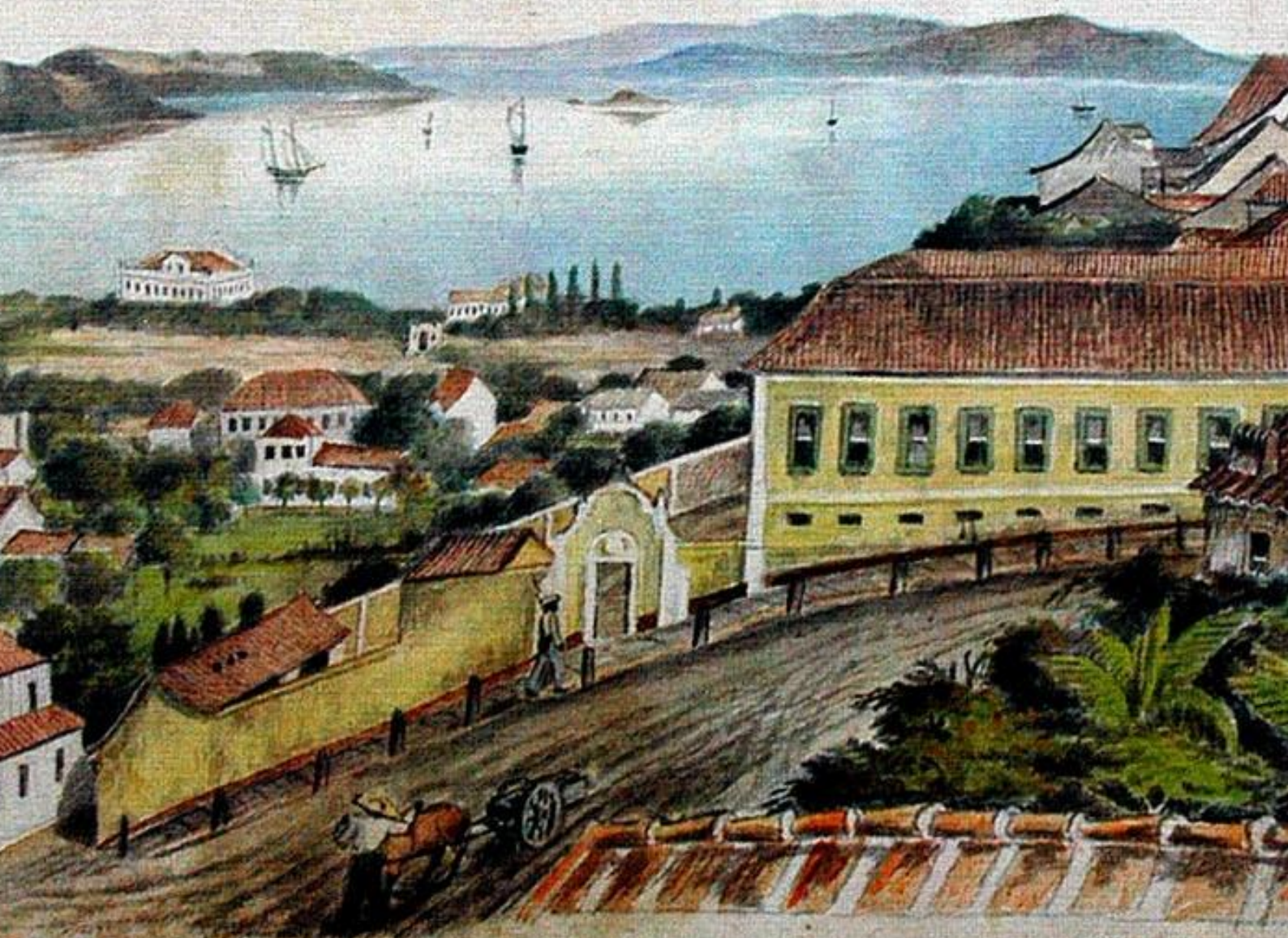
O material arqueológico selecionado para análise dessa pesquisa foi de 225 fragmentos de louça e 60 fragmentos de vidro. Havia uma quantidade bastante grande de fragmentos de vidro.

A intenção até aqui foi apresentar a dinâmica que sofreu esse processo de pesquisa e como foram sendo escolhidos e analisados os sítios conforme as características que apresentaram. Assim, acho providente, apresentar a forma como foram elaborados os capítulos dessa tese.

Capítulo 2

Entre tantas outras histórias...

Contexto histórico do Rio Grande do Sul e Porto Alegre e as transformações da medicina e práticas de cura e cuidados com o corpo.



Capítulo 2

A partir dessa época foram contados os Anos do Sol. Mais rápidos e breves são eles do que os longos Anos das Árvores em Valinor. Foi nesse período que o ar da Terra-média se tornou pesado com o hálito do crescimento e da mortalidade; e a transformação e o envelhecimento de todas as coisas foram muito acelerados. A vida pululava no solo e nas águas na Segunda Primavera de Arda, e os eldar aumentaram em número. E, sob o novo Sol, Beleriand se tornara verde e bela.

J. R. R. Tolkien, *O Silmarillion (The Silmarillion)*.

Embora as doenças e as mais diversas artes de curar já fizessem parte do cotidiano da cidade de Porto Alegre, alguns historiadores apontam como marco inicial as primeiras iniciativas de construção da Santa Casa de Misericórdia. Sergio da Costa Franco, no livro comemorativo dos 200 anos dessa instituição, afirma que antes da construção da Santa Casa, a medicina somente existia devido à ocorrência dos hospitais militares.

A medicina, primitiva e precária como era em todo o mundo português do século XVIII, entrou no Rio Grande do Sul com as organizações militares. O cirurgião, necessário para reduzir fraturas, praticar amputações de membros e fazer curativos em ferimentos de combatentes, era figura obrigatória em todas as unidades dos exércitos ou das marinhas. E sendo o Rio Grande do Sul, por longos anos, mera comandância militar, onde a atividade bélica ocupava o primeiro plano de todas as funções estatais, é intuitiva a conclusão de que a medicina militar teve absoluta primazia em relação às funções civis da arte médica (FRANCO, 2003, p. 12)⁴⁸.

⁴⁸ Ele aponta para a existência em 1779, segundo a “Relação de despesas da Fazenda Real do Continente de São Pedro”, de 3 hospitais militares, nas cidades de Rio Grande, Rio Pardo e Porto Alegre. Contavam cada hospital com um cirurgião e, somente em Porto Alegre atuava também um ajudante de cirurgia. Franco destaca também a simplicidade dos hospitais militares, ressaltada pela existência de tão poucos servidores: além do cirurgião e do ajudante, ainda contavam com um enfermeiro, um comprador e dois serventes (caso do Hospital Militar de Porto Alegre) (FRANCO, 2003).

Ainda que não desconsidere as ações de outros agentes, que ele denomina como os “precursores locais”, Franco atribui a esses “curadores” a iniciativa da atividade caritativa de socorro aos doentes e desvalidos e não os designa como partícipes de uma medicina incipiente. Dos primeiros precursores a que se refere, José Antonio da Silva e Angela Reiuna são mencionados nas crônicas de Antonio A. P. Coruja⁴⁹ como um vendedor de nabos e sua vizinha, que tinham um “arremedo ou frege de casa de saúde”, num trecho da atual Rua Gen. Bento Martins (CORUJA, 1983).

José Antonio era bastante conhecido e, além de receber doentes necessitados, pedia esmolas, vestido com balandrau ou capa preta, para os presos da Cadeia, aos quais oferecia uma sopa aos domingos⁵⁰. Quando ele faleceu, Angela Reiuna é quem assume as atividades e passa abrigar os enfermos em sua própria casa, principalmente marinheiros (FRANCO, 2003).

A partir de 1795, foi a vez de Antonio José da Silva Flores, açoriano da Ilha das Flores, juntamente com Luiz Antonio da Silva (que, segundo Sergio da Costa Franco, poderia ser um Procurador da Câmara, empossado naquele mesmo ano, que tinha o mesmo nome), se juntarem e assumirem uma enfermaria improvisada, mantida com esmolas oriundas da população de Porto Alegre. E que, conforme relata um cronista da

⁴⁹ Antonio Alvares Pereira Coruja nasceu em Porto Alegre em 1806 e faleceu no Rio de Janeiro em 1889. Permaneceu em Porto Alegre até 1837 e foi professor de primeiras letras aos 21 anos, e com o qual ficou reconhecido. Ingressou na vida política e foi candidato a deputado, ficando como suplente. Foi chamado para assumir em 1835, mesmo ano que eclode a “Revolução Farroupilha”, aliando-se aos farroupilhas. Quando a cidade é reconquistada pelos imperialistas, ficou preso de junho a novembro de 1836. Muda-se para o Rio de Janeiro no ano seguinte voltou a atuar como professor. Sendo também autor de livros didáticos, pesquisador de história e organizador de associações civis. Fez parte do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro a partir de 1839. Mesmo distante de Porto Alegre, procurou manter-se mais perto através das pesquisas históricas, divulgadas na Revista do IHGB, entre outras, e publicando suas memórias, como por exemplo, o livro *Antigualhas. Reminiscências de Porto Alegre*. O livro é composto por diversas séries, tendo começado a serem publicadas no final do século XIX no jornal *Gazeta de Porto Alegre*, primeiramente, e posteriormente em uma edição de 34 páginas da Tipografia do Jornal do Comércio. As outras séries divulgadas pelo Anuário do Rio Grande do Sul ocorreram nos anos 1886, 1887, 1888, 1889 e 1890 (CORUJA, 1983).

⁵⁰ Conforme aponta Isidro Heredia e Tasso Vieira de Faria, que isso acontecia enquanto governava a Capitania do Rio Grande de São Pedro, o Brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral Câmara, no período entre 1780 a 1801. Esse texto faz parte de um compêndio de vários textos que pretendiam fazer uma síntese da história da medicina no Rio Grande do Sul, *Panteão Médico Riograndense*. Síntese Cultural e histórica, publicado em 1943. O Dr. Isidro Heredia e Dr. Tasso Vieira de Faria eram médicos e trabalhavam na Santa Casa de Misericórdia na época da publicação do Panteão Médico Riograndense. O primeiro era Diretor Geral do Serviço Sanitário de Porto Alegre e Mordomo da Farmácia da Santa Casa de Misericórdia e o segundo era Assistente de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e também Cirurgião na Santa Casa (HEREDIA & FARIA, 1943).

época, teriam atingido um total de 293 pessoas que tinham contribuído para o bom empreendimento de tal obra de assistência⁵¹ (IDEM).



Imagem 14 – Mapa de Porto Alegre do final século XVIII – Desenho Professor Tupi Caldas, a partir de mapa do Capitão Alexandre José Montanha, de 1772. Fonte: MACEDO, 1999, p. 65.

Alguns anos antes disso, em 1788, chegaria a Porto Alegre o ermitão Joaquim Francisco do Livramento, natural da então Ilha do Desterro (1761-1829), que pôde presenciar os esforços de Angela Reiuna no tratamento dos enfermos que socorria em sua casa. Após regressar de Santa Catarina, em 1802, já encontra a enfermaria de Flores e Silva funcionando e decide se associar a eles (IDEM).

⁵¹ Sergio da Costa Franco aponta que Antonio José da Silva Flores era proprietário de casas na Rua da Praia e que foi em frente ao local, que depois ficou conhecido como Largo da Forca, onde erigiu sua enfermaria. A partir de 1803, quando houve as solicitações para a construção da Santa Casa de Misericórdia, Antonio José da Silva Flores figuraria entre os primeiros Irmãos da instituição (FRANCO, 2003).



Imagem 15 – Imagem do Irmão Joaquim Francisco do Livramento – Praça Central do Pavilhão Centenário da Santa Casa de Misericórdia.

Fonte:http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Casa_de_Miseric%C3%B3rdia_de_Porto_Alegre

Tendo já fundado o Hospital de Caridade de sua terra natal, juntamente com a Câmara, decide empreender numa jornada rumo a Corte para conseguir autorização para fundar um hospital desse gênero em Porto Alegre. Com uma representação dos membros da Câmara parte para Lisboa e em 14 de maio de 1803, o Príncipe Regente Dom João permite a criação do hospital, devendo a instituição ser sustentada por esmolas do povo. Cabia ao então Governador, Paulo José da Silva Gama, incentivar a arrecadação das verbas para a futura obra, bem como proteger e favorecer a instituição (IDEM)⁵².

⁵² A primeira Mesa Administrativa era composta pelo Capitão José Francisco da Silveira Casado, como Tesoureiro, Joaquim Francisco Alvares, como Escrivão e Luiz Antonio da Silva, como Procurador.

Conforme consta no Relatório da Provedoria de 1859, nos apontamentos escritos sobre a história da fundação da SCMPA, o Irmão Manoel José de Freitas Travassos, o então Provedor, afirma que, embora não tivesse informação de ter existido uma pedra fundamental, as obras começaram no final de 1803, “do angulo direito do fundo para a esquerda e para a frente” (RPISCOMPA, 1879)⁵³.

Apesar de ter havido um pequeno atraso nas obras devido a problemas com o traçado da planta, em 1815, a parte concluída ou semi concluída, conforme descreve Franco, já estaria servindo como enfermaria militar. Eram duas enfermarias no primeiro pavimento, juntamente com duas pequenas casas e suas lojas (IDEM)⁵⁴.

Mesmo que a principal finalidade do hospital fosse amparar e acolher os desvalidos e enfermos, os doentes militares haviam sido transferidos pelo próprio Marquês do Alegrete, então Provedor da Santa Casa e Governador da Capitania (IDEM).

Esse acontecimento acabou gerando um pequeno incidente, que ajudou a redefinir como seria ocupado o espaço do hospital. O então Provedor havia transferido os doentes militares com a promessa de que pagaria o mesmo aluguel que seria pago a casas particulares e a Mesa se opôs. “Vendo-se este contrariado, e julgando-se offendido em sua autoridade, procurou vingar-se da opposição que a Mesa lhe fizera. A quem governa nunca faltão recursos para exercer qualquer acto de vingança” (RPISCOMPA, 1879).

A transferência dos doentes militares para o prédio da Santa Casa foi justificada devido aos consertos que deviam ser feitos na Prisão Militar. O resultado disso foi que a população, vendo que o hospital contrariava aos preceitos pelos quais havia sido criado, de servir de asilo aos pobres enfermos, parou de contribuir com suas esmolas (IDEM).

⁵³ *Apontamentos para a História da Fundação do Hospital da Santa Casa de Misericórdia da Cidade de Porto Alegre colligidos e offerecidos á Mesa da mesma Santa Casa pelo Irmão Manoel José de Freitas Travassos em 1859.* Esses apontamentos estão inseridos dentro do RPISCOMPA de 1879.

⁵⁴ Em 1814, é eleita e primeira Mesa Administrativa completa. Em 1815 era composta pelo Marquês do Alegrete, como Provedor; Tenente General Joaquim Xavier Casado, como Vice-Provedor; Brigadeiro Miguel Lino de Moraes, Escrivão Secretario; Capitão Mor de Ordenanças da Capital, José Francisco da Silveira Casado, como Thesoureiro; João Coelho Neves, como Procurador; entre outros.

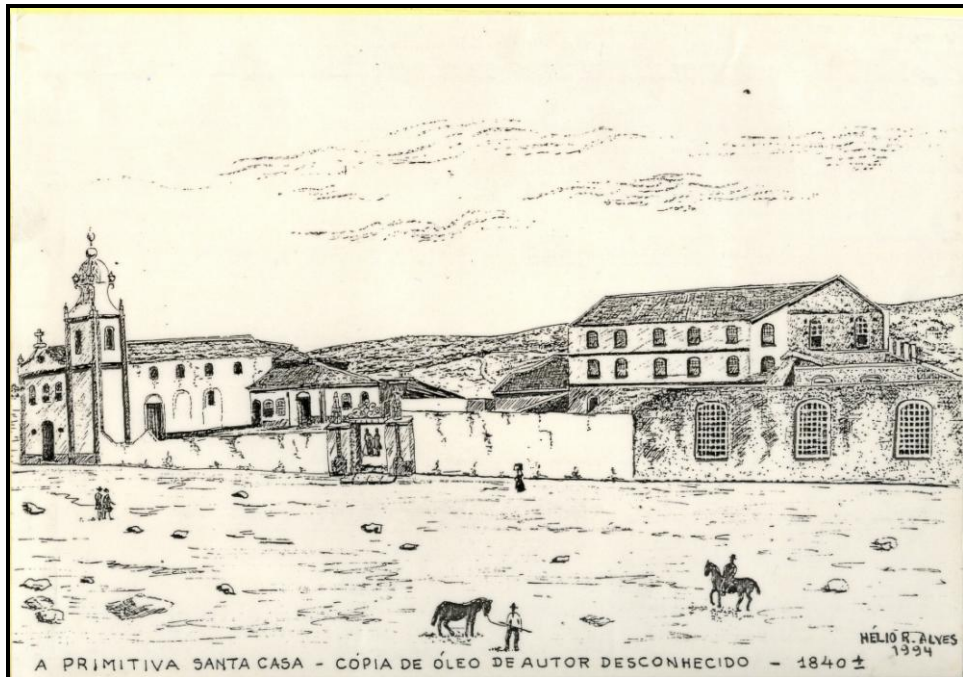


Imagem 16 – Reprodução do prédio da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, início do século XIX.

Fonte: Acervo do Centro Histórico-Cultural Santa Casa.

Os problemas gerados entre a Mesa Administrativa e os militares ainda durariam quase um século até a completa remoção do Hospital Militar das instalações da Santa Casa. Esse tipo de acontecimento reforça uma questão histórica – a importância dos militares no contexto riograndense. A Mesa Administrativa iria diversas vezes reclamar que os custos gerados pelo Hospital Militar onerava demais os cofres da instituição, mas mesmo assim o Governo da Capitania insistia na manutenção do Hospital Militar dentro do prédio da Santa Casa. E sendo o hospital ainda pequeno e único na cidade, a situação só tenderia a piorar, com a superlotação do hospital, falta de verbas para continuar as obras e conseguir pagar as despesas, bem como o acúmulo de encargos assistenciais, que aumentariam conforme a cidade fosse crescendo (IDEM).

Porto Alegre, nas primeiras duas décadas do século XIX, era a capital do Rio Grande do Sul e uma vila que contava com 3 ruas principais (Rua da Praia, Rua da Ponte e Rua Formosa) e algumas transversais (Rua da Bragança, Rua do Ouvidor ou da Ladeira, Rua Clara e Rua das Virtudes ou dos Pecados Mortais). Embora ainda fosse bastante circunscrito o território ocupado pela vila, já contava com 6.111 almas, conforme

censo de 1814. Além disso, já possuía um comércio bastante importante, fornecendo produtos para abastecimento do mercado interno brasileiro (FRANCO, 2000; OLIVEIRA, 2005).

É possível perceber, a partir da leitura de trabalhos de historiadores e arqueólogos que se debruçaram sobre a formação do espaço urbano de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, bem como de relatos de cronistas e viajantes de época, que as práticas, das mais diversas, presentes no cotidiano da população da então Capitania de São Pedro, no século XIX, está totalmente vinculada à própria história e a forma como se constituiu e se desenvolveu nas esferas social, política e econômica esta região (FRANCO, 1983; WEBER, 1992; SYMANSKI, 1998; RIOPARDENSE, 1999; THIESEN, 1999; FRANCO, 2000; CORAZZA, 2003; OLIVEIRA, 2005; OSÓRIO, 2007).

E a cultura material, apresentada nesta tese sofre a total influência da constituição do contexto histórico, tanto no que toca a questão da própria produção ou aquisição destes objetos e construção de seus prédios, quanto na forma como foram aparecendo e as transformações que sofreram.

Dito isso, creio que seja necessário fazer alguns apontamentos quanto à história da formação do atual estado do Rio Grande do Sul, passando em seguida para a que ocorreu na cidade de Porto Alegre, para que possa ser introduzida a própria história das práticas relacionadas às artes de curar nesse território a partir das análises da cultura material.

2.1. Disputas e contexto histórico no Rio Grande de São Pedro

Virada do século XVIII para XIX, depois de um período relativamente pacífico entre as coroas portuguesa e espanhola, o território do então Rio Grande do Sul se vê as voltas, novamente, em meio a conflitos. Em 1801, conforme Guilhermino Cesar, a coroa espanhola com o intuito de povoar a Banda Oriental, envia o Comissário Felix Azara, que

funda o povoado de São Gabriel, no local denominado cerro do Batovi⁵⁵. Para esse local foram enviadas famílias de espanhóis, que inicialmente estavam destinadas a povoarem regiões da Patagônia. Essa ocupação não durou três meses quando “foram, entretanto dispersados pelos nossos, durante as correrias de que resultou a queda das Missões Orientais em poder dos rio-grandenses” e que coincidiu com a anexação dos Sete Povos pelos portugueses (CESAR, 2002:210).

De acordo com o autor, esse conflito derivou-se de outro acontecimento: o rei espanhol Carlos IV, aliado com a França, começa a hostilizar Portugal em virtude do não rompimento de suas relações com a Inglaterra (inimiga da França). Foram enviados os exércitos franco-espanhóis para invadirem a região do Alentejo. Esse conflito, embora tenha durado pouco tempo, serviu de estopim para que o então Governador do Rio Grande do Sul, Veiga Cabral, que faleceria logo em seguida a essa investida⁵⁶, enviasse milicianos, desertores anistiados e soldados licenciados para guarnecerem a Vila de Rio Grande e a fronteira de Rio Pardo (CESAR, 2002).

Ele havia organizado duas frentes como forma de ofensiva. A que partiria de Rio Grande, tendo como líderes o Tenente-Coronel Jerônimo Xavier de Azambuja e o Coronel Manuel Marques de Sousa, que ansiavam por uma revanche depois da invasão liderada por D. Pedro de Cevallos, obtendo vitória depois da ação sobre o Forte de Cerro Largo. A outra frente estaria a cargo dos Dragões, comandados por Patrício José Correa da Câmara, ocupando uma região antes dominada por tribos guaranis. O comandante José Ignacio de La Quintana, depois de ser informado da queda de Cerro Largo, acabou abandonando a batalha (IDEM).

Esse evento militar de 1801 era mais um de uma série de outros que marcaram a história do Rio Grande do Sul e que estava circunscrito ao processo de ocupação do território da região do Rio da Prata pelas coroas portuguesa e espanhola.

A historiadora Heloisa Jochms Reichel chama a atenção para essa série de eventos que vinham acontecendo desde o século XVI e que fazem parte de um processo

⁵⁵ O local onde foi fundado esse povoado, hoje pertence ao Rio Grande do Sul.

⁵⁶ Assumiria de 1801 a 1803, o Engenheiro militar e geógrafo, da Ilha da Madeira, Francisco João Roscio, que já estava no Brasil desde 1767, como capitão. Participando então das campanhas militares, como apoio logístico, que pretendiam retomar Rio Grande dos espanhóis (Noal Filho, 2004).

de longa duração que teria acontecido na região. Ela discute que essa questão vinha sendo negligenciada pela historiografia mais tradicional, que via a história do estado a partir da fundação do presídio Jesus-Maria-José, em 1737, e que, posteriormente, originaria a cidade de Rio Grande. Ela argumenta que precisam ser observados outros movimentos, que fazem parte desse longo processo de exploração, ocupação e formação do território onde se instalaria o estado rio-grandense (REICHEL, 2006).

Esse processo se amplia para as esferas não só geográfica, mas também política e humana. Assim, ela salienta, que muito antes de serem visadas pelos portugueses as terras localizadas no litoral, e que posteriormente seriam ocupadas no princípio do século XVIII, o território situado junto às fronteiras oeste e sul, do atual estado, já estavam integradas e se configuravam numa região espacial denominada Região Platina (IDEM).

Como forma de entender melhor esse espaço, se vale de conceitos da geografia crítica, dos anos 1950, apontando que o estabelecimento de uma região se dá partir da relação do homem com a natureza, de “seu trabalho, resultando dessa troca espaços geográficos, dotados de especificidades naturais, econômicas e humanas” (IDEM: 44). O campo historiográfico, segundo ela, também tem contribuído para essa discussão, percebendo as relações sociais como decorrência de experiências de vida, de idéias e de sentimentos que os homens acabam desenvolvendo, produzindo uma cultura que também é importante para configurar esse espaço, que acaba definindo esse espaço (IDEM).

Nessa então região platina as atividades econômicas relacionadas à pecuária e seus produtos é que impulsionam seu crescimento e expansão. Sendo geograficamente formada por extensas planícies e banhada por muitos rios, que fazem parte da Bacia do Rio da Prata, acabou sendo favorecido o desenvolvimento de um intenso comércio. Esse tipo de hidrografia possibilitou a instalação e funcionamento de bons portos, de fácil navegação, que desde o princípio da ocupação da América permitiu a portugueses e espanhóis o acesso facilitado à área mineradora de Potosi (IDEM).

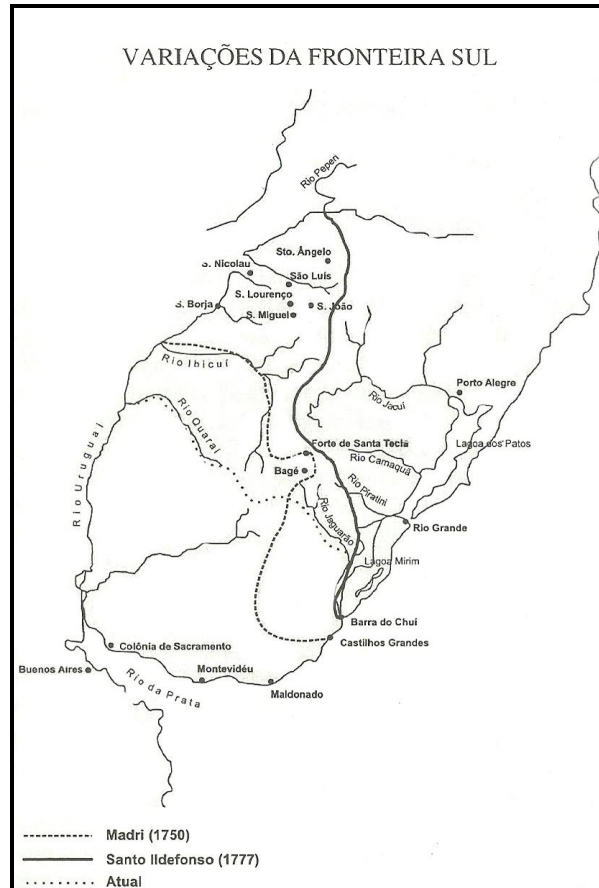


Imagem 17 – Mapa com as modificações na fronteira a partir do Tratado de Madri e Santo Ildefonso. Fonte: KUHN, 2002, p. 36. Op. Cit. Synesio Samapio Goes Filho. *Navegantes, Bandeirantes e Diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

A entrada posterior dos jesuítas espanhóis com suas reduções, com o propósito de adentrar nos territórios interiores sul-americanos, favoreceu de maneira crescente a formação de imenso potencial econômico que acabaram se tornando as atividades relacionadas à pecuária regional⁵⁷ (IDEM).

O gado vacum possuía inúmeras utilidades. Do couro se fabricava todo tipo de abrigos e utensílios. Os selins e as cabeçadas, as rédeas, os tirantes e os laços eram feitos de correias trançadas de couro; as boleadeiras eram pedras cobertas de couro e ligadas entre si também por correias do mesmo material; as

⁵⁷ Além do gado bovino, na região ainda estavam introduzidos o gado cavalari e o ovino, que aparecia em pequena escala e eram destinados ao consumo local.

mercadorias eram transportadas em sacos costurados com tiras de couro. Portas e janelas dos ranchos, bem como camas, cadeiras e vestimentas, também eram desse material. Como meio de transporte, cabia ao gado puxar pesadas carretas, por vezes em viagens longas. Também era utilizado nas estâncias e chácaras, auxiliando nas atividades agrícolas (Idem: 46).

Embora a pecuária na região tenha sido em muito incrementada pela ação dos jesuítas, a introdução do gado vacum e cavalar foi possibilitada pelos colonizadores espanhóis que saíram de Assunção, capital do Paraguai, no século XVI. Em 1556, o gado vacum é introduzido na cidade através da compra de algumas cabeças de comerciantes da capitania de São Vicente. Outras cabeças foram trazidas via Pacífico, a partir do Peru. A partir disso, o gado se proliferou e se espalhou por toda a região, chegando à zona da Campanha, próxima a Buenos Aires, no final do século XVI, e daí se disseminando para a Banda Oriental (IDEM).

O processo de incorporação dos territórios localizados na fronteira meridional americana, por parte dos portugueses e sua efetiva ocupação a partir de 1680 acompanha outra mudança no cotidiano português: as suas concepções de mundo, ocorridas na Europa Ocidental, que foram bem recebidas e admitidas pela Corte portuguesa e que acabaram influenciando o processo histórico (ESPIRITO SANTO, 2006).

A introdução de novas idéias decorrentes da revolução humanista, através dos processos de secularização, racionalismo e individualismo, acabaram por afetar a visão de mundo das políticas portuguesas. Com a invasão e fundação da colônia de Sacramento, em 1680, defronte a Buenos Aires, Portugal acabou cancelando as prerrogativas acertadas no Tratado de Tordesilhas e culminou nas futuras ações empreendidas quanto à ocupação do espaço platino, tanto de portugueses quanto de espanhóis (IDEM).

A interpretação portuguesa quanto ao acertado no Tratado de Tordesilhas possibilitou a execução de ocupação da colônia de Sacramento como território de direito

português⁵⁸. A resposta espanhola foi o ataque de surpresa que se sucedeu logo depois. Sacramento foi massacrada e cento e dezesseis portugueses morreram e os sobreviventes aprisionados. A reação portuguesa também foi violenta e quase culminou em uma declaração de guerra (IDEM).

O Tratado Provisional de 1681 devolveu a colônia de Sacramento a Portugal. Em resposta a essa medida, considerada injusta pelos espanhóis, a Companhia de Jesus acabou fundando mais 6 reduções jesuíticas nos anos seguintes, tentando formar uma barreira para a expansão lusa na região platina (IDEM).

Questões de sucessão no trono espanhol acabaram causando novas contendas entre Espanha e Portugal, culminando em novos ataques à Sacramento, em 1704, cujos moradores tiveram que se retirar para o Rio de Janeiro. Em 1715, com o Tratado de Utrecht, a diplomacia inglesa (aliada de Portugal) acabou garantindo a retomada de Sacramento para a coroa portuguesa. A partir disso, Portugal se viu dificultada em suas idéias expansionistas. Com o tempo acabou por encontrar os argumentos de que necessitava para a anexação do território do Rio Grande do Sul ao Brasil. Essa conquista deve-se principalmente aos novos movimentos de ambas colônias, que culminaram em novas negociações. Em 1750, é firmado o Tratado de Madri, onde os portugueses trocam Sacramento pelos Sete Povos das Missões (IDEM).

2.2. Conformação da economia riograndense

Entre um tratado e outro, apesar dos conflitos, o século XVIII ainda parece marcado pelas relações entre as populações existentes de ambos os lados do Rio da Prata. Mesmo que as duas coroas pretendessem traçar os limites de ambas possessões na América meridional, acabaram vendo seus planos frustrados. Segundo Helen Osório, os dirigentes de ambos os lados mal conheciam a região, ainda não havia denominações

⁵⁸ “À época, para os geógrafos de Portugal, o meridiano de Tordesilhas passava a 45 graus. Portanto, como já referido, a oeste da colônia. Desse modo, espaço onde os portugueses se assentaram era considerado por Portugal como domínio próprio” (ESPÍRITO SANTO, 2006:25).

para seus rios, não conheciam aquele território e insistiam nas discussões a respeito de sua localização com o propósito da demarcação de limites (OSÓRIO, 2007).

Em aspectos geográficos, como já apontado anteriormente, não existiam diferenças marcantes, como também nos aspectos demográficos ou de paisagem agrária (IDEM).

Boa parte da área do atual Rio Grande do Sul formava um *continuum* com a Banda Oriental (atual Uruguai), caracterizado por uma ocupação de terra muito laxa, uma baixa densidade demográfica, se comparado a outras regiões americanas, e uma mesma forma de organização espacial da produção: pequenas propriedades dedicadas simultaneamente à agricultura e à pecuária ao redor dos escassos núcleos urbanos e grandes unidades dedicadas principalmente à criação de animais nas zonas mais longínquas (IDEM: 58).

Assim, reproduzindo um conceito de Pierre Vilar, Helen Osório segue discutindo que estávamos diante de uma “zona-fronteira”, tendo uma ocupação dispersa da terra e um povoamento escasso, sendo que as agrupações humanas não estabeleceriam uma fronteira fixa, exata, demarcada, definindo uma zona sem divisão talhante (IDEM).

Este tipo de fronteira mais flexível facilitaria o aparecimento de vários tipos de trocas e maior circulação pessoas. Alguns fatores também seriam verificados com mais freqüência, como a deserção, o contrabando e a apropriação de terras. Esses diversos aspectos possibilitam uma visualização dessa dinâmica da fronteira hispano-portuguesa durante o século XVIII (IDEM).

Conforme Osório, essas deserções aconteciam em toda a região, tanto em períodos de paz e guerra, por ocasião de diversos fatores: demora do pagamento dos soldos, a falta de uniformes e disciplina militar. A falta de carne era outro fator que recrudesceria a incidência de deserções, já que a carne era a base da alimentação (IDEM).

A tomada de gado era atividade fundamental para o estabelecimento de estâncias e a atividade pecuária nos territórios portugueses. Dificilmente domesticavam seus rebanhos ou os submetiam a currais. Outra característica recorrente é o fato de não

serem marcados. Essa tática se justificava na própria atividade de arreamento do gado, pois o gado não marcado confundia-se com o gado espanhol e assim facilitava a ampliação do rebanho (IDEM).

Os produtos que eram mais comuns de serem apreendidos pelos portugueses eram os cavalos, as mulas, as reses, os couros, o fumo e armas de fogo nos contrabandos confiscados. A propriedade da terra, em ambos os lados era um incentivo para a fixação de colonos, sendo assim toda a conjuntura relacionada à região de fronteira deve ser estudada como um produto do processo histórico, sobretudo numa região como a Bacia do Prata. A fronteira limite ou “fronteira linha” somente teria importância após a independência do Uruguai, em 1828 (IDEM).

Helen Osório afirma que todo esse contexto histórico de guerras influenciava na aquisição e fixação de patrimônio. As “guerras criam situações e expectativas que alteram o preço dos principais meios de produção, seja por um aumento acelerado do consumo (é o caso do gado), seja pela insegurança e risco que se produzem sobre determinados bens, como a terra, e atividades econômicas, como a agricultura” (IDEM, p. 67).

Em seu trabalho de tese, analisa a formação do patrimônio da elite riograndense no período compreendido entre 1737 a 1822. E aponta que a maior parte do patrimônio até 1800 eram os animais. Nos três quinquênios seguintes mudaria para a terra, tornando a mudar nos dois últimos quinquênios do período estudado para os animais (IDEM).

Esses fatores se explicam pelo contexto histórico da região⁵⁹. Nos períodos de paz, breves ou não, Helen Osório pode verificar pelos levantamentos nos documentos pesquisados que a paz gerava rápidos períodos de desenvolvimento, marcando a posse de mais terra no montante dos patrimônios. Enquanto que nos períodos de guerra, os bens móveis, crescem em número e compõem a maior parte da riqueza (IDEM).

⁵⁹ Em 1763, houve a tomada da Vila de Rio Grande pelos espanhóis, sendo reconquistada pelos portugueses em 1776. Em 1777, novamente os espanhóis invadem o território português e ocupam a ilha de Santa Catarina e Sacramento. No mesmo ano, com o Tratado de Santo Ildefonso, Santa Catarina é devolvida para a coroa portuguesa e Sacramento passa a pertencer aos espanhóis. Assim, novo período de paz inicia em 1784. Entre os anos de 1815 a 1825, novos conflitos acontecem, tendo como marco importante a invasão da Banda Oriental pelos portugueses, culminando nas Guerras Cisplatinas (OSÓRIO, 2007).

A análise empreendida pela historiadora leva a perceber o quanto o contexto histórico do estado influenciou na transformação da economia do Rio Grande do Sul, fazendo com que paulatinamente a parcela que compunha a elite também se modificasse.

Entre o final do século XVIII e princípio do século XIX, a atividade econômica do estado muda gradativamente inserindo-se no mercado interno brasileiro. As atividades desenvolvidas com o arreamento do gado e a triticultura sofrem uma queda a partir do início do século XIX, devido a diversos fatores⁶⁰. As atividades nas charqueadas já existiam muito antes de 1780, sendo assim não eram essencialmente mercantilistas. Todavia, a primeira fase da produção do charque era voltada para a exportação, mas com o Tratado de São Ildelfonso, em 1777, e o conseqüente aumento das estâncias produtoras, bem como a seca ocorrida do Nordeste, o mercado interno aumentou significativamente, fazendo com que o charque produzido no Rio Grande do Sul encontrasse uma importância cada vez maior. O desenvolvimento das cidades e o conseqüente crescimento demográfico também foi um fator relevante para a mudança do contexto econômico (KUHN, 2004).

Entre os anos de 1790 a 1815, a atividade pecuária representava cerca de 70% da produção local, tendo o charque o maior montante, seguido pelos couros e o gado em pé. Porém, o charque riograndense ainda sofria a concorrência platina e nordestina, que culminava no baixo preço do produto. Posteriormente, esse mesmo fator seria um dos motivos da eclosão do conflito farroupilha (IDEM).

Durante o século XIX, outra atividade sofreria um incremento na sua produção: a extração da erva mate. Embora a exploração dos ervais se desse desde o século XVII pelos índios missionários, sua importância cresce muito durante os anos oitocentos. Essa produção se inseria no abastecimento interno, bem como era exportada para a região platina (IDEM).

⁶⁰ O trigo era uma das principais atividades econômicas no Rio Grande do Sul. Em princípio do século XIX, a incidência da praga *ferrugem*, a concorrência com a produção dos Estados Unidos e o recrutamento de agricultores, cada vez maior, para o serviço militar, bem como a quase inexistência de armazéns para estocagem do produto, fazem com que o trigo perca sua posição de destaque. Porém, entre os anos 1808 a 1821, há um crescimento novamente da atividade triticultora. Esse período, deve ser entendido, conforme aponta Fabio Kuhn, como um *renascimento agrícola*, estimulado por idéias mercantilistas, que visava entre outras coisas inserir o Rio Grande do Sul definitivamente no império ultramarino português (KUHN, 2004).

2.3. Aspectos arquiteturais e os espaços urbanos

Conforme se avança no século XIX, muito embora existam as atividades econômicas que impulsionam o estado riograndense e o incluem no mercado nacional, ainda nas primeiras décadas, esses fatores não ajudam muito no crescimento regional. Sendo os produtos das atividades da pecuária, a triticultura e a exploração na erva mate ainda pouco rentáveis, as cidades ainda se mantêm quase do mesmo modo que eram no período colonial. E essa falta de crescimento aparece de forma peremptória nos incipientes espaços urbanos (WEIMER, 2006).

Nas vilas, pouco se gasta com a arquitetura vernacular, e mesmo nos prédios públicos é marcante a sua pouca representatividade. Em 1808, com a vinda da família real e a abertura dos portos, a produção riograndense, mesmo que atinja o mercado externo, ainda sustenta a economia nacional, e somente chega a ele via Rio de Janeiro.

Assim como tudo que sai passa pela Corte, tudo que vem também segue esse mesmo processo. Günter Weimer ressalta que junto com a família real vieram artistas e arquitetos familiarizados com as tendências artísticas que estavam em voga na Europa. Os arquitetos portugueses estavam bastante familiarizados, a partir das suas experiências, em criar vilas e cidades ultramar. A formação acadêmica dos militares em relação à arquitetura de fortificações era bastante grande, no entanto a arquitetura vernacular ficava bastante atrasada em relação a esse tipo de experiência (WEIMER, 2006).

No Rio Grande do Sul, o contexto histórico de conflitos os forçava a dedicarem-se mais as construções que pudessem facilitar a defesa do território. Devido à grande demanda da arquitetura voltada para a construção de fortificações, a execução das outras obras aos construtores com formação tradicional e com desconhecimento das novas tendências. Segundo Weimer, muitas povoações no Rio Grande do Sul seguiam um traçado livre, de acordo com as formas tradicionais lusitanas, influenciadas por séculos de domínio germânico e muçulmano⁶¹ (IDEM).

⁶¹ Segue esse exemplo as cidades de Rio Grande, São José do Norte, Piratini e Triunfo (WEIMER, 2006).

Entretanto, havia outras cidades que seguiam um traçado com inspiração mais regrado, muito utilizado pelos militares⁶² e, por fim, havia as que ficavam entre um exemplo e outro, como o caso de Rio Pardo e Porto Alegre. Essas cidades, em virtude do contexto histórico e das demais influências recebidas, acabaram por conformar o traçado de ruas, o estilo arquitetônico de suas casas e prédios públicos. Assim, influências do período colonial ainda vigoravam no século XIX (IDEM).

Nas vilas do estado do Rio Grande do Sul, elas apresentavam, na sua maioria, pequenas casas de porta e janela, uma ao lado da outra (por motivo de economia e segurança), contendo uma sala dianteira, uma copa, que podia ser também a cozinha, e uma ou duas alcovas sem janela e com pouca ventilação. Os prédios representativos eram em pequeno número e bastante simples (IDEM).

A arqueóloga Beatriz Thiesen, também reflete sobre a influência colonial das casas de Porto Alegre, ainda remanescentes do final do século XIX, principalmente as casas associadas aos pobres, identificando as mesmas características ressaltadas por Luis Edmundo para as cidades do Rio de Janeiro do final do século XVIII.

A casa colonial, construída em lotes estreitos e profundos característicos deste período, estava implantada ocupando os limites laterais do terreno e diretamente no alinhamento da rua, que se definia, assim, pelas edificações. Apresentava, em sua versão térrea, cômodos encarreirados. A peça da frente, com janela no alinhamento da rua, era seguida pelas alcovas, tendo ao fundo a varanda, tudo ligado por um corredor lateral⁶³ (THIESEN, 1999: 88-89).

Geralmente essa peça na frente, nas casas térreas e sobrados, podia ser utilizada como uma sala ou como oficina ou loja. Em geral, essas casas apresentavam paredes grossas, fato também reforçado por Luis Edmundo nas casas do Rio de Janeiro, o que fazia com que o calor típico dos climas tropicais, no verão, se conservasse nas casas (além do fato da existência do enchimento entre as paredes facilitar a existência de

⁶² Como por exemplo, Taquari e Santo Amaro (Idem).

⁶³ Op. Cit. LEMOS, Carlos. História da casa brasileira. São Paulo, Contexto, 1989: 32.

mofo)⁶⁴. As aberturas eram poucas e pequenas, com telhados rudimentares. As janelas apresentavam gelosias, espécie de grades de madeira, que tinham a função de resguardar o ambiente familiar fora dos olhares externos. A diferença entre as classes sociais, em relação às suas casas, ficava circunscrita ao tamanho dos cômodos e a quantidade, mantendo-se o mesmo padrão de construção (THIESEN, 1999; WEIMER, 2006; LUIS EDMUNDO, 2009).

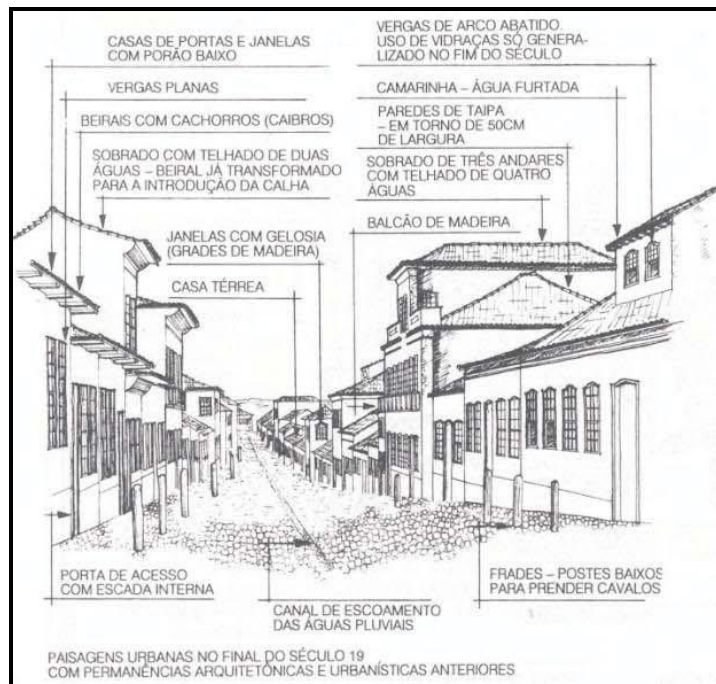


Imagem 18 – Aspectos da arquitetura colonial presentes nas casas do século XIX em Porto Alegre. Fonte: OLIVEIRA, 2005:65. Op. Cit. PESAVENTO, Sandra. *O Espetáculo da Rua*. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996, p. 33.

Muito embora, a história do estado rio-grandense, bem como a cidade de Porto Alegre, possa apresentar vestígios de um passado colonial, visto como atrasado em relação a outros lugares no mundo. A situação na cidade do Rio de Janeiro não era muito lisonjeira. Em 1798, dez anos antes da chegada da família real ao Brasil, a futura sede da corte, era uma cidade extremamente suja. Nessa época, já eram presentes as discussões

⁶⁴ Beatriz Thiesen argumenta, conforme reflexões de Carlos Lemos que o fato de existirem paredes muito grossas nas casas servia para melhor sustento da casa, devido a falta de outra tecnologia que pudesse assegurar sua estabilidade. E que a existência dessas paredes era uma forma de absorver o calor tropical, o que para o Brasil parecia ser um erro (THIESEN, 1999).

a respeito da sujeira ser fator fundamental para o aparecimento de doenças. Além disso, no que tange ao aspecto arquitetural e paisagístico, a cidade era desprovida de árvores, os prédios públicos eram considerados extremamente simples e despojados de decorações. O prédio do governo, segundo Luis Edmundo, era “um sombrio casarão dos tempos de Bobadela, branco, feio, retangular e baixo, riscadinho de portas e janelas” – sendo que deveria ser a mais suntuosa residência (EDMUNDO, 2009).

Esse tipo de construção parecia seguir uma espécie de padrão, visto que o palácio de Lisboa também era referido da mesma forma pelo autor, sendo um “edifício mesquinho e de um só andar”. As casas e demais prédios seguiam os mesmos preceitos, bem como as ruas que eram desniveladas, sujas, cheias de poças e infestada de mosquitos e sapos, sendo bem poucas ruas que apresentavam algum tipo de melhoria (IDEM).

Quanto a esse aspecto, a arqueóloga Tania Andrade Lima afirma que no início do século XIX, enquanto a Europa Ocidental vivenciava um incipiente processo de industrialização e desenvolvimento capitalista, onde a burguesia cada vez avançava e impunha seus valores, Portugal se mantinha fora desse processo. Conforme a autora, o Estado Absolutista Português recusa, durante o século XVIII, sua participação ao renunciar um projeto nacional de industrialização, embora esteja inserido no capitalismo através das suas relações comerciais (ANDRADE LIMA, 1989).

Todavia, foi nesse momento que começaram a realmente acontecer transformações nas cidades. Embora ainda incipiente no estado do Rio Grande do Sul, a vinda da família real e a instalação da sede da Corte no Brasil, possibilitou a entrada de novos produtos, novas idéias e novos hábitos, que concorreu para que paulatinamente as cidades fossem crescendo, mesmo que de forma diferenciada, conforme cada contexto histórico.

Em 1809, o estado estava dividido em quatro municípios: Porto Alegre (Viamão, Triunfo e Aldeia dos Anjos); Rio Grande (Estreito, Mostardas, São José do Norte, Santa Vitoria do Palmar, Erval e São Francisco de Paula de Pelotas); Rio Pardo (Cachoeira, Santo Amaro, Taquari e São Gabriel); e Santo Antonio da Patrulha (Conceição do Arroio, Vacaria, Santa Cristina do Pinhal). Posteriormente, foram sendo criados outros

municípios, conforme o crescimento de cada localidade, que se desmembravam de cada quadrante inicial.

Contudo, conforme já havia sido discutido anteriormente, o contexto histórico riograndense, com todos os conflitos em que esteve envolvido, refletiu de maneira significativa não só na questão geográfica, política e econômica, deixando suas marcas também na conformação dos centros urbanos.

Günter Weimer argumenta que durante os períodos de guerra havia os problemas de ordem econômica e, conseqüentemente, faltava o dinheiro para que as construções continuassem. Muitas obras iniciadas eram abandonadas, sendo que algumas obras tinham que ser totalmente reconstruídas, devido aos vários atos de vandalismo a que estes incidentes ocasionavam, caso das igrejas, prédios públicos governamentais e prisões (WEIMER, 2006).

Logo após de terminado o período farroupilha, houve um movimento de reconstrução da província. Novas obras civis ocorreram entre elas quatro prisões, um colégio, um teatro, um asilo, um hospital e foram reparados os prédios da Assembléia e outros nas principais cidades, cujas populações haviam permanecido ao lado do governo imperial: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande (IDEM).

No entanto, o caso das igrejas ainda era considerado precário. Muitas foram totalmente arruinadas, sendo que várias necessitavam de muitos consertos. Houve um movimento de tentar conseguir dinheiro para essas obras através de loterias, além das esmolas habituais provindas da população (IDEM).

A pacificação, nesse período, trouxe um afã de atualização arquitetônica. Logo no início do século XIX, as inovações do neoclassicismo já haviam se manifestado em algumas cidades, mas em outras, onde o conflito farroupilha esteve mais presente, houve um retrocesso. Assim, a década de 1850 viu o ressurgimento dessas novas idéias arquitetônicas, com a construção de novos prédios: o Teatro São Pedro⁶⁵, o Asilo Santa

⁶⁵ O teatro São Pedro teve sua construção iniciada em 1833, conforme projeto de Felipe Von Normann, interrompida durante o conflito farroupilha, e concluída em 1858. Localiza-se na Praça Marechal Deodoro (FRANCO, 2006).

Tereza, Liceu Dom Afonso e a reforma no prédio da Assembléia Legislativa⁶⁶. Todos esses projetos foram executados por estrangeiros, maioria protestante. As obras das igrejas não acompanharam essa evolução, pois continuaram sendo projetadas pelos arquitetos nacionais, ainda seguidores dos preceitos inspirados nos modelos militares ou civis, ligados ao estilo barroco (IDEM).



Imagem 19 – Teatro São Pedro em 1888. Fonte: <http://www.ondaweb.com.br/blog/?p=6280>

⁶⁶ O prédio da antiga Assembléia Legislativa Provincial, situado na atual rua Duque de Caxias nº 1029, é a construção mais antiga de Porto Alegre, ainda remanescente. Iniciado em 1777 e finalizado em 1790, foi utilizado por diversos órgãos públicos: Casa da Junta, Real Fazenda e Câmara. Após 1835, foi a sede da Assembléia Legislativa Provincial. O piso superior foi anexado em 1860 e, segundo Thiesen, as janelas de caixilhos do andar térreo ainda estavam presentes até a virada do século XIX para o XX (data da foto). Esse tipo de abertura, por ser bastante cara, era utilizado somente em edificações importantes, como igrejas ou prédios oficiais (THIESEN, 1999, citando OLIVEIRA, Clóvis S. *Porto Alegre, a Cidade e sua Formação*. Porto Alegre: Metrópole, 1993; SPALDING, Walter – *Pequena História de Porto Alegre*. Porto Alegre, Sulina, 1967; MASCARELLO, Sônia N. P. R. – *Arquitetura Brasileira: Elementos, Materiais e Técnicas Construtivas*. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1982.). Atualmente não possui mais as janelas em caixilhos.



Imagem 20 – Antiga Assembléia Provincial. Fonte: <http://vivaocentrodeportoalegre.blogspot.com/>

Mesmo com esses exemplos de construções, o maior montante de investimentos ainda era aplicado na construção de estradas e pontes, ainda influenciada pela estratégia militar. Contudo, é nessa mesma década de 1850, conforme a cidade ia crescendo, que começam a serem mais freqüentes as preocupações em relação a alguns tipos de construção, como os mercados públicos. Nesses lugares, principais pontos de venda de carne, o problema com a falta de higiene era crescente e começaram a ser aventada a idéia da construção de prédios que funcionassem como um “centro” desse tipo de comércio e que pudesse haver um controle mais rígido (WEIMER, 2006).

Desde o século XVIII, havia espalhadas pela cidade de Porto Alegre, bancas de peixe, de quitandeiros e de venda de outros produtos, nas costas do rio e nas praças, como as da Quitanda (atualmente Praça da Alfândega) e do Paraíso (hoje, Praça 15 de Novembro ou Praça XV). Quando assumiu o governo pela segunda vez, entre os anos de 1841 e 1842, o Doutor Saturnino de Souza e Oliveira foi quem primeiramente tomou iniciativa da construção de tal tipo de edificação. O primeiro prédio de Mercado Público ficou pronto em 1844 e localizava-se na Praça do Mercado (Praça Parobé). Embora já tivesse sido construído, em 1845, ainda faltava-lhe o reboco externo e caiação. Esta praça serviu à população até 1870, quando ficou pronto o novo Mercado, de maiores

proporções, cujas obras iniciaram em 1864 (FRANCO, 2006). Inicialmente só tinha um andar, sendo que o segundo piso somente seria erguido nas primeiras décadas do século XX (OLIVEIRA, 2005).



Imagem 21 – Foto do Mercado Público em 1890. Fonte: www.prati.com.br

Novos problemas e atrasos aparecem no contexto da Guerra do Paraguai, entre os de 1864 e 1870. Mesmo que os estragos causados por esse conflito tenham sido pequenos, as obras militares recebem a primazia novamente. Nas últimas décadas do século XIX há uma retomada das atividades construtivas, porém de forma mais moderada. Contudo, nesse período a influência exercida pelos imigrantes também se manifesta na linguagem arquitetônica. Há um principal incremento nas construções de casas de câmara e cadeias, bem como escolas, mercados, asilos. Com a influência do positivismo, há uma grande revisão dos códigos de posturas das cidades e novas normas aplicadas às cidades: os prédios passam ter sua altura associada à largura das ruas, há a substituição das beiradas dos prédios por platibandas e começa um rigoroso alinhamento e calçamento das ruas. Os preceitos de higiene influenciam nas novas construções com respeito às características ligadas à iluminação e ventilação, tornando as casas mais salubres e um incremento no abastecimento de água e melhoria nas obras de esgoto (WEIMER, 2006).

A litografia de 1864 de F. Wenderman ilustra muito bem essa diferenciação das construções em alguns dos seus principais prédios alguns de inspiração neoclássica e outros de inspiração colonial. Na parte superior: a antiga Igreja da Matriz e a Santa Casa de Misericórdia (arquitetura colonial – fachada central da Santa Casa, em estilo neoclássico); o Palácio, a Alfândega e a Igreja do Rosário (neoclássicos). Na parte inferior, todos os prédios com influência neoclássica: a Assembléia, o Arsenal de Guerra, o projeto inicial do novo Mercado, a Cadeia e o Teatro São Pedro. Nas partes centrais os chafarizes da Praça da Alfândega (esquerda) e do Portão (THIESEN, 1999).

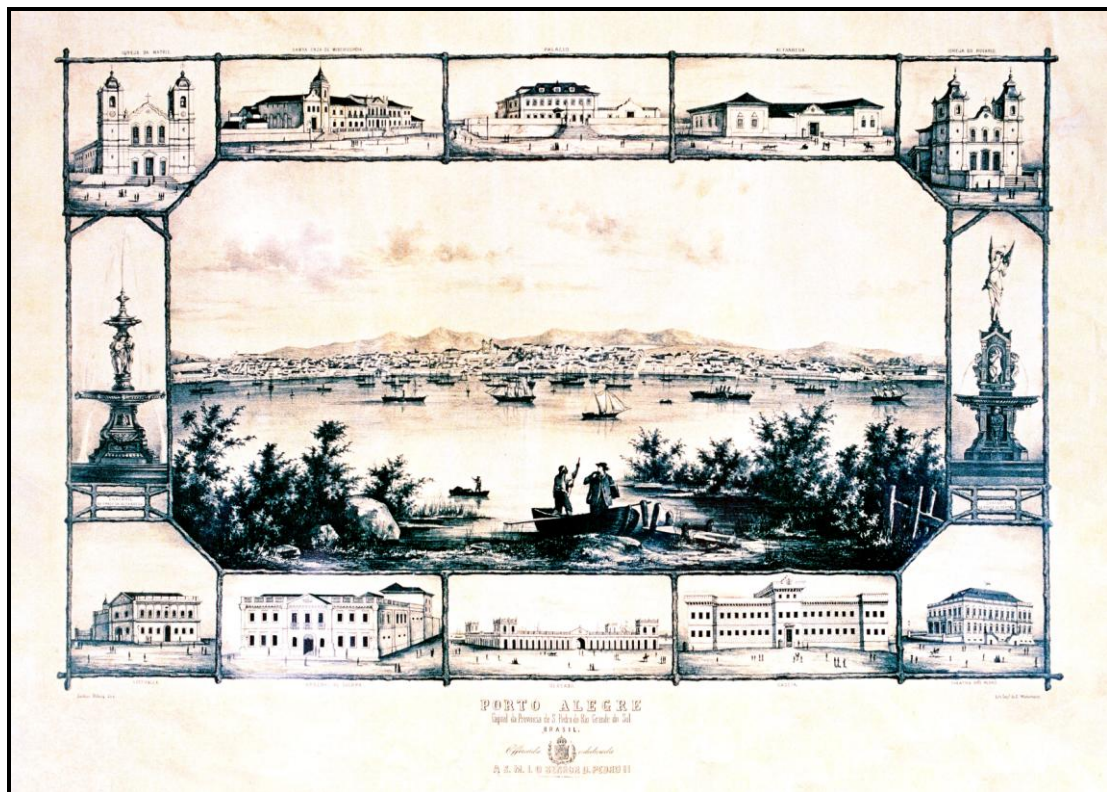


Imagem 22 – Litografia de 1864, de F. Wenderman.

Todas essas modificações observadas demonstram que as influências neoclássicas⁶⁷ acabaram atingindo o espaço urbano porto-alegrense durante todo o

⁶⁷ Conforme Beatriz Thiesen, o neoclássico somente perdeu seu lugar de destaque na arquitetura vernacular, com a chegada do estilo eclético, nas últimas décadas do século XIX. Esse estilo teria principal

século XIX. Mesmo com todas as interrupções ocorridas, a cidade conseguiu configurar o seu espaço de atuação, onde as esferas sociais, políticas e econômicas acabaram por transformar o antigo arraial do século XVIII em uma cidade, muito diferente no final do século XIX.

2.4. Sítios Arqueológicos e Cultura Material

Todas essas especificidades do contexto histórico riograndense, que ocorreram desde a primeira ocupação do território influenciaram em todas as instâncias, não só política e geográficas, mas também econômicas, culturais e sociais. Foi essa conformação do contexto histórico do Rio Grande do Sul que acabou influenciando também na aquisição de novos produtos e na modificação do espaço urbano de suas cidades. Para Porto Alegre essa questão é bastante marcante e está presente quando se faz a leitura de algumas fontes, como as atas, tanto as da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia, quanto nas da Câmara Municipal.

Mesmo sendo evidentes, durante todo o século XIX, as modificações e as transformações que ocorriam no mundo, neste espaço circunscrito a uma realidade peculiar, nem sempre as novidades conseguiam atingir. Quanto às mudanças ocorridas no contexto relacionado à história da medicina, Porto Alegre ainda sofreria os reveses de estar localizada neste território. Durante as pesquisas na documentação foi possível perceber a influência do poderio militar no próprio espaço do hospital. E todas as mudanças que eram almejadas para a continuação das obras do prédio da Santa Casa sofreram as influências da conjuntura política, econômica e social. Assim também pode ser entendido com relação à cidade como um todo.

força no período republicano (Thiesen, 1999). Já Günter Weimer, aponta para o historicismo tomando lugar, a partir de 1858, tendo o neoclassicismo entrado tardiamente no estado (WEIMER, 2006).

2.4.1. A Santa Casa de Misericórdia

Deste modo, alguns “lances de casa”, que seriam duas enfermarias em 1815, conforme aponta o RPISCOMPA de 1879, poderiam significar o princípio da medicina, posteriormente denominada oficial, em Porto Alegre, para alguns estudiosos. No entanto, na minha percepção essas salas iniciais do hospital estariam inseridas numa percepção muito maior, de longa duração, seguindo um processo que acontecia em todo o mundo, onde a medicina alopática (e durante boa parte do século XIX, a homeopática também), buscava cada vez mais assegurar a preferência quanto agentes das artes de curar. Porém, isso ainda demoraria mais de um século para acontecer.

Essas duas enfermarias foram construídas no primeiro hospital que a cidade teria e que serviriam para acolher os enfermos pobres e desvalidos, de acordo com o que ditava o Compromisso das Misericórdias de Lisboa⁶⁸ (ISCOMPA. CEDOP. *Compromisso da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. 1827*). A função primordial dos hospitais, desde suas mais remotas origens, segundo Isabel dos Guimarães Sá⁶⁹, era o atendimento dos enfermos pobres, com dependências separadas (se as tivessem) para o atendimento dos peregrinos. A única exceção, já no século XV, se reservava aos doentes acometidos por doenças contagiosas, que deviam ser tratados em instalações distintas. Os hospitais, diferentemente das albergarias, eram locais onde imperava a função assistencial⁷⁰ (SÁ, 1997).

Sendo os hospitais, primordialmente, lugares de assistência, muitas vezes, eram analisados por alguns historiadores como lugares onde o atendimento médico prestado era inferior ao prestado nas albergarias. Isabel Sá argumenta que atualmente a questão discutida é se nesse período os cuidados com o corpo seriam tão fundamentais quanto os cuidados com a alma. Dessa maneira, “sublinharam a importância de alimentar os

⁶⁸ O primeiro Compromisso que a Santa Casa possuiria é de 1827, que se inspirava no Compromisso de Lisboa, sendo que o primeiro era originário do século XVI. (ISCOMPA. CEDOP. *Compromisso da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. 1827*).

⁶⁹ SÁ, Isabel dos Guimarães. *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português 1500-1800*. Lisboa: Gráfica Maiadouro, 1997.

⁷⁰ As albergarias eram lugares destinados ao acolhimento dos peregrinos, cuja principal funcionalidade era a hospitalidade. Eram utilizadas não somente por pobres, mas também por pessoas ricas, que preferindo não hospedar estranhos em suas próprias casas, os alojavam em albergarias (SÁ, 1997).

doentes que chegavam subnutridos e do aumento da importância do pessoal médico nos grandes hospitais” (SÁ, 1997: 29).

A autora ainda salienta que é importante o fato de nos Compromissos existir a preocupação de excluir os doentes contagiosos dos demais, assim a mortalidade no interior dos hospitais observada seria muito menor. Outra inovação inserida nos Compromissos era o exame médico antes da entrada do doente (IDEM).

Na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre é marcante essa característica, aparecendo em várias ocasiões, conforme a pesquisa nas Atas da Mesa Administrativa, que o aceite de determinadas pessoas que solicitavam o acolhimento se dava mediante um exame médico⁷¹.

Quanto ao Compromisso, o exemplar de 1827, sofreria algumas alterações em 1867, mas sem constar com alterações marcantes em relação às suas funções⁷².

Dito isso, volto à questão arquitetônica. O termo “lance de casa” aparece repetidamente nas Atas da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e me parece que existia uma tentativa de padronizar essas medidas dos “lances de casa”. Às vezes apareciam o pedido de uma obra de 2 “lances de casas” ou 4, tanto para obras do hospital, como fora, para as casas feitas para aluguel⁷³. No RPISCOMPA de 1879, nos *Apontamentos*, consta a informação que em 1819 existia “uma enfermaria no segundo pavimento do hospital com 105 palmos⁷⁴ de comprimento e 45/2 de largo e uma cozinha provisória” (IDEM).

⁷¹ Outro dado importante era o exame médico antes da entrada de escravos que eram enviados e doados a Santa Casa, para saber se não tinham qualquer doença e se estavam aptos ao trabalho.

⁷² ISCOMPA. CEDOP. *Compromisso da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. 1867.*

⁷³ Não foi possível encontrar nenhuma obra bibliográfica que pudesse identificar precisamente o que significa o termo, mas o que pude verificar foi que dois “lances de casa” representariam uma peça embaixo e uma acima e quatro lances seriam duas peças embaixo e duas em cima. Na tese de Adriana Capretz Borges da Silva, *Expansão urbana e formação dos territórios de pobreza em Ribeirão Preto: os bairros surgidos a partir do Núcleo Colonial Antônio Prado (1887)*, aparece esse termo “lance de casa” identificando uma casa coberta por telha e capim, no valor de 100\$000 e outra coberta somente por capim, no valor de 55\$000 (SILVA, 2008).

⁷⁴ A medida correspondente seria de 23,10 m de comprimento e 10 m de largura aproximadamente. (Cada palmo calculado a 22 cm, conforme informação encontrada em <http://www.ancruzeiros.pt/ancunidades.html>).

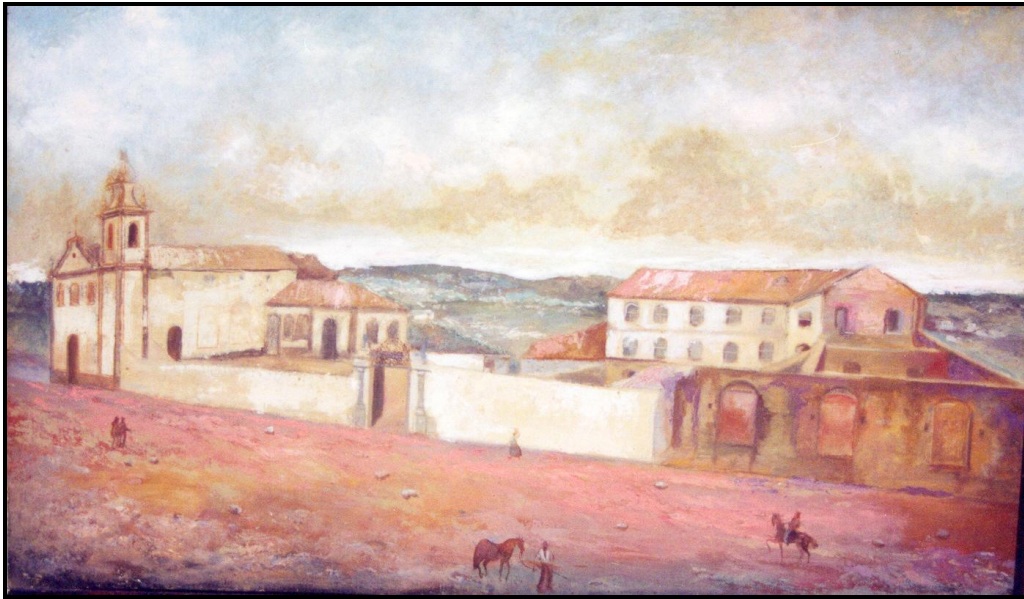


Imagem 23 – Prédio da Santa Casa no início do século XIX. Acervo Museu Júlio de Castilhos. Cedido pelo CEDOP – Santa Casa.

Existem várias referências a construções de casas feitas para aluguel e algumas apresentavam as medidas com as quais seriam confeccionadas. Por exemplo, na Ata da Mesa Administrativa de 1831, aparece o pedido para uma casa de 2 lances, com a medida de 30 palmos, com uma porta e duas janelas, na frente e o mesmo nos fundos⁷⁵ (AMASCM, 1831).

Atualmente é bastante difícil precisar qual seria o tamanho das primeiras enfermarias, porque o Pavilhão Centenário está bastante alterado, mas me parece que a medida da enfermaria referida em 1819 condiz com um tamanho razoável para um recinto hospitalar. Em Relatório de 1867 consta a informação que numa enfermaria, recém construída e que serviria para alguma eventualidade, poderia acomodar 20 camas, o que o tamanho informado na Enfermaria de 1819 comportaria muito bem⁷⁶.

⁷⁵ Essa medida daria em torno de 6,6 metros.

⁷⁶Ver <http://en.wikipedia.org/wiki/Bed>: “As camas variam consideravelmente ao redor do mundo, tendo a maioria dos países sua própria terminologia e padrão”; <http://www.bedsteads-uk.co.uk/antique/prerestored/brass-iron/french-iron-bed-with-bras-acorns.html> e http://www.coast-to-country.co.uk/bedsteads%20for%20sale%20main%20pages%20french/french_iron_Bedstead_f58.html

Em algumas atas, e conforme o tempo vai passando, percebe-se que existe um cuidado com a limpeza e a quantidade das camas de cada enfermaria. Na Ata da Mesa Administrativa de 19/02/1826 existe a necessidade de comprar mais camas para os enfermos, sendo que maiores e mais largas (como era uma das primeiras atas, essa referência ao tamanho delas, possivelmente tenha sido devido à compra ou doações de camas de tamanhos não muito condizentes). Essas camas foram mandadas fazer. No mesmo ano, aparece outra reivindicação, do mês de outubro, do Facultativo do hospital requerendo que se faça uma divisão em uma das enfermarias, “mais agasalhado”, para que se possam colocar camas para “as ougue”⁷⁷ (sic)⁷⁸ (AMAISCOMPA, 1826). No Relatório da Provedoria de 1895 há uma compra de 44 camas de ferro (RPISCOMPA, 1895).

Pela pesquisa feita na internet em alguns sites de venda de antiguidades entre outros, não existia um padrão de camas de ferro durante o século XIX. O tamanho apresentado variava entre 1,90m a 1,93m, no comprimento e entre 1,37m e 1,27m, na largura. Esses são tamanhos de cama de casal, que não são as encontradas em hospitais. No entanto, como essas medidas não variam muito das camas encontradas atualmente, acredito que as medidas das camas de solteiro sejam em torno de 1,80m a 1,90m de comprimento e 0,80m a 0,90m de largura.

⁷⁷ Não foi possível encontrar o significado dessa expressão. Algumas vezes aparece a palavra “asougue”, que parece ter relação com açougue. No entanto, foi encontrada a palavra “azougue” (com letra z) referente ao nome de uma erva também conhecida como mercúrio vegetal. Sua ação medicamentosa é indicada “boubas, dartros secos, doença venérea, dores nos ossos, eczemas úmidos, erupções da pele, escabiose, escrófulas, ferida, furúnculos, herpes, moléstias da pele (especialmente os eczemas secos e úmidos e manchas da pele), picada de cobra, pruridos, reumatismo sífilítico, sífilis, úlceras de pele, urticárias” e o modo de utilizá-la é através de infusão da erva em água como uma bebida ou em forma de banho. Ver <http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/cipo-azougue.html>.

⁷⁸ Esse requerimento foi atendido e a dita separação foi feita “no andar de baixo contiguo ao Consistorio, que estava sem serventia”. Esta sala foi dividida em duas partes: uma para atender a solicitação do Facultativo e a outra para doentes particulares ou para receber algum Irmão “que cair na indigência, e que deva ser tratado a custa da Caza”. (AMAISCOMPA, 1826, p. 66v e 67).



Imagem 24 – Uma das enfermarias das mulheres, de 1926. Fonte: CEDOP.



Imagem 25 – Uma das enfermarias dos homens, de 1926. Fonte: CEDOP.

É difícil saber ao certo o tamanho exato das salas que serviam de enfermarias, bem como o número de camas que cada uma comportava, contudo é quase certo que

comportar 20 camas em uma enfermaria era rotina, sendo que na maior parte das vezes deveria haver bem mais do que a referência dessa enfermaria vazia de 1867⁷⁹.

Em vários Relatórios da Provedoria existem reclamações do Provedor e demais funcionários da Mesa Administrativa da superlotação de suas enfermarias. Isso se torna tão recorrente, que em quase todos os Relatórios da Provedoria (que iniciam em 1855) existe a informação de que a direção precisava do espaço que era utilizado pelo Hospital Militar.

As alterações ocorridas no prédio do hospital eram um acompanhamento das necessidades relacionadas ao contexto histórico, mas também geográfico e climático. As mudanças em relação ao prédio também ocorreram conjuntamente com as transformações na medicina e, conforme foi possível, em relação ao principal compromisso do hospital: a assistência aos desvalidos. O que se verifica no início do funcionamento do hospital (do não atendimento de determinados doentes) é que com o decorrer do tempo existe uma necessidade de poder abrigar até mesmo doentes de moléstias contagiosas. Existem referências a determinadas salas que eram utilizadas para o acolhimento desses enfermos, bem como uma tentativa de separar os tipos de doentes conforme fosse possível: inválidos, alienados, expostos, menores do Arsenal de Guerra, crianças, mulheres e homens⁸⁰.

É importante ressaltar que as informações concernentes aos documentos nem sempre contemplam toda essa realidade. Conforme o contexto histórico há uma necessidade ou não de relatar determinados acontecimentos na documentação produzida pelo hospital. Algumas informações que sobressaem da análise da cultura material não aparecem na documentação e vice-versa. Portanto, o que procurei nessa tese foi tentar

⁷⁹ Nos Relatórios da Provedoria de 1895 a 1898, foram encontradas listas de fazendas, móveis e utensílios e outros artigos fornecidos ao hospital, e há sempre a evidência de algumas camas de ferro nessa relação. Por exemplo, em 1895, constam 44 camas, no valor de 1:100\$000; em 1896, também 44, no valor de 1:080\$000; em 1897, constam 12, no valor de 336\$000; e em 1898, não consta nenhuma. Provavelmente sejam móveis que estavam em estoque e que foram sendo requisitados conforme houvesse necessidade (RPISCOMPA, 1895 a 1898).

⁸⁰ Muito embora essas salas separadas, para esses diferentes enfermos, fossem arranjadas de modo que esses doentes pudessem receber tratamento no hospital, nem sempre essas salas eram condizentes. Por exemplo, em 1876, o Provedor está passando as informações relacionadas às melhorias feitas durante o ano no hospital e apresenta as salas onde anteriormente ficavam os alienados como “humidos e sombrios compartimentos”, que não tinham serventia para o hospital. A obra de melhoria inclui o desmanche dos repartimentos, assoalhamento, caiação, pintura e colocação de vidraças (RPISCOMPA, 1876, p. 5 a 7).

contemplar sempre que possível os dois tipos de fontes de forma conjunta, podendo assim alcançar maior número de elementos que possam identificar melhor os significados.

O que pude verificar pela análise da cultura material do prédio é que, embora atualmente não seja possível estabelecer quantas salas no total havia e se as enfermarias anunciadas nos documentos estavam circunscritas em uma sala, em duas ou mais, houve um aproveitamento do espaço onde se localizava, sempre que possível, conforme as condições financeiras, os preceitos de higiene e as conjunturas históricas dos agentes envolvidos, sejam estes membros da direção, funcionários, médicos, farmacêuticos e enfermos.

Procurei a partir das plantas e de várias visitas ao prédio centenário, enquanto pesquisava nos arquivos, entender como poderiam ter acontecido àquelas práticas de cura e assistência dentro daquele espaço que eu estava analisando. Junto a isso, estender esse entendimento à análise empreendida na cultura material composta por fragmentos de recipientes de medicamento de vidro, de urinóis de faiança fina, de escarradeiras de *ironstone* ou as peças de ágata, cacos de vidros de perfume, entre outros objetos encontrados na amostra analisada do sítio do Centro Histórico-Cultural Santa Casa, já que eles faziam parte do que se pensava ser uma antiga lixeira do hospital.

E não só restrito a esse contexto, mas tentar ampliar e entendê-lo junto aos outros materiais arqueológicos analisados dos sítios do Mercado Público, Paço Municipal, Casa Riachuelo e Solar da Travessa Paraíso. Porque, seguindo os conceitos de Hodder, era preciso tentar entender esses significados dentro de um processo de longa duração e dentro de um contexto que não podia ser restringido ao material de cada sítio separadamente.

Dessa maneira, volto à questão do prédio. Conforme as plantas foi possível perceber que os primeiros anos da direção da Santa Casa, e como pode ser verificado na documentação, existia uma necessidade do hospital em arrecadar dinheiro para que o funcionamento do hospital ocorresse da melhor maneira possível. A primeira metade do

século o prédio aparece em um pequeno trecho ao fundo do terreno e em frente na parte direita do terreno, distante da Capela Nosso Senhor do Passos⁸¹.

Na planta abaixo, existem algumas datas com informações a respeito das construções do prédio do hospital e da capela. Nas duas relacionadas ao prédio do hospital (1795 e 1826), somente uma delas está correta, a de inauguração do hospital: 1826. Mesmo que a primeira data não esteja correta, é interessante analisar que existia um plano de crescimento do prédio. Ele havia sido iniciado na parte do fundo do terreno doado e foram sendo acrescentadas novas salas em direção ao muro na frente do hospital (que parece ainda não existir).

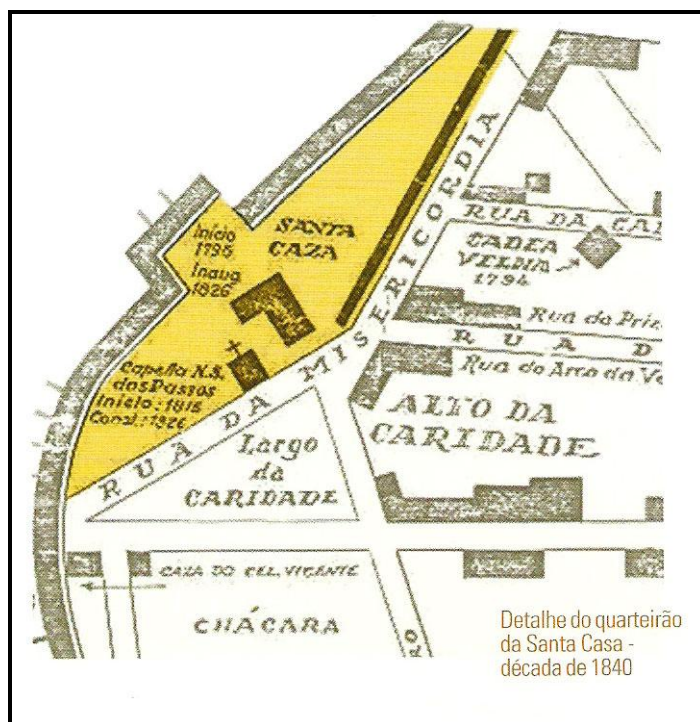


Imagem 26 – Planta atribuída à década de 1840. Fonte: FRANCO, 2006: p. 39.

Existe na AMAISCOMPA de 1832 a referência de um muro que precisava ser construído, a partir do último lance de casas, no terreno ao lado, até o canto do hospital.

⁸¹ Na imagem que aparece na página 87, é possível perceber que existia um pequeno trecho pronto da construção e estavam já sendo feitas outras peças para continuação do hospital e fechamento daquele lado onde havia iniciado o hospital até alcançar o muro.

Em maio de 1833, já havia a solicitação para levantar o muro ao lado do portão da frente e, um mês depois o anúncio para fazer um muro de 1 metro em frente ao hospital até o portão. Durante todo o ano de 1833, existem referências ao muro que estava sendo feito em frente ao hospital, em direção a Capela (conforme Ata de 21/07/1833).

Este seguimento do muro parece ter sido construído, pois não aparece mais nenhuma outra referência a ele. Em janeiro de 1848, existe a solicitação do Irmão Carneiro para que se faça a substituição de uma cerca por muro, na parte de frente para o norte. Ao que parece essa parte do muro deveria ficar na parte de trás da capela, junto a uma cozinha. Esse muro estaria concluído em maio de 1848, juntamente com as obras do Hospital Militar. Durante o ano de 1848 e 1849 seria concluído o muro contíguo a Capela e outro muro aparece como obra a ser concluída, que se estenderia até a continuação da Rua da Praia.

Em fevereiro de 1849, aparecia uma solicitação para continuar as obras do hospital até a extremidade do terreno. Em julho de 1850, outro ajuste: um muro do Hospital Militar, para evitar que as pessoas que vem para o asilo de alienados entrem nas dependências do hospital, bem como uma modificação na estrutura do pátio para que os alienados tivessem um pátio separado e que nos fundos do hospital houvesse uma porta ou portão para que as pessoas de fora fossem atendidas, sem que precisassem entrar.

Entre as futuras modificações que aconteceriam ainda na primeira metade do século XIX, estão todo o fechamento da parte dos fundos do hospital, com muro, em direção a ladeira que dá para a várzea (parte em direção a atual Praça Argentina); e mais outras relacionadas à construção e consertos da nova cozinha e sacristia, bem como outros reparos que assegurariam o isolamento do hospital, bem como o resguardo dos enfermos sendo tratados.

A seguir passo a analisar as plantas de Porto Alegre, nas quais foram devidamente destacados os trechos onde havia uma parte do hospital construída ou ainda em andamento.

A primeira imagem diz respeito à Planta da Cidade de Porto Alegre de 1833. Ela é bastante diferente das demais e possui peculiaridades que são interessantes de observar. É óbvio que a intenção de construir esse mapa era documentar da melhor forma possível

o quanto a cidade havia crescido. Temos destacados os principais prédios da cidade, bem como as primeiras ruas já existentes. Essa planta retrata um contexto histórico onde ainda havia certa paz reinando no estado. Embora tivéssemos passado por momentos de conflito pouco tempo antes, com as guerras relacionadas à Província Cisplatina.

Daniela Marzola Fialho afirma que muitos elementos dessa planta apontam que a intenção principal seria um detalhamento, sinais dos efeitos de uma guerra, na medida em que ela informa, além dos principais prédios e ruas, muitas casas de pessoas importantes. Segundo a autora, essa planta não se orienta por nenhum preceito científico cartográfico. O autor, Tito Livio Zambeccari⁸², um liberal italiano, teria vindo ao Rio Grande do Sul para se juntar às forças revolucionárias farroupilhas, contra o Império (FIALHO, 2007).

Nessa planta, a “península”, onde se localiza a cidade, está desenhada fora dos preceitos científicos cartográficos da época, que fariam dela uma planta acurada, não havendo inclusive a indicação do Norte. Nela estão destacadas algumas ruas da cidade, as praças, os prédios principais e alguns acessos importantes. Além disso, Zambeccari aponta os locais de moradia de alguns habitantes da cidade. Tudo isso faz dessa planta um instrumento útil no caso de um confronto militar, na medida mesma em que o que ela mostra são os lugares importantes para uma possível batalha – acessos, localização de quartéis e de pessoas importantes. É claro que se sua função fosse outra, outros locais estariam em evidência na planta. Ou seja: ela seria outra planta (FIALHO, 2007:3)

O prédio da Santa Casa aparece completamente diferente dos demais apresentados nas plantas posteriores. Aparece uma Guarda de Caçadores ao lado da Igreja, que segundo Fialho, teria esse intuito de informar possíveis lugares de ataque, porém o prédio do hospital é muito maior do que aparenta ter sido na realidade. Tomando em conta o que a autora afirmou, documentar bem o prédio do hospital não teria sido uma prioridade, embora ele devesse ser mencionado (IDEM).

⁸² Tito Livio Zambeccari era um estudioso de geografia e história natural e é de sua autoria, além dessa planta, um outro mapa geral do Rio Grande do Sul. Foi o idealizador da bandeira e do emblema da República Rio-Grandense (FIALHO, 2007).

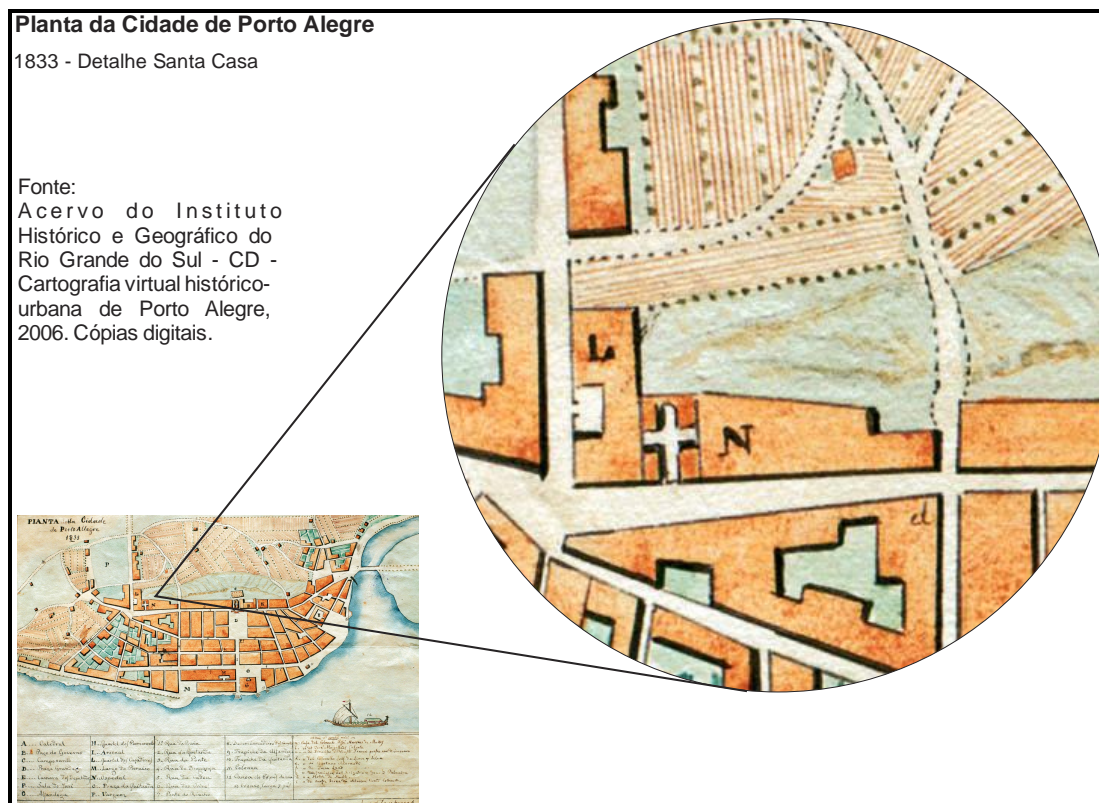


Imagem 27 – Planta de 1833 – detalhe para prédio da Santa Casa.

A segunda planta a ser analisada é a do ano de 1839 e essa planta já apresenta os atributos mais esperados em plantas de autoria de engenheiros ou que procurem atender as demandas de uma cidade. Porém, o autor dessa planta é Luiz Pereira Dias, um prático português⁸³, que teria chegado ao Brasil pouco antes de 1832, quando aparece documentado o seu casamento com uma brasileira, Margarida Josefa de Bragança. Nessa planta, que foi produzida durante o conflito farroupilha, também aparecem os prédios mais importantes, o traçado das ruas, a península e a muralha de proteção a cidade. É uma das plantas mais conhecidas de Porto Alegre (entre as mais antigas), pois

⁸³ Conforme Daniela Fialho, ele teria nascido na Freguesia de Cedofeita, na cidade do Porto e se naturalizado em 1857, pouco depois da morte da esposa. Desde 1838 consta na documentação como arruador de Porto Alegre, no Livro de Nomeações da Camara de Porto Alegre. Permaneceu sendo arruador até 1849. Em 1850 foi nomeado como Encarregado de Obras da Camara, produzindo 2 plantas, uma em 1853 e outra em 1855. Ele não era Engenheiro, conforme consta em correspondência da Camara em 1856. Em 1858 é rebaixado de função, com a contratação do Engenheiro Frederico Heydtmann. A última notícia sua é em 1859, quando aparece como Administrador de Obras. Conforme Spalding, ele já era idoso quando exercia essa função, tendo falecido em 1860. Foram de sua autoria as obras do Teatro São Pedro e a planta da Casa da Camara (que ele não viu ser executada) (SPALDING, 1967; FIALHO, 2007)

conta com duas vistas da cidade: uma do leste e outra do oeste. Segundo Fialho, essa planta é uma “peça de transição entre a representação cartográfica e a representação pictórica de Porto Alegre” (FIALHO, 2007:4).

No que diz respeito ao prédio da Santa Casa, ele se assemelha bastante com a construção que aparece na imagem atribuída à década de 1840 (página 76), só que já consta o prédio construído até o muro, que pelo traçado, também já devia ter sido construído. Se a planta estiver correta, é quase certo que a imagem da litografia seria anterior à data a que é referida. Essa forma de L, em que o prédio se encontra nessa planta de 1839, ainda vai seguir ainda alguns anos, pois aparece na planta de 1844, da mesma forma.

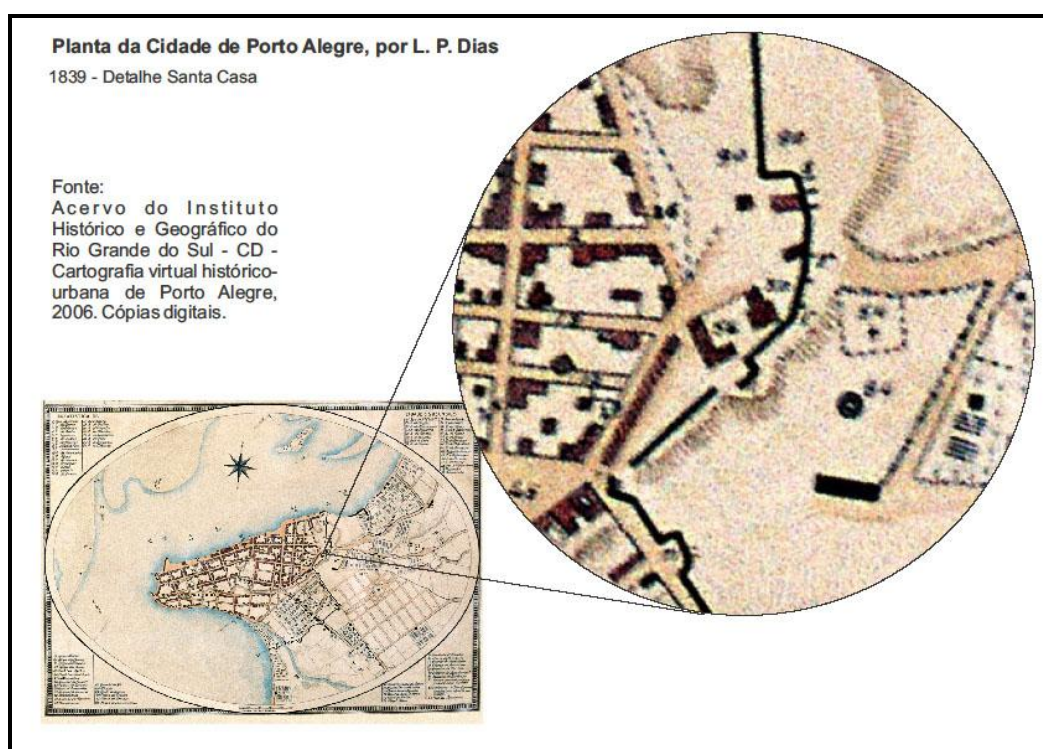


Imagem 28 – Planta de 1839 – detalhe do prédio da Santa Casa.

A terceira planta, de 1844, não possui comentários nos vários artigos publicados por Daniela Fialho, produzidos a partir de sua Tese de Doutorado. Eu também não encontrei outras referências de outros autores se debruçando sobre ela. Mas quanto ao

prédio da Santa Casa, como dito anteriormente, não apresenta grandes evoluções. Em termos cartográficos possui alguns inconvenientes, ela não apresenta uma referência ao Norte, cuja planta anterior apresentava. Possui na legenda 30 títulos, sendo eles os prédios e ruas mais importantes. Esta planta foi produzida no final do conflito farroupilha.

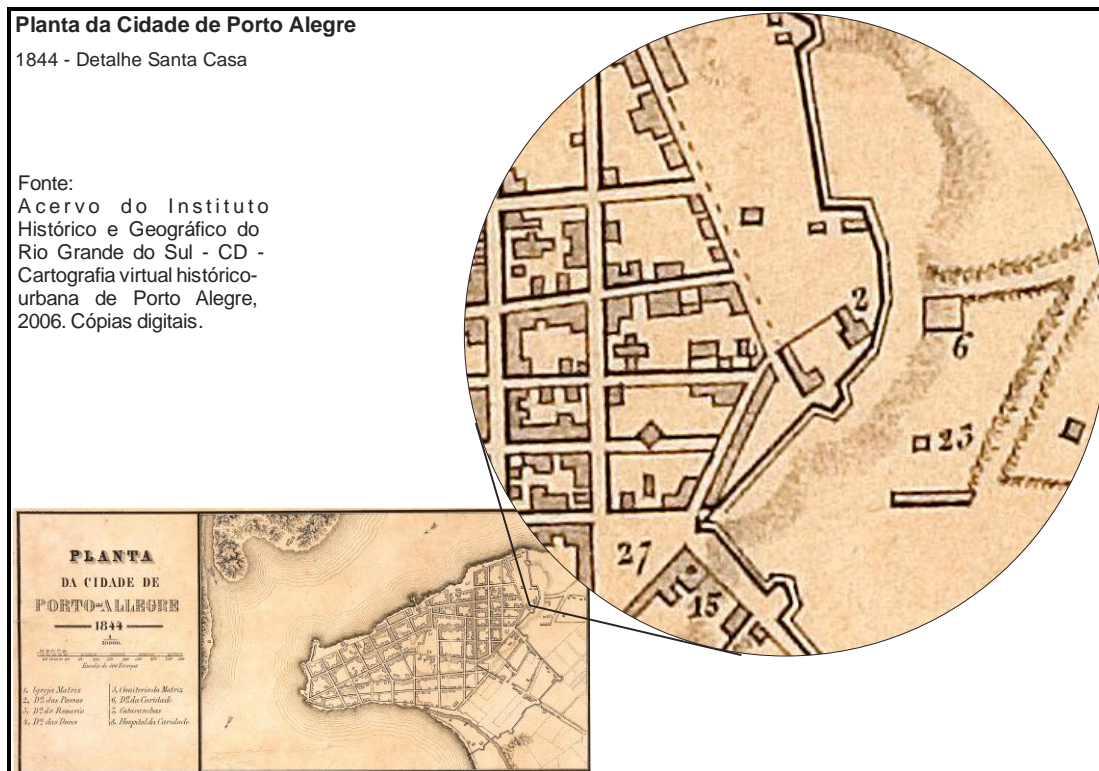


Imagem 29 – Planta de 1844 – detalhe prédio da Santa Casa.

A próxima planta é a de 1868, já passado o conflito farroupilha, mas consta com uma novidade: uma vista panorâmica da cidade. A parte da planta de Porto Alegre é um esboço feito no canto esquerdo de uma Carta Topográfica da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Conforme Fialho, segue as convenções geográficas, mas não constam os limites urbanos ampliados, porque a escala em que se encontra a planta é bem menor do que a do mapa provincial. Nesta planta da cidade já aparece a Rua Sete de Setembro e os limites urbanos já estão bem mais estendidos. Conforme a autora, também é uma planta

de transição por apresentar a vista panorâmica. Essa nova perspectiva facilita o ângulo de visão do espectador que se aproxima da cidade e já espelha novas práticas com o amplo comércio que já estava acontecendo. Assim, esse tipo de imagem apresenta uma idéia geral já desenvolvida no mundo, desde o século XVIII, onde os mapas não são mais meros desenhos com informações marítimas e hidrográficas (FIALHO, 2007).

Quanto ao prédio da Santa Casa, ele já aparece quase completo, com toda a construção terminada na parte da frente da rua da Misericórdia e mais outras porções de salas atrás da Capela e ao lado do Hospital Militar. Essas melhorias já apareciam nas atas e iam ao encontro dos anseios de ampliar o hospital devido a cada vez maior quantidade de enfermos que eram atendidos, além de comodidades que os preceitos higiênicos já exigiam.

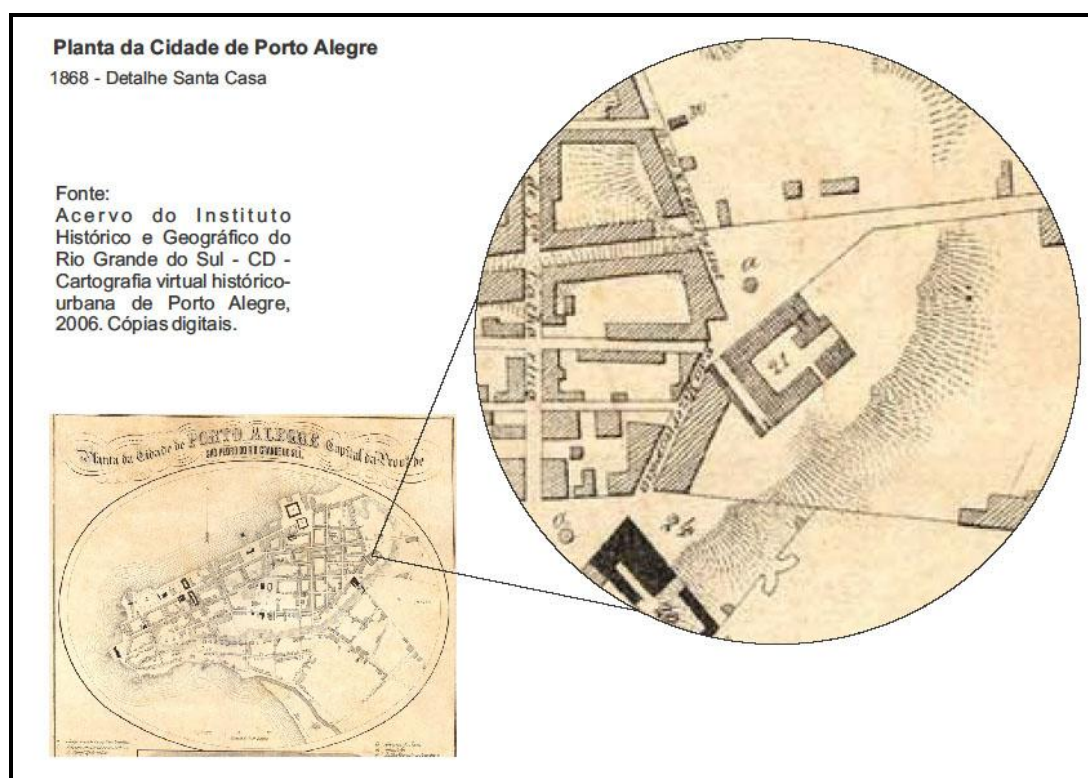


Imagem 30 – Planta de 1868 – detalhe do prédio da Santa Casa.

A planta de 1872 é uma planta quase idêntica a de 1868 e também não foi contemplada pela análise de Daniela Fialho. Em termos cartográficos apresenta bem poucos destaques em relação aos mapas anteriores. Tem o traçado das ruas, mas o destaque aos prédios fica circunscrito a bem poucos exemplares, entre eles está o prédio do hospital. Quanto à construção não apresenta diferenças quanto ao de 1868. A única diferença diz respeito ao prédio ao lado do hospital, que na planta de 1868 aparecia com bem menos destaque. Esse canto depois, no século XX, será ocupado com o hospital Daltro Filho e em algumas atas, nesse mesmo período, aparecem a construção de uma linha de casas para aluguel ao lado do hospital, que podem ser uma referência a elas.

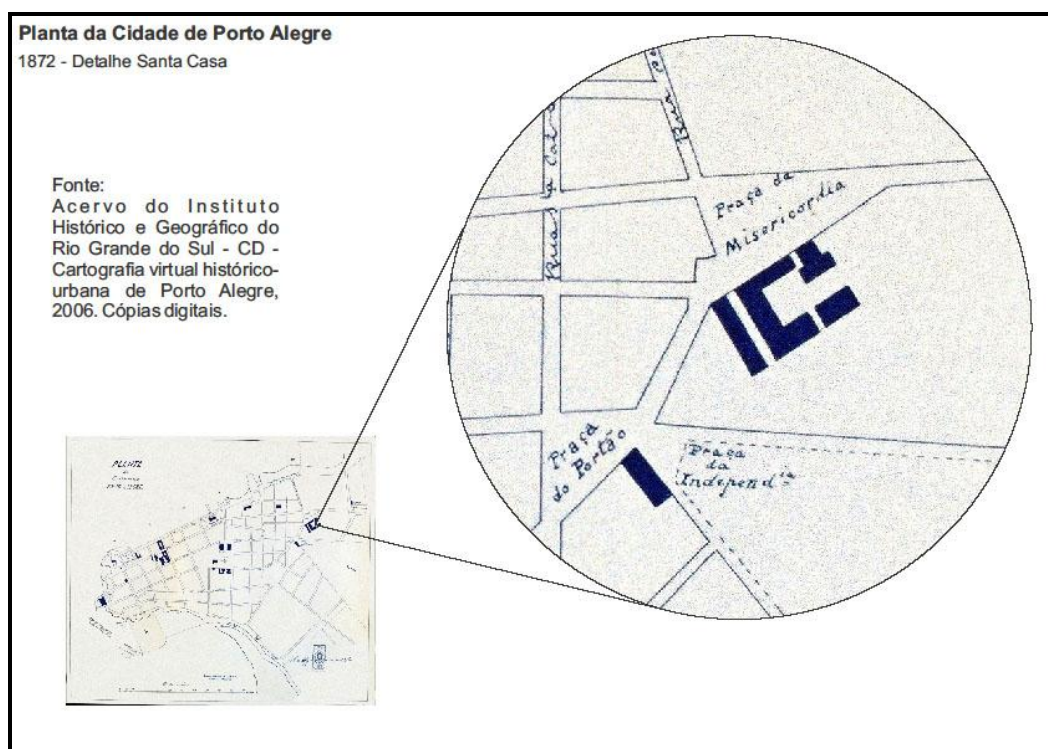


Imagem 31 – Planta de 1872 – detalhe do prédio da Santa Casa.

A planta do Engenheiro Henrique Breton, de 1881, apresenta inúmeras informações que antes não haviam aparecido. O Parque do Bom Fim, onde antes havia a área designada como Várzea, já é destacado, bem como a Escola Militar (cuja construção

começou em 1872). A imagem do mapa aparece meio invertida com a parte sul para cima, onde deveria estar o Norte, conforme as convenções geográficas (FIALHO, 2007).

A cidade aparece mais ampliada e o prédio da Santa Casa aparece com a parte de trás do seu edifício um pouco modificada. A parte que ficava atrás da Capela aparece anexada junto à parte que ficava ao lado do Hospital Militar. A parte que ficava ao lado do hospital também apresenta modificações.

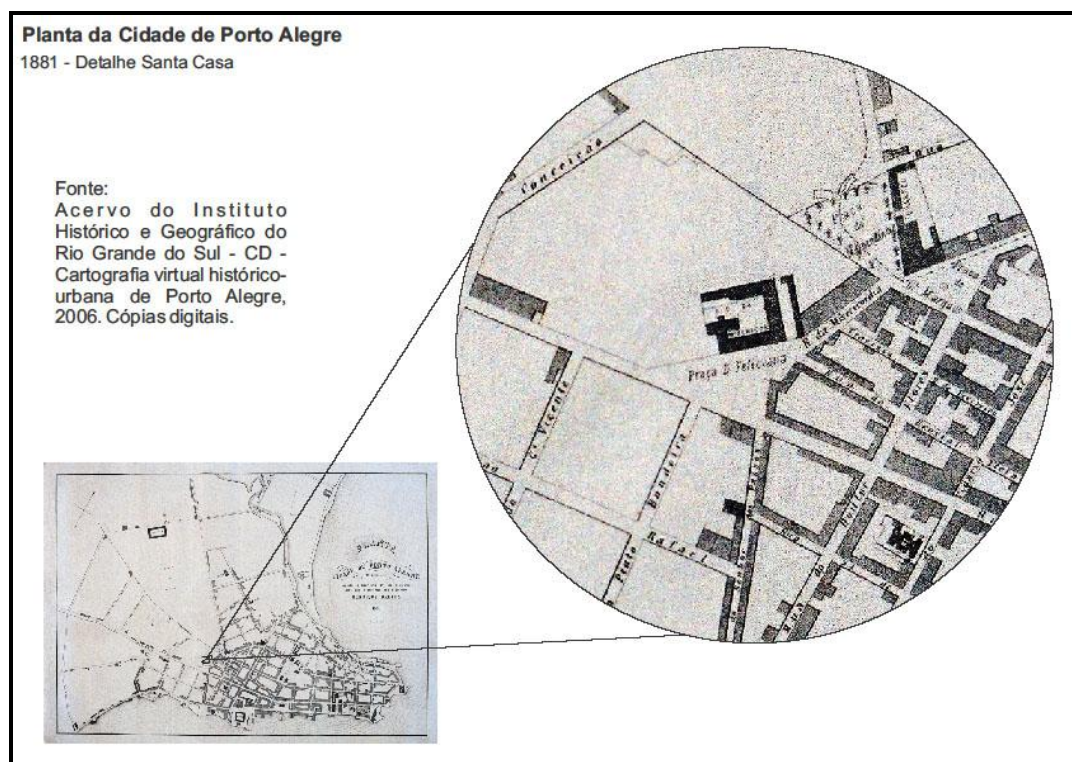


Imagem 32 – Planta de 1881 – detalhe prédio da Santa Casa.

A penúltima planta analisada é a de 1888, já no último ano do período imperial, apresentando um considerável aumento da cidade. Nessa planta aparece mais detalhado o Arraial do Menino Deus e o de S. Miguel. É feito por um Engenheiro, mas também Capitão de Artilharia. Também não apresenta o Norte conforme a convenção cartográfica. Existe também uma relação de nomes de ruas com nomes antigos e os novos nomes que

na época da produção da planta estavam tendo. A relação dos principais prédios aparece em legenda separada.

Em relação ao prédio da Santa Casa, ele aparece com mais alterações. A parte que fica ao sul da Capela aparece com uma das partes suprimida e o prédio que ficava ao lado do hospital, agora parece ter sido anexado.

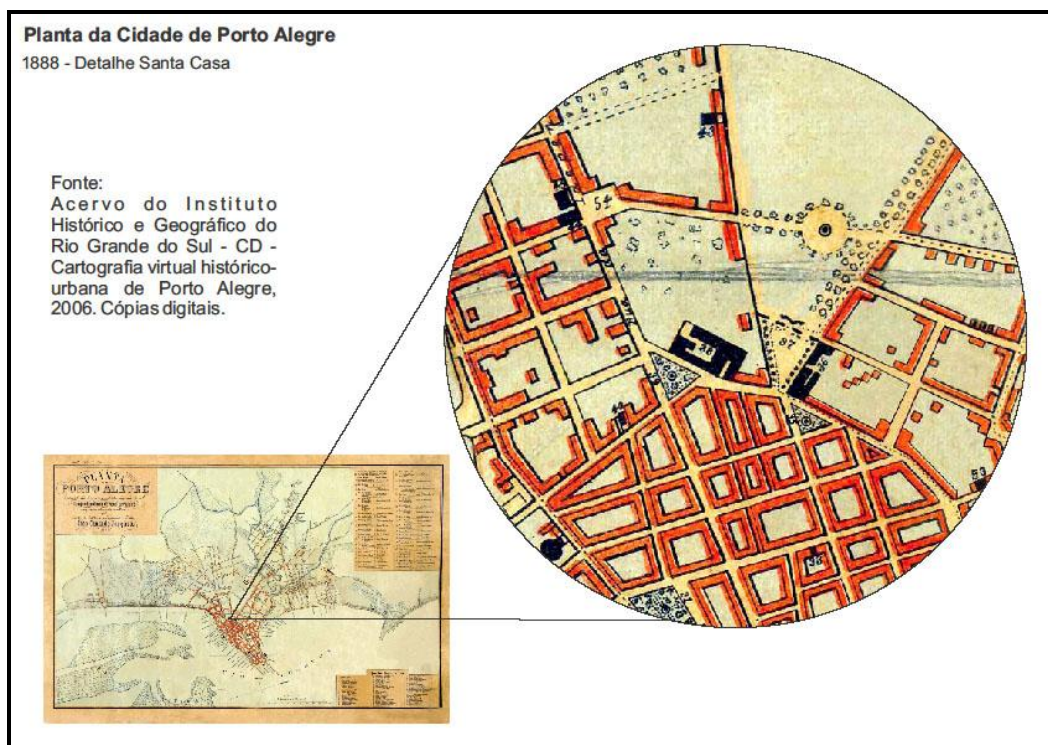


Imagem 33 – Planta de 1888 – detalhe prédio da Santa Casa.

A última planta analisada é a de 1896, exemplar do período republicano apresenta um aumento considerável da cidade. O prédio da Santa Casa está muito diferente das plantas anteriores e parece ter tido uma grande alteração em sua conformação. Não foram evidenciadas mudanças tão grandes na conformação do prédio. A impressão é de que está virado ou que teve grande parte suprimida. Talvez a intenção na execução da planta tenha sido ressaltar outras coisas que mostrariam as inovações republicanas da cidade e não um exemplar de prédio colonial. Aparece ainda nesta planta uma nova

mudança no nome das ruas, principalmente as que faziam alguma alusão a nomes relacionados ao período imperial que foram trocados por representantes republicanos.

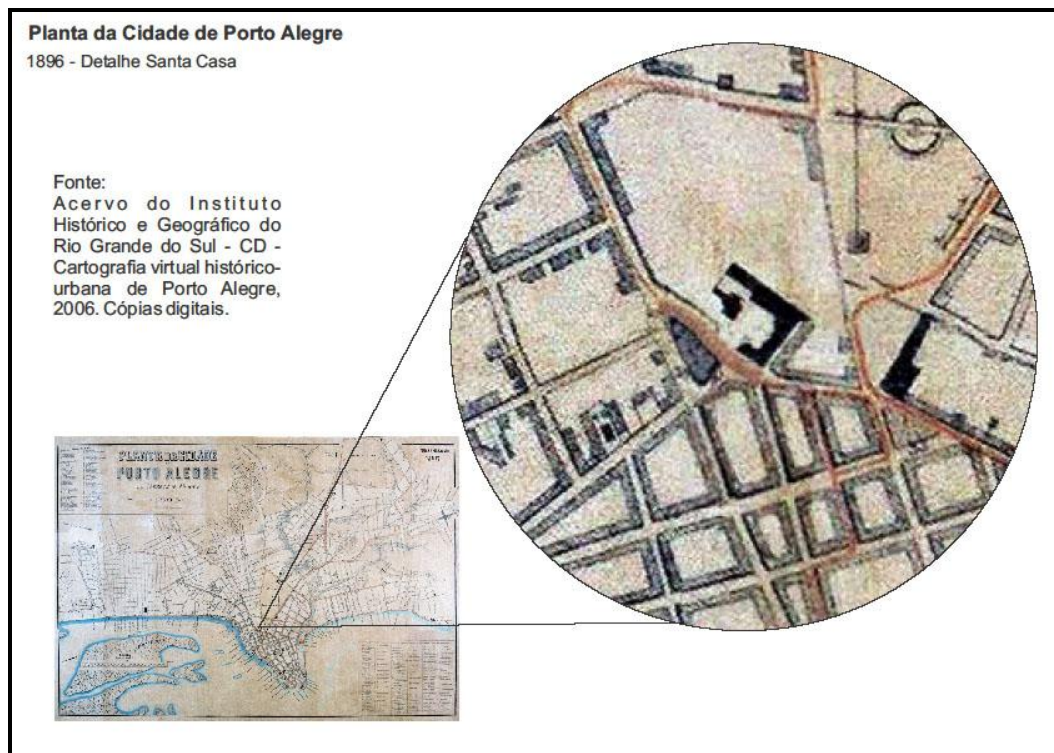


Imagem 34 – Planta de 1896 – detalhe prédio da Santa Casa.

A pesquisa nas Atas da Mesa Administrativa, até o ano de 1854, permitiu perceber qual foi a dinâmica de construção do hospital e como ela foi acontecendo. Embora houvesse muitas necessidades de aumento do prédio e demais consertos, que aconteciam todos os anos, essas transformações somente ocorreram conforme o contexto foi sendo modificado. Nem sempre com intenção premeditada. As ações dependeram tanto das conjunturas econômicas, políticas e sociais, bem como dos significados que pareciam transparecer em cada uma dessas alterações. Os dirigentes, na medida do possível, tentaram conduzir os acontecimentos conforme o contexto permitiu. Não foi de maneira contínua que puderam interferir nas obras de construção do hospital, pois houve vários conflitos de todos os tipos que atrapalharam os planos.

Durante alguns momentos houve Provedores que conseguiram em períodos longos mais sucessos que outros, favorecidos ou não pelas circunstâncias e suas relações. O fato é que, conforme pode ser visto na planta de 1868, as obras do hospital finalmente foram finalizadas, fechando o espaço que hoje ocupa o Pavilhão Centenário. Os melhoramentos e outros tipos de modificações foram feitas, mas não na estrutura principal do prédio, muitas delas dizem respeito às próprias concepções que tinham a respeito do tratamento a ser dispensado aos enfermos, mas também atendendo às exigências feitas pela medicina do período.

2.4.2. O Mercado Público de Porto Alegre

O Sítio arqueológico Mercado Público Municipal também apresentou muitas diferenciações, e assim como foi feito com o prédio da Santa Casa, eu analisei as plantas também com a intenção de perceber a transformação da área onde seria posteriormente construído o prédio do novo Mercado. Nas primeiras décadas do século XIX, essa área ainda apresentaria grandes vazios.

Embora o comércio já fosse bastante intenso nos primeiros anos do século XIX, a cidade ainda se restringia com a inexistência de um prédio onde vender seus produtos. Em 1844, as obras de um primeiro prédio, onde se concentrariam as vendas dos principais produtos da cidade, são concluídas. Boa parte da população percorria e morava perto das áreas onde circulavam o comércio citadino.

Mesmo que grande parte dos produtos, pelo menos os de maior monta, viesse do Rio de Janeiro, Porto Alegre tinha um afluxo muito variado de mercadorias sendo comerciadas em alguns locais da cidade. As áreas onde gerava a maior quantidade de negócios eram os locais próximo ao porto e a Rua da Praia.

Pode ser considerada como principal entreposto da Capitania, sobretudo das regiões que ficam ao noroeste. Os negociantes adquirem quase todas as mercadorias no Rio de Janeiro e as distribuem nos arredores da cidade; em troca exportam, principalmente, couros, trigo e carne seca; é, também, de Porto Alegre que saem todas as conservas exportadas da província (SAINT-HILAIRE, 1987: 46).

Toda essa confluência de mercadorias nessa área da Praça do Mercado sempre trouxe grande fluxo de pessoas transitando por esse local. O fato de também ser um local de depósito de lixo também explica essa importância. Do ponto de vista arqueológico é uma área bastante intrigante. O arqueólogo Alberto T. Oliveira, em sua dissertação de Mestrado, para melhor entender o potencial arqueológico do centro da cidade, denominado centro histórico, apresenta como estratégia para esse questionamento uma divisão que faz da cidade em várias áreas, que chama de setores: 6 para século XIX e 2 para o século XX.

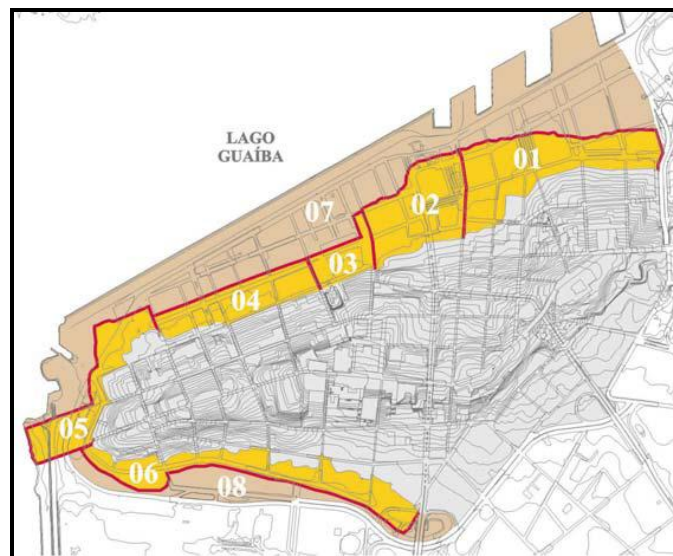


Imagem 35 – Área demarcada através de setores onde podem ser vistos as áreas de maior potencial arqueológico. Zona Baixa (amarelo) 1. Caminho Novo, 2. Mercado, 3. Alfândega, 4. Sete de Setembro, 5. Cadeia e Harmonia, 6. Praia do Riacho. Século XX (rosa) 7. Mauá e 8. Perimetral (OLIVEIRA, 2005:208)

Nas diversas plantas de Porto Alegre, já examinadas antes para o prédio da Santa Casa, é possível também perceber as mudanças ocorridas nessa área da cidade. Para efeito de melhor compreensão dividi as plantas tentando evidenciar dois aspectos: a área sem os prédios do Mercado e a com eles. Entre as plantas que não aparecem os prédios do Mercado estão as de 1833, 1839 e 1844; nas restantes há presença clara dos prédios dos dois mercados e em algumas delas é possível ver até os dois prédios juntos (1868).

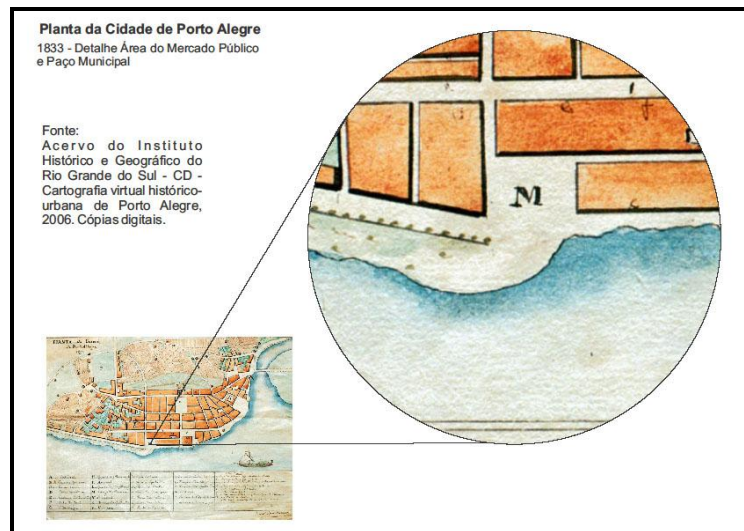


Imagem 36 – Planta de 1833 – destaque área Mercado e Paço.

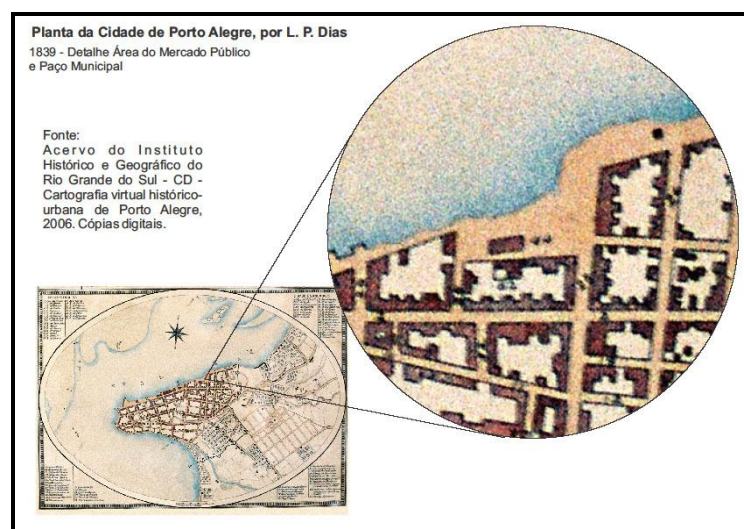


Imagem 37 – Planta de 1839 – destaque área Mercado e Paço.

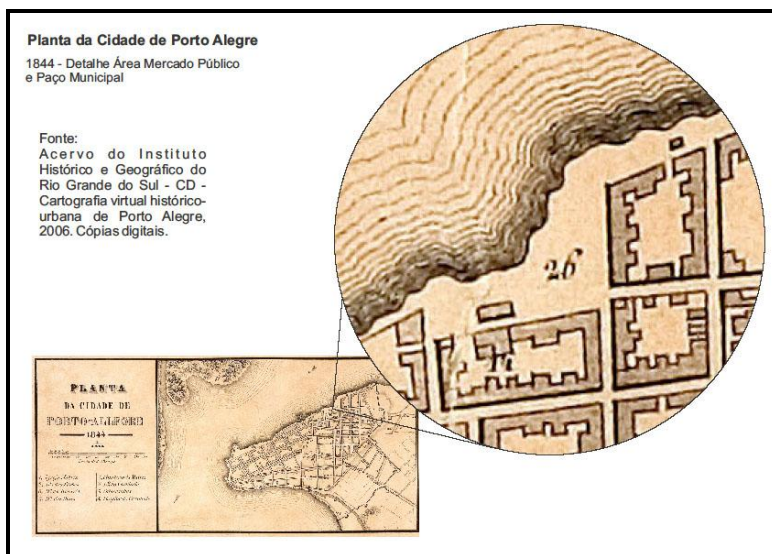


Imagem 38 – Planta de 1844 – destaque área Mercado e Paço.

Nas plantas de 1839 e 1844 aparece um tipo de construção que pode ser algo relacionado com as atividades da área do mercado. Conforme Oliveira, nos primeiros momentos dessa área, somente havia a Praça do Paraíso e a praia. Quando foi construído o primeiro prédio de Mercado, ele já configura nas plantas conseqüentes, embora na planta de 1844 ainda não apareça. Nas plantas de 1853 e 1868, aparece o primeiro prédio no local onde atualmente está a Praça XV de Novembro (OLIVEIRA, 2005).

Na planta de 1853 ainda aparece a Doca das Frutas e a Doca do Carvão sendo construída. Nessa planta, o autor ainda destaca o fato de ter sido aterrado uma parte do terreno onde será construído posteriormente o atual prédio do Mercado Público. Com esse aterro, a área ficou servindo de praça para o primeiro mercado e também serviu como uma espécie de lacre para o material que havia sido depositado antes. Com isso ele afirma que o material coletado nessa área deve ser anterior a 1853 (IDEM).

Sobre a área do Paço Municipal, o arqueólogo Alberto Oliveira aponta para os momentos de sua constituição, os seguintes aspectos:

O lado leste, na atual Avenida Borges de Medeiros, houve uma quantidade grande de material e teria sido a área de aterro mais antigo, que aparece representado na planta de 1853. A parte Sul (Rua Sete de Setembro) mostra-se aterrada somente na planta de 1868, e a parte oeste (Rua Uruguai), que vai constituir a doca, é evidenciada na planta de 1877 (OLIVEIRA, 2005: 212).

Assim, a partir dessas análises, ele acredita que a área tenha sido construída em torno de 1870, quando foi inaugurado o novo prédio do Mercado Público. E quando foi feito o aterro e foi extinta a doca, para a construção do novo Palácio da Intendência, em 1898 (Idem).

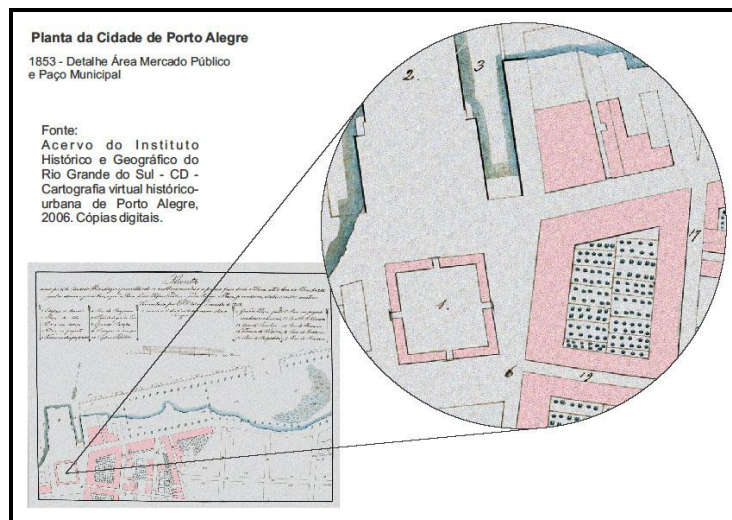


Imagem 39 – Planta 1853 – destaque área Mercado e Paço.

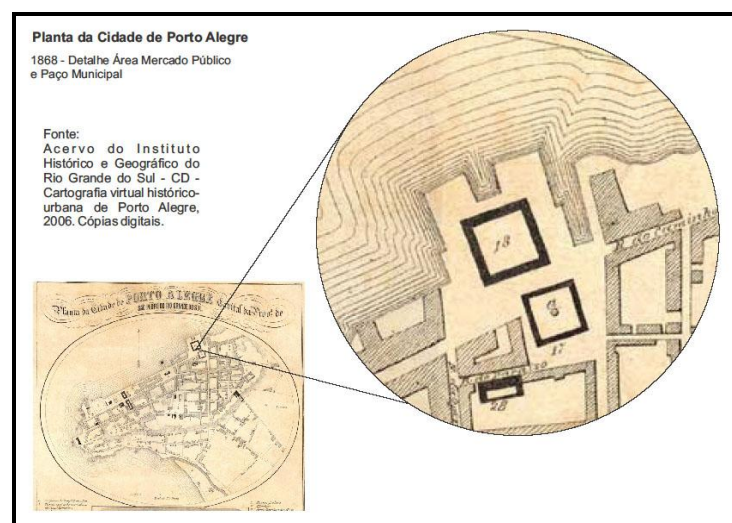


Imagem 40 – Planta 1868 – destaque área Mercado e Paço.

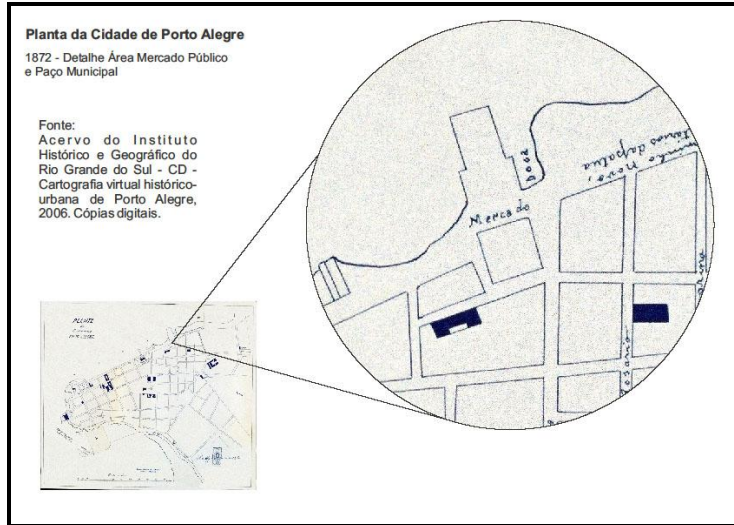


Imagem 41 – Planta 1872 – destaque área Mercado e Paço.

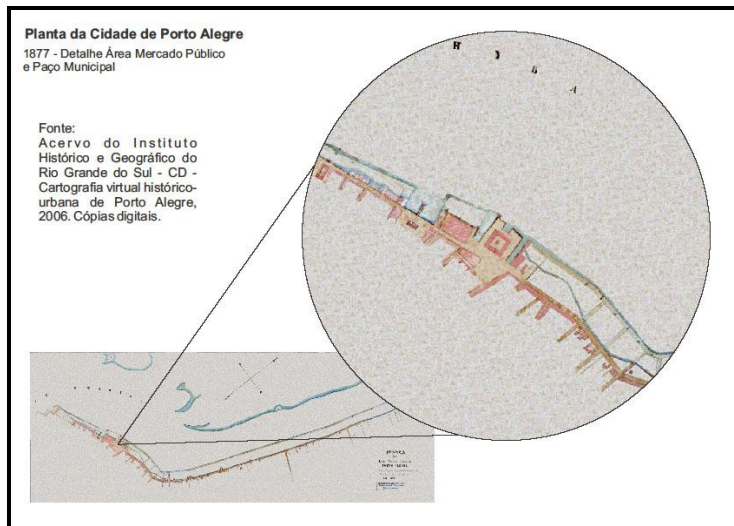


Imagem 42 – Planta 1877 – destaque área Mercado e Paço.

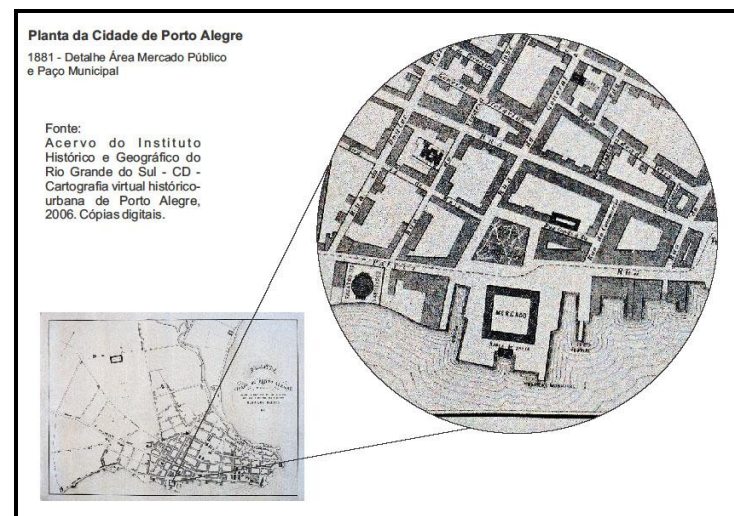


Imagem 43 – Planta 1881 – destaque área Mercado e Paço.

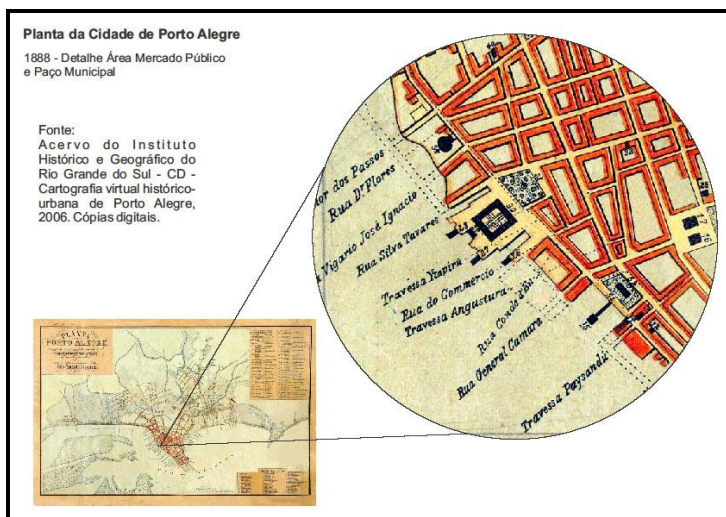


Imagem 44 – Planta 1888 – destaque área Mercado e Paço.

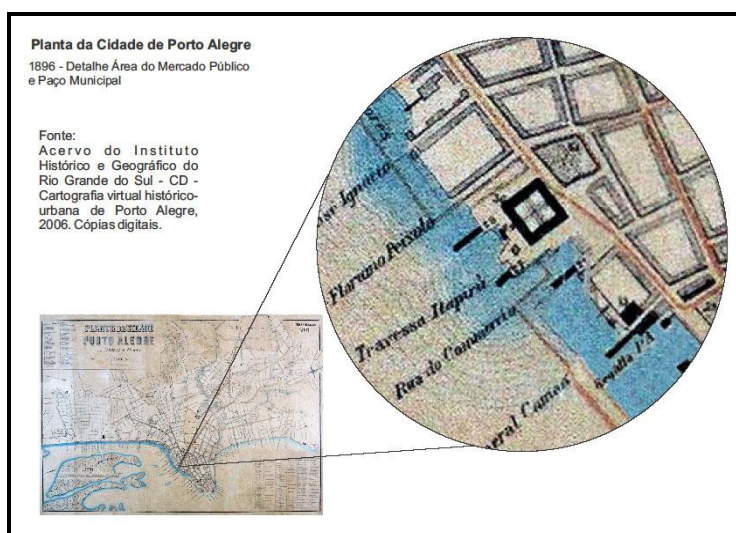


Imagem 45 – Planta 1896 – destaque área Mercado e Paço.

Todas essas plantas demonstram que houve grandes mudanças e transformações nessa área onde se localizam esses dois sítios arqueológicos. Nessa área onde havia intenso comércio, grande número de atividades, de serviços que eram oferecidos, bem como outras práticas que se desenvolviam nesse espaço, como as práticas e serviços que eram exercidas pelos escravos, libertos e os pobres em geral.

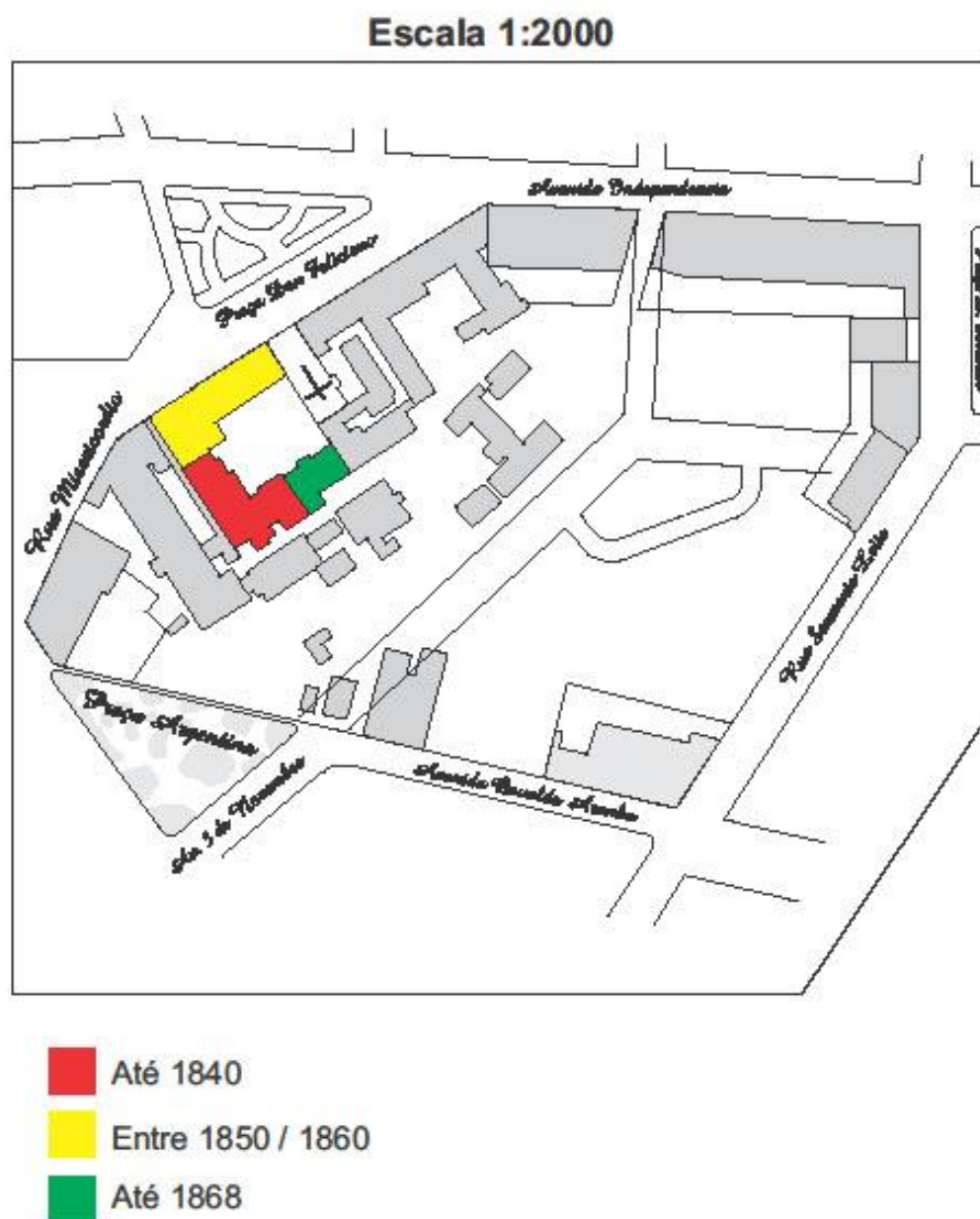


Imagem 46 - Evolução da construção do prédio da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Capítulo 3

Medicar, sangrar, retalhar...

Embates entre a medicina denominada oficial e tantas outras que faziam parte das artes de curar.



Capítulo 3

Naná acabou se revelando um verdadeiro tesouro como babá. Era insuperável na hora do banho. E num instantinho estava de pé, a qualquer hora da noite, se uma das crianças a seus cuidados desse o menor gemido. É claro que ela dormia no quarto das crianças. Era um gênio para perceber as diferenças nas tosses, distinguindo perfeitamente quando se tratava de uma coisa que não se deve ter nenhuma preocupação ou quando era uma tosse que exigia cuidados e era preciso enrolar uma meia em volta do pescoço. Até o final de seus dias, acreditava piamente em remédios antigos, como folhas de ruibarbo. E emitia uns sons de desprezo quando ouvia essas conversas modernas sobre germes e coisas assim...

J. M. Berrie, *Peter Pan (Peter Pan and Wendy)*.

A história da medicina no Brasil é pontuada por embates e por diversas celeumas causadas pela decisão a quem devia, se é que devia, a primazia das artes de curar.

A proposta deste capítulo é levantar alguns aspectos que achei relevante nessa discussão para que o contexto do consumo de determinados medicamentos, bem como a utilização de determinados utensílios no cotidiano da cidade, ficasse bem contextualizado.

3.1. A questão do consumo de medicamentos

Vera Regina Beltrão Marques, em seu trabalho de doutorado, procura analisar a lógica da produção de medicamentos dentro de um vasto conhecimento (indígena, africano e europeu) sobre plantas nativas e estrangeiras que estavam inseridas no cotidiano brasileiro, bem como a atuação e importância dos boticários para a população e para os intuítos do governo português no período colonial, especialmente no século XVIII (MARQUES, 1999).

Esses medicamentos a que denomina de *medicamentos de segredo* são os remédios que circulavam pelo país e que procuravam manter suas fórmulas ainda secretas. Durante um longo tempo, no século XVIII e durante boa parte do XIX, ainda essa aura em torno dos medicamentos permaneceria. Em todo o país ainda havia a manutenção em determinadas práticas que estavam alicerçadas em séculos de tradição (IDEM).

A historiografia tradicional⁸⁴ ressalta a importância dessa presença e da confiança em métodos e práticas que tinham suas raízes no período medieval, ou ainda anterior. Eles denominavam esses períodos anteriores ao século XIX, que seria conclamado como o século da medicina, como períodos ainda atrasados onde haveria uma pré-medicina.

Desde o princípio da entrada de europeus no território brasileiro, vieram junto com as tripulações os físicos, bem como um corpo de profissionais que estariam imiscuídos nas viagens exploratórias, que seriam boticários, cirurgiões-barbeiros, bem como também os curandeiros. Esses últimos não necessariamente precisavam ser os vindos, se bem que vinham, mas também os próprios índios que aqui já habitavam e que passariam muitos de seus conhecimentos de uso de ervas para os agentes de cura que no país deveriam permanecer.

A falta de médicos, pois poucos eram os que concordavam em residir no Brasil, nestes primeiros séculos, fazia com que na maior parte das vezes as alternativas ficavam sendo mesmo a medicina já conhecida e administrada pelos moradores anteriores aos portugueses no Brasil. Essa crença em determinados tratamentos e efeito de certos

⁸⁴ A historiadora Tania Salgado Pimenta, na Introdução de sua Tese, faz um breve retrospecto sobre a bibliografia a respeito das artes de curar. Com o intuito de documentar quão ainda era escassa as pesquisas relacionadas à história da medicina do século XIX ela traça um panorama das últimas pesquisas e, principalmente, as que foram mais relevantes, centrando sua análise em três momentos distintos. Uma primeira fase, de uma historiografia dita mais tradicional ou clássica, que incluiria os médicos que escreviam sobre a história da medicina (cujo autor mais consagrado seria Lyrurgo Santos Filho). A essa fase seguiriam alguns pesquisadores como Roberto Machado e Jurandir Costa, de inspiração foucaultiana, que tendiam a analisar os processos a partir de um viés mais generalizante. A partir da década de 1990, foram surgindo cada vez mais trabalhos que tentavam superar essas duas fases antecedentes e que tendiam a considerar pouco as peculiaridades dos casos estudados. Com um viés explicativo que aplicava o paradigma microbiano, estão alguns pesquisadores afiliados à Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). E outro grupo, que apareceram nos anos posteriores e que tentavam explicar a história da medicina a partir de um viés baseado na ótica da história social, dentre estes inúmeros historiadores, destaca-se a tese de pós-doutoramento do historiador Sidney Chalhoub, *Cidade febril*, que viria a influenciar muitos outros pesquisadores (PIMENTA, 2003). Para maiores informações ver SANTOS FILHO, 1947; LUZ, 1982; CHALHOUB, 1996; MACHADO, 1999; COSTA, 2004; etc.

medicamentos era atribuída pela historiografia tradicional como um sinal de atraso, mas era desculpada devido as condições econômicas do período e que acabaria favorecendo a ação destes agentes (SANTOS FILHO, 1991).

Quando os médicos e historiadores que acreditam que privilegia a medicina ligada à academia, admite-se esta prática de cura, exercida pelos curandeiros, como uma prática médica, dá-lhe o nome de “Medicina Popular”. E a atuação destes profissionais somente é aceita quanto há falta de médicos, formados pelas faculdades européias ou mesmo as primeiras que surgiram nos primeiros anos do século XIX, ou ainda é explicada pela ignorância do povo. Assim, segundo estes pesquisadores, é

(...) a insuficiência de profissionais – em número e em saber – e a tendência natural do povo ignorante, que o leva, em todos os tempos, a confiar nos curadores e nos charlatães, ensejaram o florescimento da Medicina popular (IDEM: 434).

Essa idéia da ausência ou carência de médicos ter influenciado na inserção dos práticos nos campos das artes de curar, bem como sua aceitação é muito discutida e totalmente refutada por alguns historiadores. Segunda Vera Marques, durante o século XVIII e início do XIX, querer desvalorizar ou relegar para um segundo plano estes métodos de cura, tiraria seu real valor prático, cuja eficiência vinha sendo provada durante muito tempo (MARQUES, 1999).

Das artes de curar no Brasil faziam parte diversos tipos de conhecimentos que eram incorporados ao cotidiano da população e que faziam parte dos hábitos dos diversos povos que no país viviam: europeus, indígenas e africanos. Assim, não era a falta de acadêmicos que favorecia a atuação dos práticos ou mais diversos tipos de curadores, tentando inculcar um grau de ilegitimidade ao saber destes agentes. Eram as tradições culturais que eram refletidas nas artes de curar dos africanos e indígenas e que abriam espaços para que fossem disseminados novos saberes e práticas desconhecidas (IDEM).

Considerar a medicina lusitana oficial como o saber legítimo e todopoderoso seria desautorizar outros conhecimentos, à revelia da legitimidade popular que os assinalava, caindo nas malhas da medicina erudita exercida como a única arte capaz de curar as doenças, vulgarizando as demais práticas (MARQUES, 1999:28-29).

No período anterior a vinda da corte portuguesa ao Brasil e durante muito tempo antes, os boticários que atuavam aqui buscavam todos os recursos que precisavam obtenção dos medicamentos necessários às suas terapêuticas, utilizando um corpo de conhecimentos disponíveis no período, mesmo que eles ultrapassassem o que lhes era dito como conveniente e que a utilização destes saberes era considerada uma prática atrasada.

Dos mezinheiros aos pajés, passando por formulações desenvolvidas pelos jesuítas, todos os medicamentos tentavam dar conta de aliviar os males que atingiam os habitantes da Colônia. Os remédios teriam sido, em última instância, resultantes da aproximação das culturas presentes no Brasil (MARQUES, 1999:29).

A historiadora Maria Regina Guimarães⁸⁵ também compartilha dessa mesma premissa de entender o discurso médico, tentando resguardar para a si somente as artes de curar, porque o conhecimento médico até então conhecido era o mesmo que era praticado pela maioria dos outros agentes. Esse fato é corroborado pela inserção e total aceitação dos manuais de medicina popular existentes no século XIX (GUIMARÃES, 2004).

As medicinas, portanto, não poderiam ser rigorosamente classificadas, como desejam alguns autores, em, de um lado, uma medicina oficial – praticada unicamente por médicos diplomados - e, de outro, uma medicina descredenciada pelas autoridades médicas – praticada pelos citados oficiantes das artes de cura.

⁸⁵ Maria Regina Guimarães trabalha com a questão da difusão dos manuais de medicina popular que circularam no Brasil no século XIX, e que persistiram até inícios do século XX (GUIMARÃES, 2004).

Os curandeiros, freqüentemente denunciados como charlatães pelos médicos do Império, produziram diversas sínteses, ao aproximarem, increticamente, os elementos da medicina científica da linguagem compartilhada pelos diferentes grupos subalternos. Assim, a constituição de um monopólio legítimo sobre o território da cura teve, como se pode deduzir, muito mais percalços do que supõem os adeptos da tese de uma fornecida pela medicalização homogênea e ubíqua da sociedade brasileira (IDEM: 2-3).

Quanto à utilização destes manuais, outra historiadora que também trabalha com as artes de curar, aponta que se, por um lado, eles espalharam esse tipo de conhecimento e o disponibilizaram para um número maior de curadores, ele também fez com que esses outros agentes igualmente conseguissem interferir nos conhecimentos e práticas até então conhecidas (WITTER, 2001).

A popularidade desses manuais, no entanto, revelou-se uma faca de dois gumes. Se, por um lado, ajudou a convencer a população da necessidade de obedecer às ordens médicas, de outro, propiciou que as concepções de cura e doença populares se mesclassem aos saberes letrados dificultando a separação entre eles. No Brasil, as leituras dos manuais de medicina feitas pelos práticos e curiosos, ao menos até às últimas décadas do século XIX, facilitaram a associação dos princípios da medicina oficial com todo o tipo de prática popular de cura (WITTER, 2001:73).

Mesmo que a medicina oficial tenha recebido influência das outras artes de curar, ela se autodenomina de oficial e acadêmica e a devida utilização destes adjetivos já denota que existia uma nomeação da medicina ensinada nas faculdades como a que era qualificada para atuar num mundo racional e civilizado.

Assim, existiam esses diversos curadores atuando e sempre que possível, os curandeiros procuravam copiar algumas terapêuticas que achassem eficazes. Witter afirma que o curandeirismo não era um método contrário à ciência médica. E, segundo ela, todas as tentativas de se auto-afirmarem, fazem com que os defensores vejam ainda mais as outras artes de cura como copias mal-feitas e mal executadas da medicina científica (IDEM).

Dos remédios às dietas, qualquer prescrição que contrariasse muito as práticas ordinárias e não desse certo, acabava por tornar-se indício de que aquele curador não era bom conhecedor da arte ou da medicina (IDEM: 96).

Assim, seria muito mais fácil acreditar naquelas normas, preceitos e práticas que eram conhecidas e passadas de geração em geração, do que novos preceitos baseados nas inovações científicas e tecnológicas que pronunciavam novos conceitos de modernidade. A escolha dos curadores se daria muito mais pela confiança, pela eficácia comprovada, que somente anos dariam, do que por um diploma na parede e certo discurso de eficiência.

Durante todo século XIX, várias regras foram criadas, novos órgãos fiscalizadores surgiram ou antigos que foram reformulados para atenderem às demandas existentes em relação aos problemas que as cidades enfrentavam em relação às doenças que acometiam a população.

No entanto, por mais que tentassem regularizar esses serviços e dar um novo feitiço aos espaços urbanos, eles nunca conseguiam fazer com que eles realmente funcionassem. Conforme aponta Tania Salgado Pimenta, a grande maioria de agentes que atuavam nas artes de curar ainda eram os curadores não oficiais (PIMENTA, 2003).



Imagem 47 – Aspecto da cidade em 1856, com o prédio da Santa Casa ao fundo. Fonte: arquivo Centro Histórico-Cultural Santa Casa.

Os hospitais passaram por regulamentações. Foram sendo substituídos antigos serviços, velhas regras foram sendo reformuladas e tudo deveria servir e corroborar para que se alcançasse um fim máximo: a civilidade. E isso somente seria alcançado com a ajuda de agentes especializados e nas artes de curar eram os médicos oficiais que se achavam nesse direito.

Os saberes dos curandeiros somente eram aceitos quando estes não interferiam naqueles que os médicos resguardavam para si. Esses conhecimentos eram muitas vezes relacionados ao manejo e a utilização de determinadas ervas medicinais, que, conforme Nikelen Witter, eram muito mais comuns do que se possa imaginar, mas que atuavam muito mais no sentido de prevenir (WITTER, 2007).

Conforme o século XIX adentra até mesmo esse tipo de informação já chegava ao campo de ação dos médicos. Inúmeras viagens de cientistas e pesquisadores aconteceram com a finalidade de aprender mais sobre determinadas coisas que influenciavam no dia-a-dia das cidades, e um deles era o domínio sobre a terapêutica das plantas.

Em vários relatos de viajantes chama a atenção a quantidade de árvores e plantas que as localidades onde passavam possuíam. Ficavam maravilhados com a quantidade de árvores frutíferas que eram cultivadas e rechaçavam aqueles que não as tivessem. As ervas brasileiras, conforme aponta o trabalho de Vera Marques, *Natureza em Boiões*, eram motivo de diversos estudos e viagens ao Brasil, para conhecimento e enriquecimento da botânica, mas também para motivo de exportação para a Europa (MARQUES, 1999).

Quanto à fiscalização, por mais órgãos que houvesse, era difícil, pra não dizer impossível, controlar toda uma população sobre usos cotidianos em relação aos saberes de cura. Em quase todas as cidades, desde as maiores até pequenas cidades, a população sempre recorria aos curadores a que estava acostumada e derrubar determinados padrões de praticas seculares é quase impossível. Segundo Regina Xavier, o problema “é que a população, na aflição de seus males, não identificava na figura dos médicos diplomados a solução de seus problemas” e embora os médicos mais bem conceituados e melhores intencionados tentassem, a população ainda não via porque teria que escolher um em detrimento do outro. “Nessa relação, entrecruzavam-se várias formas de perceber as doenças e suas curas, em um processo no qual todas essas

múltiplas significações se relacionavam com os modos de vida adotados voluntária ou involuntariamente pela população” (XAVIER, 2003:337).

3.2. Tratamentos oferecidos x planos elaborados

Na Santa Casa de Misericórdia, as ações sempre pareceram transparecer uma total adesão aos preceitos preconizados pelo poder provincial. Não era a toa que os Provedores, quase sempre, eram os próprios Presidentes de Província. No entanto, no dia-a-dia, a Mesa Administrativa parecia não estar sempre em conformidade com o que o governo central recomendava. Claro que, quando a ordem vinha por escrito, na forma de um ofício, requerimento ou mesmo carta, a direção do hospital prontamente procurava atender aos ditames governamentais.

Durante décadas, ou melhor, quase todo século XIX, precisou ceder um espaço grande do prédio, que poderia abrigar algumas enfermarias e desafogar um pouco o cotidiano hospitalar. Esse espaço era ocupado pelo Hospital Militar. Durante quase todo o período pesquisado existiam requerimentos enviados para as autoridades locais, regionais e por vezes centrais para que se permitisse transferir os doentes militares para outro prédio. A resposta era sempre a mesma: não poderiam porque não tinham outro espaço para acolher esses enfermos. A Mesa Administrativa acatava a solicitação e tentava arrumar de outra forma o problema. A questão de dinheiro também nesse ponto tinha respostas muito parecidas. Houve várias tentativas de aumentar o aluguel do prédio onde estava o Hospital Militar, mas nem sempre foi possível conseguir que esse objetivo fosse atendido.

O hospital não tinha espaço para o atendimento dos expostos, mas quando ficou decidido que passaria a ser encargo da Misericórdia o acolhimento das crianças abandonadas, mais uma vez a direção teve que resolver o problema da melhor maneira que pode.

A questão do dinheiro não era a única que afetava o cotidiano desse hospital. Muito embora existissem regras que prescreviam quais deveriam ser os doentes aceitos, muitas vezes a Santa Casa se via obrigada a aceitar enfermos com os quais não teria como organizar uma forma adequada de tratamento, mas sempre havia um modo de contornar

a situação; e logo depois se via nas atas ou relatórios que determinados pacientes estavam sendo aceitos. Eram atendidos muitas vezes em condições consideradas desumanas, tanto que os próprios Provedores por vezes queixavam-se do abandono com que era tratados, por exemplo, os alienados (Ver RPISCOMPA).

Além destes, havia outro problema, em relação ao corpo de funcionários, a Mesa administrativa também procurava atender as demandas que eram exigidas na cidade. Conforme os Códigos de Posturas somente deveria poder curar, principalmente em hospital, quem tivesse o título para tal. Embora isso fosse prerrogativa do governo, na Santa Casa houve inúmeras vezes que foram aceitos práticos para funções importantes como boticário, médico de banco ou cirurgião.

O Dr. Israel Rodrigues Barcellos Filho trabalhava há mais de 10 anos na Santa Casa, muitas vezes gratuitamente, quando em 1882 pediu sua exoneração como médico dos expostos e como médico do hospital. Na despedida, o Provedor atesta as vantagens de ter tido um médico tão bom e que cuidava dos doentes de forma mais barata. Ele era homeopata e embora já houvesse um entrave em que os médicos cada vez mais queriam a preferência nos tratamentos médicos, ele conseguiu ficar dentro do hospital tratando os pacientes com o sistema homeopático.

Outro caso é o do Encarregado da Botica, Ernesto José da Silva, também trabalhava há mais de 4 anos no hospital e cujo desempenho era apreciado, teve que ser afastado do hospital porque o Inspetor Interino da Saúde Pública ter informado que não deveriam ser aceitos práticos para o serviço do hospital e que o funcionário deveria ser afastado.

Dez anos antes, em 1872, o encarregado da Botica da época também atuava fora das suas obrigações. Não tendo pessoal suficiente para atendimento dos enfermos existentes, ele atuava como Enfermeiro-mór.

Diversas foram às ocasiões em que a Santa Casa pareceu estar à margem da lei, para conseguir ultrapassar os entraves que aconteciam todos os dias na rotina diária daquele hospital.

Tania Salgado Pimenta afirma que existia todo um aparato burocrático que os governos se esforçaram para impor e para conseguirem a oficialização das práticas de cura ou para reprimirem as atividades consideradas ilegais. Não só ela, mas como muitos pesquisadores da área de história da medicina, concordam que isso acontecia em

inúmeras ocasiões e lugares, principalmente durante o século XVIII e XIX (PIMENTA, 2004).

As práticas de sangrar, por exemplo, eram ainda aceitas de serem feitas pelos sangradores da época porque era um trabalho muito desvalorizado, contudo depois de um tempo virou uma tarefa efetuada por mãos mais especializadas e que ocupavam um lugar na estratigrafia social, que não era a que os escravos ocupavam.

O tratamento homeopático se assemelhava nesse sentido ao que era executado pelos curandeiros e parecia que entrava mais em contato com o doente do que o que era despendido pelos médicos alopatas, cada vez mais distantes. Tania Pimenta argumenta que essa aceitação da homeopatia mais próxima da população em geral se deve pelo fato das concepções da homeopatia também serem vistos como uma experiência que aproxima a espiritualidade da doença e da saúde. Assim também eram as práticas exercidas pelos negros e libertos que atuavam na maioria das vezes como sangradores (PIMENTA, 2003).

Essa aproximação com os pacientes, despendendo um tratamento mais humano é cobrado no Relatório da Provedoria da Santa Casa de Porto Alegre, de 1884, onde o Provedor afirma que o trabalho dentro do hospital, exercido pelo enfermeiro, não é nada mais que mecânico e que deveria ser dispensado mais cuidado em relação aos enfermos, pois estes já levavam uma vida de sofrimentos e deveriam poder dispor de um tratamento mais condizente com sua condição. Neste caso, ele ressalta como a presença das irmãs de caridade se fazia imprescindível no hospital (RPISCOMPA, 1884).

O que se pode perceber a partir da leitura das atas e relatórios da Santa Casa é de que no decorrer do tempo, as ações que eram executadas sempre visavam satisfazer, da melhor forma, o objetivo geral da instituição que seria acolher os enfermos desvalidos. O recolhimento ainda parecia ser primordial no princípio do século, no entanto, quanto mais passam os anos, mais as regras mudam e os preceitos científicos tomam o lugar das antigas premissas.

Nikelen Witter, neste ponto, argumenta de que a Santa Casa no intuito de continuar no recolhimento dos enfermos, ou seja, na idéia de “animar, proteger e favorecer”, assume inúmeros contratos com os Presidentes da Província. Os contratos eram os que diziam respeito ao atendimento aos presos pobres, aos menores do Arsenal de Guerra,

ao aluguel das enfermarias do Hospital Militar. Porém, mesmo que fossem feitos esses contratos, os gastos excediam em muito o que a Santa Casa arrecadava.

Cada Provedor novo tentava cada vez mais arduamente melhorar o tipo de atendimento que a Santa Casa oferecia. Nos relatórios anuais, é marcante um dado que sempre aparece: a taxa de mortalidade do hospital. Esse dado é um parâmetro do quanto obteve sucesso o desempenho da administração. Outra questão também que serve como baliza de melhorias é o aumento do prédio e, também, o do patrimônio.

Quase sempre os esforços não eram suficientes para melhorar os gastos. Por exemplo, os gastos com a botica eram sempre muito grandes, mas se o receituário fosse devidamente aplicado e os medicamentos tinham causado algum efeito, era quase como se o dinheiro tivesse sido bem gasto; embora a impressão sempre fosse de que eles preferiam não gastar.

Depois de um determinado momento, principalmente no último quartel do século, os gastos com melhorias no hospital tinham alcançado um patamar bastante alto. Nesse período, o prédio já havia sido terminado e agora era o momento para que novas experiências fossem feitas.

A admissão dos doentes era sempre um desafio, quase sempre lotavam os leitos, o hospital sempre cheio, comportando bem mais do que era planejado. Porém, quando esses desafios eram confrontados com a taxa de mortalidade, e se essa havia diminuído, era como se houvesse uma comemoração: “olha, estamos gastando, mas está surtindo efeitos; o hospital funciona realmente”.

Houve muitas compras de novos instrumentos cirúrgicos, bem como outros utensílios e equipamentos que eram necessários para melhorar o atendimento que era oferecido. Assim como na cidade a Câmara, de uma certa forma, festejava a conquista de novas pontes, minimizar problemas da falta de saneamento, consertar estradas, etc; os Provedores e demais administradores também se vangloriavam das novas conquistas. Os segmentos dentro do prédio do hospital faziam com que o serviço de atendimento fosse cada vez mais controlado, o número de facultativos que atendiam, assim como o de funcionários incrementava os esforços para melhorar as condições sanitárias do hospital. Novas latrinas, nova lavanderia, melhorias na cozinha e demais modificações no prédio sempre tinham a intenção de aperfeiçoamento, como mandavam os preceitos científicos.



Imagem 48 – Pacientes no Pátio Central do Pavilhão Centenário. Fonte: Acervo Centro Histórico-Cultural Santa Casa.

A lista de novas compras anuais mostrava que havia uma diversidade de utensílios que eram adquiridos e que muitos eram renovados. A compra de lençóis, fronhas, pijamas para os enfermos, etc, deveria trazer ao hospital um aspecto de cientificidade e limpeza. E as visitas anuais que eram feitas no dia 1º do ano deveriam proporcionar certo alívio, pois a população poderia enfim ver que os esforços, que as esmolas doadas, eram finalmente empregadas em um hospital do qual elas deveriam se orgulhar. Bom, pelo menos é o que se pode apreender pelos relatórios que a Provedoria todos os anos elaborava.

Do mesmo modo como as enfermarias aumentavam, tanto em tamanhos, podiam receber mais pacientes, quanto em especialidades, segmentando-se, o número de doenças arroladas era também sempre maior. Nas listas elaboradas nos últimos anos que

abarcaram essa pesquisa evidenciam que a medicina passava também por transformações e que a Santa Casa estava conseguindo acompanhar.



Imagem 49 – Aspecto da Rua Sete de Setembro, no final do século XIX.

Fonte: www.prati.com.br

Infelizmente, a pesquisa feita não abarcou todos os anos de atas ou outros documentos elaborados pela Câmara, mas lembro da minha pesquisa de mestrado e nos relatórios do estado enviados ao presidente (durante a República Velha), eram sempre lisonjeiros os comentários a respeito do quanto a cidade crescia. Assim, acredito que como a Santa Casa, a cidade também estava acompanhando os novos ares de progresso e ordenamento.

Embora nem sempre pareça tão perfeito quanto aparece nos documentos escritos e enviados para autoridades locais, regionais e centrais, acredito que em certa medida uma parte do esforço devia trazer resultados. Os problemas ainda existiam: falta de salubridade, antigos hábitos que ainda vigoravam, dificuldades de ultrapassar barreiras quanto a usos e práticas arraigadas em séculos; enfim, a cidade crescia e a população ia encontrando também seus modos de melhorar e resolver seus problemas. Nem sempre aconteciam melhorias de fato, como as autoridades assim desejavam e pregavam, mas a população também se via as voltas dos novos confrontos e dificuldades que irrompiam

historicamente, querendo mudar seu dia-a-dia, tentando controlar suas vontades, costumes e práticas.

3.3. Antigos e novos hábitos: a cultura material e sua relação com a medicina

Dentre todo material arqueológico analisado fica um pouco evidente a pouca quantidade que os materiais relacionados às artes de curar e cuidados com o corpo. Embora a quantidade de materiais tenha sido abundante para o sítio RS-JA-29 e também não frustrante para os outros sítios; o fato é que a cultura material associada aos hábitos relacionados com as funções corporais, tão presentes cotidianamente, não é muito evidenciado. Tirando desse exemplo os urinóis, que aparecem com uma relativa quantidade, as escarradeiras, as escovas de dente, os artigos de cosmético, etc; não aparecem com a mesma frequência em sítios arqueológicos de Porto Alegre como parece ter sido evidenciado em outras cidades como Rio de Janeiro, Ouro Preto, e outras cidades com um período urbano bem maior⁸⁶.

Já havia me perguntado se isso era uma característica desse tipo de material, visto que também não aparecem com a mesma frequência que pratos e malgas nas amostras arqueológicas; ou se era uma questão mais regional, devido aos vários obstáculos que erram recorrentes com nosso contexto histórico bastante perturbado pelos conflitos que aqui aconteceram ou nessas proximidades.

Acredito que em nossa sociedade, essas coisas de alguma forma deveriam chegar a esses portos, sendo via Rio de Janeiro e da forma mais “ordeira”, ou via contrabando, burlando algumas leis, ou mesmo via outras cidades com colonização espanhola, como Uruguai, Paraguai e Argentina, que muitas vezes eram inimigos do Império Brasileiro. Sendo a nossa situação geográfica tão facilitadora, e as demoras freqüentes e entraves ocasionados na Alfândega, não acredito que mercadorias desses lugares não chegassem sendo de que forma fosse até a cidade e fossem rapidamente absorvidas, utilizadas, indo parar em nossas lixeiras, quando eram descartadas.

⁸⁶ Para esse aspecto ver, por exemplo, os artigos da arqueóloga Tania Andrade Lima (1989 e 1996), A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro; Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX; respectivamente.



Imagem 50 – Coleção denominada *Cotidiano*, do fotógrafo Lunara – 1900.

Fonte: www.prati.com.br

Por exemplo, existe na amostra do Sítio da Santa Casa um recipiente do medicamento Florida Water, que era extremamente popular no século XIX, sendo fabricado e comercializado em vários lugares. Não foram encontradas informações sobre outros pontos de envasamento ou produção deste produto na América do Sul, a não ser no Peru⁸⁷. Nas páginas da internet que aparecem associadas a este produto, quando se pesquisa, aparece muitas vezes essa fábrica do produto no Peru, mas não consegui levantar qual realmente era a atividade que era exercida neste país, com relação ao produto. O que me parece é que algumas coisas podiam ser feitas nessa fábrica, mas não

⁸⁷ Nas páginas de internet pesquisadas encontram-se muitas informações, inclusive que este produto é utilizado em cerimônias de religiões de origem caribenhas e de outros lugares da América Latina, como vodu, hoodu e santeria, para purificação. O importante é que o fato do porque a fábrica pode ter sido instalada no Peru. Entre as informações pesquisadas encontrei que a origem desse produto é do século XIX, mas inspira-se nas histórias da *Fonte da Juventude*, mundialmente conhecida a partir das viagens à América, durante o século XVI. Para mais informações ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Florida_Water; www.lanman-and-kemp.com/florida.htm; e <http://www.allbusiness.com/company-activities-management/company-strategy-company/8889879-1.html>, entre outros.

acredito que teriam interferido no produto. O fato é que na amostra o vasilhame encontrado está com o nome do produto em espanhol.



Imagem 51 – Frasco medicinal *Agua de Florida*, Sítio RS-JA-29. Fonte: Autora.

Eu, pessoalmente, não creio que este medicamento tenha sido contrabandeado, mas pode ser que tenha vindo ou não via Peru. Acredito que a empresa tivesse uma linha de produtos especiais vinda da fábrica no Peru, para atender a demanda dos habitantes dessa região, visto que existem embalagens do produto com o nome do produto em espanhol e a menção da fábrica no Peru no Rótulo.



Imagem 52 – Garrafa com o produto *Agua de Florida*, com a marca original e a menção da fábrica no Peru.

Fonte: www.lanman-and-kemp.com/florida/htm

Muitos foram os produtos analisados, que informaram sobre hábitos relacionados às artes de curar, que foi evidenciado tanto na lixeira da Santa Casa, quanto nos outros sítios. A seguir, passo a apontar o material encontrado em cada sítio e o qual seu potencial informativo quanto às práticas de cura.

3.3.1 Sítios históricos de lixeiras domésticas: Solar da Travessa Paraíso (RS-JA-03) e Casa Riachuelo (RS-JA-17)

Entre o material encontrado relacionado às artes de curar e cuidados pessoais em relação ao consumo de medicamentos e outros tipos de utensílios, estavam a evidência de alguns recipientes de medicamentos, alguns com rótulo e com outros sem.

Os frascos que apresentam marcas são: Peitoral de Angico Pelotense e Joaquim da Silva Silveira (Elixir de Nogueira). Este último medicamento aparece nos dois sítios, sendo que no Solar da Travessa Paraíso com 2 frascos.



Imagem 53 – Frasco do ELIXIR DE NOGUEIRA. Fonte: Autora.

O Elixir de Nogueira era um depurativo de sangue muito conhecido no Brasil todo. Era produzido pelo químico farmacêutico João da Silva Silveira, da cidade de Pelotas. Esse medicamento era indicado para o tratamento de problemas relacionados ao sangue, dentro da ótica da Teoria dos Humores⁸⁸. O vidro tem a coloração verde oliva e está

⁸⁸ Essa teoria, do século V a.C., a partir dos estudos do médico grego Hipócrates, pregava que o surgimento de doenças era advindo dos problemas relacionados com os quatro humores presentes no corpo humano: sangue, fleuma, bÍlis e atrabilis. A doença ocorreria quando um destes humores entrava em desequilíbrio, podendo significar um aumento desse humor ou um decréscimo. Para maiores informações, ver, por exemplo, ANDRADE LIMA, 1998; e COMPANYY, 2006.

quase inteiro, faltando apenas a parte de cima da garrafa (topo). Em seus anúncios pregava principalmente a cura da sífilis. Tinha uma fábrica cujo prédio era bastante conhecido e que ficava no Rio de Janeiro, cidade para onde o João da Silva Silveira transferiu a produção do medicamento⁸⁹. Este medicamento tem seu registro em 1900.



Imagens 54 e 55 – Mais 2 fragmentos do medicamento Elixir de Nogueira, sendo que o primeiro é do Solar da Travessa Paraíso e o segundo da Casa Riachuelo. Fonte: Autora.

⁸⁹ Para mais informações ver COMPANY, 2006.



Imagem 56 – Vidro de medicamento com inscrição “PEDRO GARBAZZA”, do sítio RS-JA-03. Fonte: Autora.



Imagem 57 - Medicamento com inscrição “FARMACIA DO INDIO”. Do sítio RS-JA-03. Fonte: Autora.



Imagem 58 – Outros três recipientes sem rótulo. Do sítio RS-JA-03. Fonte: Autora.

Foram encontrados nestes sítios recipientes relacionados às marcas “Farmácia do Índio” e “Pedro Garbazza”, no entanto, não foi possível averiguar muitas informações a respeito do primeiro, mas quanto ao segundo consegui descobrir que se tratava de um produto muito conhecido no período imperial e que era de composição de um cirurgião italiano de nome Pedro Garbazza. Sobre o nome relacionado a Pedro Garbazza, foi possível localizar na internet, uma indicação de um produto denominado Balsamo Homogeneo Sympathico⁹⁰, com indicação para curar feridas, queimaduras ou cortes, com data de 1925. Outra informação, de período anterior, sobre esse produto levantada foi uma publicada no *Diccionario de medicina domestica e popular*, de Theodoro J. H. Langaard, com a seguinte informação:

Saibão quantos esta virem, que no anno de 1851 aos 28 de maio, em meu escriptorio comparecerão como outorgante Pedro Garbazza e como outorgados E. & H. Laemmert, e pelo outorgante foi dito que sendo elle o inventor e único possuidor da receita do Balsamo homogêneo-sympathico, e tendo determinado a

⁹⁰ Ver <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1746677/dou-secao-1-18-01-1925-pg-30> - Diário Oficial da União de 18/01/1925.

sua retirada do Imperio por mingoa de sua saúde, resolveu-se a escolher por seus sucessores a E. & H. Laemmert, pessoas muito conhecidas e de credito neste Imperio, a quem deu a completa instrucção para a composiçõo desta receita (...) (LANGAARD, 1865).

Essa transcriçõo diz respeito a uma queixa de tentativa de falsificaçõo deste produto, que era reclamada neste periõdico. Este medicamento parece ter sido muito conhecido e tinha uma eficácia bastante comprovada, sendo conhecido em todo o Brasil. No anúncio presente neste periõdico aparecia um aviso de mudançã de rótulo, que era publicado, e avisava que somente compraria um produto falsificado quem assim o quisesse.

Os outros frascos encontrados nas amostras destes dois sítios eram frascos pequenos sem rótulos ou marcas: cinco frascos pequenos de coloraçõo transparente e um de coloraçõo âmbar médio, no Solar da Travessa Paraíso; na Casa Riachuelo, foram encontrados também um pequeno frasco verde água, um pequeno frasco de coloraçõo transparente, duas bases de vidros pequenos, sem marca, uma base verde água, sem marca e, ainda uma tampa de vidro de remédio que tinha inscriçõo na parte superior, mas que não foi possível identificar, de coloraçõo âmbar médio.





Imagens 59 e 60 – Bases de vidros de medicamento, sem marca, um verde água e dois verdes esmeralda.
Casa Riachuelo. Fonte: Autora

Todos esses medicamentos indicam que de alguma forma algumas formas de tratamento chegaram a essas residências. O fato de um dos proprietários do Solar da Travessa Paraíso ter sido um homeopata pode ter alguma relevância com os frascos encontrados, mas não foram encontradas informações que pudessem dar mais esclarecimentos.

O certo é que os medicamentos que possuíam marcas indicavam a utilização de medicamentos populares que faziam parte do contexto do século XIX, onde seus criadores, muitos farmacêuticos, produziam seus remédios, com receitas próprias, utilizando ervas bastante conhecidas da população. Seus anúncios do início do século XX são bastante chamativos, com informações a respeito de prêmios e curas que foram conseguidas através de anúncios-depoimentos, que eram muito utilizados.

O Peitoral de Angico Pelotense era um peitoral, como o próprio nome diz, e era indicado para problemas respiratórios, do farmacêutico Eduardo C. Sequeira. Como a doença da época que se encaixa nesse tipo de medicamento da época era a tuberculose, seus anúncios, de tipo depoimento, eram bastante enfáticos ao informar ao leitor que o medicamento os havia salvado.

Uma outra marca foi evidenciada mas não foi achada referências alguma, nem sua inscrição inteira, caso de uma base com a inscrição “RATHS”.

3.3.2 Sítios históricos de lixeiras coletivos: Mercado Público (RS-JA-05) e Paço Municipal (RS-JA-20)

Nestes sítios foram encontrados mais recipientes de medicamentos, sendo que a grande maioria era estrangeira e não nacional como os indicados acima, nas lixeiras domésticas.

Entre o material do sítio Paço Municipal foram coletados a maioria dos materiais. Entre a amostra estavam uma garrafa verde água de forma retangular; uma garrafa de forma elipsoidal, transparente, com a inscrição “NALINE”; cinco garrafas pequenas, transparentes, cilíndricas, com inscrição de volume na base “15”; uma garrafa transparente cilíndrica com inscrição “SOCIETE”; uma garrafa transparente cilíndrica sem inscrição; uma garrafa azul esverdeado; outra azul safira.





Imagens 61 e 62 – Bases de frascos de medicamentos, todas do Paço Municipal. As cilíndricas têm inscrição na base “15”. Fonte: Autora.





Imagens 63 e 64 – Garrafa inteira sem marca; diversos fragmentos de garrafa elipsoidal sem marca – Paço Municipal. Fonte: Autora.





Imagens 65 e 66 – Base + corpo de garrafa retangular, com inscrição “VICTO RESTORA”, verde água; e base + corpo, sem marca, transparente. Paço Municipal. Fonte: Autora.

No Mercado Público foi encontrada somente uma garrafa pequena cilíndrica, transparente, sem inscrição; e outra maior, que pode ter sido de água mineral. Esse fator é explicável, provavelmente, devido ao fato do Mercado Público ser um sítio com uma data média um pouco mais antiga que o Paço Municipal.



Imagens 67 e 68 – Garrafas inteiras, coloração transparente, de medicamento. Mercado Público. Fonte: Autora.

A composição dessa amostra, em relação aos vasilhames de medicamentos apresentou uma diferenciação em relação aos sítios de lixeiras domésticas. Como já havia apontado antes, são de origem estrangeira, mesmo as marcas que não foram possíveis levantar informações, elas indicam serem de origem francesa e/ou norte americana/inglesa. A amostra apresentou bem mais diversidade, isso já seria esperado devido o caráter dos sítios, em relação aos de lixeira doméstica. No entanto, me chamou a atenção de não ter sido encontrado nestes sítios mais fragmentos de vidro menores, que geralmente estão associados aos laxantes, muito utilizados no século XIX, mas que parecem não ter sido utilizados ou não terem sido descartados neste ponto da cidade.

3.3.3 Sítio histórico de lixeira hospitalar: Centro Histórico-Cultural Santa Casa (RS-JA-29)

Até o presente momento, este ainda parece ser o único sítio arqueológico histórico de Porto Alegre, com o caráter de pertencer a uma lixeira hospitalar. Não foi possível encontrar na bibliografia se existem outros exemplos mesmo fora do estado. Contudo, este sítio revelou um potencial enorme interpretativo para as práticas que se desenvolviam no interior da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Mesmo antes de ter sido analisado este material já denotava possuir atributos que estariam muito mais próximos aos hábitos relacionados às artes de curar do que qualquer outro, pela imensa quantidade de vidros de remédios. Entre a amostra estão tanto os que possuem algum tipo de inscrição de marca, ou alguma característica de fabricação, mas também existe uma quantidade muito grande de recipientes de vidro sem marca alguma. A maioria, de fato, não apresenta marcas. Muitos apresentam somente um número inscrito na base, que na maior parte das vezes indicaria o volume que poderia caber dentro daquela garrafa ou ainda um registro da marca ou produção.



Imagem 69 – Quadrícula E10 – durante as escavações, com mais ou menos um metro de profundidade, com material arqueológico aparecendo. Fonte: OLIVEIRA, 2006.



Imagem 70 – Final das escavações da E10 – Com o arqueólogo responsável pela escavação ainda dentro do buraco da lixeira. A profundidade neste momento atingia em torno de 2 metros de altura, sendo que a altura de Alberto é de 1,90m. Fonte: OLIVEIRA, 2006

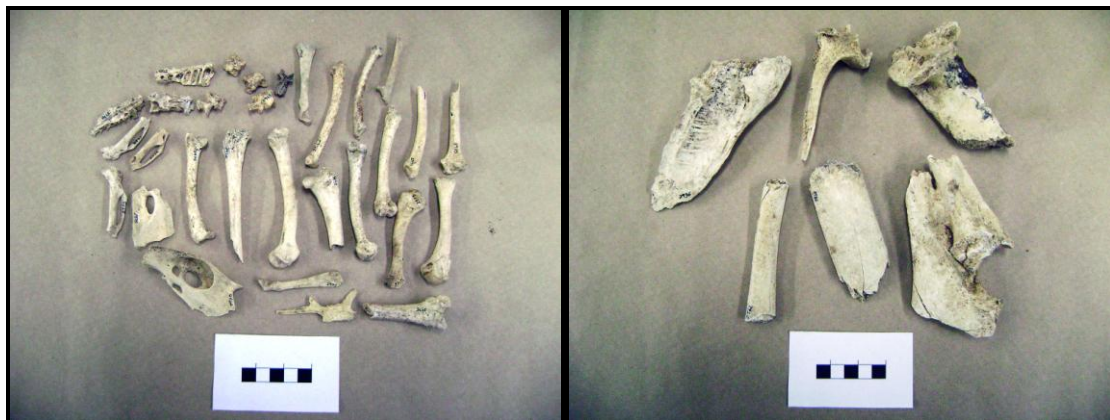
Acredito que estas garrafas sem marca eram utilizadas na botica e, ou eram compradas no Brasil ou fora, ou ainda era produto de doações. Como a quantidade é bastante grande, acredito mais na primeira possibilidade.

Embora o material de vidro tenha se restringido quase que totalmente ao material farmacêutico/hospitalar, a pequena quantidade de fragmentos dentro da categoria louça, apresentou a evidência de pertencer, provavelmente, à cozinha. Foram encontrados muitos pratos na amostra, denotadas a partir da análise, empreendida. Como o montante de fragmentos correspondente a este material não foi totalmente atingido, acredito que ainda possa existir uma possibilidade de serem encontrados mais objetos, em futuras análises.

Uma das estagiárias da Santa Casa, a Isabel, ela havia pensado num projeto de analisar toda a louça do sítio. Já havia começado a retirar todos os fragmentos de dentro das caixas a partir das arrumações feitas entre 2007 e 2009. No entanto, parece que não chegou a atingir um resultado satisfatório de análises.

No momento esse material, ainda se encontra em um armazém, que pertence a Santa Casa e que guarda além do material arqueológico grande parte da documentação histórica do século XX, principalmente prontuários médicos.

Havia no meu projeto a vontade de analisar os ossos que fazem parte desse material do sítio da Santa Casa, mas acabei não conseguindo executar. Sei poucas informações a respeito desses ossos porque foi feita uma oficina de treinamento de análise em ossos, ministrada pelo arqueólogo André Jacobus. Quando ele estava em visita nas dependências deste laboratório improvisado, ele me disse que aquele material basicamente se resumia em ossos de galinha e de gado, sendo que os ossos não apresentavam evidência de ter pedaços específicos, mas isso ele disse numa olhada rápida, o que eu acho se confirmaria ou não também com futuras análises.



Imagens 71 e 72 – Ossos de galinha e gado. Fonte: Autora.

A maior parte do material vítreo era de partes de corpo, sendo que a cor predominante era transparente. Os fragmentos também pareciam se encontrar na camada mais baixa da chamada lixeira mesmo.

Pelo croqui abaixo, é possível observar qual foi o traçado da quadrícula E10 quanto à sua deposição de material. A parte com o número 7 é a parte denominada lixeira propriamente dita. Embora todo o traçado da E10, seja denominado lixeira, entre as camadas escavadas somente a parte mais funda foi chamada assim. E é essa mesma camada “lixeira” que apresenta a concentração de material. Na imagem da página 47, deste trabalho, encontra-se um gráfico feito por mim, mostrando a concentração do material a partir dos números de catálogo 29.73 a 29.77, cuja camada é essa da “lixeira”.

Os medicamentos que possuem marcas são na sua maioria de origem estrangeira onde se sobressaem os franceses e alemães. Alguns também são de origem norte americana, mas possuem já suas versões de fábricas ou representantes na América do Sul e alguns no Brasil.

Existe também um material de metal, cujos vestígios a principio podem ser de latas de cremes ou pomadas utilizadas no hospital. Foi começada a limpeza deste material para futuras análises, mas não foi adiante também.

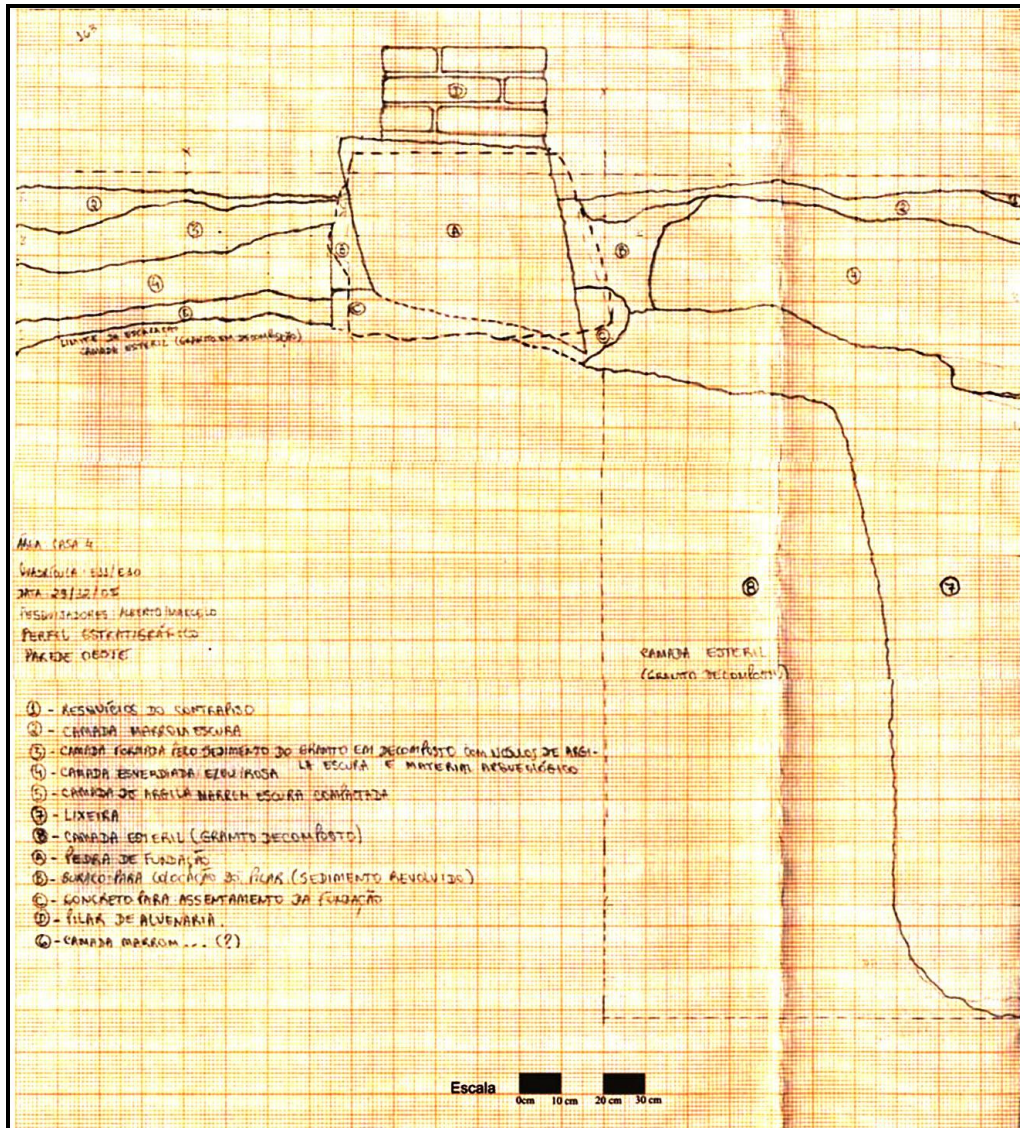


Imagem 73 – Croqui das quadrículas E10 e E11. A parte a direita é a quadrícula E10, com o respectivo buraco de lixo que foi totalmente escavado. Fonte: OLIVEIRA, 2005.

Na imagem abaixo podem ser vistas muitas rochas queimadas, resultado da queima de lixo que deve ter acontecido, que eram utilizadas para lacrar os vidros de medicamentos que eram manipulados na farmácia ou botica. A colher apresentada tanto poderia ser para alimentos quanto para ajudar a administrar medicamentos.



Imagens 74 e 75 – Rolhas de cortiça queimadas e restos de uma colher. Fonte: Autora.

Além desse metal associado às latas de pomada, existem crucifixos, outros tipos de latas, maiores, que podem ter sido de alimento. E muitos outros materiais que não daria para falar tudo num único trabalho. O material é bastante rico e se expande muito além somente das atividades relacionadas a tratamentos de enfermos, cotidiano da botica, etc.



Imagem 76 – Potes de faiança fina. O do meio pode ser de cosmético ou outro tipo de creme, mas os outros devem estar associados à farmácia do hospital. Fonte: Autora.

O pote de cerâmica vidrada abaixo está junto à amostra denominada “para exposição”. Eu não tive oportunidade de analisar a cerâmica vidrada, mas acredito que se esse pote não servisse para a cozinha para armazenar alimentos, poderia ter sido usado na botica para guardar qualquer outra coisa, ervas, por exemplo. O fato de estar junto com o material relacionado aos remédios deve dizer alguma coisa, mas somente uma análise aprofundada confirmaria ou não



Imagem 77 – Restos de pote de cerâmica vidrada. Fonte: Autora.

Os potes de opalina, de diversas cores, geralmente eram usados para colocar cremes ou unguentos. Sendo a opalina um material um tanto caro, acredito que esses potes também fariam parte das “tralhas” da botica. Geralmente possuem esse tamanho, dentro da amostra. Quase todos os fragmentos de opalina encontrados na análise, eram na sua maioria azuis. Sendo que somente um era branco e três eram bege.





Imagem 78 e 79 – Potes em opalina azul, bege e azul claro. Fonte: Autora

A grande quantidade de garrafas transparentes e sem rotulo, que como já havia afirmado deveriam fazer parte da botica para a manipulação de medicamentos, serve de contraste para interpretações a respeito do porquê foi colocado esse lixo fora. Como muitos estão inteiros, deve ter sido um descarte proposital, e não por estarem inutilizados. Na amostra que compõe o material guardado no museu, a grande maioria são vidros de um tamanho padrão, e de coloração âmbar, com espaço especial para colocar rótulos.



Imagem 80 e 81 – Diferentes tamanhos de vidros cilíndricos. E também vidros em formas octogonais. Fonte: Autora.



Imagem 82 – Vidros âmbar e transparente retorcidos por causa da queima. Fonte: Autora



Imagem 83 – Garrafa azul cobalto. Fonte: Autora.



Imagem 84 – Vários tamanhos e cores de garrafas pequenas, de doses únicas. Fonte: Autora.

Uma das grandes surpresas desse material foi um prato com técnica decorativa *transfer printing*, quebrado, que depois de colado, ou aproximado (como na foto), parecia revelar uma quebra proposital num de seus cantos. Esse tipo de utensílio poderia ser o que aparece em alguns sites de compras de antiguidades como “barber’s and bloodletting plate”, que seria um prato desenvolvido para encaixar no pescoço para ajudar a fazer a barba, muito provavelmente dos enfermos acamados. Achei interessante, pois havia visto num filme de um romance de Jane Austen, *Sense and Sensibility*⁹¹, uma das personagens, acometida com uma pneumonia, sofrer uma sangria e qual não foi minha surpresa quando o médico tira um prato muito parecido com este.

Talvez seja muito provável que a Santa Casa não tenha tido como comprar um especialmente desenvolvido e tenha improvisado este.

⁹¹ Filme “Razão e Sensibilidade” ou “Sense and Sensibility”, adaptado de um romance da escritora inglesa Jane Austen. Direção de Ang Lee, de 1995.



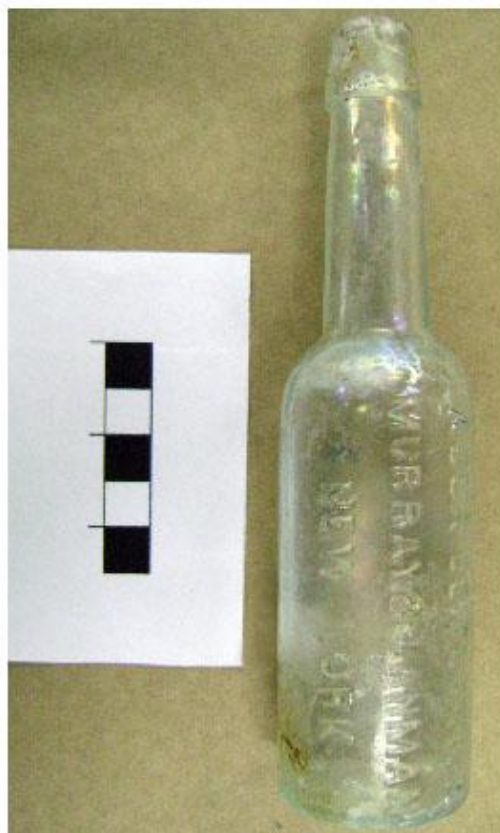
Imagem 85 e 86 – Prato raso *transfer printing*, padrão *willow*, o décimo com o corte proposital é o encontrado na amostra da Santa Casa. O prato debaixo é um exemplar de um site de antiguidades. Fonte: Autora.

Este tipo de prato começou a ser usado por volta de 1700 e podia ser usado tanto para fazer a barba quanto para realização de sangrias. No entanto, conforme apontam os sites pesquisados, essa forma já aparecia em utensílios da Idade Média, no tempo dos barbeiros-cirurgiões⁹².

Assim, pode-se perceber que o material dessa amostra arqueológica tinha muitas referências às práticas de cura, que deveriam ocorrer no interior do hospital da Santa Casa. Acho que há ainda muito potencial para serem feitas muitas pesquisas ainda. Ainda existem muitas caixas que não foram abertas, bem como seu material arqueológico ainda espera pela busca de seus significados.

⁹² Para mais alguns exemplos, ver: <http://www.yourhome.ca/homes/article/687004--handy-bowl-used-for-bloodletting>; <http://www.worthpoint.com/worthopedia/nice-blue-and-white-barbers-or-bloodletting>; <http://antiquescientifica.com/archive13.htm>; <http://55tools.blogspot.com/2010/05/set-337.html>; <http://www.oldsouthbooks.com/BookList.html>; <http://www.ioffer.com/c/Medical-1000051?page=4>; <http://www.orpsalerooms.co.uk/Archive%20-%20Porcelain%20&%20Ceramics.htm>

CATÁLOGO



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - de vidro
Forma	Cilíndrica
Tamanho	14 cm
Cor	Transparente
Marca	AGUA DE FLORIDA - MURRAY & LANMAN - NEW YORK - frente 24 - base
Período	1835-1905

O perfumista Robert J. Murray, em 1808, inicia as operações de sua empresa. Em 1835, Lindley Murray se associa com David T. Lanman e continuam as atividades sob o nome Murray & Lanman. Em 1854, Murray se retira do negócio. Lanman inicia sociedade com George Kemp e a empresa muda seu nome para Lanman & Kemp, 1861. A empresa mesmo sem Murray resolve manter o nome de Murray & Lanman nos anúncios e rótulo do produto Florida Water, devido ao sucesso que o produto já fazia desde seus anos de criação. Lanman morre em 1871 e em 1901 a empresa se junta com a Barclay & Co, formando a Lanman & Kemp-Barclay & Co, cujo nome mantém atualmente. Além da Florida Water, produzia também o Bristol's Salsaparilla. Possui fábrica no Peru e, a partir da virada do século XIX para o XX, também é produzido na China.

A Florida Water é uma versão americana para a Eau de Cologne ou Cologne Water, mantendo a mesma base cítrica, mas com a ênfase na laranja doce em vez do limão da versão original. A Água de Florida pode ser usada como tônico ou água de colônia. É utilizada, atualmente, em rituais de tradições mágicas e religiosas como o vodu haitiano, o hodo e santeria.

Tendo conexões em toda a América Latina, de acordo com uma das fontes pesquisadas, a empresa Lanman & Kemp esteve envolvida com tráfico de drogas durante o século XIX. A empresa lidava com opiáceos, ervas medicinais, especiarias, licores, aromatizantes e outros produtos de finalidade médica ou não.

Fontes:

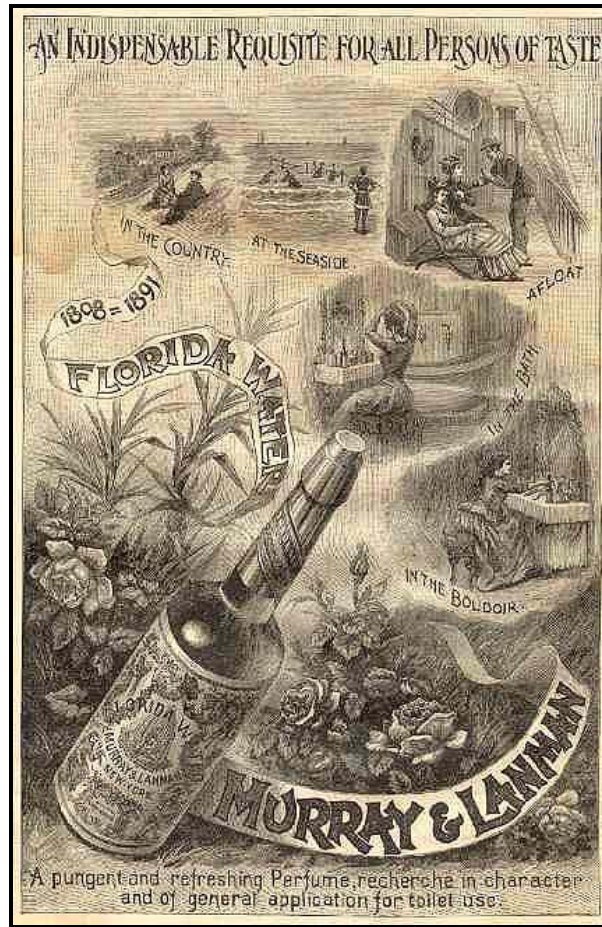
http://en.wikipedia.org/wiki/Florida_Water

www.lanman-and-kemp.com/florida.htm

<http://www.allbusiness.com/company-activities-management/company-strategy-company/8889879-1.html>

<http://odysseysvirtualmuseum.com/products/Murray-%26-Lanman-Florida-Water-Bottle.html>

FIKE, Richard E. *The Bottle Book. A comprehensive guide to historic, embossed medicine bottles*. New Jersey: BlackburnPress, 2006.



Anúncios de Água de Florida.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Base e corpo - de vidro
Forma	Elipsoidal
Tamanho	11,3 cm
Cor	Transparente
Marca	CARLO ERBA - MILANO - frente
Período	a partir de 1853

Carlo Erba (1811-1888) foi um químico e empresário italiano. Fundou a empresa, que ainda existe atualmente, que tem o seu nome. Em 1828, faz estágio como farmacêutico e em 1833 ingressa na Faculdade de Medicina e Farmácia da Universidade de Pádua. Logo depois, faz estágio na farmácia Grammatico Vigevano (sua cidade natal) para aprofundar seus conhecimentos na extração de alcalóides de ópio e para produção de açúcar de beterraba. Em 1837, retorna a Milão e inicia sua gestão na Antica Farmacia di Brera. Dez anos depois, começa seus primeiros experimentos terapêuticos com *cannabis* e em 1849, inicia a comercializar sua preparação galênica de cânhamo, já na sua farmácia. Quatro anos após, funda o primeiro laboratório farmacêutico na Itália e, em 1867, sua primeira fábrica em Milão. Em 1888 morre e quem assume seus negócios é seu irmão Luigi Erba. Em 1978, a empresa funde-se com a Farmitalia e em 1993, com a empresa sueca Pharmacia.

É muito conhecido o nome de Carlo Erba atualmente na Itália como alguém muito importante na história da farmácia. Possuía alguns produtos sendo comercializados.

Fontes:

http://it.wikipedia.org/wiki/Carlo_Erba

<http://www.chieracostui.com/costui/docs/search/scheda.asp?ID=150>

<http://www.retecivica.trieste.it/svevo/showimg.asp?id=157>

<http://www.laborspirit.com/reagentes.aspx>

<http://www.antique-bottles.net/forum/ls-it-Worth-it%3F/m-375694/tm.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:2731_Milano_-_L%27antica_farmacia_Brera_-_Foto_Giovanni_Dall%27Orto_-_20_jan_2007.jpg



Imagens de antigos produtos de Carlo Erba.



Atual logotipo da empresa.



Imagem da placa que está na frente do prédio da Antica Farmacia Brera.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - de vidro
Forma	Cilíndrica
Tamanho	15 cm
Cor	Verde Água
Marca	EAU DES CARMES - Boyer 14 R. TARANNE - frente
Período	a partir de 1888

Sobre o produto Eau des Carmmes não foram encontradas muitas informações, que é uma variação do que é conhecidamente denominada Água de Melissa. A origem da Água de Melissa tem uma história de muitos séculos, tendo sido criada num Mosteiro de Carmelitas, durante o período medieval. Em 1611, segundo as fontes pesquisadas, um determinado doutor lança um tônico baseado na antiga fórmula das Carmelitas, que lhe fora fornecida pelo Padre Damien. A partir disso, torna-se muito conhecida e apreciada.

Muito embora já fosse produzido há muito tempo, somente em 1709 ele é registrado. Durante o período revolucionário, no final do século XVIII tem sua venda interrompida. Em 1806 volta a ser vendido e em 1831 é vendida a fórmula do produto para o Sr. Amedee Boyer, que adiciona seu nome ao produto. A filha do Sr. Boyer casa-se com o dono de uma das maiores lojas de departamento. As lojas do Sr. Boyer ficavam na Rue Taranne, sendo depois demolidas na reformulação de Paris, com Haussmann. Seus escritórios na Rue des Lombards, ainda existem. Em parte, a produção é transferida para Courbevole até 1990, sendo transferida novamente para onde está atualmente, Carrières Sur Seine.

A fórmula básica do produto compreende 14 ervas e temperos, entre elas, angélica, coentro, agrião, cravo, noz-moscada, canela, limão, camomila, com base alcoólica. É indicada para acalmar, para dores de estômago e problemas digestivos.

Fontes:

http://fr.wikipedia.org/wiki/Eau_de_n%C3%A9lisse

<http://www.antique-bottles.net/forum/m-166097/tm.htm>

http://cgi.ebay.fr/chromo-SIMILI-LIEBIG-S298-MARMITONS-CUOCHI-APPRENDISTI-/260741848360?pt=FR_JG_Collections_Lettres&hash=item3cb56cdd28

<http://www.shp-asso.org/index.php?PAGE=melisse>

<http://www.eaudemelisse.com/>

<http://nuannaarpoq.wordpress.com/thalassas-herbal/lemon-balm/>



3203
8825

EAU DES CARMES BOYER

Seul Successeur des Carmes déchaussés de la rue de Vaugirard
Souveraine contre
Choléra, Dyssenteries, Maux d'estomac.
D'un prompt secours contre
l'Apoplexie, Evanouissements, Malaises.

Eau des Carmes déchaussés de la Rue de Vaugirard de Rue Taranne, 14, à Paris

Par suite de l'expropriation de la rue Taranne en l'année 1877, l'ancien laboratoire des Carmes a été transféré Rue de l'Abbaye, 14, à Paris.

Exiger la fiole recouverte de l'étiquette ci-contre

Exiger la fiole recouverte de l'étiquette ci-contre

EAU DES CARMES

ADMINISTRATION DES POMPES FUNÉBRES

BOYER, 14, Rue de l'Abbaye

PARIS

Eviter les Contrefaçons

LE COMBLE DE LA DISTRACTION !

COURIR CHERCHER LES POMPES FUNÉBRES POUR ÉTEINDRE UN INCENDIE.

DÉPÔSE

LITH. HENRY BICARD, 51, RUE AMÉLOY, PARIS

THE GREAT FRENCH REMEDY.
BOYER'S
CARMELITE MELISSA CORDIAL.
(Eau de Mélisse des Carmes.)
SUPPORTED BY A REPUTATION OF OVER THREE HUNDRED YEARS.

In 1607, order of barefooted CARMELITES founded at Paris.	In 1790, CARMELITES dispersed as a religious body.
In 1610, formula transmitted to CARMELITES by ARAB SAVANT.	In 1791, laboratories purchased from FRENCH GOVERNMENT.
In 1611, CARMELITES commenced MANUFACTURE of "EAU DE MELISSE."	In 1792, commercial enterprise formed by FORTY-FIVE CARMELITES.
In 1681, first application for ROYAL LETTERS PATENT.	In 1830, death of friar PARADIS, only surviving CARMELITE.
In 1709, first Letters Patent granted by LOUIS XIV.	In 1831, business and formula sold to ROYER & RAFFY.
In 1773, letters patent renewed for THREE YEARS.	In 1839, declared by the courts not a PHARMACEUTIC PREPARATION.
In 1776, again renewed for THREE YEARS.	In 1840, business and formula bought by BOYER.
In 1780, again renewed for TWENTY YEARS.	Since 1840, FORTY LAW SUITS—all won.

ANNUAL SALES IN PARIS ALONE, 1,300,000 BOTTLES.

General Depot at BOYER'S, 59 Park Place, cor. College Place, N. Y.

GET THE GENUINE. **SOLD BY ALL DRUGGISTS.**

Imagens de anúncios do produto com a imagem antiga.



Sítio	RS-JA-03
Descrição	Ombro, corpo e base
Forma	4 lados
Tamanho	13,5 cm
Cor	Verde Oliva
Marca	JOÃO DASILVASILVEIRA- CHIM. PHARM. P - PELOTAS-frente RIO GRANDE DO SUL- lado direito BRAZIL-lado esquerdo atrás tinha parte de rótulo
Período	a partir de 1885

O produto Elixir de Nogueira foi o mais famoso preparado farmacêutico de João da Silva Silveira. É um depurativo de sangue, primeiramente produzido na cidade de Pelotas/RS e, posteriormente, na nova fábrica instalada no Rio de Janeiro, em 1916. Não foi possível encontrar muitos dados do produto, mas sabe-se que o produto foi registrado em 1900, porém consta em alguns anúncios, do século XX, que era utilizado desde finais do século XIX, pelo menos no último quartel do século. Foram encontrados anúncios do século XIX, mas não em jornais rio-grandenses, o que significa que o produto já era comercializado em território nacional mesmo antes de a fábrica ter sido transferida para a capital do país. Há referências nos anúncios também de ter participado de uma exposição em Chicago, em 1893.

Os ingredientes principais do produto (salsa, caroba e guaiaco) apareciam quase sempre em seus anúncios e tentavam invocar sua eficácia, bem como a imagem do farmacêutico (século XX). Era indicado principalmente para o tratamento da sífilis, mas servia como terapêutica para outras doenças afetadas pelo humor sanguíneo.

Fontes:

<http://fotolog.terra.com.br/bfg1:455>

<http://santosnosdocumentos.blogspot.com/>

Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1905.

Almanach de Pelotas, 1922.



Anúncios variados, os dois primeiros do século XX e o último de 1891, do Jornal Diário da Manhã, de Santos/SP.

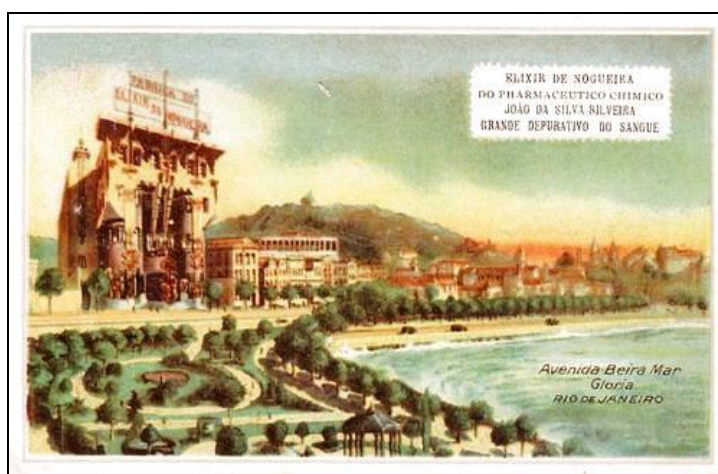


Imagem da fábrica do Elixir de Nogueira, em cartão postal.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - vidro
Forma	4 lados
Tamanho	12,9 cm
Cor	Verde Água
Marca	FADRICHTER & CIE - RUDOLSTADT WIEN - OLTEN ROTTERDAM - LONDON NEW YORK GERMANY - frente ANKER - lado direito PAIN EXPELLER - lado esquerdo
Período	1869-1905

Segundo Fike, o medicamento Anchor Pain Expeller, da empresa de F. Ad. Richter, teve seu início em 1869. Antes disso, Friederich A. Richter (1846-1910) já trabalhava como droguista. Era filho de um padeiro. Em 1868, trabalhou como agente de vendas em Duisburg. Em 1869, abre uma loja e uma gráfica e inicia a venda de livros. Começam várias perseguições aos seus remédios pelos médicos e farmacêuticos alemães. Em 1872, conseguem que seja criada uma lei limitando a venda de seus medicamentos para as farmácias. Em 1873, Richter vende a loja e a fábrica e sai de Duisburg.

Precisando encontrar outro lugar para se estabelecer, funda uma fábrica de biscoitos e bolos em Nuremberg. E também uma gráfica em Leipzig. Em 1875, compra um título de Doutor em Química da inexistente Universidade da Filadélfia. Como ainda não havia conseguido um lugar para fabricar seus remédios, continua procurando. Em 1876, consegue licença do Príncipe de Schwartzburg-Rudolstadt para construir sua fábrica em Rudolstadt. No entanto, embora a produção sendo legal, a venda não era. Assim, burla a lei vendendo suas drogas através de uma farmácia de Roda, na Saxônia, bem como utilizando o correio. Mesmo assim, descobrem que a farmácia era falsa e ele é denunciado. Todavia, já era empregador de 200 empregados e a cidade não queria perder com o fechamento da fábrica, assim ele consegue a licença.

Vendia inúmeros produtos desde chocolate e comidas saudáveis, a artigos de banho e medicamentos. Em 1884, abriu um spa em Rudolstadt, bem como outros mais empreendimentos. Morreu em 1910 e dez anos depois, os herdeiros quebraram sua empresa. Seu medicamento principal era indicado para dores, reumatismo, gota, influenza, etc.

Fontes:

<http://www.ankerstein.org/html/CO.HTM>

FIKE, Richard. *The Bottle Book. A comprehensive guide to historic, embossed medicine bottles*. New Jersey: The Blackburn Press, 2006.

<http://www.flickr.com/photos/44841559@N03/page380/>



Imagem de outra forma de garrafa do mesmo produto.

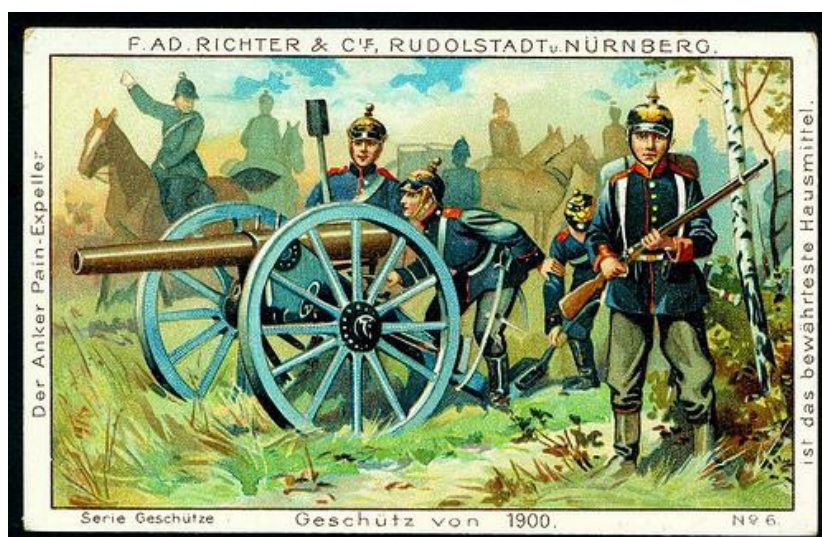


Imagem de anúncios do Anker Pain-Expeller, com a seguinte expressão: “É o remédio caseiro mais comprovado”.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - de vidro
Forma	cilíndrica
Tamanho	9,6 cm
Cor	Verde esmeralda
Marca	DIE KEYSERLICHE PRIVILIGIERT ALTONATISCHE WKRONESSENTS - escrito em forma espiral
Período	1775-1905

O produto que continha nesta garrafa era uma espécie de tintura a base de ervas, cuja origem remonta o século XVIII. A inscrição presente na garrafa segue uma linha em espiral: DIE KIESSERLICHE PRIVILIGIRT ALTONATICHE W KRONESSENTS.

O criador desse preparado era um sapateiro de Altona, desde 1796. Pouco depois, Menadier, havia se tornado físico. O produto já estava no mercado pelo menos desde 1774. Era conhecido como a Droga Maravilhosa (wonder drug - krone sents) distribuído mundialmente, cuja composição era desconhecida, mas era indicado para uma variedade de doenças. O W era a letra atribuída à maravilha, maravilhosa. Segundo as pesquisas feitas, a receita desse preparado amargo era inspirada em medicamento chamado Elixir amarum Hjaerteri, de um físico sueco, Hjärne Urban (1641-1724). Esse elixir sueco já constava nas Farmacopéias Alemãs no século XVIII com o nome de Elixir ad vitam longam.

Essa receita passou para seus filhos, Christian Henrik och Ulric Leonhard. Christian viajou todo o país promovendo o produto. Em 1796, Paul Claas Menadier consegue o privilégio imperial para fabricar tal elixir. Foi vendido com esse texto incorporado: *Die Keisserliche privilegierte Altonatische W. Kron Essents.*

Foi produzido em garrafas com mais ou menos o mesmo tamanho, entre 9 e 10 cm, mas em diversas cores: dos vários tons de âmbar, até os verdes e azuis, indo até os quase transparentes/incolores. E junto ia um folheto, acompanhando uma lista de 40 doenças, cuja dose administrada era de 40 a 50 gotas, três vezes por semana.

Fontes:

<http://www.antiquebottles.co.za/Pages/Categories/Quack&Patent.htm>

<http://de.wikipedia.org/wiki/Kronessenz>

<http://home.swipnet.se/PharmHist/Artiklar/kronessens.html>



Imagem dos vidros do medicamento em várias cores.

Femtyonde Upplagan
af beskrifningen öfwer den råttå åtta
(på Tyska kallade)
Wunder = Cron = Essence,
hwarföre och huru den bör brukas.

* * * * *

Wan anser som öfwerföddigt, för benägne läfaren widare upprepa upfinnaren til detta Medicament och de ganska stora Curer dermed gjorde äro: Sedan det hos Publicum redan wunnit såmycken Credit och merckelig afgång, ätnu däraf en förnyad upplaga har Kunnat göras. Denne essence botar på et ganska lätt och hastigt sätt, äfwen när all annan Medicin blifwit förqväres brukad, 2, 3 och 4de dagsfrågan, alla hetliga febrar, pibresse, redd och hwoitfot, hwoalna ben, hjärklappning, orolighet, Kallbrand, Breyningar, blodstörtning, gammal hosta, Förkylning i underlifwet, njåltfjuka, Sten, Gilt, och Pöbagrisfa plågor, all slags förlamning, hårdröande afflag, eller swindel; allahande utslag, hwoita Mussen, och för hofken Månadetid, Colique, Moder- och Gulsjukan. Den uppwäcker en förträffelig appetit; och hwilken som brukar den ibland, är i sin lifetid säker för Aldra, bölder, slag och tränesjukan. Den stillar snart all Hufwed, och led-wårt, om den och skulle hårdröra af förhafning eller förestreckning, emot står förgift, elack lust och sjelfwa Pesten. ut drifwer all orentlighet utur Kroppen, renar på ett förbrändswårt sätt innom som förtöckat blod och förbyggn, utan underlåtning, hwar wid ingen Decoet eller Bruns, cur kan komma i jämsförelse. Den hjälper och tillförlåtigheten emot alle Venertiske sjukdomar, fast ännu de och woro stegne til den högsta grad.

Deßis här till är wid blodreningen utfatt, men på det man snarare må komma till ända måler, så kunna flere droppar förordnas. Hos barn fördrifwa de skrifningar, all-hande slags matkar, och kan ejesj i alla tillfärdande sjukdommar såsom den besta Guld Emetur brukas. Hwarjämte lämnas hwarjem och enom den försätran, att den, som hafwer detta Medicamentet beständigt til hands, har en widare någon annan Medicin af nöden, utan kan härmed hjälpa för alla i hans hus uppkommande sjukdommar, såsom äfarenheten idrer en och hwar öfweringa. För öfrigt är såsom något besynnerligt här wid till att märka, det Naturen icke kan wänja sig wid detta läkesmedel, utan att det beständigt håfwer det närwarande enda, fast ännu det och skulle, brukas alla dagar, hwar emot annan Medicin, såsom besant är, icke wil stå an hos Patienter, då de en tid brukar den samma.

Under.

Imagem da primeira página do folheto que acompanhava o produto.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - de vidro
Forma	4 lados
Tamanho	13 cm
Cor	Transparente
Marca	MAGNESIA - frente MANCHESTER - lado direito CALCINED - lado esquerdo HENRY'S - atrás
Período	1772-1905

William Henry (1775-1836) era um químico inglês, filho de Thomas Henry (1734-1816), um boticário e escritor de livros de química, que nasceu em Manchester. Thomas Henry, em 1771, havia inventado um processo para preparar a magnésia alba, que ficou conhecida como a Magnésia de Henry. Posteriormente, ele foi o fundador e presidente da Manchester Literary and Philosophical Society.

William Henry começou a estudar medicina em Edinburg, em 1795, tornando-se doutor em 1807. Porém uma doença interrompeu sua prática como médico e ele se dedicou à pesquisa química, especialmente relacionada a gases. Em 1803, descreveu em experimentos a quantidade de gases absorvidos pela água em diferentes temperaturas e pressões, cujos resultados ficaram conhecidos como as Leis de Henry. Foi um dos fundadores do Instituto de Mecânica, que depois se transformou no Instituto de Ciência e Tecnologia, da Universidade de Manchester.

Segundo Fike, a Magnesia Calcinaada de Henry é utilizada para curar indigestão, acidez estomacal, queimação, dispepsia, etc. Já estava disponível nos Estados Unidos em 1804.

Fontes:

<http://www.thornber.net/cheshire/ideasmen/henry.html>

<http://odysseysvirtualmuseum.com/products/Henry%27s-Calcined-Magnesia-Bottle.html>

FIKE, Richard. *The Bottle Book. A comprehensive guide to historic, embossed medicine bottles*. New Jersey: The Blackburn Press, 2006.



Imagem de uma garrafa com a mesma forma encontrada na amostra arqueológica.

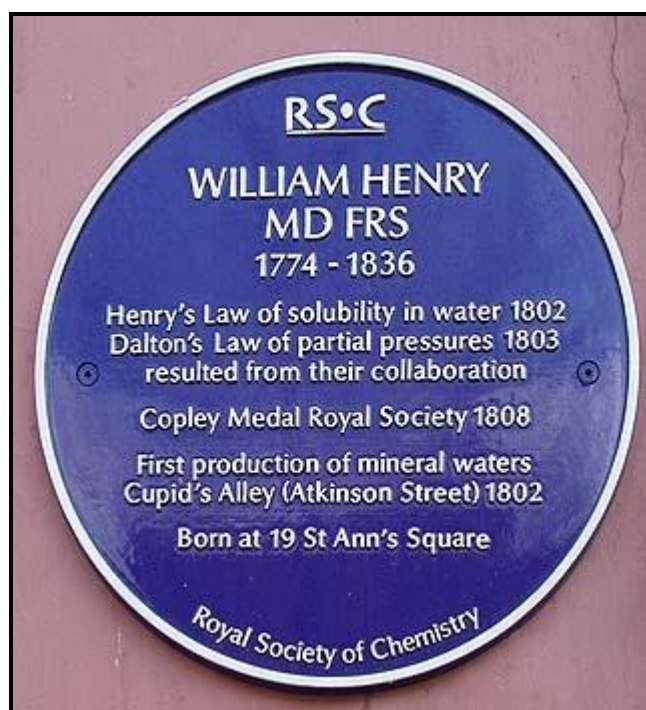


Imagem de um selo na St Ann's Square, dos títulos de William Henry.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira com tampa - de vidro
Forma	4 lados
Tamanho	Entre 6,5 a 8,5 cm sem tampa entre 9,5 e 11,5 com tampa
Cor	Transparente
Marca	WT & CO - USA - base SANTACASADE MISERICORDIA PORTOALEGRE - frente
Período	1896-1901

As inscrições que aparecem nas garrafas utilizadas pela botica da Santa Casa de Misericórdia, provavelmente, são da empresa produtora dos recipientes, mas não dos medicamentos que iriam dentro. A inscrição em quase todas as garrafas é WT & Co, e logo abaixo, USA.

A empresa a qual essa inscrição pertence é a Whitall Tatum Company, que foi uma das primeiras fábricas de vidro dos Estados Unidos. Está localizada em Millville, Nova Jersey, e operou de 1806 a 1938. A localização da fábrica foi providencial, visto que sílica é o ingrediente principal para se fabricar vidro e o sul de Nova Jersey é pleno neste material.

A empresa de vidro de Millville foi fundada por James Lee e passou por várias mudanças em relação aos seus proprietários. Em 1838, John M. Whitall tornou-se sócio no negócio. Em 1845, seu irmão, Israel Franklin Whitall também se juntou à empresa, transformando o nome da empresa para Whitall, Brother & Company. Em 1857 é a vez de Edward Tatum também virou sócio e a empresa se torna Whitall Tatum & Company. E em 1900, muda para Whitall Tatum Company.

A empresa produziu os mais diversos tipos de garrafas, jarros e vasos. Desenvolveu inovações em seus produtos, tanto nas fórmulas usadas quanto na metodologia de fabricação. A empresa produzia recipientes para centenas de farmácias, colocando a inscrição WT & Co na base, entre 1875 a 1900. Em 1901 a empresa mudando o nome, mudaria sua inscrição para W.T.CO., até a década de 1920, quando passaria a colocar um W. T. dentro de um triângulo.

Fontes:

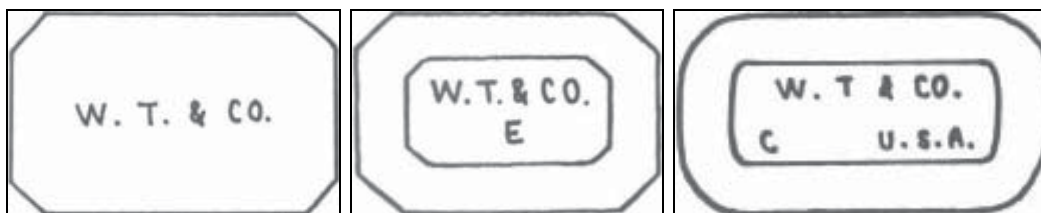
http://en.wikipedia.org/wiki/Whitall_Tatum_Company

<http://www.myinsulators.com/glass-factories/whitalltatum.html>

http://www.fohbc.com/PDF_Files/WhitallTatum_BLockhart.pdf

<http://www.collectinginsulators.com/Traders.html>

<http://www.ricksbottleroom.com/assortedstuff.htm>



Imagens com as diferentes inscrições nas bases das garrafas: 1) da metade de 1870 ao final de 1880; 2) de 1880 a 1895; e 3) de 1891 a 1894.



Imagem da medalha sobre o centenário da empresa, frente e verso.

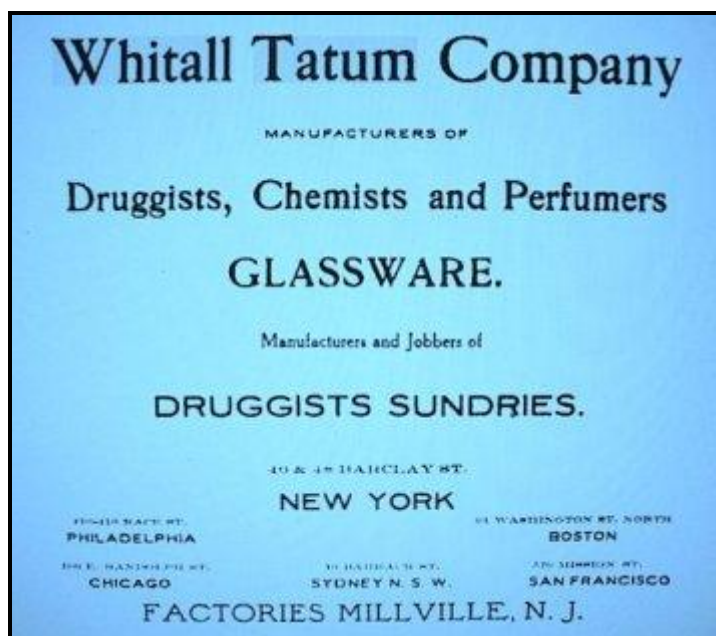


Imagem do anúncio da fábrica.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Ombro, corpo e base - de vidro
Forma	Cilíndrica
Tamanho	9,3 cm
Cor	Transparente
Marca	EUA DENTIFRICE - DU DOCTEUR PIERRE - S. PLACE DE L'OPERA PARIS - frente (pintado de branco e vazado nas letras)
Período	1837-1935



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - de vidro
Forma	Cilíndrica
Tamanho	11 cm
Cor	Transparente
Marca	DP - EAU DENTIFRICE - DU DOCTEUR PIERRE - frente T 777 - BASE
Período	1837-1935

O Dentifrício do Dr. Pierre é um produto bastante popular mundialmente; produzido e distribuído desde o início do século XIX. Criado pelo Dr. Pierre Massot, cuja empresa é fundada em 1837, na cidade de Asnières. Ele produzia o dentifrício a partir da destilação da hortelã, com base alcoólica. Além do pó dentifrício, ele também produzia uma pasta. Os produtos dentários do Dr. Pierre foram bastante populares no século XIX, tanto que é possível encontrar vários prédios cujas laterais estão ocupadas com a propaganda de seus produtos, com a estampa de seu rosto.

Não foi possível encontrar muitas referências ao Dr. Pierre, mas em alguns anúncios aparece a identificação que tenha se formado na Universidade de Paris. Em 1900, de acordo com as fontes pesquisadas, ele transfere a fábrica para Nanterre e logo em seguida, funda a Societè Anonyme Dental Dr. Pierre Mussot. Além do Dentifrice du Docteur Pierre, foram encontrados citações a mais dois produtos do mesmo fabricante: Forvil Forval e Savon Dentifrice du Docteur Pierre (que pode ser o mesmo produto em forma de pasta).

Neste catálogo são apresentados dois tipos de vidros do dentifrício, um com pintura em branco do produto e outro com inscrição no próprio recipiente. Conforme pesquisado em sites de vendas de antiguidades, pode-se verificar que ambas as versões eram vendidas, quando não apresentavam os dois tipos no mesmo vasilhame (conforme pode ser visto abaixo).

Fontes:

<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/category/higiene-limpeza/>

<http://www.seculovinte.com.br/pt/produtos/produto.php?codigo=166>

<http://archeologue.over-blog.com/article-31032117.html>

<http://www.bium.univ-paris5.fr/aspad/dentifrice.htm>

<http://anouch48.over-blog.com/article-eau-dentifrice-du-docteur-pierre>

http://library.wellcome.ac.uk/doc_WTL038358.html

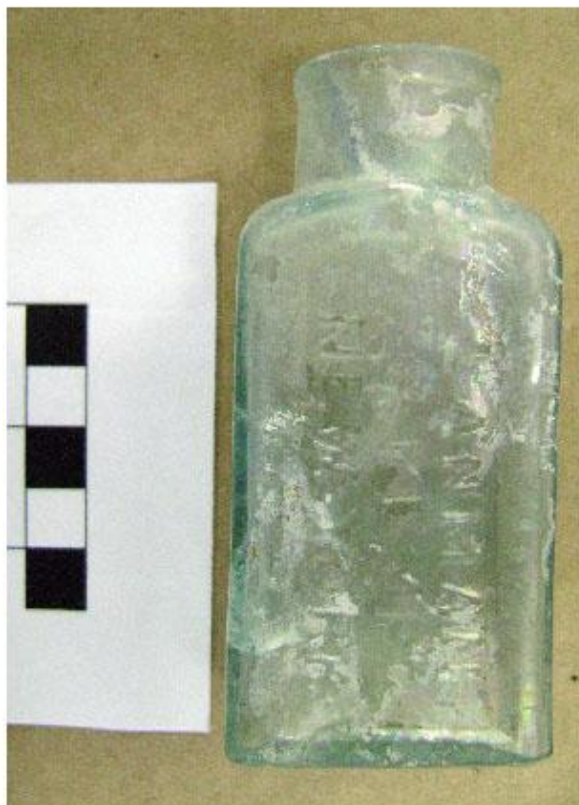
<http://fr.topic-topos.com/ancienne-usine-du-docteur-pierre-nanterre>

<http://www.deantiques.com/PLG/french.htm>



Anúncios dos produtos do Dr. Pierre e exemplares de antigos recipientes.





Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - de vidro
Forma	4 lados
Tamanho	9,1 cm
Cor	Verde Água
Marca	LANMAN & KEMP -NEWYORK - frente
Período	1861-1905

Como foi apontado no encarte do produto Água de Florida, a empresa com o nome Lanman & Kemp, surge depois da desistência de Murray em 1854. Em 1861, o nome da empresa muda e em 1901, se fundem com a Barclay & Co, transformando-se em Lanman & Kemp-Barclay & Co.

Não foi possível levantar qual produto era apenas do período em que estava somente Lanman & Kemp, porém foram encontradas referências de um produto para cabelo, denominado Tônico Oriental, porém os rótulos encontrados constavam com o nome de Barclay também. Existe também uma referência de uma toilet water, porém o produto já se encontrava também sob o nome de Barclay. O produto Oriental Hair Tonic tem sua marca registrada em 1884, que já era vendida há mais de 20 anos.

Como já havia acontecido com a Florida Water, quando eles mantiveram o nome de Murray, devido ao sucesso do produto, possivelmente nesse caso eles tenham mantido o nome Lanman & Kemp, mesmo com a direção já se encontrar com Barclay também. O mesmo caso para outro produto denominado Pure Cod-Liver Oil.

Outro produto associado a esta empresa é o tônico capilar Barry's Tricopherous, que era vendido originalmente por Alexander C. Barry, por volta de 1842. Houve muitos outros donos deste produto e não é totalmente garantido que Barry tenha sido o primeiro. Barclay registrou a marca em 1897, afirmando que o vendia desde 1868. A fórmula do produto continha 97% de álcool, 1,5% de óleo de castor, 1% de tintura de cantaridas (mosca espanhola) e outras fragrâncias de óleos.

Fontes:

<http://healthcare.zibb.com/trademark/lanman+%26+kemp+new+york/29214337>

<http://www.antiquemedicines.com/MedicineNexus/L/L.htm>

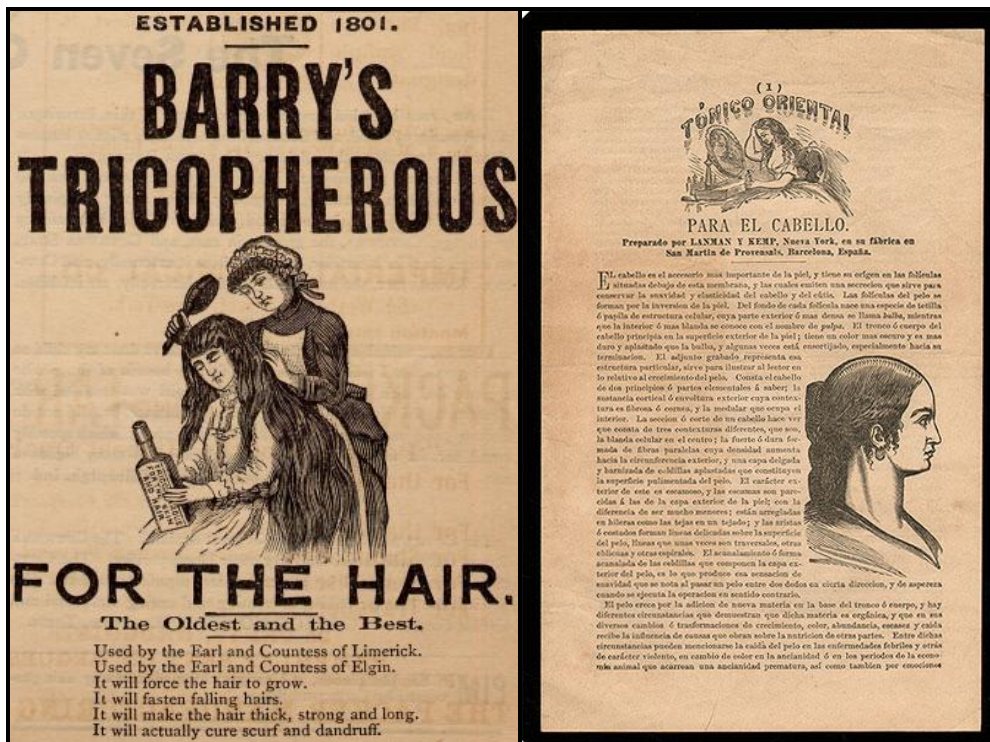
<http://www.hairraisingstories.com/Proprietors/LANKEMP.html>

<http://www.lanman-and-kemp.com/>

<http://www.prbm.com/interest/newarr1.php>



Imagem de dois produtos da empresa: Tricopherous (tônico para pele e cabelo) e o tônico para o cabelo Oriental Tonic (com rótulo).



Imagens de anúncios dos produtos da empresa: Barry's Tricopherous e Tónico Oriental.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - vidro
Forma	4 lados
Tamanho	8,8 cm
Cor	Transparente
Marca	ESSENCE MYSTERIEUSE - frente ILTPIVER - lado direito PARIS - lado esquerdo HP e um nº (ilegível) - base
Período	1890 --1924

O perfume Essence Mysterieuse (1890) é um dos primeiros da marca L.T. Piver. Embora a empresa já existisse desde o século XVIII, foi somente em 1813 que Louis-Toussaint Piver a herdou e em 1923, colocou seu nome na marca. Alphonse Piver foi quem o sucedeu. A empresa participou de quase todas as exposições do século XIX e XX. A primeira loja é dos anos 1920. E a marca continua existindo até hoje.

Entre os primeiros perfumes estão: Eau de Cologne a la Reine des Fleurs (1774); Eau des Princes (1850); Heliotrope Blanc (1850); Maotcha (1850); Corylopsis du Japon (1875); Violet Ducale (1885); Reve d'Or (1889); Essence Mysterieuse (1890); Floramye (1895); Nijni-Novgorod (1896); Azurea (1897); Le Trefle Incarnat (1898); Rosiris (1899).

O nome L. T. Piver é um dos mais conhecidos nomes em matéria de perfume na França e no mundo, ao lado de Houbigant, E. Coudray e Lubin. Entre seus clientes ilustres está a família Bonaparte e Sarah Bernard, famosa atriz do século XIX.

Entre os inúmeros sites de venda de antiguidades não foi encontrada nenhuma garrafa do perfume Essence Mysterieuse.

Fontes:

http://reviews.ebay.com/Vintage-LT-Piver-Perfumes_W0QQugidZ10000000002860113

<http://www.piver.com/en/our-history>

<http://www.deantiques.com/PLG/french.htm>

<http://www.flickr.com/photos/7158635@N05/5172985140/>



Imagens de antigos vidros de perfume L. T. Piver: Floramye (1895), Azurea (1897) e Le Trefle Incarnat (1898).



Imagens de creme de savon (creme de limpeza) e rótulo de loção.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - de vidro
Forma	cilíndrica
Tamanho	11,8 cm
Cor	Transparente
Marca	ORIZA OIL - LEGRAND - ombro 7723 - HP - base
Período	1811-1905

A marca de perfumes Legrand está entre as mais conhecidas. Criada em 1811 por L. Legrand depois de comprar as fórmulas dos descendentes de Fargeon, o antigo perfumista de Maria Antonieta. O negócio foi comprado em 1860 por Antonin Raynaud, sendo posteriormente assumido por sua viúva. Em 1910 foi novamente comprado por Armand Schul e ficou conhecida depois como Societe Centrale de La Parfumerie Française.

No século XIX, Legrand pertencia à corte de perfumistas de Napoleão III e da realeza britânica, russa e italiana. A empresa teve duas grandes inovações no século XIX: em 1879, a introdução da Parfumerie Oriza e a patente, em 1887, para perfumes sólidos. A Parfumerie Oriza, em 1879, foi a primeira linha de perfume da empresa que incluía cosméticos e objetos de toalete, sob um mesmo nome e coordenados gráficos. Essa linha se tornou conhecida como Oriza-Legrand.

Esta empresa produzia perfumes de luxo, como por exemplo, em 1913, lançou Fin Comme l'Ambre em cristal Baccarat.

Fontes:

http://reviews.ebay.com/Vintage-Oriza-L-Legrand-Perfumes_W0QQugidZ1000000004397625

http://www.bottlebooks.com/questions/April%202006/april_2006_questions.htm

<http://www.cleopatrasboudoir.com/apps/blog/show/3603522-oriza-l-legrand-perfumes>

<http://www.kovels.com/Price-Guide/Perfume-Bottles.html>

<http://deadwoodantiques.com/store/product276.html>

<http://forum.treasurenet.com/index.php?topic=117024.0>



Imagem de Oriza-Oil Legrand e outra de Oriza-Legrand.



Imagem de anúncio e da fachada da loja.



Sítio	RS-JA-20
Descrição	Garrafa inteira
Forma	cilíndrica
Tamanho	20 cm
Cor	Transparente
Marca	EDP INAUDA PARIS - LONDRES BRUXELLES - frente
Período	a partir de 1840

Em 1830, Edouard Pinaud, abriu sua primeira loja em Paris, no coração do distrito aristocrata. Em 1810, M. Besancon havia aberto uma loja, que mais tarde foi comprada por M. Legrand. Essa mesma loja foi adquirida por E. Pinaud e se tornou La Corbeille Fleurie. A partir de 1840, todos os produtos da loja eram vendidos com o nome de E. Pinaud.

Em 1852, Emilie Meyer se tornou seu sócio, e a empresa mudou seu nome para Pinaud et Meyer, tendo uma segunda loja aberta com o nome de Parfumerie de La Noblesse. Em torno de 1860, já tinham seus perfumes vendidos por toda a Europa.

Em 1872, o genro de Meyer, Victor Klotz, também se tornou sócio e depois da Exposição de 1873, Pinaud se tornou o nome da empresa. A empresa era a maior exportadora, principalmente para os Estados Unidos. Em 1905, com o edifício de Nova Iorque pronto, o nome da empresa se torna Victor Klotz et Cie; depois H. et G. Klotz Family, até 1931.

Em 1841, era conhecido como o produtor top de linha pela National Court of Commerce. Em 1845 foi escolhido como o perfumista da Rainha Victoria da Inglaterra. Entre 1855 a 1888 foi premiado diversas vezes. No ano de 1897 inaugura um showroom na Place Vendome e, em 1920, o lançamento do edifício na Quinta Avenida em Nova Iorque.

Fontes:

<http://edpinaudhistory.blogspot.com/2008/02/history-of-master-edouard-pinaud.html>

<http://www.hairraisingstories.com/Proprietors/PINAUD.html>

http://cgi.ebay.com/1897-ED-PINAUD-ROMAN-PERFUME-AD-PERFUMERIE-PARIS-FRANCE-/270711018757?pt=LH_DefaultDomain_0&hash=item3f07a25505

<http://www.edpinaud.blogspot.com/>

http://www.bottlebooks.com/questions/Dec2000/december_2000_questions_ask_digg.htm

<http://www.atticpaper.com/proddetail.php?prod=1896-ed-pinaud-roman-salts-violette-reine-ad>

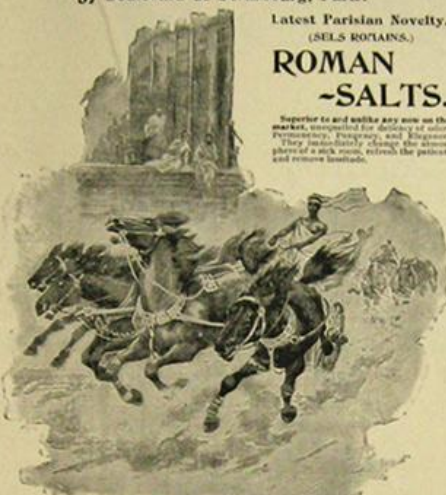


Imagens de antigos vidros de perfume e de quinina e creme Ed. Pinaud.

Parfumerie ED. PINAUD,
37 Boulevard de Strasbourg, Paris.

Latest Parisian Novelty.
(SELS ROMAINS.)
**ROMAN
-SALTS.**



Superior to and unlike any now on the market, composed of the finest quality of salts, Paracetamol, Peppermint, and Eucalyptus. They immediately relieve all symptoms of a sick room, refresh the patient, and remove headache.



Useful for headache and fatigue. Don't fail to take a bottle for use on the cars and in the country. The salts are elegant, novel and attractive in appearance, and the perfume such as have made the name of "ED. PINAUD" world renowned. Where not sold by your dealer, we will send, securely packed (all charges paid), a large bottle on receipt of 60 cents.

THE LATEST EXQUISITE CREATION,
"VIOLETTE - REINE,"
The newest and highest accomplishment of the perfumer's art.
NOW THE EUROPEAN FAD.
QUEEN OF ALL VIOLET PERFUMES.
THE TRUE ODOR OF THE LIVING FLOWER.
MOST EXQUISITE AND REFINED.

For sale by all dealers, or large bottle sent on receipt of \$1.25.
New York Importation Office, 46W East 14th St., N. Y.

The Health and Beauty of the Hair

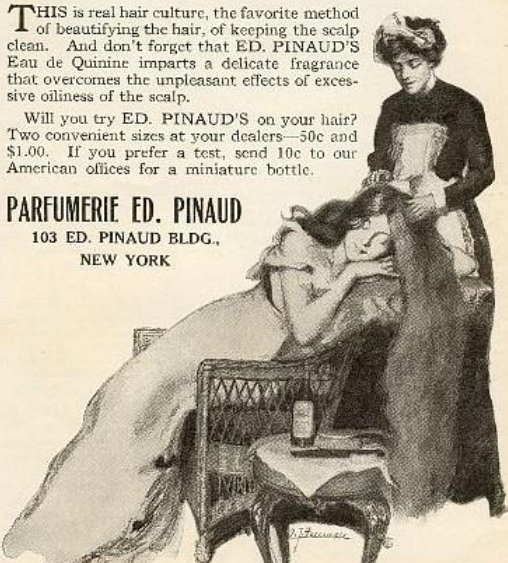
A thorough massaging of the scalp, the vigorous rubbing of active fingers through the hair, then the clean, comforting effects of

ED. PINAUD'S EAU DE QUININE

THIS is real hair culture, the favorite method of beautifying the hair, of keeping the scalp clean. And don't forget that ED. PINAUD'S Eau de Quinine imparts a delicate fragrance that overcomes the unpleasant effects of excessive oiliness of the scalp.

Will you try ED. PINAUD'S on your hair? Two convenient sizes at your dealers—50c and \$1.00. If you prefer a test, send 10c to our American offices for a miniature bottle.

PARFUMERIE ED. PINAUD
103 ED. PINAUD BLDG.,
NEW YORK



Imagens de anúncios dos produtos Ed. Pinaud.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - de vidro
Forma	cilíndrica
Tamanho	13,5 cm
Cor	Âmbar médio
Marca	LYSOL - frente SCHULKE & MAYR - HAMBURG - base
Período	1892-1905

Lysol é a marca de um dos primeiros desinfetantes conhecidos, produzido, atualmente, pela Reckitt Benckiser. Porém, no final do século XIX, período de sua origem, quem o havia lançado no mercado foi a empresa Schulke & Mayr. Fundada em 1889 por Rudolf Schulke e Julius Mayr, criaram o primeiro desinfetante que teve um papel significativo na época da epidemia de cólera de 1892, em Hamburgo.

Em 1913, foi lançado o Sagrotan, primeiro desinfetante para casas, entrando numa campanha mundial para proteção contra os microrganismos que circulavam. A esses seguiram outros produtos dentro da mesma linha aliada à higiene.

Em 1990, é a primeira empresa a lançar um desinfetante para mucosas e feridas, chamado Octenisept, baseado na Octenidina. Em 1996, se tornam membros do Air Liquid Group, o líder global em gases técnicos e médicos.

A forma mais comum é a de 90 mm, em tons de âmbar, mas também podem aparecer versões em aquamarine, verde esmeralda e azul cobalto.

Fontes:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Lysol>

<http://www.antiquebottletrader.com/poison.htm>

<http://www.schulke-mayr.co.uk/>

<http://www.antiquebottles.co.za/Pages/Categories/Quack&Patent.htm>

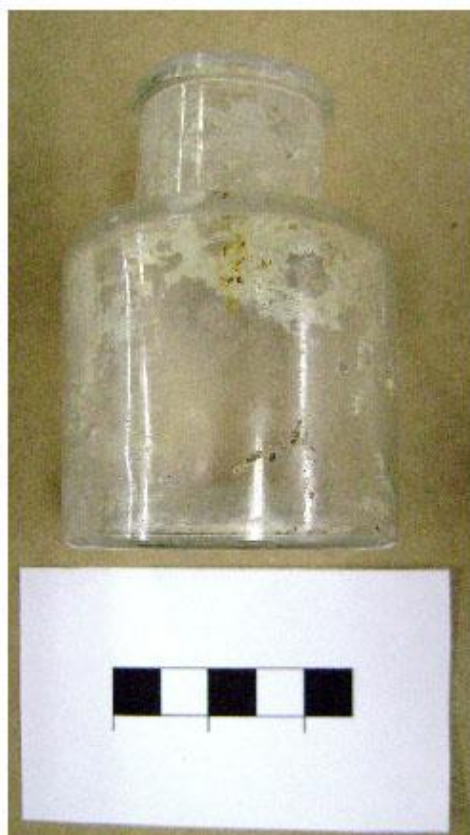
<http://trade.mar.cx/US71012131>



Imagem de vários ângulos da garrafa de Lysol, de Schulke & Mayr



Imagem da marca registrada, de 1906.



Sítio	RS-JA-29
Descrição	Garrafa inteira - de vidro
Forma	Cilíndrica
Tamanho	7,9 cm
Cor	Transparente
Marca	GERSTENDORFER - NEW YORK - CHICAGO - base escrito em forma de círculo por toda base e no meio BRO'S
Período	1890-1905

Entre todas as fontes de pesquisa utilizadas, a marca de Gerstendorfer Bro's aparecia sempre associada à produção de tintas. O recipiente que se encontra na amostra arqueológica do sítio da Santa Casa coincide mais com um produto denominado "Japanese Gold Paint ". Não tem a mesma inscrição que foi encontrada no sítio RS-JA-29, que só contém a marca, mas tem quase a mesma forma e tamanho.

Estes produtos, associados a esta marca são tintas para pintar camas, utensílios domésticos, porcelanas, etc. Na pesquisa por anúncios e rótulos, foi encontrado outro produto associado à marca, de nome *Sapolin*, que seria também um esmalte de alumínio. A *Japanese Gold Paint*, vinha em uma embalagem de madeira que servia para proteger o produto. Não consegui apurar qual é a data certa de origem, mas em um site de venda de antiguidades, a data da patente deste produto é de 1890. Em 1902, é da data de criação do *Sapolin*.

Em artigo do jornal *New York Times*, de 1900, Albert Gerstendorfer, o criador da empresa, aparece como benfeitor, doando dinheiro para uma causa implementada pela Câmara de Comércio. Em 1918, em artigo do mesmo jornal, a empresa aparece ligada a um processo de fraude e transferência de fundos para a Alemanha, onde estaria o dono, e cuja transferência tinha sido efetuada, por seu sobrinho e quem, na época, respondia pela sua administração.

Fontes:

http://www.toutfait.com/online_journal_details.php?postid=1090


<http://www.etsy.com/listing/51480345/japanese-gold-paint-gerstendorfer-bros>

http://www.antiquemystique.com/pages/3324_jpg.htm

<http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=F20D17FB3E5D147A93C0AB178BD95F4C8185F9>


<http://www.MetroHistory.com>





Housewives Appreciating
Neatness and Economy should know that with one coat of the ready-for-use

"SAPOLIN" STOVE PIPE ENAMEL,
simply put on with the brush which comes with every can, rusty Stove Pipes, Grates, Registers, Furnace Fronts, Gas and Oil Stoves, Sewing Machines, or anything else made of iron are easily given a brilliant, permanent, smooth, intensely black finish (like that of a bicycle).
½ pint cans with brush, 20 cents.
Sold by Leading Dealers in Hardware, Paints and Stoves.
GERSTENDORFER BROS.
Dept. U-8 231-5 E. 42nd St., New York.



"SAPOLIN" Stove Pipe Enamel
ELASTIC BRILLIANT BLACK FINISH
ON RUSTY PIPES, REGISTERS, GAS STOVES, GRATES, TOOLS & ALL METAL WORK.
RESISTS HEAT

GERSTENDORFER BROS. NEW YORK, U.S.A.

SAPOLIN
(Porcelain Finish)
ENAMELS



IT PAYS TO ADVERTISE "SAPOLIN"

THIS attractive display will help you to sell more Sapolin Decorative Specialties. The sign has been made for us by a patented process. If sign becomes soiled, clean with a damp cloth and its brilliancy and attractiveness, will be retained for many years.

Remember, it pays to advertise Sapolin—"The Line that Keeps Your Cash Register Busy."

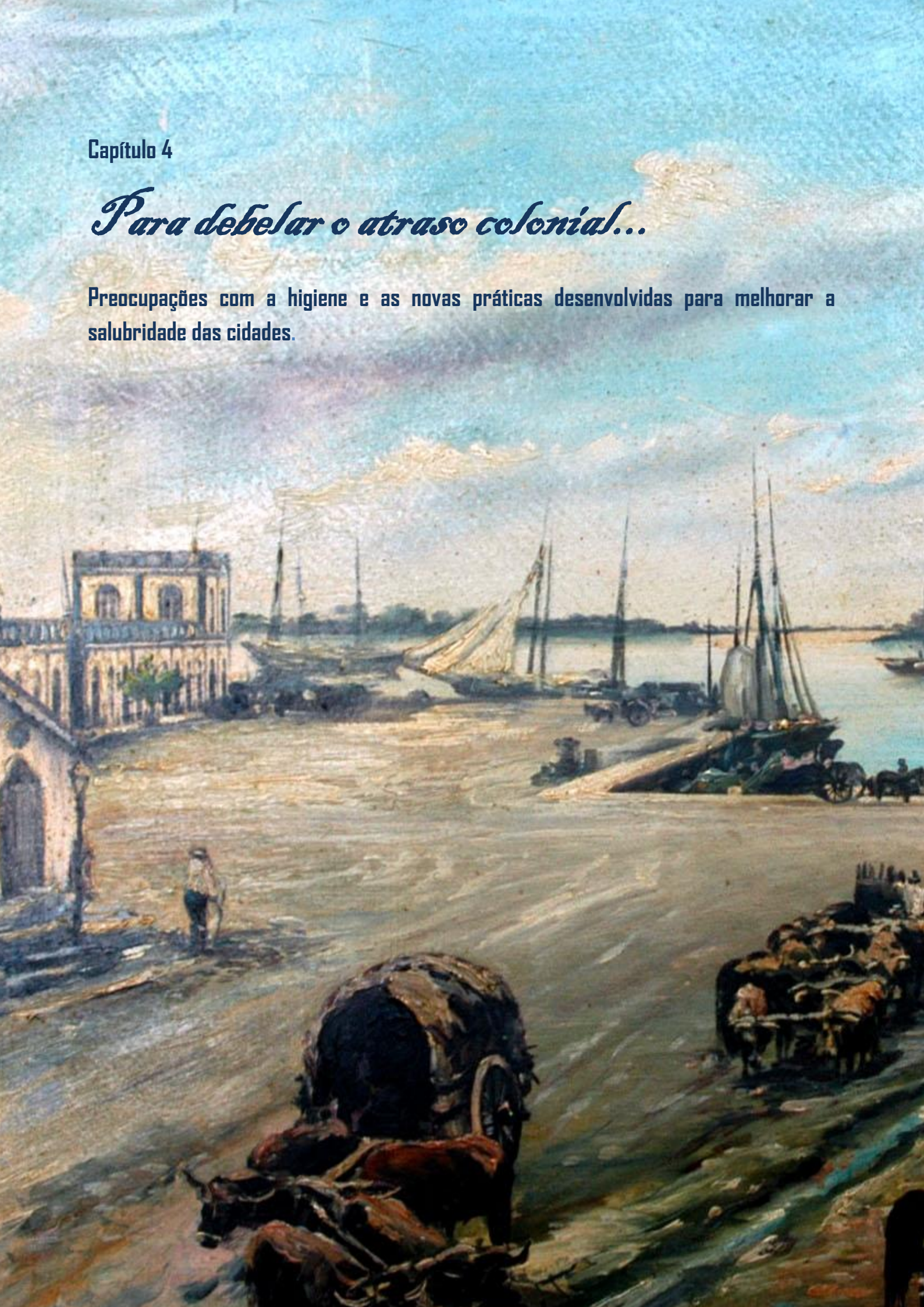
GERSTENDORFER BROS
"The Quickest Paint House in the World"
231-35 EAST 42nd ST. NEW YORK, N.Y.

Imagens de embalagens e recipientes da *Japanese Gold Paint*. E abaixo, anúncios de *Sapolin*.

Capítulo 4

Para debelar o atraso colonial...

Preocupações com a higiene e as novas práticas desenvolvidas para melhorar a salubridade das cidades.



Capítulo 4

Levantando as saias, Alaïs passou com cautela pelos vestígios de mais uma noite de excessos na taberna Sant-Joan dels Evangèlis. Maçãs amassadas, peras comidas pela metade, ossos roídos ainda com restos de carne e tonéis de cerveja quebrados jaziam espalhados pelo chão. Um pouco mais adiante, um mendigo dormia encolhido na soleira de uma porta, o braço descansando sobre um velho cão imenso e molhado. Três homens estavam jogados ao pé do poço, resmungando e roncando alto o bastante para silenciar o canto dos pássaros.

Kate Mosse, *Labirinto (Labyrinth)*.

A questão da deposição do lixo e, conseqüentemente posterior formação de sítios arqueológicos de lixeiras coletivas, está intrinsecamente ligada às questões contextuais históricas de todo século XIX (e não só deste). Está inserida num processo de longa duração e é fundamental para que se possam entender diversas práticas que ocorriam nas cidades oitocentistas e que faziam parte do cotidiano.

4.1. Sobre deposição de lixo nas cidades

A arqueóloga Fernanda Tocchetto, em seu trabalho de Doutorado, procura colocar de que forma as deposições de lixo nos fundos dos pátios residenciais estava entrelaçada com uma série de outros comportamentos que já faziam parte do dia-a-dia da população porto-alegrense, bem como no Brasil e fora dele⁹³.

⁹³ Estas questões já haviam sido citadas por Luis Claudio Symanski em sua dissertação de mestrado, *Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX*, no entanto foi a arqueóloga Fernanda Tocchetto que aprofundou-se bem mais na questão da deposição do lixo como fator revelador de hábitos higiênicos ou não da população dedicando a essa discussão boa parte de um capítulo de sua tese de doutorado (SYMANSKI, 1998).

A interpretação das práticas cotidianas que resultaram na formação dos depósitos de lixo das unidades domésticas estudadas passa, necessariamente, pela sua inserção no contexto histórico local – a cidade de Porto Alegre -, entrelaçado ao que vinha ocorrendo no país e também fora dele. Dejetos, lixo, excrementos, águas servidas, miasmas, insalubridade, epidemias, saúde, higiene, saneamento foram expressões largamente usadas em discursos médicos e estatais durante o século dezenove no Brasil e não menos com cem anos de anterioridade na Europa (TOCCHETTO, 2004:241).

Conforme as cidades iam crescendo, mais e mais lixo era produzido e conseqüentemente, descartado. E assim como o lixo ia aumentando, também a sujeira acumulada nas ruas citadinas durante todo o século XIX é bastante marcante seja em grandes e importantes cidades brasileiras como a sede da Corte no Rio de Janeiro, como também cidades que até quase meados do século XIX se mantinham um tanto acanhadas, como Porto Alegre.

Durante muito tempo, nas discussões das sessões da Câmara foi possível verificar que os problemas de saneamento eram uma constante. Tanto os problemas relacionados à limpeza das ruas quanto às das próprias casas e quintais particulares também se faziam presentes.

A arqueóloga Tania Andrade Lima, em artigo sobre práticas em espaços domésticos do Rio de Janeiro, argumenta que ao desembarcar no porto dessa cidade, a corte portuguesa, composta por mais de 15.000 pessoas, já puderam diagnosticar o estado de sujeira que se encontrava a cidade, além de estar enlameada e mal cheirosa. A prática de deposição de lixo nas orlas marítimas ou mesmo jogando em alto mar era tanto que desde cedo gerou grandes problemas. Lá eram jogados os mais diversos dejetos, desde restos de alimentos, todos os tipos de objetos indesejáveis, materiais fecais, animais mortos, bem como negros (ANDRADE LIMA, 1989).

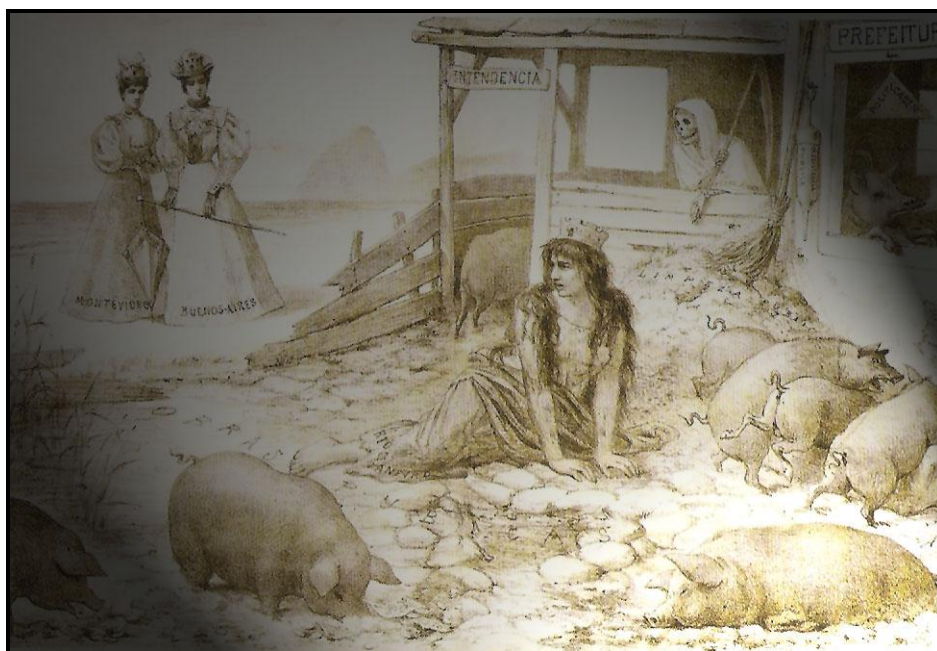


Imagem 87 – Sátira do estado sanitário da cidade do Rio de Janeiro (a moça no chão) em relação às outras capitais fronteiriças, tendo a representação de Buenos Aires e Montevideú, as duas moças bem vestidas e limpas. (EDLER, 2006:74).

Em Porto Alegre essa questão, mesmo no princípio do século, parecia não diferir muito da sede da Corte. Conforme relato do viajante Saint-Hilaire, a cidade era tão suja quanto. Embora, em sua primeira visita, tenha apreciado o clima, que de tão ameno lhe parecia, ele o comparava ao europeu, no aspecto relacionado à infra-estrutura e limpeza da cidade, Porto Alegre era tudo que tinha de mais horrível. As casas não possuíam jardins e a maioria não possuía um pátio, fazendo com que todo o lixo produzido, em vez de enterrado nos fundos, fosse jogado na rua. Assim, o aspecto geral das ruas de Porto Alegre era de intensa imundície. Segundo ele todo o lugar estava sujeito ao despejo dos mais diversos tipos de lixo.

O rápido aumento da população fez com que os terrenos se tornassem mais valorizados aqui que nas cidades do interior. Poucas casas possuem jardim e muitas não tem mesmo pátio, redundando isso no grave inconveniente de serem atiradas à rua todas as imundícies, tornando-as de uma extrema sujeira. As encruzilhadas, os terrenos baldios e principalmente as margens do lago são

entulhadas de lixo. Apesar de ser o lago o único manancial de água potável, utilizado pela população, consentem que nele se faça o despejo das residências (SAINT-HILAIRE, 1987:46).

À primeira vista, esse comentário de um viajante estrangeiro⁹⁴ possa parecer um pouco exagerado, mas quando isso se repete inúmeras vezes pelas pessoas que moram na cidade, conforme constam nas Atas da Câmara transparecem certa prática cotidiana.

Em 1829, a Câmara recebe um requerimento de Luis Ignacio Pereira de Abreu, feito ao Procurador da Ordem Terceira das Dores, solicitando que seja removido o imenso entulho que existe em virtude dos despejos dos moradores vizinhos, pedindo para seja “removido para qualquer lugar dos que por edital da mesma se acha determinado”. No mesmo dia, outro requerimento de Antonio Joze Pedrozo, Tesoureiro da Ordem Terceira de Nossa Senhora das Dores, para que se faça o possível para a remoção do lixo nas proximidades da igreja. Inclusive chama a atenção para o Edital publicado pela mesma Câmara sobre a limpeza dos terrenos que estivessem cobertos de lixo e conforme manda a Postura⁹⁵, na forma de Carta de Lei, de 01/10/1828. (Atas da Câmara de 16/07/1829).

De acordo com Sergio da Costa Franco, o serviço de limpeza público no que diz respeito à remoção de lixo urbano teria começado em 02/07/1829, no entanto, como pode ser verificado pelos requerimentos acima (que são posteriores a data citada), essa prática, mesmo que já estivesse expressa pelo Código de Posturas, não era muito respeitada. Há a recorrência de deposição de lixo fora das áreas permitidas e constantes reclamações de moradores exigindo da Câmara providências a respeito (FRANCO, 2006).

Segundo Beatriz Weber, em sua dissertação de Mestrado, sobre os Códigos de Postura de Porto Alegre no século XIX, é necessário que se entenda que o primeiro

⁹⁴ Auguste-François-César Prouvensal de Saint-Hilaire (1779-1853), veio pela primeira vez ao Brasil em 1816, tendo feito inúmeras viagens por todo interior do país. Sendo um entusiasta pelas pesquisa em História Natural, acabou empreendendo diversas viagens exploratórias. Entre 1820 e 1821, esteve em visita ao Rio Grande do Sul e a Província Cisplatina. Em Porto Alegre, chegou em 21 de junho de 1820, permanecendo mais de um mês na cidade. Depois de viajar por outras partes do Rio Grande do Sul, retorna à cidade em 16 de maio de 1821, voltando ao Rio de Janeiro em junho (NOAH FILHO, 2004).

⁹⁵ Os Códigos de Posturas Municipais eram um conjunto de normas, formulados pelas autoridades locais, que estabeleciam regras de comportamento e de convívio de uma determinada comunidade. Tinham como preocupação a preservação da ordem e a segurança pública, incluindo as relacionadas à saúde pública (WEBER, 1992).

Código de Posturas da cidade não pode ser visto da mesma forma que os criados no Rio de Janeiro. Mesmo que seguissem os preceitos ditados pela Corte, é indispensável perceber que as características regionais e locais de concepção e organização do espaço urbano diferem e muito de outras cidades brasileiras (WEBER, 1992).

O Código de Posturas de Porto Alegre, que surge após o Regulamento para Funcionamento das Câmaras Municipais, foi redigido em 1829. Esse primeiro código tinha capítulos ou artigos que dispunham as normas que deveriam ser obedecidas no espaço da cidade. Entre muitos outros preceitos, estabelecia, por exemplo, os limites da cidade, a altura de calçadas, a maneira como as construções deveriam ser executadas, a limpeza de terrenos, a largura das ruas, as áreas próprias para depósito de materiais de construções, de forma que não dificultasse o trânsito, os lugares de comércio e as formas como deveriam comportar-se os escravos (IDEM).

Em relação ao lixo, somente foram estabelecidos lugares próprios para seu depósito no Código de Posturas Municipais de 1837. Embora esse artigo tenha sido revogado em 1842, segue sendo um dos principais temas debatidos nas reuniões da Câmara. (IDEM).

No entanto, antes disso, já em 1829, as determinações da Câmara informavam à população que os lugares próprios para despejos eram ou o próprio quintal ou os cinco lugares que estavam estabelecidos: o “meio da Praça do Paraíso” (Praça 15 de Novembro); o “lugar da Várzea, perto da casa velha que serviu de Matadouro”; o charco da Rua da Figueira (atual Rua Coronel Genuíno), junto ao Riacho; o “lugar destinado para a praça nova, entre a propriedade de sobrado de José Antonio Ribeiro e o “Pelourinho” (que ficava entre a Travessa Araújo Ribeiro e a frente da Igreja Nossa Senhora das Dores); e o “lugar da Praça da Forca” (Praça Brigadeiro Sampaio), no início da Rua da Praia (FRANCO, 2006: 246).

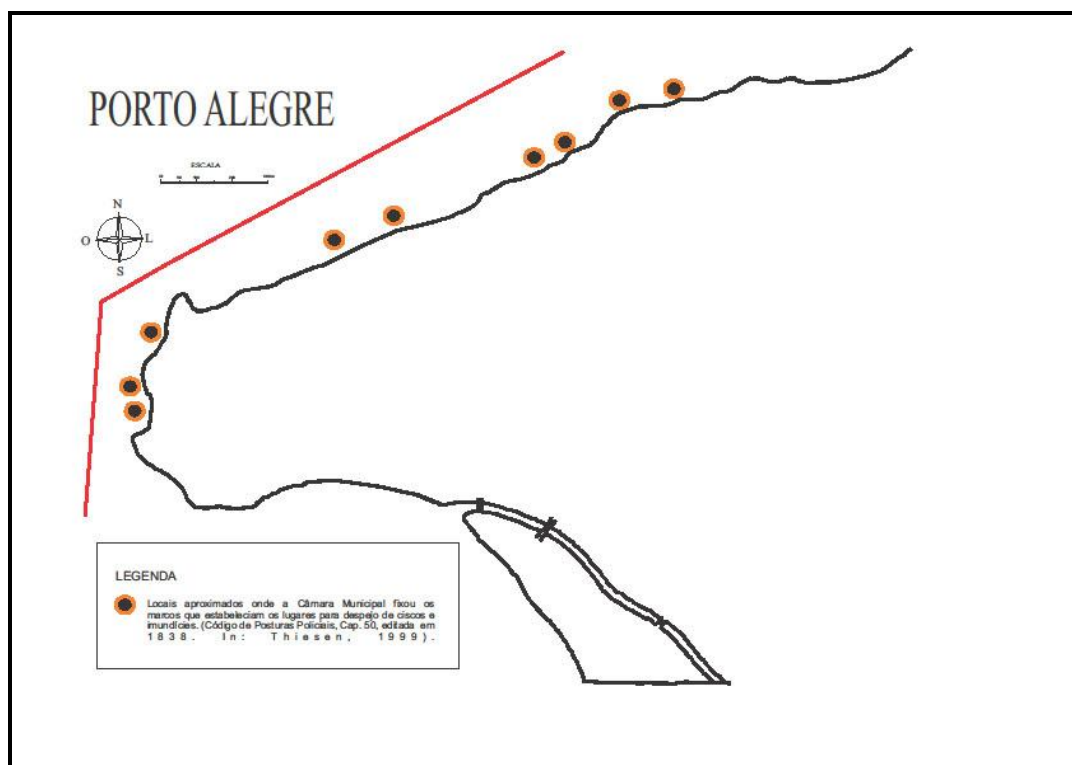


Imagem 88 – Lugares onde poderiam ser feito o despejo de lixo em Porto Alegre, a partir de Código de Posturas. Cap. 50, em 1838. Fonte: MJJF/SMC. Re-edição feita a partir de imagem na Dissertação de Mestrado de Beatriz Thiesen (1999).

Em 1830, esses locais seriam novamente demarcados, devido às resistências da população. A partir desse ano, o local era o rio desde o Caminho Novo (Rua Voluntários da Pátria) até a desembocadura do Riacho, com exceção das bocas de ruas e os lugares ao lado da Alfândega (IDEM).

Em 1834, a Câmara adquiriria uma carroça para a limpeza da cidade, denominando dois fiscais: uma para a parte oriental e outro do lado ocidental. Esse serviço era feito juntamente com presos da Cadeia. Durante o conflito farroupilha, com a cidade sitiada, o problema de limpeza pública se tornaria grave. Assim, o lixo podia ser jogado fora das trincheiras, e não sendo possível, ainda poderiam ser utilizados alguns determinados locais na margem do rio (IDEM).

As demandas continuam, o problema da sujeira da cidade continua, mas foi somente em 1842 que a Câmara Municipal aprovaria um contrato de empreitada para a

remoção do lixo, através do pagamento de 300:000 réis anuais, mas no ano seguinte ele já havia sido despedido por maus serviços (IDEM).

Em 1842, quando viria em visita o Imperador Dom Pedro II, os vereadores da Câmara, através de proposta de Lopo Gonçalves, resolveram que deveria ser proclamada obrigatória aos moradores “mandar varrer as frentes de suas casas, ajuntando o lixo em um monte no meio de sua testada para ser apanhado por uma carroça”, que iria transitar pelas ruas nas primeiras horas da manhã. (IDEM)

A preocupação com a limpeza e a associação da sujeira com problemas que poderiam causar doenças, tomam conta das pautas das sessões. Em 27/09/1852, o Vereador Dr. Flores chamava a atenção para que “na estação atual, em que o calor úmido, acelerando a putrefação das matérias suscetíveis desta alteração, facilita a formação e desenvolvimento de miasmas” fazia com que se aumentasse a vigilância em relação à limpeza da cidade. (IDEM)

Durante muitos anos o estado de sujeira da cidade era freqüente e, conseqüentemente, motivo para as discussões a respeito da falta de saúde da população e higiene, porém foi somente em 1898, que o Intendente José Montaury tornou o recolhimento de lixo uma prerrogativa municipal. Foi comprado um prédio, onde atualmente está instalada o Departamento Municipal de Limpeza Urbana, além de comprar cocheiras para os burros das carroças e depósitos para os equipamentos (IDEM).

4.1.1. Teorizando a respeito do lixo e práticas relacionadas

A questão do lixo foi tratada por José Carlos Rodrigues como algo que deve ser relacionado com a própria formação da cultura brasileira. Segundo ele, são nossas mentalidades e sensibilidades que configuram nossas práticas e em relação ao lixo essa premissa é que justifica esse modo de pensar. Assim, a cultura brasileira apresenta traços que representam um componente de inspiração medieval, anterior e antagônico ao capitalismo. Rodrigues fala de uma espécie de resistência quanto às inovações advindas

dos novos sistemas e que está presente em segmentos populares do nosso país (RODRIGUES, 1995).

Para ele, a chave da explicação da manutenção de determinadas práticas, no caso a do lixo, está na coexistência de dois tipos de cultura, no contexto medieval: uma cultura oficial, relacionada aos nobres, a Igreja, a liturgia e a hierarquia – essa seria a cultura associada aos dominantes. E a outra cultura que seria a que acompanharia a convivência social, a cultura que faz parte do cotidiano, das culturas pagãs (IDEM).

Portanto, para ele o lixo seria interpretado por esses diferentes segmentos como “aquilo que sobra da vida dos objetos”, como por exemplo, o cadáver seria o que sobraria do espírito. O autor vê uma ligação entre as práticas associadas ao lixo na mesma raiz de pensamento que as da morte. Para ele o desenvolvimento das maneiras de ver os enterramentos é de muitas maneiras análogas às de ver o lixo. Durante a Idade Média, as sepulturas da maioria das pessoas eram coletivas. Poucas pessoas possuíam o direito ou a aspiração a poderem ter sepulturas individuais. Normalmente as sepulturas da classe mais pobre eram comuns, situadas no cemitério que ficava ao lado das igrejas, onde ficavam mais ou menos abertas esperando até serem preenchidas. E este seria um modo muito parecido de se pensar o lixo, como algo partilhado, como deveria ser, como era comum, não deveria ser escondido e ser individualizado (IDEM).

Ainda nesta mesma lógica ele vê as relações das pessoas com seus corpos, com seu lixo, com sua higiene. Para ele a separação advinda do sistema capitalista não é natural para as classes populares, não faz parte do ciclo da vida à fragmentação. E é nesse modo de pensar que surgiu a partir dos mecanismos de controle, a separação dos sãos e dos doentes, foram criadas instituições que estimulam e respeitam as diferenças: os hospícios, as prisões. Onde as peculiaridades de cada domínio de saber são incentivadas, onde se faz separações entre o mundo animal, mineral e vegetal (IDEM).

E um ponto importante que ele aponta para entender essas separações é a idéia de que “todo perigo vem do subsolo”. Portanto, seria por isso que as pessoas evitam os pântanos, os cemitérios, os poços, os afloramentos de lama e óleo, etc. Começa circular a idéia de que o lixo favorecia a impregnação do solo e os afloramentos de material

orgânico em decomposição, e, por conseguinte, houve a expulsão do lixo, dos mortos (IDEM).

Foi a partir do final do século XVIII que surgiu a primeira cadeira de Higiene Pública, onde as preocupações eram de saber por que razão os rios fedem, o que fazer com os dejetos das fossas sépticas, como lidar com aglomerações, enfim, como acabar com tudo aquilo que se herdou nos períodos medievais (IDEM).

Para Norbert Elias esses mecanismos de separação entre cristianismo e paganismo, entre a civilização e a barbárie, são as raízes para o conceito de *civilité*. Esse conceito seria um símbolo e expressão de formação social que uniria as mais variadas nacionalidades. Esse conceito tomou forma e adquiriu função no final do século XVI, bem como foi se espalhando mundialmente, a partir do significado que adquiriu a partir de um tratado escrito por Erasmo de Rotterdam. Desse momento em diante começaram a surgir novas traduções para o conceito e palavras foram sendo criadas nos mais diversos idiomas. Determinados hábitos, línguas, comportamentos foram sendo denominados como modelos de civilidade (ELIAS, 1994).

Elias afirma que esse processo não teve fim e que pode ser remontado indefinidamente ao passado, pois onde quer que comecemos, podemos ver movimento, porque algo aconteceu. Somente salienta que é preciso observar os contextos históricos de cada período. Assim, até mesmo a Idade Média poderia nos oferecer informações a respeito do comportamento que era considerado adequado. E, nesse caso, as funções de comer e beber são extremamente relevantes como ponto de observação (IDEM).

No século XVI o conceito de *courtoisie* sede lugar cada vez mais para o conceito de *civilité*, ao menos na França do século XVII. Esse tipo de mudança, de substituição de um conjunto de hábitos pelo outro, não ocorreu de forma abrupta, mas significou grande transformação social. Durante toda a Renascença, a sociedade estava em constante mutação, tanto nas maneiras, como no tom, nos modos de ver as tradições medievais. As coisas já não eram mais tão dicotômicas e as diferenciações eram valorizadas (IDEM).

Esse processo de mudança foi ocorrendo aos poucos e práticas, que eram consideradas naturais e que as pessoas não tinham vergonha em relatar e partilhar, passaram a serem vistas de outra forma. Assim, as questões fisiológicas, por exemplo,

que eram partilhadas e aceitas como fazendo parte do cotidiano, começaram a ser, primeiramente, reguladas. No século XVI, nos vários relatos que Norbert Elias descreve, percebe-se que o modo como esses hábitos são vistos é que muda. Então, passa a não ser mais bem visto “aliviar-se” na frente dos outros. Criam-se regras, a princípio, passa a ser indecoroso cumprimentar uma pessoa que por acaso estiver defecando ou urinando na sua frente. E, se, por acaso, a pessoa estiver presente num momento desses, deve fazer de conta que não viu (IDEM).

Posteriormente, essas atividades passam a ser cada vez mais privadas e proibidas de serem expostas o que “deixa bem clara a mudança da fronteira do embaraço”. A partir da definição dos atos que são vergonhosos, criam-se novas atitudes que regulam o modo de agir da sociedade.

Além do mais, não fica bem a um homem decoroso e honrado preparar-se para se aliviar na presença de outras pessoas, nem erguer as roupas, depois, na presença delas. Analogamente, não lavará as mãos ao voltar para a sociedade decente vindo de lugares privativos, uma vez que a razão para lavá-las provocará pensamentos desagradáveis nas pessoas. Pela mesma razão, não é hábito refinado, quando se encontra alguma coisa repugnante na rua, como as vezes acontece, virar-se imediatamente para o companheiro e lhe chamar a atenção para isso” (ELIAS, 1994:137)⁹⁶.

Portanto, o que antes era amplamente relatado, discutido, mesmo com as novas regras em relação a como se comportar em relação a elas e o que era considerado “civilizado” ou não, se transforma em assunto tabu e tudo o que está relacionado a esses atos passa a ser também, sobretudo no século XIX (IDEM).

E não somente os atos em si passam por essa reforma, mas também os lugares. No início, a rua e quase todos os locais eram utilizados para essa finalidade, mesmo

⁹⁶ Relato de *Galateo*, de Della Casa, de 1558, editado em cinco idiomas. Esse tipo de regra é percebida nas diferentes cidades em momentos diferentes. Elias chama a atenção para o fato de, por exemplo, na Alemanha e outros países essas inovações nos comportamentos terem chegado mais tarde. No caso desse excerto, do século XVI, é editado e passa a ser regra em Genebra em 1609. E assim acontece com outros tantos (ELIAS, 1994).

dentro de casa, embaixo da escada, nos cantos da sala, etc. Se a pessoa sentisse necessidade não devia evitar. Quanto mais se adentra no tempo, mais essas normas passam por uma reformulação maior, porém elas serão realmente modificadas somente quando for surgindo um aparelhamento técnico que solucionaria esse tipo de problema. São criados não somente lugares privados para as funções corporais, mas também utensílios (IDEM).

4.2. Contexto histórico, comércio e materiais arqueológicos

Em 1808, quando a corte portuguesa se transfere para o Brasil e se instala definitivamente na cidade do Rio de Janeiro, houve um maior afluxo de mercadorias que aportaram no país decorrente da política instaurada da Abertura dos Portos.

Esse evento, segundo Carlos Guilherme Mota, marcaria definitivamente o “longo século XIX” brasileiro. Com especial atenção aos produtos da “protetora” Inglaterra, o Brasil começa um processo de tentar se afastar do passado colonial e criar um Estado-nação moderno. Ocorre a fundação, nesse momento, do Banco do Brasil, da Biblioteca Nacional, a Imprensa Nacional e demais órgãos governamentais (MOTA, 2007).

A cidade do Rio de Janeiro cresce a olhos vistos. Um grande número de estrangeiros vem morar no país, especialmente na sede da Corte: pintores, artistas, escritores, comerciantes, diplomatas, financistas, jornalistas, etc. Há uma intensa internacionalização do país, que entra no circuito mundial. Uma nova classe dominante começa a despontar: os comerciantes. Mesmo que anteriormente eles já tinham um papel importante, é a partir desse momento que ganham grande poder e se imiscuem cada vez mais em todos os setores políticos e econômicos (IDEM).

A arqueóloga Tania Andrade Lima ressalta o que antes eram restritos às elites rurais, e que não tinham uma difusão entre a população em geral, passam a ser acessíveis, buscados e adquiridos pelas novas camadas urbanas. Espalha-se uma “ânsia

de copiar os costumes, o bom gosto e o requinte europeu” através da utilização dos mais diversos objetos, desde a modificação do mobiliário do interior das residências, vestuário e até o uso de acessórios e cosméticos (ANDRADE LIMA, 1989:207).

Desde 1815, o Brasil passa a ser mais procurado por comerciantes franceses, sobretudo após 1818, transformando novamente os hábitos da população urbana. No Rio de Janeiro, segundo Andrade Lima, os comerciantes ingleses teriam se instalado na Rua Direita (atual Rua 1º de Março) e os franceses, nas ruas do Ouvidor e dos Ourives (atual Rua Miguel Couto), que em 1840 tem na sua maioria lojas de moda (IDEM).

O passado colonial, com a rusticidade e quase total inexistência de móveis, fica para trás com a introdução e modificação dos interiores das casas. Verifica-se a aquisição de papéis de parede, cristais e vidros, faianças e porcelanas, além da entrada do mobiliário francês e inglês, bem como do piano, que ajudam na modificação dos hábitos (IDEM).

No Rio Grande do Sul, com certo atraso, também se pode perceber esse tipo de mudanças no cotidiano urbano de suas cidades. Segundo Eloisa Helena C. L. Ramos, a vida social das principais cidades da província sofreu um incremento de novas atividades, tentando acompanhar o que acontecia no resto do mundo (RAMOS, 2006).

Do ponto de vista da sociabilidade, como já apontamos, reproduzia-se nas cidades sul-riograndenses o que acontecia na sociedade em nível nacional e no mundo ocidental, ou seja, as atividades de dança, dos jogos, do teatro e do canto estavam presentes na vida social da província – junto com outras manifestações que eram tipicamente regionais e/ou imigrantes –, tal como em outras partes do Brasil e da Europa (RAMOS, 2006:426).

Essas mudanças, como em outros lugares, operavam-se, primeiramente, nos espaços privados das casas, onde a elite recebia seus convidados para os famosos saraus ou sessões de canto, e, posteriormente nos espaços fora do ambiente residencial, como nos clubes, no teatro e também nas igrejas, cujos acontecimentos relacionados

(casamentos e batizados) agora ganhavam certa importância e ar cosmopolita. O lazer é introduzido, bem como, posteriormente, as atividades esportivas (IDEM).

A sociedade do Rio de Janeiro, de Porto Alegre e outras cidades, inseridas nesse novo contexto social, vêem seu cotidiano ser intensamente modificado com a inclusão, bem como modificação, de certos utensílios que não faziam parte de seu dia-a-dia. O modo de comer, que antes utilizava mais as mãos, passa a inserir nas suas atividades a faca e o garfo (ANDRADE LIMA, 1989).

Anteriormente só a faca era utilizada, com seu uso limitado aos homens, chefes de família. Comia-se com os dedos – o polegar, o indicador e o médio – ou sorvia-se o alimento, em geral pastoso ou líquido, diretamente das malgas. As elites dominantes possuíam garfos, facas, colheres de prata, porém sempre guardados, sendo considerados mais como investimento do que como utensílio. Gradativamente os talheres são introduzidos nos estratos pequeno-burgueses, sendo a utilização simultânea do garfo e da faca conhecida como “comer à inglesa”, marcando bem a origem do costume⁹⁷ (IDEM: 208).

Em Porto Alegre, muitos viajantes estrangeiros, constataam o crescimento da cidade, juntamente com uma sofisticação dos hábitos, os quais eles comparam com o que é visto na Europa. Por exemplo, Nicolau Dreys constata, durante sua estada no Rio Grande do Sul (ficou por 10 anos), que a cidade de Porto Alegre era abastecida com tudo que havia de bens supérfluos desejados pelo luxo e adquiridos pela riqueza e que distinguia a elite da cidade. “O comércio tem introduzido ali as fazendas do melhor gosto, e, como o luxo local não é de profusão e desperdício, mas antes de delicadeza e de critério, essas fazendas, sendo escolhidas e modernas, acham fácil extração” (NOAH FILHO, 2004: 36).

Embora esse e outros viajantes tenham visto os novos hábitos inseridos no cotidiano de forma bastante positiva, de modo que possa reproduzir de uma certa forma

⁹⁷ *Apud* CASCUDO, L. C. *História da alimentação no Brasil*. Vols. I e II, Editora Itatiaia, São Paulo, 1983; LUCOCK, J. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil (1808-1818)*. Ed. Itatiaia, Rio de Janeiro, 1975; e FREIRE, G. *Sobrados e Mucambos*. Vols. I, II e III. 2ª edição. Livraria José Olympio Ed., Rio de Janeiro, 1951.

os encontrados no continente europeu, há os apontamentos de outros viajantes que, mesmo que admitam os novos hábitos, ainda os acham bastante curiosos e essa prerrogativa se aplica ao caso de Porto Alegre, e ao estado do Rio Grande do Sul, devido o seu contexto histórico e a sua proximidade com outros países, que também possuem um comércio bastante forte, de colonização espanhola, tais como Argentina e Uruguai.

Arsène Isabelle, durante sua estada no estado, observou que existia um comércio bastante desenvolvido. Destaca o consumo de determinados artigos de origem francesa, embora admita que a proximidade de Porto Alegre, para não dizer o contato intenso, com os orientais (Uruguai) e argentinos fazia com que os hábitos da população do estado adquiriram certo modo “misto”. Assim, ele salientava que era preciso

ter residido certo tempo no lugar para conhecê-lo bem (**o modo misto**⁹⁸), e não fazer encomendas no estrangeiro sem estar munido de amostras, de modelos e medidas, porque as melhores anotações, as indicações mais minuciosas, não dariam senão uma idéia imperfeita dos gostos e necessidades dos habitantes (NOAH FILHO, 2006:73).

Outra viajante que descreveu as suas percepções a respeito dos hábitos rio-grandenses foi a belga Marie van Langendonck, que migrou para o Brasil em 1857, com seus filhos e foi morar em uma das muitas colônias instaladas no estado do Rio Grande do Sul. Após tantas desventuras, decide voltar para Porto Alegre e, posteriormente, para Bélgica (1860)⁹⁹. Em uma de suas viagens a Porto Alegre, durante a Semana Santa, relata suas apreensões em relação aos costumes que observou a respeito das mulheres que estavam nas festividades que participou. Entre vários aspectos que lhe inquietaram estava, por exemplo, o fato de que no Brasil a ocasião das festividades da Páscoa, durante as missas, as pessoas se comportavam como se estivessem em uma festa. Enquanto que na Europa, as pessoas que vão visitar o Santo Sepulcro ficam “recolhidamente na penumbra em que se deixa a igreja, vestidos modestamente e se

⁹⁸ Termo anexado e grifado por mim.

⁹⁹ Foi autora de *Une colonie au Brésil: récits historiques*, em 1862, que era um relato de suas experiências enquanto morou no Brasil, como imigrante. Retorna ao Brasil em 1863, onde ficaria até 1875, no município de São Lourenço do Sul (NOAH FILHO, 2006).

identificando com os santos mistérios da Paixão”, no Brasil as pessoas se vestem de maneira vistosa, as ruas ficam iluminadas, cheias e barulhentas (IDEM: 105).

As senhoras em roupas resplandecentes chamam a atenção pelo decote do vestido que descobre os ombros. Os braços nus e a cabeça descoberta, parecem estar prontas para o baile. Elas sentam-se no chão apesar de estarem suntuosamente vestidas. Algumas se sentam sobre os degraus do altar, virando as costas ao Tabernáculo; aí elas conversam, riem, comem doces e certamente nenhuma pena na solenidade do dia, a qual não chega a ser por elas compreendida. Para elas a igreja é, neste dia, um lugar de reunião onde se encontram os conhecidos, onde se mostra um vestido de seda novo e onde se combina como se rever nas procissões de Sexta-feira Santa e na da Ressureição (IDEM: 105-106).

No final de sua narração, faz duas perguntas: Por que os eventos relacionados à Páscoa não são compreendidos pelos brasileiros? E pergunta se isso se deve ao fato da “simplicidade própria à infância” traga aos brasileiros um horror às emoções tristes (IDEM).

Todos esses relatos atestam que existia uma profusão de hábitos muito parecidos com os evidenciados no cotidiano europeu, no que diz respeito aos utensílios, roupas, etc. No entanto, a nossa tradição, contexto histórico e modo de vida parecem não condizer com as expectativas que muitos fazem do que seja uma atitude própria de pessoas civilizadas.

Contudo, o comércio parecia estar cada vez mais desenvolvido. As mercadorias estrangeiras, vindas dos portos do Rio de Janeiro e da cidade de Rio Grande, chegavam à cidade, mesmo que não tenham sido utilizadas da mesma forma que as pessoas utilizariam no seu país de origem.

Segundo Sergio da Costa Franco, as atividades econômicas faziam parte de forma intensa da vida da cidade desde o final do século XVIII. Há muitas referências nas atas da Câmara Municipal, que falam dos arranjos que eram feitos regulando como deveriam ser os embarques e desembarques de mercadorias. E, por volta de 1808, já havia na cidade

em torno de 55 comerciantes (cuja lista é apresentada) já estabelecidos e que, conforme Franco, deixariam “larga descendência e se vinculariam fortemente à história da cidade e de suas instituições” (FRANCO, 1983:17-18).

A Rua da Praia era o foco principal dos negócios, pois, estando bastante próxima à Praça da Alfândega, era ali no trapiche de madeira que desembarcavam as embarcações que traziam as mais variadas mercadorias à cidade. Essa instalação das lojas na proximidade do trapiche tinha um especial significado e tinha sido projetada para ser dessa forma, ficando o setor onde havia mais casas para outra parte (IDEM).

O comércio exercido na cidade também havia chamado a atenção dos viajantes que aqui aportavam, bem como o fluxo que podia ser observado nos portos. SAINT-HILAIRE observou que durante sua estadia (1820-1821) havia contado entre 20 a 30 embarcações e que ocorria, às vezes, de chegar esse total de barcos a quase 50. O porto possuía uma forma que possibilitava atracarem tanto embarcações pequenas quanto grandes: sumacas, brigues e galeras. Assim, informa que Porto Alegre estaria “fadada a se tornar rica e florescente em futuro muito próximo”. As mercadorias, como já haviam sido destacado anteriormente, vinham especialmente do porto do Rio de Janeiro. Muitas coisas eram de origem estrangeira, mas precisavam passar pelo porto do Rio de Janeiro para que finalmente chegassem a Porto Alegre (IDEM).

A arqueóloga Beatriz Thiesen, em sua pesquisa sobre o centro histórico de Porto Alegre, especialmente tentando reconstituir a história por trás dos sítios arqueológicos presentes na cidade através dos remanescentes arquitetônicos, apresenta um estudo bastante apurado sobre os contextos onde se localizavam esses prédios públicos e residências (THIESEN, 1999).

Localizando as áreas onde se circunscreviam as principais atividades que aconteciam na cidade, elaborou uma planta onde podem ser evidenciados os setores onde estava reunida a maioria das lojas da cidade; as atividades consideradas artesanais que eram exercidas pelas camadas baixas da população e que estavam dispostas em área específica, diferente da do comércio que era de quase total recurso da elite, que embora estivessem contíguas tinham uma clara separação pela escolha de determinados

trechos de ruas; e ainda as áreas onde se encontravam a zona residencial e pequenos estabelecimentos, bem como, os prédios relacionados com as atividades do porto (IDEM).

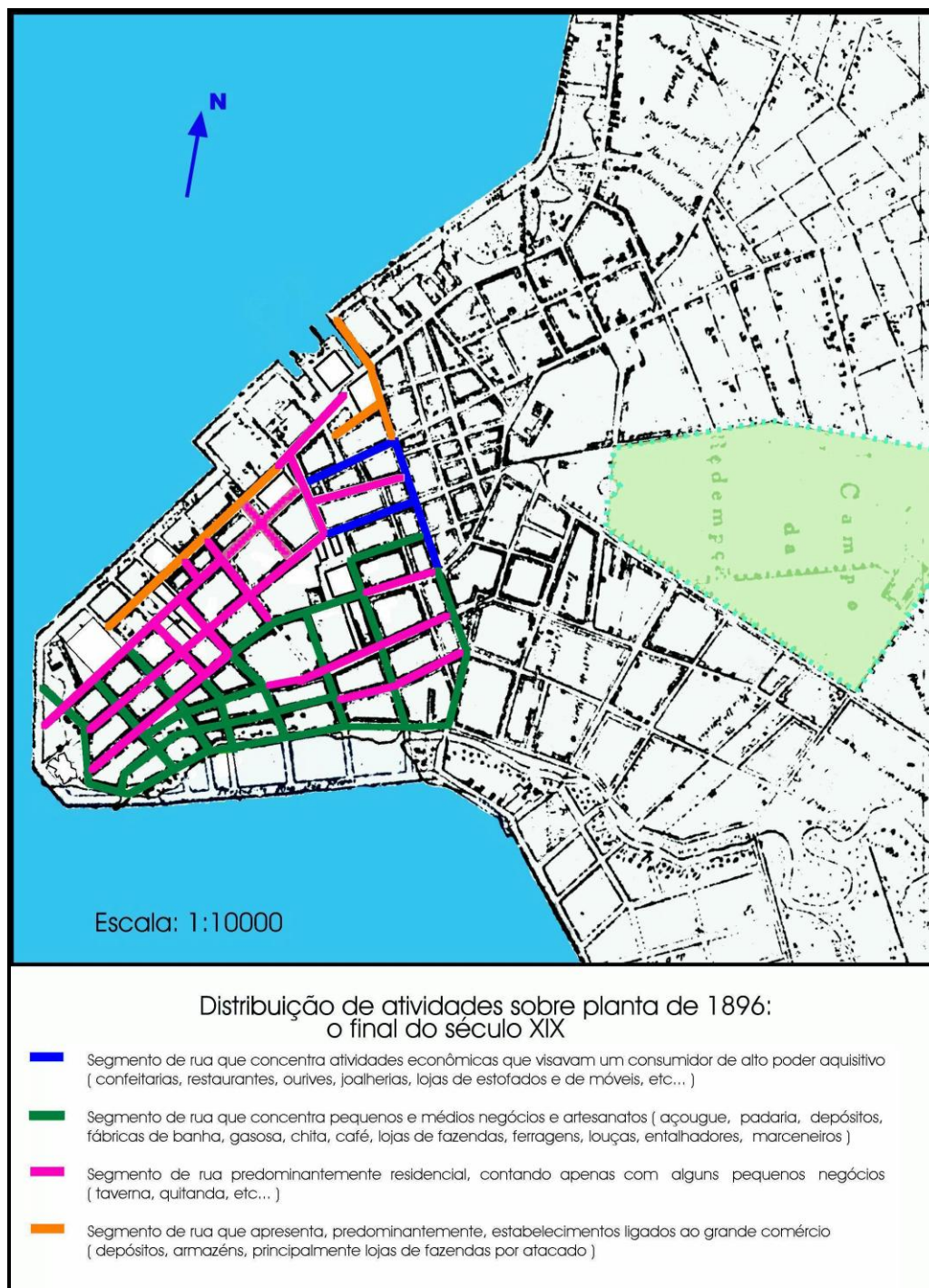


Imagem 89 – Distribuição de atividades da cidade, a partir da planta de 1896. Fonte: THIESEN, 1999:318

Os Códigos de Posturas, as leis que eram produzidas pelos agentes da administração política e econômica da cidade, os que representavam o poder provincial, bem como o central, projetaram inúmeras tentativas de regulamentar as normas que regeriam o cotidiano das cidades. Todos esses pressupostos estavam apoiados e eram influenciados pelo contexto histórico de cada lugar. Em Porto Alegre, e em outros lugares, essas atitudes acabaram por produzir determinadas demandas de aquisição de objetos e demarcação de atividades que estavam relacionadas a lugares, que futuramente seriam esses remanescentes de todas essas práticas os encontrados nos sítios arqueológicos, formando os próprios sítios, bem como a imensa quantidade de objetos das amostras arqueológicas.

A cidade apresentava já suas especificidades, que com o decorrer do tempo, foram ficando cada vez mais marcantes. Essas diferenciações de atividades circunscritas a determinados lugares vai ao encontro de uma regulamentação exercida, principalmente, pela classe dominante e do poder governamental para que se preservassem as separações entre as diferentes classes econômicas. Além disso, facilitava a identificação da população saber diferenciar as variadas áreas da cidade e os comportamentos que eram esperados nesses lugares (THIESEN, 1999).

O discurso oficial (o do Código de Posturas) parece apontar para uma distinção que se dá muito mais no nível imaginário que no nível material: há um espaço de desembarcar gêneros, um espaço de depositar lixo, um espaço de lavar roupa. Há um espaço onde se compra e vende e um espaço onde se mora. Se, por um lado, é difícil situar cada uma dessas áreas num espaço físico, elas eram claramente diferenciadas. Se não fosse assim, não haveria porque distingui-los no discurso. Eles são, desta forma, espaços que se definem, como já ficou dito antes, por oposições e complementaridades e são determinados muito mais por componentes imaginários que materiais (THIESEN, 1999:273).

Inúmeros foram os problemas, especialmente no final do século XIX com afluxo maior de compras, que a Santa Casa enfrentaria devido a suas mercadorias ficarem, por dias, paradas no porto esperando que ser liberadas pela Alfândega local. Dentre as

mercadorias encomendadas pelo hospital está toda uma sorte de remédios que eram comprados ou diretamente das boticas do Rio de Janeiro, ou de algum outro lugar da Europa (primeiramente Inglaterra e depois França, Alemanha e Estados Unidos). Existem muitas referências de encomendas feitas de remédios nas atas e também nos relatórios da Provedoria.

No final do século XIX, a administração do hospital afixava listas de produtos que eram comprados e que ficavam anexos às informações que eram apresentadas ao governo provincial.

Assim, como o hospital, toda a cidade tinha inúmeras encomendas e mercadorias que eram compradas nas suas principais lojas da cidade. Muitas dessas coisas ainda estão expostas nos museus da cidade, em coleções particulares, em acervos de instituições que trabalham ou não com pesquisa ou mesmo sendo vendidas em antiquários. E alguns desses objetos, tendo sofrido um descarte, por quaisquer que sejam as razões, vão acabar nos aterros feitos pela cidade, nas lixeiras coletivas, nas lixeiras domésticas, formando um acervo muito rico e que, sendo pesquisado, pode informar inúmeras coisas a respeito dos hábitos relacionados ao cotidiano dessas populações.

4.3. Os sítios arqueológicos e artefatos

Durante o processo de análise do material arqueológico dos sítios selecionados, eu procurei perceber como fazer uma separação em relação aos questionamentos que eu queria abordar. Eram tantas coisas, que pareciam “emergir” de algum lugar muito profundo ou simplesmente aparecer, como se eu nunca tivesse estado na frente, que foi bastante difícil elaborar esses capítulos. Na qualificação a minha tentativa mais promissora tinha sido separar o material por segmentos que diziam respeito aos tipos de sítios em que estavam anexados.

Assim eu tinha o ambiente hospitalar, o ambiente residencial e o ambiente citadino. No final, nem eu nem a banca pareceu ter gostado muito dessa separação, porque separava muito o material e o tornava estático e eu acabava fazendo o que Hodder, que eu citei lá no início dessa tese, tinha alertado para que os arqueólogos não fizessem: olhar o material por ele mesmo, tirando ele do seu contexto e não deixando que a dinâmica que existia entre eles deixasse de existir; também havia tirado minha participação do processo de análise, como o material estava separado por sítio, eu poderia muito bem vê-los de maneira separada sem tentar juntar os diferentes contextos a que estavam atrelados. Portanto, o material do hospital não tinha nada a ver com o das casas e essas também não estariam relacionadas com as lixeiras coletivas.

Não estou dizendo assim que essa foi minha intenção, mas foi o que eu acabei percebendo depois, quando voltei a trabalhar na pesquisa depois da qualificação. Conforme eu relia inúmeras vezes os apontamentos deixados pela arqueóloga Beatriz Thiesen e pela historiadora Regina Xavier, fui percebendo que eu não precisava separar tudo e colocá-los como se fossem em caixinhas, presos e sem comunicação. Eu podia tentar entender quais eram as questões que esse material podia me responder, antes de formulá-las. Como se transparecesse, deixasse o material me guiar.

Bom, eu aí acabei chegando nesses quatro capítulos. E nessa última parte, eu pretendo apresentar o que eu observei na análise dos artefatos a respeito da higiene e cuidados pessoais, que foi a intenção desse capítulo.

4.3.1. Sítio Solar da Travessa Paraíso (RS-JA-03)

O material analisado, como já havia sido apontado anteriormente, foi selecionado já a partir dos referenciais que podiam me informar sobre saúde, higiene e cuidados com o corpo. No total de fragmentos, o sítio possui 8.392 fragmentos ou peças. Deste total, 2.636 são representantes da categoria cerâmica (faiança, faiança fina, *ironstone*, grês, cerâmica simples e vidrada) e 2.739 de vidro (TOCCHETTO, 2004).

Deste montante, a arqueóloga Fernanda Tocchetto, a partir da análise, diagnosticou a existência de 1 escarradeira de *ironstone*, pintado a mão livre e com superfície modificada; 2 urinóis de faiança fina, brancos, sem decoração, com esmalte podendo ser *whiteware* ou *pearlware*; e mais 2 urinóis de faiança fina, sem decoração, de esmalte *creamware*; 2 bacias, em faiança fina, branca, com superfície modificada, padrão trigal, na categoria cerâmica (IDEM).

Na categoria vidro, foram evidenciados: 1 frascos uso medicinal; 9 frascos uso medicinal/perfume; e 1 frasco de perfume – marca HOUBIGANT PARIS. Fora destas duas categorias está também a ocorrência de uma colher, de metal, para servir remédios (IDEM).

Na análise que eu me propus, novamente olhei todos esses fragmentos que tinham sido já previamente diagnosticados como pertencentes à temática que estava trabalhando. Então juntei com a parte que tinha separado, depois de ter verificado se não havia sido analisado nenhum fragmento errado ou se algo tinha passado despercebido.

Cheguei a um total de 68 fragmentos analisados, compondo 2 tampas transparentes, que podem ser de remédios; 4 garrafas de soda ou água mineral; 22 frascos de medicamentos; 1 tampa azul cobalto, que pode ser tampa de um vidro de perfume; 1 pote branco, que me pareceu um pote de farmácia; 1 frasco de perfume (HOUBIGANT PARIS).

Na categoria louça cheguei a um total de 2 urinóis de faiança fina, branco; 1 escarradeira de *ironstone*, pintada a mão livre, policrômica e 1 pote que pode ter sido de toucador em faiança fina branca, com superfície modificada.



Imagens 90 e 91 – Urinóis de faiança fina branca.



Imagem 92 – Escarradeira de *ironstone*.



Imagem 93 – Pote de faiança branca.

Assim, nem todas as referências que foram feitas pela análise anterior se repetiram. Essa análise tinha a intenção de perceber quantos frascos eu consideraria de terem pertencido a algum tipo de atribuição de saúde, higiene ou cuidados pessoais.

Um produto que aparece nessa amostra é um vidro de perfume, da marca HOUBIGANT, de Paris. Esse perfume é bastante conhecido mundialmente e sendo que essa marca ainda produz perfumes indicados para pessoas de alto poder aquisitivo. Era uma das marcas de perfume preferida por inúmeras personalidades importantes, como Maria Antonieta, entre outras. É fabricado desde o século XVIII até hoje. Possui uma longa lista de produtos.

Foi seu primeiro criador Jean-François Houbigant (1752-1807), cujo endereço: rua Faubourg Saint-Honoré, nº 19, em Paris, em 1775. Seus perfumes, inicialmente eram de base floral e seguiu, no decorrer dos anos, anexando outros ingredientes. Não foi possível

verificar qual era o perfume que estava na amostra, mas pela forma da base da garrafa, pode ter sido o Eau de Toilette, o talco o Fougere Royal (1882) ou ainda o Ideal Parfum (1900).



Imagens 94 e 95 – Fragmentos do perfume da marca HOUBIGANT, de Paris.



Imagens 96, 97 e 98 – Base e frasco do talco Fougere Royal; vidro de Eau de Toilette.

Parfumeur to Marie Antoinette 1790

FINE as were the perfumes created by HOUBIGANT for Marie Antoinette, each succeeding generation of this old French House has brought to them some exquisite betterment. Today, the HOUBIGANT odeurs are famous the world over and are available not only in perfumes but also in other exquisite toilettries. In talcum powders you may choose from Quelques Fleurs, Idéal, Mon Boudoir, Un Peu d'Ambre, La Rose France, Coeur de Jeannette, Quelques Violettes, and Fougère Royale. At all smart American shops, and priced one dollar everywhere.

HOUBIGANT, INC.
 NEW YORK, 16 WEST 49TH ST. MONTREAL, 46 ST. ALEXANDER ST.

HOUBIGANT Paris
 Extraits, Eaux de Toilette, Poudres de Sachet, Poudres de Talc, Poudres de Riz, Savons

Imagem 99 – Anúncio de Houbigant¹⁰⁰.

Portanto, a análise parece indicar mais o uso destes produtos no ambiente residencial, sendo que o fato do sítio ter sido a residência de um homeopata não parece ter repercutido na incidência desse tipo de material.

4.3.2 Sítio Casa da Riachuelo (RS-JA-17)

Nesse sítio, a análise anterior chegou a um total de 4.629 fragmentos, sendo que 2.460 são da categoria cerâmica e 1.003 da categoria vítrea. Destes fragmentos, estão 1

¹⁰⁰ Para mais informações ver os seguintes endereços:

<http://www.perfumeprojects.com/museum/marketers/Houbigant.shtml>

<http://www.quirkyfinds.com/Antiqueperfume.htm>;

bacia ou urinol carimbado; 1 urinol carimbado; 1 urinol branco, com esmalte *whiteware* ou *pearlware*; 3 urinóis *creamware*; 2 urinóis pintado a mão livre, no estilo *peasant* ou *sprig*; 2 potes de creme para barba (1 rosa e 1 preto). Na categoria vidro, foi identificado: 17 frascos medicinais; 5 frascos de perfume ou água mineral; 1 frasco de perfume ou medicinal; 1 frasco medicinal ou água; e 1 frasco azul cobalto, que poderia ser de uso medicinal (TOCCHETTO).

A análise que empreendi, no mesmo sistema mencionado para o sítio anterior, cheguei a um total de 2 alças *pearlware*, com superfície modificada, que podem ser de urinol; 1 urinol infantil, carimbado, diâmetro de 16 cm, *pearlware*, policrômico; 1 possível bacia carimbada, cor rosa, *pearlware* ou *whiteware*; 1 pote de *ironstone*; 1 urinol pintado a mão livre, policrômico, *pearlware*; 1 urinol pintado a mão livre, azul cobalto, *pearlware*; 2 urinóis *creamware*, 22 cm diâmetro fora e 18 cm dentro; 2 tampas de potes de creme de barba, *transfer printing*, um com cor rosa e outro preto, *whiteware*; 1 tampa de pote em *ironstone*; 1 tampa de pote, *pearlware*, 1 urinol, *pearlware* ou *whiteware*, branco.

É possível perceber por esta análise, que praticamente confirma toda a análise anterior, que a quantidade de urinóis nessa amostra é bastante grande. São em torno de 6 urinóis, ao menos; com os 2 potes de creme para barbear, de marca francesa; mais 2 potes de *ironstone*, que podem ter sido de toucador; e 1 bacia, que pode ser aquelas que se põe no quarto para lavar o rosto.

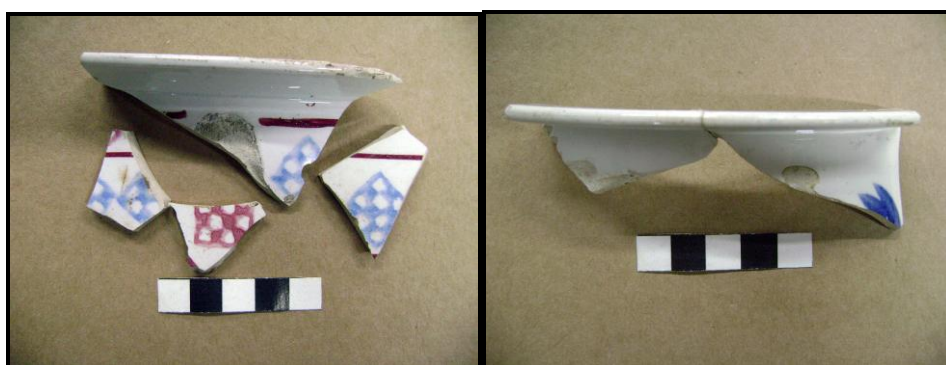


Imagem 100 e 101 – Urinóis carimbado e pintado a mão livre.



Imagem 102 e 103 – Potes em *ironstone*.



Imagem 104 e 105 – Potes de Creme para barbear.



Imagens 106 e 107 – Bacia carimbada e um pote de faiança fina.

Na categoria vidro foram identificados: 1 frasco de perfume marca LUBIN, de Paris; 2 tampas que podem ser de perfume; 11 frascos de medicamentos, sendo que 1 âmbar, que parece uma tampa ou parte de uma (tem uma marca que eu não consegui descobrir) e 1 verde água que pode ser do medicamento Elixir de Nogueira; e ainda 1 garrafa de água.



Imagem 108 e 109 – Perfume LUBIN, de Paris.

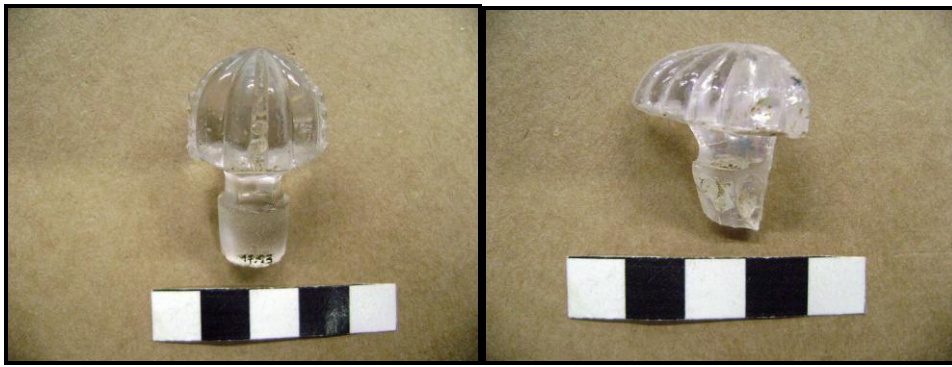


Imagem 110 e 111 – Tampas que podem ser de vidros de perfume.

Os perfumes Lubin de Paris, também datam do século XVIII e continuam sendo produzidos. Pierre François fundou essa companhia em 1798, quando começou a fabricar máscaras e selos. O perfume com suas fragrâncias parece que era muito apreciado por Josephine e Pauline Bonaparte. Quando a dinastia Bourbon retornou ao poder, ele começou a dedicar suas fragrâncias a Rainha Marie-Amelie. Eram muito conhecidos na Europa e começaram a ser importados para a América por volta de 1830. Foi uma das maiores companhias de perfume até a década de 1940, quando continuou produzindo perfumes até os anos 1980. Outra organização comprou a Casa de Lubin em 2001.



Imagens 112 e 113 – Perfume Lubin.



Imagem 114 – Anúncio dos perfumes Lubin¹⁰¹.

¹⁰¹ Para maiores informações ver os seguintes endereços: http://en.wikipedia.org/wiki/Parfums_Lubin

<http://cgi.ebay.com/ANTIQUE-RARE-FUMEE-LUBIN-PERFUME-GLASS-BOTTLE-BOX-/360348002345>

Nesse sítio verificou-se que a quantidade de produtos e utensílios relacionados aos cuidados pessoais se sobressaiu em relação ao do Solar da Travessa Paraíso. Foram encontrados mais tipos diferentes de urinóis, bem como a quantidade foi bem maior. Além disso, havia o perfume e os potes de creme de barba franceses, que poderiam indicar também um poder aquisitivo um pouco elevado.

4.3.3. Sítio Mercado Público (RS-JA-03)

Em relação a este sítio como amostra do registro arqueológico 9.681 peças ou fragmentos foram coletados, sendo que 2.186 são de faiança fina; e as outras foram a faiança, com 19; a porcelana com 4; a louça de Macau, com 11; e a de ironstone, com 56 (SANTOS, 2005).

Dentro da categoria vidro, foram calculadas 512 peças, sendo que a maioria dos fragmentos é de garrafas de bebidas alcoólicas (SANTOS, 2005:46).

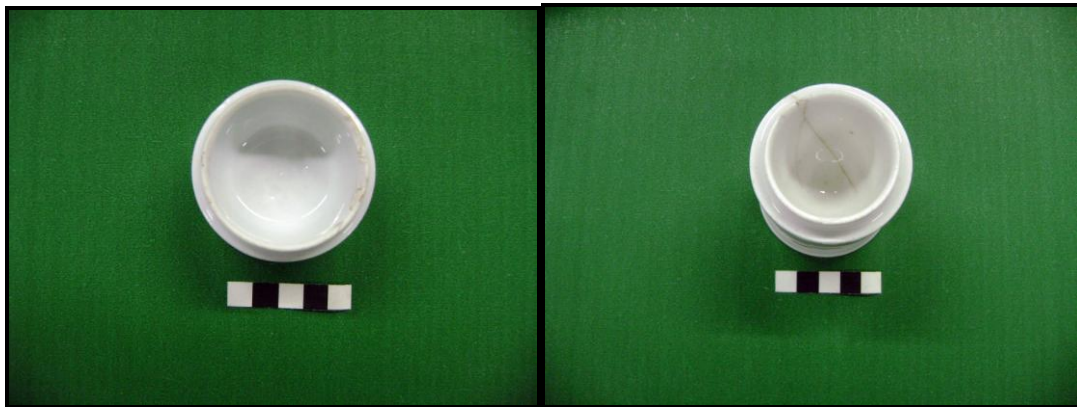
Na análise empreendida por mim, alcancei o total de 204 fragmentos da categoria louça e 86 da vítrea. Dentre estes foi possível perceber a existência de 4 urinóis pintados a mão livre, policrômicos; 5 urinóis brancos; 2 bacias brancas; 1 bacia pintada a mão livre; 1 bacia em *transfer printing*; 1 saboneteira em *ironstone*; 2 potes em *ironstone*.



Imagens 115 e 116 – Urinóis pintados a mão livre.



Imagens 117 e 118 – Bacias, uma em *transfer printing* e a outra pintada a mão livre.



Imagens 119 e 120 – Potes em *ironstone*.



Imagem 121 – Saboneteira em *ironstone*.

Entre o vidro foi encontrado bem pouco material que indicasse uso medicinal ou de cuidados pessoais. Foi encontrado na amostra uma base incompleta, que pode ser dos perfumes da marca PIVER, 1 frasco de perfume com forma de mulher egípcia que na parte de trás aparece um cartucho com alguns hieróglifos; 2 garrafas pequenas transparente e 1 maior, que podem ter sido para uso medicinal; e ainda 2 garrafas de água.



Imagens 122 e 123 – Frascos pequenos que podem ser medicinais.

Neste sítio foi também considerável a concentração de urinóis, mas deve ser levado em consideração que se trata de uma lixeira coletiva. Portanto, os 9 urinóis não parecem tanto assim. Foi bastante interessante observar que os urinóis se concentraram em brancos ou pintados a mão livre, ficando com a técnica decorativa *transfer printing* para somente uma das bacias.



Imagem 124 – Frasco perfume, com a parte de trás em destaque.

E a ocorrência de pouco vidro de frascos de medicamentos acabou configurando uma tendência para os sítios característicos da primeira metade do século XIX, bem como o aparecimento de perfumes.

4.3.4. Sítio Paço Municipal (RS-JA-20)

O material deste sítio atingiu um total de 3.885 fragmentos, entre estes 2.782 peças ou fragmentos foram da categoria cerâmica e 850 para a vítrea. Já a análise do material separado para esta pesquisa computou 225 fragmentos para a primeira categoria e 60 para a vítrea.

No Paço Municipal foi também grande a quantidade de urinóis encontrada. No total foram 28 urinóis: 8 brancos, 1 *transfer printing* lilás; 4 *transfer printing* borrão; 3 pintados a mão livre azul cobalto; 1 pintado a mão livre, carimbado e faixas e frisos; 1 *dipped yellowware* 1 pintado a mão livre; 3 pintado a mão livre e carimbado; 1 pintado a mão livre e faixas e frisos; 1 carimbado; e 4 pintado a mão livre policrômico. Houve também algumas

bacias: 13 brancas, 2 pintada a mão livre e faixas e frisos, 1 pintada a mão livre e carimbada, 2 pintada a mão livre policrômica e carimbada, 1 *transfer printing* azul e 1 verde.



Imagens 125 e 126 – Mesmo urinol, lados diferentes. Decoração interna e externa.



Imagens 127 e 128 – 2 lados da mesma bacia em *transfer printing*.



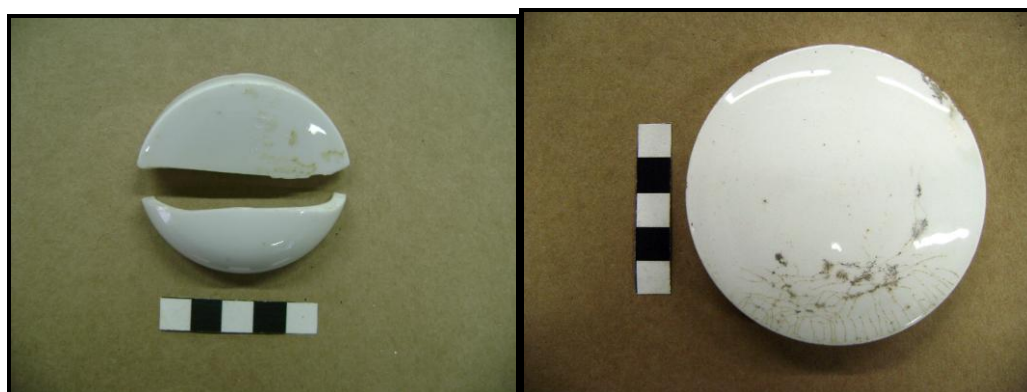
Imagens 129 e 130 – Lados de dentro e fora da mesma bacia.



Imagens 131 e 132 – Urinóis diferentes: um carimbado policrômico e 1 pintado a mão livre policrômico.



Imagens 133 e 134 – 2 urinóis: um pintado a mão livre e carimbado e um só pintado a mão livre.



Imagens 135 e 136 – 2 potes diferentes: 1 em *ironstone* e outro em faiança fina.

Na categoria vidro apareceram também perfumes, no total de 2 ao menos. Estes 2 tem marcas: uma é ED. PINAUD PARIS LONDRES BRUXELLES e a outra AJON PARIS. Podem ter havido mais, mas não foi possível diagnosticar. Quanto a frascos de uso medicinal foram evidenciados 10 frascos, no mínimo. Alguns com marcas não

identificadas, também podem ser de medicamentos: marcas MALINE; SOCIETE; OME PARIS.



Imagens 137 e 138 – Recipientes de perfumes.

4.3.5. Sítio Centro Histórico-Cultural Santa Casa (RS-JA-29)

O sítio do Centro Histórico também apresentou uma cultura material bastante interessante em relação à temática discutida neste capítulo. Embora não tenha sido encontrado um grande número de urinóis, houve uma grande diversidade de recipientes de perfume.

Quanto ao número de fragmentos, a amostra analisada compreende o material da quadrícula da lixeira, denominada E10, e de algumas quadrículas que faziam parte de um material que já estava separado e catalogado também foram analisadas. Este material está com a denominação de Material de Exposição e é um material previamente selecionado para ser utilizado nas inúmeras exposições que ocorreram nos espaços do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

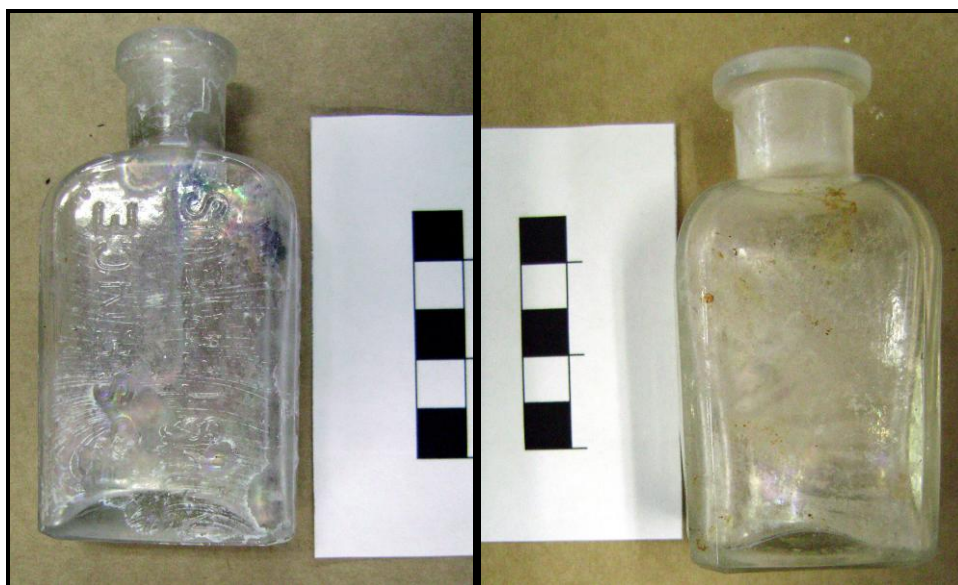
No total foram analisados 13.535 fragmentos. Dentre estes, 12.674 eram representados pela categoria vítrea. Desses fragmentos de vidro, mais de 90% eram de vidros relacionados à temática da saúde e cuidados com o corpo. Na categoria cerâmica, foram contados 744 fragmentos da categoria louça, sendo que mais de 95% eram representativos de utensílios para mesa, como pratos fundos, pratos rasos, tigelas,

malgas, etc. A quantidade de urinóis encontrada foi extremamente pequena e dos 5 encontrados, todos eram brancos sem decoração alguma.

Da amostra de exposição foram anexados mais 549 fragmentos ou peças, sendo que a grande maioria eram garrafas inteiras.

Desse total foram evidenciadas em torno de 40 marcas, sendo que a maior parte delas foi possível investigar algum aspecto. Porém, o que mais salta aos olhos a partir da análise empreendida é que da categoria vidro, as garrafas possuem mais de 80% sem marca alguma, muitas com a inscrição do volume na base e que provavelmente foram utilizadas na botica do hospital para serem manipulados outros medicamentos.

Dos perfumes encontrados constam: Essence Mystérieuse (marca L. T.Piver), marca Houbigant, Oriza Legrand, marca Couldrays, marca Demarson Chetelat, Lubin e Rieger.



Imagens 139 e 140 – Perfumes Essense Mystérieuse e Houbigant.

A empresa L. T. Piver Parfumerie, primeiramente, estava envolvida com os rótulos de produtos durante o século XVIII. Porém começou mesmo quando Louis-Toussaint Piver assumiu sua direção em 1813, cujo nome acabou adotando. A companhia obteve muito sucesso e foi bastante popular durante todo século XIX e XX. Ainda atua no mercado. Seus primeiros perfumes foram: 1774 Eau de Cologne a la Reine des Fleurs, 1850 Eau des Princes, 1850 Heliotrope Blanc, 1850 Maotcha, 1875 Corylopsis du Japon,

1885 Violet Ducale, 1889 Reve d'Or, 1890, Essence Mystérieuse, 1895 Floramye, 1896 Nijni-Novgorod, 1897 Azurea, 1898 Le Trefle Incarnat e 1899 Rosiris.



Imagem 141 e 142 – Dentifrícios do Dr. Pierre.



Imagem 143 – Propaganda do Dr. Pierre nos edifícios Hausmann, em Paris.

Os dentifrícios do Dr. Pierre Massot eram conhecidos mundialmente. Introduzidos no mercado no século XIX, mais precisamente em 1837. Neste mesmo ano Dr. Pierre fundou uma fábrica em Asnières onde destilava álcool e hortelã, com os quais preparava um pó e um creme dental.

Esse foi o único sítio onde foram encontradas 4 escovas de dente e 2 dentifrícios. As escarradeiras encontradas eram de metal, quatro ao todo. É um material diferenciado e com potencialidades complementares para o estudo das práticas de cuidados pessoais.



Imagem 144 – Escova de dente em osso.

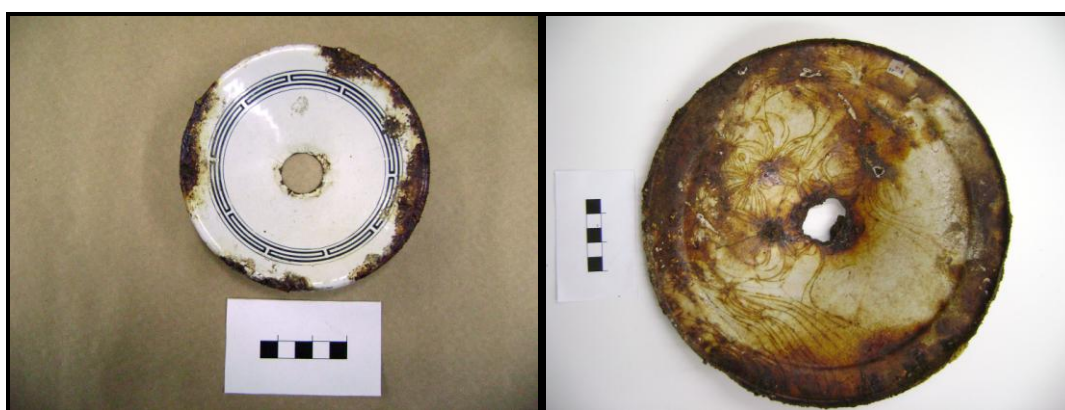


Imagem 145 e 146 – Escarradeiras de Ágata.

4.3.6. Algumas reflexões quanto à formação das lixeiras coletivas

No final desse capítulo ainda gostaria de tecer alguns comentários a respeito dos sítios onde se encontram esse material das lixeiras coletivas: Mercado Público e Paço Municipal.

Mesmo que não tenha havido muito material relacionado a usos medicinais e utensílios relacionados às artes de curar, acho importante frisar que os próprios sítios em si são um grande aporte para as discussões em relação às medidas tomadas em relação à limpeza e higiene, tanto da cidade quanto de seus cidadãos.

Os sítios onde se encontram essas lixeiras são eles próprios uma parte da cidade que não pode deixar de ser discutida. Esses sítios foram desde o século XVIII, na área onde iria se desenvolver o centro histórico de Porto Alegre, lugares de intensa ocupação e a deposição de lixo nesses trechos só confirma que eles estavam presentes no dia-a-dia da população desde sempre. E embora tenha havido nela diferentes tipos de atividades, deve ser considerada como uma grande área de ocupação, onde estão registradas, através dos seus arquivos do subsolo, o cotidiano das pessoas que circulavam por esse local.

O arqueólogo Alberto Tavares de Oliveira, em seu trabalho de mestrado chama a atenção para o potencial interpretativo dessa área, pela grande incidência de material recuperado nos sítios arqueológicos que a compõem, poderiam trazer para a história de Porto Alegre grandes contribuições (OLIVEIRA, 2005).

Esses locais, caracterizados como lixeiras coletivas, não se limitam à área dos logradouros, os sítios examinados apresentam diferentes ocupações. Sobre as camadas de aterro e lixo construíram-se edifícios como o Paço e o Mercado ou instalaram-se praças como Parobé e Rui Barbosa. Isto implica, em uma pesquisa, na necessidade de assumir diferentes percepções que dêem conta tanto dos aspectos relacionados à edificação como dos relacionados ao refugo ali depositado. Sítios com múltiplas ocupações são típicos da arqueologia urbana, onde se apresenta uma grande intensidade da ocupação e uso do solo. (OLIVEIRA, 2005: 153).

Assim, antes da preocupação em delimitar o potencial cronológico que teriam determinados sítios arqueológicos, é preciso que se considere a história dos lugares num contexto de longa duração, onde mesmo que não tenha restado cultura material abundante, tente se recuperar os significados dos próprios sítios em si.

O Mercado Público e o Paço Municipal são exemplo dessa dinâmica em que se encontrava a população de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. São espaços de ampla convivência onde se desenvolviam inúmeras atividades. A antiga

margem do Guaíba ainda conserva em seu solo muitas histórias, que ainda permanecem intactas, cuja cultura material ainda está preservada. Mas antes que se comece a escavar cada vez mais sítios para tentar encontrar os lugares onde possivelmente estariam enterrados os objetos que faziam parte desse passado, é preciso, antes de tudo examinar os próprios lugares, os espaços em si também conservam suas histórias.

Considerações Finais



Considerações Finais

- Me diga uma última coisa – disse Harry – Isso é real? Ou esteve acontecendo apenas em minha mente?

Dumbledore lhe deu um grande sorriso, e sua voz pareceu alta e forte aos ouvidos de Harry, embora a névoa clara estivesse baixando e ocultando seu vulto.

- Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isto significaria que não é real?

J. K. Rowling, *Harry Potter e as Relíquias da Morte (Harry Potter and the Deathly Hallows)*.

Colocar um ponto final em um trabalho de pesquisa é um procedimento muito difícil, ainda mais quando você passa quatro anos trabalhando nele, quem dirá se fosse mais.

Decidir o que você vai discutir, quais pontos vai abordar, o que fica na versão final, o que você vai ter que cortar. Enfim, é um processo longo e árduo e se você não passa por isso, você, definitivamente, nunca vai saber.

Quando eu comecei a pensar nessa pesquisa, tinha uma idéia do que eu poderia conseguir. Grande engano. Acabei tendo que mudar essa pesquisa muitas vezes. Cada vez que o material me levava para um lado, lá ia eu seguindo-o para ver que caminho ia me levar.

Muitas coisas aconteceram neste período entre o projeto e a defesa. Muito do que eu até então nem pensava que poderia acontecer. Em 2008, meu pai estava muito doente. Já estava há algum tempo, mas fomos descobrir o que ele tinha muito depois, quando ele já estava quase morrendo. Ele faleceu em julho daquele ano. Aquele evento abalou minhas certezas, mudou minha pesquisa, mudando meu jeito de pensar, de ler os documentos de analisar o material. Mudou minha maneira de pensar nessa relação de morte/vida, saúde/doença, loucura/razão, esperança/medo. Foi com a morte do meu pai que eu percebi que somente quando a doença entra pela porta da sua casa é que você

percebe como é vivê-la. Quando alguém muito próximo a você fica doente e morre, é aí que você percebe que não sabia nada. Não adianta tentar explicar, identificar as pessoas como loucos por acreditar que um remédio, um feitiço, uma reza, uma sangria, iriam resolver, iriam curar uma doença como a tuberculose, a sífilis, a pneumonia, ou qualquer doença que faziam parte do cotidiano do século XIX.

Porto Alegre naquela virada de século XVIII para o XIX tinha quase 4.000 habitantes. Era uma cidade em crescimento e que estava tentando se adaptar à sua nova condição de capital. Com o crescimento cada vez mais sendo uma realidade, a construção de um hospital fazia mais do que sentido. Assim, quando o Irmão Francisco do Livramento chegou à cidade e se envolveu nessa demanda, tudo parecia conspirar para que isso acontecesse.

Foi criado o hospital em 1803, mas ainda demoraria mais 23 anos para que ele pudesse ser inaugurado e poder enfim desempenhar seu papel de acolher os enfermos desvalidos. O tempo passou e a cidade, assim como o hospital, enfrentou os problemas que eram próprios do seu contexto histórico. O território sempre envolvido em alguma contenda militar, algumas vezes a favor do governo imperial, algumas uma parte contra. Mas Porto Alegre, a leal e valorosa cidade se manteve fiel.

Nesse contexto, a cidade começa enfrentar um problema cada vez mais sério: junto com o crescimento surgem as dificuldades com a sujeira. A população reclama na Câmara Municipal para que se limpem as ruas, para que se proíba de jogarem lixo em frente às suas casas. Vêm os Códigos de Postura, mas não há gente suficiente para fiscalizar. O lixo se acumula, embora a administração faça força para controlar, ainda não chegou o tempo em que as coisas vão começar a ficarem mais fáceis de exercer o controle.

No hospital, a administração também precisa aumentar o hospital, comprar novos remédios, investir em melhores comodidades para os enfermos. A cultura material cresce tanto no espaço do hospital, quanto na cidade. São compradas novas camas, novos armários. São encomendados medicamentos do Rio de Janeiro, mas tem coisas que nem na Corte tem. Encomenda-se da Inglaterra. Demoram a chegar os novos aparelhos cirúrgicos, os novos remédios.

Concertado o problema de onde jogar o lixo, embora a cidade ainda estivesse suja. Resolveu-se dar novos ares a cidade, construções de grande porte. A cidade precisava de um novo local para que se instale seu comércio na Praça do Mercado. Ao lado já estava pronta uma das Docas e a outra em andamento, no local onde haviam feito o aterro.

Novas mercadorias invadiam os portos de Porto Alegre todos os dias. A população queria cada vez mais novos vestidos, novos utensílios. Era preciso modernizar-se. Criavam-se cada vez mais novos hábitos, substituíam-se os que eram considerados atrasados. Mas espere aí!. Eu não acho que sou atrasado. Era assim que se fazia na casa de meu pai e com meu avô também. E antes deles.

No campo da medicina, os médicos, agora com faculdades no país, queriam cada vez mais que os saberes das artes de curar ficassem destinados somente a eles. A população ainda queria ir aos seus curandeiros de confiança, que já lhe curaram tantas vezes. E quando se saía de lá sem cura, sempre tem um bom remedinho na botica para alívio das dores e para prevenir outras. Sempre tinha uma novidade!

A cultura material deixa entrever tantas histórias, tantos acontecimentos, tantos significados que as pessoas do passado deixaram para trás através de suas coisas. Aquelas que a gente guarda por gerações e aquelas que precisam ser substituídas. Algumas estão tanto tempo com a gente que junto com as coisas novas, parecem que receberam um ar de novidade. E todo esse processo continuava. E aí vinha o século XX.

Durante essa pesquisa eu planejei tantas coisas que gostaria de ter feito e outras tantas que eu não sabia que deveria ter feito. O processo de pesquisa levou bastante tempo. No decorrer desse tempo fui percebendo um pouco o cotidiano da Santa Casa, pela leitura das atas e análise do material. No laboratório, fui me maravilhando com cada caco que eu lavava e se descortinava um novo artefato: uma marca, uma cor nova, uma borda que lembra um urinol, etc.

Gostaria de ter feito muitas coisas e é a partir delas que eu gostaria de tecer alguns comentários. Na análise de laboratório eu havia me proposto a analisar todo o material da quadrícula E10. Primeiro, analisar quantitativamente. Assim, pude perceber quanto do material havia sido danificado pela queima do lixo. Pude perceber que a parte mais baixa

da camada e, conseqüentemente, o material que havia nela, estava quase que totalmente danificado. Muitos vidros ficaram torcidos do processo de calor que sofreram. Outros tantos materiais acabaram juntando-se de tal maneira que pareciam amalgamas de vidro, misturado com fragmentos de faiança fina, cerâmica, metal, etc.

Discuti algumas vezes com o arqueólogo Alberto Tavares de Oliveira sobre isso e chegamos à conclusão de que o material havia sofrido uma queima nas camadas de cima, e, por conseguinte, o material que estava embaixo tinha sofrido com a maior parte do calor, parecendo que estava num forno. Teria sido bastante interessante ter tentado perceber de que forma esse material poderia ter informado a respeito do processo de formação daquele sítio.

A quadrícula E10, ao menos pelo que pareceu pela escavação, foi mesmo um buraco escavado. Se tinha sido feito para colocar aquele lixo ou para outro, isso não era possível saber.

Gostaria também de ter analisado mais material, não somente o da quadrícula E10. Eu acabei analisando o material de outras quadrículas porque analisei os materiais separados para exposição. Porém acho que talvez tivesse melhorado minha percepção a respeito daquele sítio, a partir do material dele todo e não só de uma parte.

Teria sido proveitoso ter analisado mais material de louça, para ver se encontrava mais alguns urinóis dentro da amostra, que não fossem somente umas bordas duvidosas, que eu ficava muito tempo olhando para saber se eram de urinóis ou de outro tipo de utensílio. E também ver se haveria como saber a partir da análise da louça que havia neste sítio se a louça era utilizada para os enfermos ou se era alguma louça utilizada pelos funcionários, etc.

Quanto à documentação, fiz uma escolha de ler as Atas da Mesa Administrativa até o início das impressões dos Relatórios da Provedoria. Sendo documentos diferentes, continham informações que teriam sido muito mais proveitosas para o entendimento do cotidiano porto-alegrense se eu pudesse ter confrontado esses dois documentos que tivessem sido escritos no mesmo ano e ver se eram as mesmas informações, se eram omitidos dados, se havia algum tipo de filtro que o Provedor fazia para o relatório anual, e com certeza eu acredito que houvesse, e quanto seria o alcance desse filtro.

Teria sido também importante ter feito isso junto com todo o mesmo período das Atas da Câmara. Porque, como foi uma escolha minha, eu acabei pesquisando as Atas da Câmara a partir dos assuntos que eu achava que iam me trazer mais informações, a partir dos Catálogos que foram feitos com as listas do que era tratado em cada dia. Porque eu me lembro de, enquanto pesquisava, ver determinados assuntos que eu já havia visto nas Atas da Mesa Administrativa da Santa Casa ser tratados de forma diferente do que havia sido solicitado. E eu pensava comigo: Epa, não foi isso que ele disse.

Enfim, são muitas questões que ficaram para trás. No material arqueológico, eu gostaria realmente de ter trabalhado com os sítios de comparação. Se eu tivesse conseguido fazer essa análise conjunta teria visto se havia padrões ou não de determinados tipos de urinóis em Porto Alegre nas lixeiras coletivas, e comparando com as lixeiras domésticas teria ficado bastante intrigante todas essas comparações.

E outras documentações que eu gostaria muito de ter pesquisado. Tive uma idéia durante as pesquisas das Atas da Mesa Administrativa da Santa Casa de traçar um perfil de cada boticário e ajudante, se possível, que trabalhou no hospital. Ir ao Rio de Janeiro pesquisar na documentação da Alfândega quais eram as mercadorias que vinham para Porto Alegre e de que origem.

Havia pensado também que seria muito interessante ter feito um perfil de todos Provedores do século XIX e o quanto diferia suas administrações junto com as outras atribuições. Porque dava para perceber que a dinâmica dos militares como Provedores era bem diferente da dos civis. Se pudesse teria confrontado com as atas para ver se nesses documentos tinham outras percepções sobre isso.

E também gostaria de ter feito um perfil através de inventários se existia como quantificar utensílios de cuidados pessoais, se iam ou não parar em inventários e quais iam. Porque, por exemplo, em sua tese, a historiadora Nikelen Witter havia afirmado da existência no inventário do Duque de Caxias de utensílios para banho, entre elas uma bacia de cobre.

Contudo, o tempo foi passando e muitas das minhas idéias foram ficando quase impossíveis de realizar. No entanto, pude perceber que as dinâmicas da cidade em relação às artes de curar muitas vezes se repetiram. As lixeiras residenciais e coletivas

revelaram ter pouco vidro na primeira metade do século XIX relacionado a remédios. Não encontrei, ao menos não na Santa Casa, a existência de utensílios diferentes para a década de 1840 para colocação de medicamentos. Existe um livro de utensílios da botica e movimento diário, que informam a existência de muitos utensílios diferentes dos existentes na amostra arqueológica, como por exemplo, boiões.

No final, pude perceber que o perfil de cada sítio apresentava suas peculiaridades. Enquanto que na Santa Casa prevaleciam os medicamentos de origem estrangeira e/ou feitos na sua própria botica; nos outros sítios foram encontrados alguns medicamentos de origem nacional, ou que eram fabricados e comercializados por aqui. Entre as marcas estrangeiras, nos sítios de lixeiras domésticas e coletivas, foram evidenciados alguns perfumes de origem francesa, o que também ocorreu no material analisado da Santa Casa de Misericórdia.

Quanto aos urinóis, houve uma incidência maior de tipos e quantidades maiores nos sítios da Casa Riachuelo e Paço Municipal. No entanto, as escarradeiras de louça, somente apareceram no Paço Municipal e no Solar da Travessa Paraíso. Na Santa Casa, também havia a evidência de terem havido mais escarradeiras de outros materiais, mas as que foram encontradas no material arqueológico eram as confeccionadas em ágata.

Espero que essa pesquisa traga frutos e que inspire outras pessoas a analisarem o material da Santa Casa, pelo menos mais uma parte e, também de outros sítios de Porto Alegre, bem como de outras cidades. E que esse trabalho possa contribuir para mais questionamentos e discussões, enriquecendo os debates em torno das artes de curar e da arqueologia.

Lembro de um comentário da querida Silvia Copé, dizendo para um aluno, depois de ele ter terminado o trabalho e entregueado, que naquele momento ele estava apenas começando a pesquisa. E eu me sinto assim, com esse sentimento, de que seria agora que eu estava realmente começando essa pesquisa.

Fontes Primárias

CEDOP – Santa Casa

Atas da Mesa Administrativa – Livros 1 a 6 (1814-1854)

Relatórios da Provedoria (1855-1898)

Livro 1º Objetos entrados na Botica 1842-1846

Livro 1º Borr. da Receita e Despesa da Botica da Santa Casa de Misericórdia 1852

Livro 2º Medicamentos da 1ª e 2ª de Medecina 1856 1857

Formulário Botica Irmã Coleta

Livro de Medicamentos - Receituário 1850

Formulario e Guia Medica, de 1886 - Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz

AHRGS

Documentos Alfândega

Maços Documentos Assuntos Religiosos

Maços de Correspondências das Câmaras Municipais

Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho

Atas da Câmara Municipal (1825-1855)

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina Rústica*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

BAUGHER-PERLIN, Sherene. "Analyzing Glass Bottles for Chronology, Function, and trade Networks". In Dickens, Jr. & Roy, S. (eds.). *Studies in Historical Archaeology of Urban America*. New York: Academic Press, 1988.

BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. *Colônia*. Volume 1. Passo Fundo: Méritos, 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: historia e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloísa. *História Geral do Rio Grande do Sul – Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006.

CAMPOS, Maria do Carmo Alves de. *Protásio Alves e o seu tempo*. Porto Alegre: Já Editores, 2005.

CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CHALHOUB, Sydney et al. *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

COMPANY, Zeli Teresinha. *Os salvadores das garras da morte: medicamentos populares, medicina humoral em Bom Jesus/RS (1898-1928)*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

COMPANY, Zeli Teresinha. Dos cacos aos alfarrábios: reflexões sobre o material arqueológico recuperado na Santa Casa de Misericórdia. In: OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte et.al. *A arqueologia vai ao hospital: pesquisa arqueológica para a implantação do Centro-Histórico Cultural Santa Casa*. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense, 2009.

CORAZZA, Gentil. *A Junta Comercial no Contexto da Economia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CORBIN, Alan. *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CORREA, A. D.; QUINTAS, L. E. M.; SIQUEIRA-BATISTA, R.; SIQUEIRA-BATISTA, R.: “*Similia Similibus Curentur*: revisitando aspectos históricos da homeopatia nove anos depois”. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, jan.-mar. 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

CSIKSZENTMIHALYI, M. “Why we need things?”. In: LUBAR, S.; KINGERY, D. (orgs.). *History from things. Essays on Material Culture*. Washington: Smithsonian Institute Press, 1993.

CZERESNIA, Dina. “Do contágio à transmissão: uma mudança na estrutura perspectiva de apreensão da epidemia”. In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Vol. IV (1):75-94, mar.-jun., 1997.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEETZ, James. *In small things forgotten: an archaeology of early American life*. New York: Anchor Books, 1996.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DOUGLAS, Mary. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis: 1763-1808*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009.

ENTRALGO, Pedro Laín. *La medicina hipocrática*. Madri: Alianza Universidad, 1970.

- FARIA, Sheila de Castro. *A Colônia em movimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.
- FIKE, Richard. E. *The Bottle Book. A comprehensive guide to historic, embossed medicine bottles*. Salt Lake City: Gibbs M. Smith, Inc. Peregrine Smith Books, 1987.
- FRANCO, Álvaro.; RAMOS, Sinhorinha Maria. *Panteão Médico Riograndense: síntese cultural e histórica.- Progresso e evolução da medicina no estado do Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ramos, Franco – Editores, 1943.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia bibliográfico*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850- 1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ANPUH/RS, 2004.
- GLASSIE, Henry. *Material Culture*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1999.
- GOUBERT, J. P. “La dive bouteille: voyages, alcools et remedes dans les deux hémispheres XVIe-XXe siècle”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. III (suplément), 945-58, 2001.
- GRIJÓ, L. A.; GUAZZELLI, C. A. B.; KUHN, F.; NEUMANN, E. S.; OSÓRIO, H. [et al.] (org.). *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. “Os manuais de Medicina Popular de Chernoviz na Sociedade Imperial”. In: *Revista Cantareira*, On Line, 5ª Edição, N.º 5, vol. 1, Ano 2, Abr-Ago, pp. 1-20, 2004. www.historia.uff.br/cantareira.
- HASSEN, Maria Nazareth Agra e RIGATTO, Mario. *Fogos de Bengala nos Céus de Porto Alegre: A Faculdade de Medicina faz 100 anos*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2000.

HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary. *The Cambridge Companion to Historical Archaeology*. Cambridge University Press, 2008.

HIPÓCRATES. *Aforismos y sentencias*. Rio de Janeiro/Buenos Aires: Editorial Tor, s.d.

HODDER, Ian; HUTSON, Scott. *Reading the past*. Cambridge University Express, 2008.

HODDER, Ian (Ed.). *The archaeology of contextual meanings*. New York: Cambridge Press University, 2009.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge, 2007.

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JONES, Olive. "Glass Bottle Push-Ups and Pontil Marks". A reader from Historical Archaeology, Approaches to material culture. Research for Historical Archaeologists. Segunda Edição. California, Pennsylvania: The Society for Historical Archaeology, 2000, pp. 149-160.

KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

LANDA, Beatriz dos Santos. "Acompanhamento Arqueológico no Mercado Público Central de Porto Alegre". *Revista do CEPA*, vol. 20 n. 23. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1996.

LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1985.

LIMA, Tania Andrade; FONSECA, Marta Pereira R. da; SAMPAIO, Ana Cristina de O.; FENZL-NEPOMUCENO, Andrea; MARTINS, Antonio H. Damasio. "A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro". *Dédalo*. S. Paulo, pub. Avulsa, 1:47-52, 1989.

LIMA, Tania Andrade. "Aplicação da fórmula South a sítios históricos do século XIX". *Dédalo*. S. Paulo, 27:83-98, 1989.

LIMA, Tania Andrade. "Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX". *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, Vol. II (3), 1995/1996.

LIMA, Tania Andrade. Tecnologia demais, comportamento de menos: o olhar da arqueologia sobre vidros históricos. Comunicação feita à mesa redonda "Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?", para o X Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizada em Recife, em setembro de 1999.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: origem e crescimento*. Porto Alegre, EU/Porto Alegre, 1999.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

MACFARLANE, Alan e MARTIN, Gerry. *The Glass Bathyscaphe*. Londres: Profile Books, 2003.

MILLER, Daniel. "The Study of Consumption". In: *Material Culture and Mass Consumption*. Londres: Basil Blackwell, 2000.

MILLER, George L. & SULLIVAN, Catherine. "Machine-Made Glass Containers and the End of Production for Mouth-Blown Bottles". A reader from *Historical Archaeology, Approaches to material culture. Research for Historical Archaeologists*. Segunda Edição. California, Pennsylvania: The Society for Historical Archaeology, 2000, pp. 161-174.

MOTA, Carlos Guilherme. Da ordem imperial pombalina à fundação do Império brasileiros (1750-1831): o significado da Abertura dos Portos (1808). In: OLIVEIRA, Luis Vicente de; RICUPERO, Rubens. *A abertura dos portos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

NOAL FILHO, Válter Antonio. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890*. Santa Maria: Anatterra, 2004.

NOAL FILHO, Válter Antonio. *Os viajantes olham Porto Alegre: 1890-1941*. Santa Maria: Anatterra, 2004.

OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte. *Relatório Técnico da Pesquisa Arqueológica do Centro Histórico Cultural Santa Casa Porto Alegre –RS*. Porto Alegre, 2006.

OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte et.al. *A arqueologia vai ao hospital: pesquisa arqueológica para a implantação do Centro-Histórico Cultural Santa Casa*. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense, 2009.

OLIVEIRA, Luis Valente de; RICUPERO, Rubens (org.). *A abertura dos portos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

OSÓRIO, Helen. *O império português no sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PICCOLO, Helga I. L. *Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira. *História Geral do Rio Grande do Sul – Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006.

PIMENTA, Tania Salgado. *Artes de curar: um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-mor no Brasil no começo do século XIX*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 1997.

PIMENTA, Tania Salgado. “Barbeiros, sangradores e curandeiros no Brasil, 1808-1828”. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*. V. (2): 349-72. jul/out 1998.

PIMENTA, Tania Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828-1855)*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2003.

PIMENTA, Tania Salgado. “Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos”. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, V. (11): 67-92, 2004.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. Cidades e Sociabilidades (1822-1889). In: PICCOLO, Helga I. L. *Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

RIHA, Ortrun. “Medicina dos humores e símbolos”. In: *Scientific American História 2 – A ciência na Idade Média*. São Paulo: Duetto Editorial, 2005.

RODRIGUES, Claudia. “A cidade e a morte: a febre amarela e seu impacto sobre os costumes fúnebres no Rio de Janeiro, 1849-50”. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*. V. (8): 53-80. 1999.

ROSEN, George. *Da Polícia Médica à Medicina Social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001.

SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. *Contentores de bebidas alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre oitocentista*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo, Editora HUCITEC, 1991.

SÃO LEOPOLDO, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de. *Anais da Província de São Pedro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. A revolta da vacina. São Paulo: Brasiliense, 1984. Tudo é História. N. 89.

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. *Re-Constructing Archaeology. Theory and Practice*. New York: Routledge, 2005.

SCHIFFER, Michael. "Archaeological context e systemic context". *American Antiquity*, 37 (2), pp. 156-165.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. "Bebidas, Panacéias, Garrafas e Copos: A amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves". Porto Alegre, Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), 1998.

SYMANSKI, Luís Claudio Pereira. "Comportamento de Consumo, hábitos alimentares e cuidados com o corpo no século XIX: o sítio histórico Solar Lopo Gonçalves". *Relatório de Atividades Semestral*. Porto Alegre, FAPERGS, 1998.

SYMANSKI, Luís Claudio Pereira. *Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998.

THIESEN, Beatriz Valladão. *As Paisagens da Cidade: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

THIESEN, Beatriz Valladão. *Fábrica, identidade e paisagem urbana: arqueologia da Bopp Irmãos: 1906-1924*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin (e outros). *A Faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*. Porto Alegre: EU/Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. *As Indústrias Matarazzo no interior paulista: arquitetura fabril e patrimônio industrial (1920-1960)*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2004.

VIEIRA, Elizabeth Meloni. *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889/1928*. Santa Maria, Editora UFSM, 1999.

WEBER, Beatriz Teixeira. *Códigos de Posturas e Regulamentação do Convívio Social em Porto Alegre no Século XIX*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

WEIMER, Günter. A Arquitetura. In: PICCOLO, Helga I. L. *Vida política no século 19: da descolonização ao movimento republicano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845-1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

WITTER, Nikelen Acosta. *Males e Epidemias: Sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro/RJ, 2007.

XAVIER, Regina Célia Lima. Práticas médicas na Campinas Oitocentista. In: CHALHOUB, Sydney et al. *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

XAVIER, Regina Célia Lima. *Religiosidade e escravidão no século XIX: mestre Tito*. Porto Alegre> Editora da UFRGS, 2008.

Anexos

Anexo 1
Tabelas relacionadas ao material
do Sítio RS-JA-29

Tabela de quantidade de fragmentos por parte componente.

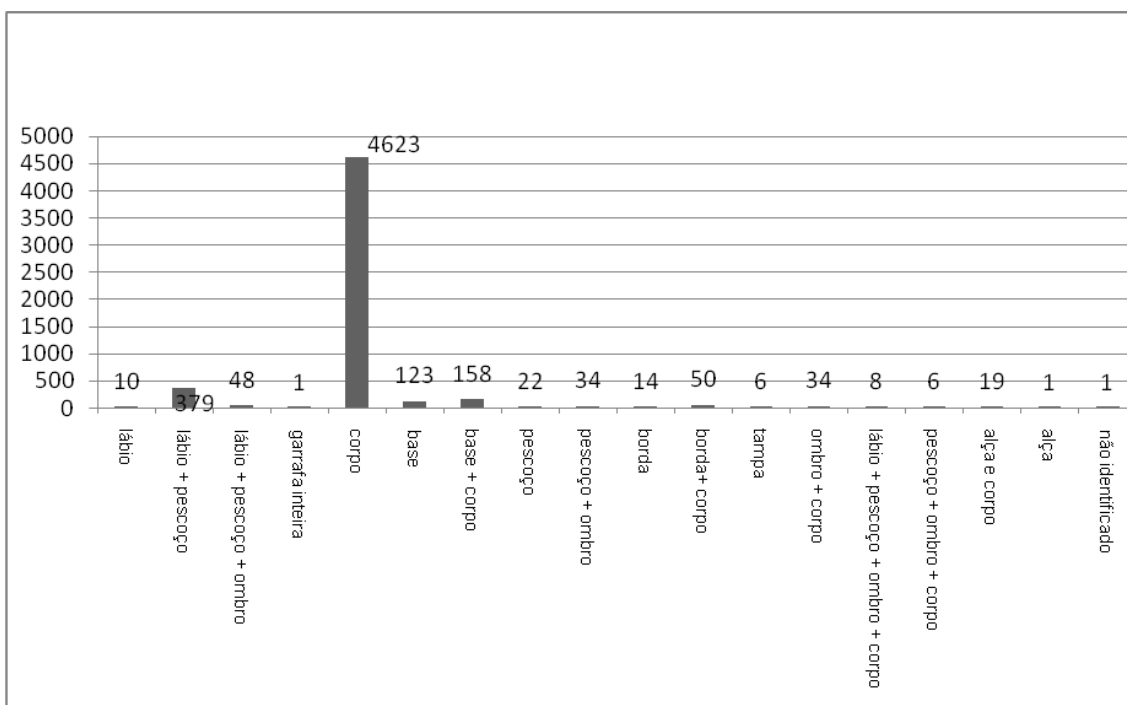


Tabela de quantidade de fragmentos por tipo de material.

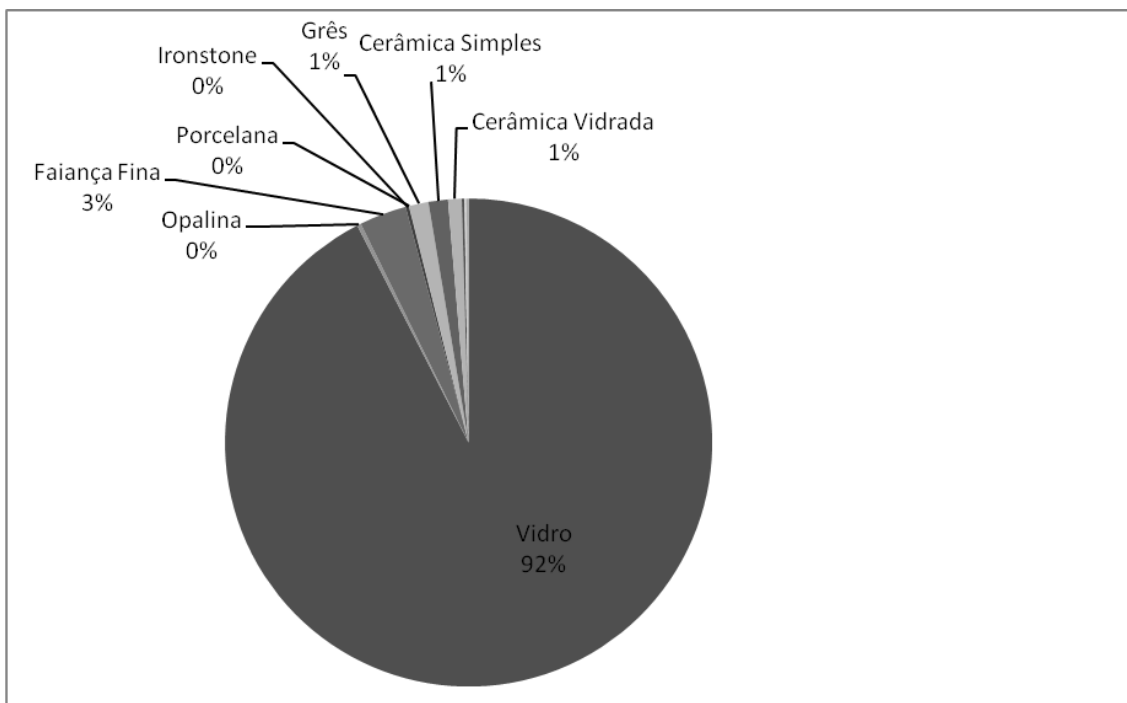


Tabela de fragmentos com concreção ferruginosa

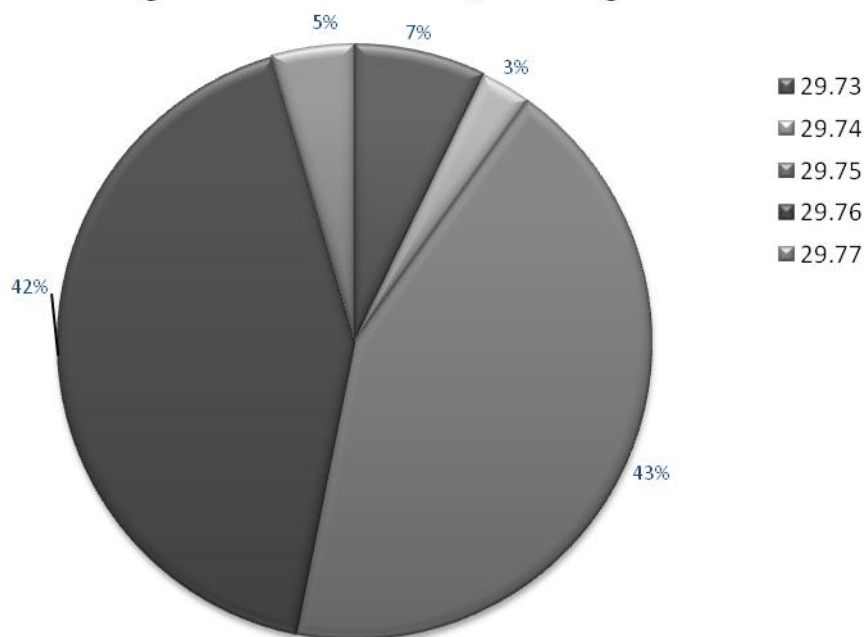
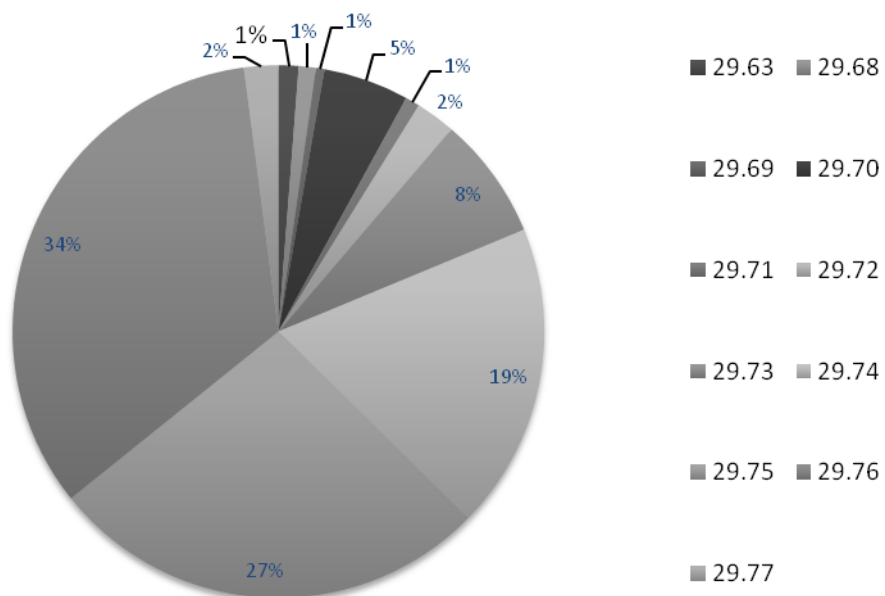


Tabela de fragmentos com inscrição



Anexo 2
Material do Museu da
Santa Casa de Misericórdia



Imagens de filtro Chamberlain.



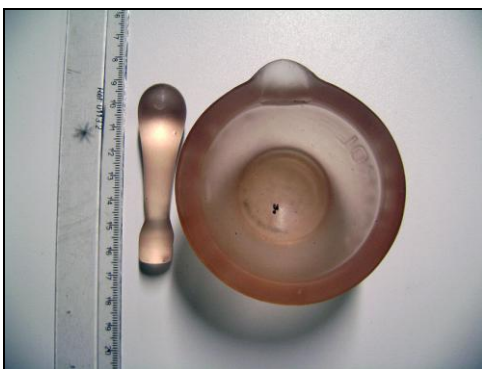
Imagens de almofarizes, o segundo marca Haldenwanger, Berlin.



Imagens de funil e jarra, marca Chiarotti-Mauá.



Imagens de pistilos de madeira e faiança e vidro.



Imagens de almofariz e pistilo de vidro e ventosas.



Imagens de Almofariz e pistilo de ferro. E medidor e caldeirão de ferro.



Imagens de vários vidros de medicamentos da farmácia.



Imagens de boiões em cerâmica e em grês.



Imagens de garrafas de produto da marca Merck. Potes de faiança fina para pomadas.

Anexo 3

Exposições feitas com material arqueológico
do Sítio RS-JA-29 da
Santa Casa de Misericórdia

Exposição Local Atual.



Imagens – Estandes no corredor do Pavilhão Centenário.

ARQUEOLOGIA CONTRIBUINDO PARA CONTAR A HISTÓRIA DA SANTA CASA

O Centro Histórico-Cultural da Santa Casa apresenta uma amostra dos objetos arqueológicos do século XIX (1801 a 1900) encontrados nas escavações realizadas no subsolo das "Casinhas da Independência" – futuro Centro Histórico-Cultural. As escavações arqueológicas começaram em novembro de 2005, tendo como previsão de término um mês depois. Porém, devido a quantidade – cerca de 30.000 objetos – e qualidade dos objetos encontrados, as escavações foram concluídas somente onze meses depois – outubro de 2006.



Compõe esta exposição apenas uma parte do material já processado em laboratório, passados pelas etapas de limpeza, catalogação, restauração e pesquisa. Apesar do pequeno número, esses materiais demonstram a qualidade – muitos objetos inteiros e com inscrições do fabricante – e diversidade dos achados arqueológicos: frascos de medicamentos, utensílios domésticos, utensílios de higiene, fragmentos de armas de fogo, entre outros.

O trabalho arqueológico é de suma importância na medida em que apresenta novos elementos sobre a história de Porto Alegre e, mais especificamente, sobre a história da bicentenária Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Os objetos achados e recuperados podem indicar muitos aspectos do modo de vida dos porto-alegrenses (hábitos alimentares, ocupações, hábitos de higiene, etc.) que não são contemplados na documentação escrita utilizada como fonte de pesquisa histórica; bem como auxiliar na compreensão da nossa história como um processo em contínuo desenvolvimento, onde o nosso presente amanhã será objeto de estudo histórico para as novas gerações.

PROMOÇÃO



APOIO
Isabel Cristina Gomes (ULBRA)
Priscila Ferreira (IPA)

OBJETO Nº 2

FRASCO DO PERFUME LUBIN

Período : Século XIX
Origem: França



Inaugurada em 1798 por Pierre François Lubin, em Paris, a Lubin Parfumeur foi uma das perfumarias mais conhecidas no mundo. Os perfumes de Lubin eram os favoritos das famílias Reais e Imperiais, entre elas:

- Família Real Britânica, em 1821.
- Czar da Rússia, em 1823.
- Príncipe de Mônaco, em 1853.

Em 1828 o Lubin foi o primeiro perfume a ser comercializado na América, marcando a sua presença em Porto Alegre com este frasco do século XIX.



Cartão do século XIX divulgando o perfume na França.

OBJETO Nº 5

FRASCO PARA TRICOFERO DE BARRY

Período : Século XIX
Origem: Estados- Unidos



Líquido utilizado para lavar o cabelo, fortalecer o couro cabeludo, eliminar caspas, evitar a queda de cabelo e "revitalizar" a pele. Produzido no século XIX em Nova York e, no Brasil, comercializado no Rio de Janeiro.



Anúncio em jornal. Bolívia, 1879.




Cartão divulgando o produto. Brasil, século XIX.

OBJETO Nº 3

FRASCO DO PERFUME DEMARSON CHETELAT - PARIS

Período : Século XIX
Origem: França



Perfume do século XIX da marca Demarson Chetelat. Produzido em Paris, na França, e comercializado no Rio de Janeiro.




Cartão de divulgação. Paris, 1890.


OBJETO Nº 6

FRASCO DO EAU DE QUININE ED. PINAUD'S

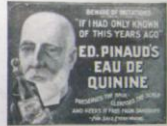
Período : Século XIX
Origem: França



Tônico para cabelo feito de água de quinina. Utilizado como fortificante do couro cabeludo, evitando assim a queda de cabelo. Produzido na França entre 1870 e 1890, foi um dos tônicos capilares mais vendidos da época.



Anúncio dos produtos de ED. PINAUD'S em jornal de Nova York. Ano 1890.



If I had only known of this I should have used it long ago. ED. PINAUD'S EAU DE QUININE. Prepared in France. Sold in all parts of the world. (The Daily Post, London, 1890.)

Imagens – Painéis utilizados para exposição.



Imagens – Alguns objetos expostos.

Exposição 2005 – Museu.



Exposição 2005 – Hospital São Francisco.



Anexo 4

Material de antiquários para efeito de comparação
com o material arqueológico analisado



Imagens – Objetos de tocador (bacia e jarra) – Belle Epoque Antiquário. Rua Marechal Floriano, 732 – responsável Eliane Riboli.



Imagens – Objetos de farmácia (Albarelo ou boião – vidros de Remédios – Mercado Negro Antiquidades – Rua Marechal Floriano, 744 – responsável Angela Grassotti.



Imagens – Escarradeiras – Ricordo Antiquidades – Rua Marechal Floriano, 738 (Carlos).



Imagens – Escarradeira, Urinóis e Objetos de Toucador. Ricordo Antiquidades.